



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Michele Ribeiro de Carvalho

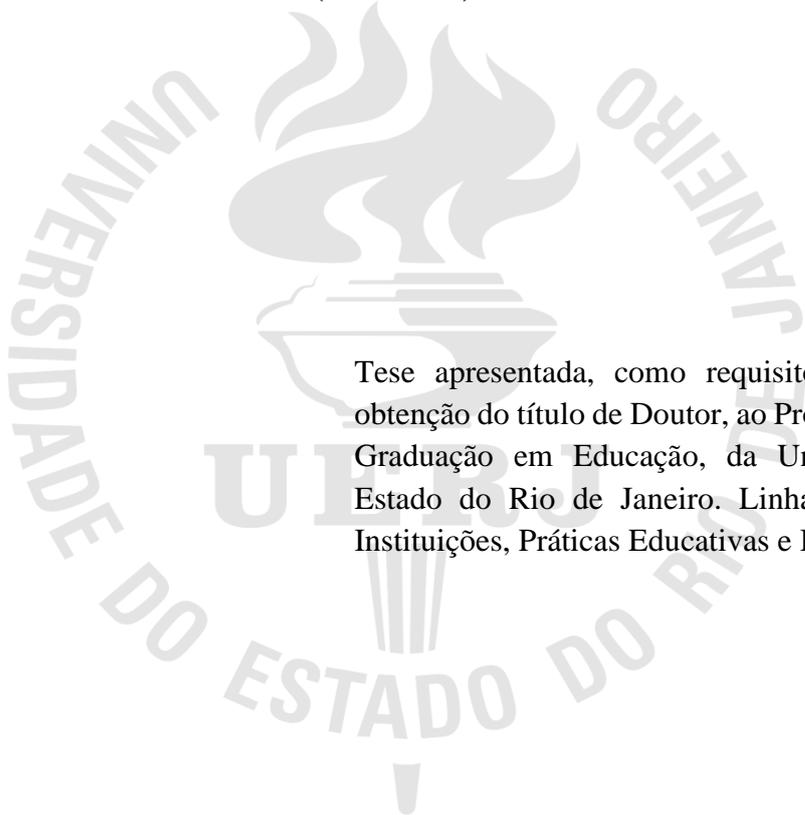
**Erico Veríssimo e a *Biblioteca de Nanquinote*: um projeto para a “petizada”  
brasileira (1936-1949)**

Rio de Janeiro

2021

Michele Ribeiro de Carvalho

**Erico Veríssimo e a *Biblioteca de Nanquino*: um projeto para a “petizada” brasileira  
(1936-1949)**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Márcia Cabral da Silva

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C331 Carvalho, Michele Ribeiro de.  
Erico Veríssimo e a Biblioteca de Nanquinote: um projeto para a “petizada”  
brasileira (1936-1949) / Michele Ribeiro de Carvalho. – 2021.  
296 f.

Orientadora: Márcia Cabral da Silva  
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de  
Educação.

1. Educação – Teses. 2. Leitura – Teses. 3. Literatura – Teses. 4. Veríssimo,  
Érico, 1905-1975. I. Silva, Márcia Cabral da. II. Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Michele Ribeiro de Carvalho

**Erico Veríssimo e a *Biblioteca de Nanquinote*: um projeto para a “petizada” brasileira  
(1936-1949)**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Linha de Pesquisa: Instituições, Práticas Educativas e História.

Aprovada em 2 de dezembro de 2021.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Cabral da Silva (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sônia Câmara Rangel  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Patrícia Coelho da Costa  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Regina Silva Michelli Perim  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

---

Prof<sup>º</sup>. Dr<sup>º</sup>. Fernando Rodrigues de Oliveira  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Rio de Janeiro

2021

## AGRADECIMENTOS

De certo modo, os agradecimentos em dissertações e teses principiam ou finalizam com um agradecimento a Deus. Não me julgo uma pessoa religiosa, mas cristã, e por isso agradeço a Deus por todas as oportunidades que me foram dadas de ser uma pessoa melhor.

Desse modo, antes de nomear todas as pessoas que contribuíram para o meu percurso acadêmico, gostaria de agradecer a todos os professores que se dedicam à educação pública, gratuita e de qualidade, desde a Educação Infantil até a pós-graduação, passando pelas escolas em que trabalhei, que me ajudaram a entender um pouco mais de mim, de nossa sociedade e do mundo. Agradeço, ainda, a oportunidade de realizar o doutoramento em uma universidade pública, tão atacada, nos últimos tempos, mas que continua firme na busca de uma sociedade mais justa, digna, livre e democrática. A UERJ resiste e continuará resistindo a todas as tentativas de cerceamento impostas a nossa comunidade!

Agradeço o encontro com a professora Márcia Cabral da Silva, minha orientadora no mestrado e no doutorado, fazendo-se presente, ao longo dessa jornada, sempre com palavras de incentivo, com acompanhamento meticoloso e rigoroso. Além disso, a condução do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação/CNPQ, de forma responsável e ética, proporcionou encontros com colegas pesquisadores, contribuindo para a construção do estudo que apresento agora. Por isso, sou muito grata aos companheiros: Mariana Elena, Aline Costa, Victor, Gabrielle Carla, Cíntia, Liana, Carla, Claudia, Luana, Mariane, Soyane, uma vez que, mesmo distantes, nos anos de 2020 e 2021, estavam presentes pelas telas e monitores.

Aos professores da Linha Instituições, Práticas Educativas e História, agradeço pelas aulas, pelas leituras e pelos debates. Agradeço também a todos e todas que fazem funcionar o Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd e a Faculdade de Educação da UERJ, assim como a própria UERJ, instituição da qual tenho muito orgulho de fazer parte como estudante e como servidora.

À banca de qualificação, constituída pelas professoras Márcia Cabral da Silva, Ana Chrystina Venâncio Mignot e Patrícia Coelho da Costa, agradeço a leitura atenta do material da qualificação, as contribuições e as sugestões tão valiosas para o desenvolvimento da pesquisa. Agradeço também a participação na banca de defesa da tese e estendo tais agradecimentos aos professores Regina Silva Michelli Perim, Fernando Rodrigues de Oliveira e Sônia Câmara Rangel, que aceitaram ler e avaliar este estudo.

Agradeço aos amigos que, após as aulas, reuniam-se nos bares do boêmio bairro de Vila Isabel para “trocar ideias”, partilhar coisas da vida e compartilhar alegrias e tristezas, sucessos e angústias. Nesses momentos, a vida acadêmica ficava um pouco mais leve. Saudades

desses momentos. Agradeço a vocês, também, a companhia nos congressos e as parcerias exitosas, principalmente, pela força e coragem de cada um e de cada uma - foi inspirador. Outros amigos também foram tão importantes quanto, e não poderia deixar de agradecer. Por isso, um agradecimento especial à Flávia, à Kelly e à Cris, amigas que a vida me deu!

Ao Espaço Delfos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, sou extremamente grata! A colaboração da profissional Daniela Christ foi imprescindível para a pesquisa ao longo dos meses de pandemia. Muito obrigada pelo seu profissionalismo e atenção! Gratidão, também, ao Instituto Moreira Salles – IMSRio, que apesar do fechamento provocado pela pandemia de COVID – 19 muito colaborou com minha pesquisa.

Aos colegas e amigos do Departamento de Orientação e Supervisão da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e da Gerência de Regularização Escolar da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, eu agradeço a compreensão e toda ajuda. Rejane, Zélia, José Amante, Viviane, Letícia, Célia Márcia, Ondina, Raquel, Thaianne, Cristiane, Eros, Ana Celeste, Marcela, Helaine Graciella, o que eu faria sem vocês?! Agradeço também aos gestores de tais espaços, pois sem sua compreensão não teria conseguido chegar ao final de mais essa etapa. Por isso, muito obrigada, Ulisses Carramaschi, Caren Regis e Ana Cezar.

Agora, o momento de agradecer à família... mesmo àqueles que já não estão mais presentes fisicamente. Agradeço aos meus avós, que me mostraram como a vida pode ser doce. Ao meu pai, sou grata por todas as lições de amor aos animais e à natureza que formaram a pessoa que sou hoje. À minha mãe Lucy, dou graças por tê-la em minha vida e por todos os seus ensinamentos e defesas, ainda, hoje, continuo prestando atenção ao vento. À minha outra mãe, pois sou agraciada com duas, agradeço todos os momentos em que correu ao meu socorro, sempre. Sem você, não teria conseguido finalizar o mestrado e não teria chegado até aqui. Aos meus irmãos, Kátia, Daniele e Dario, agradeço por todos os momentos de auxílio e colo, e aos meus sobrinhos por todas as risos que me proporcionam.

Ao meu companheiro de vida, Patrick, agradeço por compreender minhas escolhas e embarcar em minhas aventuras, por compartilhar minhas alegrias e conquistas e me dar colo nos momentos de angústia, tristeza e decepção. Agradeço as leituras, as críticas aos textos, as pesquisas que fez comigo, os cuidados com nossos “resgatinhos” e com nossa casa enquanto eu me dedicava à pesquisa e escrita da tese. Seu “suporte técnico” foi o melhor suporte que poderia ter.

A vida se apresenta mais leve quando podemos contar com o apoio de pais, irmãos, amigos e daquele que escolhemos para partilhar os momentos.

Tenham coragem! Não tenham medo de sonhar coisas grandes!

*Papa Francisco*

## RESUMO

CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Erico Veríssimo e a Biblioteca de Nanquinote: um projeto para a “petizada” brasileira (1936-1949)*. 2021. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Neste estudo, examinam-se os aspectos que contribuíram para a conformação da *Biblioteca de Nanquinote*, coleção de livros infantis da Livraria e Editora do Globo, idealizada por Erico Veríssimo. São focalizadas questões acerca da atuação de Erico Veríssimo na condição de intelectual mediador da leitura, assim como a respeito da divulgação e das críticas à *Biblioteca de Nanquinote*, publicadas em periódicos de diferentes regiões brasileiras. Ainda, examina-se o conteúdo das histórias de Veríssimo para a coleção e de que forma essas obras contribuíram para um projeto cultural e pedagógico do autor e da casa-editora. Ademais, sublinha-se a atuação da Livraria e Editora do Globo como difusora das histórias criadas por Erico Veríssimo e outros autores gaúchos, que recebem destaque no estudo. A hipótese central desta pesquisa é que a coleção *Biblioteca de Nanquinote* tenha sido espaço de educação não institucionalizada para crianças pequenas e, neste sentido, busca-se analisar as contribuições do intelectual e romancista Erico Veríssimo para a literatura destinada à infância nas décadas de 1930 e 1940. O recorte temporal incide sobre os anos de 1936 a 1949. O período de 13 anos selecionado diz respeito à formação da coleção em 1936, quando os primeiros títulos foram publicados e organizados nessa configuração, e se estende até 1949, após o último título ser publicado, e as propagandas e as notícias sobre as obras começarem a diminuir. As análises teóricas e a abordagem metodológica do estudo ancoram-se em pressupostos extraídos da História do Livro, da Leitura e da Edição, notadamente, nas pesquisas realizadas por Chartier (1990, 1996), com destaque para a materialidade dos impressos e dos protocolos de leitura, capazes de mobilizar a interpretação dos leitores. Os estudos relativos aos intelectuais e à mediação cultural, tais como aqueles fundamentados em Sirinelli (1996) e em Gomes & Hansen (2016), também se mostraram relevantes. Os livros de memórias de Erico Veríssimo foram acionados neste estudo, na medida em que oferecem indícios sobre a conformação da *Biblioteca de Nanquinote*. Ademais, conjuga-se o exame dos anúncios assinalados com as advertências contidas nos textos críticos escritos por outros intelectuais e publicados em jornais e revistas. Conforme os resultados alcançados, os livros da coleção escritos por Erico Veríssimo, por um lado, prescrevem a leitura literária como forma de aprendizado e crescimento pessoal e, por outro, se configuram como um projeto do escritor e da própria Livraria e Editora do Globo com vistas à difusão da leitura.

Palavras-chave: História da Leitura. Literatura para crianças. Erico Veríssimo. Biblioteca de Nanquinote.

## ABSTRACT

CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Erico Veríssimo and Biblioteca de Nanquinote: a project for the Brazilian childhood (1936-1949)*. 2021. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

This study examines the aspects that contributed to the conformation of the *Biblioteca de Nanquinote*, a collection of children's books by Livraria e Editora do Globo, conceived by Erico Veríssimo. Questions about Erico Veríssimo's performance as an intellectual mediator of reading are focused, as well as about the dissemination and criticism of the *Biblioteca de Nanquinote*, published in periodicals from different Brazilian regions. It also examines the content of Veríssimo's stories for the collection and how these works contributed to a cultural and pedagogical project by the author and the publishing house. Furthermore, the role of Livraria e Editora do Globo as a broadcaster of the stories created by Erico Veríssimo and other authors from Rio Grande do Sul is highlighted in the study. The central hypothesis of this research is that the *Biblioteca de Nanquinote* collection was a space for non-institutionalized education for young children and, in this sense, we seek to analyze the contributions of the intellectual and novelist Erico Veríssimo to the literature for children in the decades of 1930 and 1940. The time frame focuses on the years 1936 to 1949. The 13-year period selected concerns the formation of the collection in 1936, when the first titles were published and organized in this configuration, and extends to 1949, after the last title was published, and advertisements and news about the works begin to decline. The theoretical analyzes and the methodological approach of the study are anchored in assumptions extracted from the History of the Book, of the Reading and of the Publishing, notably in the researches carried out by Chartier (1990, 1996), with emphasis on the materiality of the printed object and of the protocols of reading, capable of mobilizing the interpretation of readers. Studies related to intellectuals and cultural mediation, such as those based on Sirinelli (1996) and Gomes & Hansen (2016), also proved relevant. Erico Veríssimo's memoirs were used in this study, as they offer clues about the conformation of the *Biblioteca de Nanquinote*. Furthermore, the examination of marked advertisements is combined with warnings contained in critical texts written by other intellectuals and published in newspapers and magazines. According to the achieved results, the books in the collection written by Erico Veríssimo, on one hand, prescribe literary reading as a form of learning and personal growth and, on the other, are configured as a project by the writer and by Livraria e Editora do Globo itself aimed at spreading reading.

Key Words: History of Reading. Literature for Childrens. Erico Veríssimo. Biblioteca de Nanquinote

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Convites para o sepultamento de Erico Veríssimo veiculados no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre, em 29 de novembro de 1975. Arquivo do Jornal Zero Hora.....	28
Figura 2 - Notícia veiculada pelo Diário de Notícias, de 30 de novembro de 1975. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. ....	29
Figura 3 - Depoimento de Jorge Amado sobre a morte do amigo Erico Veríssimo. Jornal do Brasil, 30 de novembro de 1975. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	31
Figura 4 - Página da Seção Guri, escrita por Erico Veríssimo para a Revista do Globo. Acervo Delfos. ....	39
Figura 5 - Propaganda dos livros sobre personalidades femininas. Revista do Globo, nº 213, 1937. Acervo Delfos. ....	40
Figura 6 - Capa do livro A Vida de Joana D’Arc, com ilustrações de Nelson Boeira Faedrich. Acervo Biblioteca Lucilia Minssen.....	41
Figura 7 - A Vida de Joana D’Arc, com capa de João Fahrion, 1944. Acervo Biblioteca Lucilia Minssen.....	41
Figura 8 - Capa do livro As Aventuras de Tibicuera (1937). Acervo da autora. ....	43
Figura 9 - Propaganda da Coleção Aventura veiculada pela Revista do Globo. Acervo Delfos/PUCRS.....	43
Figura 10 - Capa do livro Aventuras no mundo da higiene. Acervo CEEE Erico Veríssimo. ....	45
Figura 11 - Publicidade inserida em livros infantis da Livraria e Editora do Globo. Acervo Delfos/PUCRS.....	45
Figura 12 – Página infantil da Revista do Globo. Acervo Delfos/PUCRS. ....	47
Figura 13 - Veríssimo em seu gabinete na União Pan-americana (1953). Acervo ALEV .....	55
Figura 14 - Rua dos Andradas (Rua da Praia), altura do Café Colombo, 1936. Acervo Museu Joaquim Felizardo. ....	58
Figura 15 – Capa da Revista do Globo assinada por Erico Veríssimo com as iniciais de seu nome E.V., nº 3, jan de 1931. Acervo Delfos.....	62
Figura 16 - Correspondência Lygia Fagundes Telles – Erico Verissimo. São Paulo, 9 de setembro de 1941 (Grafia original). Acervo IMS-RJ.....	66

Figura 17 - Foto do lançamento da Revista do Globo. Acervo Delfos. ....	67
Figura 18 - Edição nº 1 da revista <i>A Novela</i> (outubro, 1936). Acervo Biblioteca Mario de Andrade – São Paulo. ....	72
Figura 19 - Pablo Neruda – Erico Veríssimo [Carta]. Santiago do Chile, 19 nov. 1953 (Grafia original). Acervo IMS-RJ. ....	74
Figura 20 - Matéria publicada pelo Correio da Manhã, 1 fev. 1958. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	79
Figura 21 - Inauguração da Rádio Farroupilha, no Jornal A Federação, de 24 de julho de 1935. Depositário Hemeroteca Digital Brasileira. ....	80
Figura 22 - Programação da Rádio Farroupilha do dia 13 de outubro de 1936, publicada no jornal A Federação. Depositário Hemeroteca Digital Brasileira. ....	81
Figura 23 - Notícia veiculada pelo jornal A Federação, de 10 de julho de 1934. Depositário Hemeroteca Digital Brasileira. ....	82
Figura 24 - Nanquinote. Personagem identificador da série de livros infantis. Fonte: Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo. ....	92
Figura 25 – Apresentação da Biblioteca de Nanquinote nos livros da coleção. Acervo da autora. ....	93
Figura 26 - Capa da primeira edição da Revista do Globo. Acervo Delfos. ....	97
Figura 27 – Propaganda na Revista do Globo, n 310, capa III, 20 dez 1941. Acervo Delfos. ....	99
Figura 28 - Propagandas na Revista do Globo, n 26, 1930. Acervo Delfos. ....	99
Figura 29 - Publicidade da revista carioca Fon-Fon. Número 258, 1939. Acervo Delfos. ....	100
Figura 30 - Propaganda do livro <i>A Vida de Joana D'Arc</i> , de Erico Veríssimo, Revista do Globo. Acervo DELFOS. ....	102
Figura 31 - Propaganda da Livraria do Globo. Fonte: Jornal <i>A Federação</i> , 1937. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	105
Figura 32 - Propaganda das coleções de livros da Editora do Globo. Jornal O Dia, Curitiba, 22 de dezembro de 1940, p. 2. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	108
Figura 33 - Recorte da propaganda publicada no jornal O Dia, Curitiba, 22 de dezembro de 1940, p. 2. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	109

Figura 34 -	Jornal A Manhã, de setembro de 1944. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	110
Figura 35 -	Propaganda de Natal da Livraria e Editora do Globo. Diário Carioca, dezembro de 1945. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.....	111
Figura 36 -	Propaganda publicada no periódico Vamos Lêr!, de dezembro de 1938. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	112
Figura 37 -	Mapa da rede de alcance dos livros da Biblioteca de Nanquinote. Fonte: Mapa organizado pela autora. Elaborado por Patrick Cassano para esta pesquisa. ....	113
Figura 38 -	Fotografia realizada durante viagem de Erico Veríssimo a Salvador (BA), em 1951. Acervo do Instituto Moreira Salles - RJ.....	114
Figura 39 -	Texto sobre as atividades de Erico Veríssimo. Periódico <i>Vamos Lêr!</i> , de janeiro de 1939. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	115
Figura 40 –	Seção “Notas a Lápis”, Revista do Globo, número 198, de 16 de janeiro de 1937, página 44. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	126
Figura 41 -	Capa e contracapa do livro <i>Gente e Bichos</i> (1956). Acervo particular.....	129
Figura 42 –	Texto crítico do Pe. Helder Câmara no jornal A Razão - CE, de 26 de julho de 1936. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	130
Figura 43 –	Texto da propaganda publicada no jornal O Dia (PR), 22 dez. 1940, p. 2. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. ....	133
Figura 44 –	Capa do livro <i>Dois meninos e um cachorro</i> , escrito por Antonio Barata e ilustrado por Edgar Koetz. Acervo privado. ....	137
Figura 45 -	Matéria Literatura Infantil publicada no jornal A Federação (RS), 25 de janeiro de 1937, p. 3. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	142
Figura 46 -	Jornal A Federação, de 9 de julho de 1936, p. 3. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	144
Figura 47 -	Capa do Almanaque do Globo (1930), com a marca da Livraria do Globo. Acervo Delfos/PUCRS.....	147
Figura 48 -	Texto publicado no periódico Boletim de Ariel, agosto de 1936, p. 283. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	150
Figura 49 -	Periódico Beira-Mar, dez 1936, p. 4. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	151
Figura 50 -	Seção "Livros" do periódico <i>Excelsior</i> , nº 219, de 15 de março de 1939, p. 59. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	153

Figura 51 - Viagem à aurora do mundo, jornal A Noite, 21 de janeiro de 1940, p. 2. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira. ....	155
Figura 52 – Coluna Literatura Infantil, página 2 do periódico A Ordem (RN), 15 de janeiro de 1939. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira. ....	157
Figura 53 – Capa da Revista do Globo, 20 de julho de 1935, nº 165. Acervo Delfos/PUCRS. ....	160
Figura 54 - Capa e contracapa do livro <i>Viagem à Aurora do Mundo. O romance da pré-história</i> (1939). Fonte: Acervo da autora. ....	162
Figura 55 – “Calendário da Terra”, livro <i>Viagem à Aurora do Mundo. O romance da pré-história</i> , 1939. Fonte: Acervo da autora. ....	162
Figura 56 – Propaganda localizada em diferentes periódicos e em várias edições da Revista do Globo ao longo do ano de 1939. Fonte: Acervo Delfos/PUCRS. ...	164
Figura 57 - Seção Feira Livre. Revista do Globo, 30 de setembro de 1938, nº237. Acervo Delfos/PUCRS. ....	166
Figura 58 - Seção Feira Livre. <i>Revista do Globo</i> , 27 de agosto de 1938, nº235. Acervo Delfos/PUCRS. ....	167
Figura 59 – Seção Feira Livre. Revista do Globo, 10 de junho de 1939, nº253. Acervo Delfos/PUCRS. ....	167
Figura 60 - Propaganda de livros da Biblioteca de Nanquinote. Revista do Globo, 14 de janeiro de 1939, nº243. Acervo Delfos/PUCRS. ....	168
Figura 61 - Jornal carioca <i>A Noite</i> , 9 de fevereiro de 1941, p. 3. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira. ....	173
Figura 62 - Páginas internas do livro <i>Duca e João na África e na Índia</i> , de Kurt Gregorius. 193?. Acervo particular. ....	178
Figura 63 - Capa de <i>Histórias de Bichos</i> (1943), de Antonio Barata. Acervo particular. ....	179
Figura 64 - Capa do livro <i>As proesas do macaco Guisadinho</i> (1942). Acervo particular. ....	180
Figura 65 – Capas dos livros <i>Rosa Maria no Castelo Encantado</i> (1936) e <i>Aventuras de Duca e João</i> (1941). Acervo da autora. ....	182
Figura 66 – Capa do livro <i>Duca e João na África e na Índia</i> (1943). Acervo da autora. ..	182
Figura 67 - Lombada dos livros da coleção Biblioteca de Nanquinote. Acervo da autora. ....	183
Figura 68 - Capas dos álbuns criados por Kurt Gregorius para a Biblioteca de Nanquinote. Acervo Delfos/PUCRS. ....	184

Figura 69 - Folha de rosto do livro <i>As Aventuras do Avião Vermelho</i> . Acervo da autora. ....	185
Figura 70 - Ilustração do livro <i>Os 3 porquinhos pobres</i> . Acervo da autora. ....	186
Figura 71 - Ilustração do livro <i>Os 3 porquinhos pobres</i> . Acervo da autora. ....	187
Figura 72 – Ilustração em página dupla. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen. ....	187
Figura 73 - Capa do livro <i>Aventuras do avião vermelho</i> (1936). Acervo da autora. ....	189
Figura 74 – Folha de guarda - <i>Aventuras do Avião Vermelho</i> . Acervo da autora. ....	189
Figura 75 - Capa do livro <i>Rosa Maria no Castelo Encantado</i> (1936). Acervo da autora. ....	194
Figura 76 – Primeira página da história de <i>Rosa Maria no Castelo Encantado</i> . Acervo da autora. ....	195
Figura 77 - Capa do livro <i>Os três porquinhos pobres</i> , 1936. Acervo da autora. ....	198
Figura 78 - Capa do livro <i>O urso com música na barriga</i> , 1938. Acervo da Biblioteca Pública de Porto Alegre. ....	199
Figura 79 - Capa do livro <i>A vida do Elefante Basílio</i> , 1938. Acervo da Biblioteca Pública de Porto Alegre. ....	201
Figura 80 – Páginas internas do livro <i>A vida do Elefante Basílio</i> , 1938. Acervo da Biblioteca Pública de Porto Alegre. ....	202
Figura 81 - Capa do livro <i>Outra vez os Três Porquinhos</i> , 1939. Acervo da autora. ....	203
Figura 82 – Capa do alfabetário <i>Meu ABC</i> (1936). Acervo da Biblioteca Lucília Minssen. ....	205
Figura 83 - Apresentação da Biblioteca de Nanquinote no alfabetário <i>Meu ABC</i> , de Erico Veríssimo, 1939. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen. ....	205
Figura 84 - Página interna do alfabetário escrito por Erico Veríssimo. Apresentação da letra “A”. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen. ....	207
Figura 85 - Página interna do alfabetário escrito por Erico Veríssimo. Apresentação da letra “L”. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen. ....	207
Figura 86 - Página interna do alfabetário escrito por Erico Veríssimo. Apresentação da letra “D”. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen. ....	208
Figura 87 – Propaganda da Biblioteca de Nanquinote no alfabetário escrito por Erico Veríssimo. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen. ....	209
Figura 88 - Última página do livro <i>Aventuras do Avião Vermelho</i> . Acervo da autora. .	210
Figura 89 - Última página da história d' <i>Os três porquinhos pobres</i> . Acervo da autora. .	211
Figura 90 - Propaganda localizada nos livros da Biblioteca de Nanquinote. Acervo da autora. ....	211

Figura 91 - Propaganda presente nos livros da Biblioteca de Nanquinote. Acervo da autora. ....	213
Figura 92 - Contracapa localizada em livros da Biblioteca de Nanquinote. Acervo da autora. ....	216
Figura 93 - Página de propaganda no livro Aventuras do avião vermelho. Acervo da autora. ....	218
Figura 94- Página interna do livro Bichos da África, de Kurt Gregorius, 193?. Acervo Biblioteca Lucília Minssen. ....	220
Figura 95 - Página interna do livro Os Bichos do Brasil, de Kurt Gregorius, 193?. Acervo Biblioteca Lucília Minssen. ....	220
Figura 96 - Segunda página da história Os 3 porquinhos pobres, 1940. Acervo da autora. ....	221
Figura 97 - Página do livro <i>Outra vez os 3 porquinhos</i> , 1938. Acervo da autora. ....	222
Figura 98 - Ilustração de Erico Veríssimo na <i>Revista Vamos Lêr!</i> . Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira. ....	243

## LISTA DE QUADROS E GRÁFICOS

Quadro 1 - Estudos sobre a obra de Erico Veríssimo.....	22
Gráfico 1 - Produção literária de Erico Veríssimo. ....	54
Quadro 2 - Livros da Coleção Biblioteca de Nanquinote– Editora do Globo.....	102
Quadro 3 - Livros infantojuvenis escritos por Erico Veríssimo.....	120
Quadro 4 - Colaboradores da Livraria e Editora do Globo. ....	120
Gráfico 2 - Tiragem das primeiras edições dos livros de Veríssimo para a Biblioteca de Nanquinote. ....	122
Gráfico 3 - Tiragem da 1ª edição das obras infantojuvenis de Veríssimo.....	123
Quadro 5 - Ano das reedições de livros infantojuvenis de Erico Veríssimo.....	174

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Traduções de livros de Erico Veríssimo.....	35
Tabela 2 – Níveis de alfabetização no Rio Grande do Sul na década de 1920. ....	59
Tabela 3 - Preços de produtos comercializados à época. ....	109

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACALEV	Associação Cultural Acervo Literário Erico Veríssimo
AHECC	Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBHE	Congresso Brasileiro de História da Educação
CEEE Erico Veríssimo	Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo
Delfos	Espaço de Documentação e Memória Cultural
EDUFU	Editora da Universidade Federal de Uberlândia
GRUPEEL	Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação
ISCHE	International Standing Conference for the History of Education
IMS	Instituto Moreira Salles
ProPEd	Programa de Pós-Graduação em Educação
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFN	Universidade Franciscana
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

	<b>INÍCIO DE UMA HISTÓRIA...</b>	18
1	<b>“O MAIOR RIO-GRANDENSE DE TODOS OS TEMPOS” E A “EDITORA DA PROVÍNCIA”</b>	27
1.1	<b>“Um certo escritor Erico Veríssimo”</b>	34
1.2	<b>O profissional do livro</b>	48
1.3	<b>Os espaços de sociabilidade do mediador Veríssimo</b>	58
2	<b>DAS ONDAS DO RÁDIO À BIBLIOTECA DE NANQUINOTE: AS HISTÓRIAS PARA A “PETIZADA”</b>	75
2.1	<b>A hora dos Três Porquinhos para a “petizada”</b>	77
2.2	<b>A composição da Biblioteca de Nanquinote</b>	90
2.3	<b>A localização dos 20 títulos</b>	102
3	<b>“AS SEMENTES DOS SEUS MÉRITOS DE AMANHÃ”. DIVULGAÇÃO E CRÍTICAS À BIBLIOTECA DE NANQUINOTE</b>	124
3.1	<b>A crítica nos jornais</b>	129
3.2	<b>A produção infantojuvenil de Veríssimo nas páginas da <i>Revista do Globo</i></b>	159
3.3	<b>Entre lembranças e esquecimentos, os livros de Erico Veríssimo</b>	169
4	<b>“LINDOS ENTRE OS MAIS LINDOS”. OS LIVROS DE VERÍSSIMO PARA A BIBLIOTECA DE NANQUINOTE</b>	177
4.1	<b>Fernando e Rosa Maria</b>	188
4.2	<b>As fábulas de Veríssimo</b>	196
4.3	<b>O livro mais raro de Erico Veríssimo, <i>Meu ABC</i></b>	204
4.4	<b>A Biblioteca de Nanquinote completa</b>	215
	<b>SERIA ESSE O FINAL?</b>	224
	<b>REFERÊNCIAS</b>	229
	<b>APÊNDICE A - Teses e dissertações sobre Erico Veríssimo</b>	240
	<b>APÊNDICE B - Artigos sobre a obra para a infância de Erico Veríssimo</b>	241
	<b>APÊNDICE C - Livros em sites de editoras universitárias</b>	242
	<b>APÊNDICE D - Cronologia de apoio</b>	243
	<b>ANEXO A - Mapa do estado do Rio Grande do Sul/população local</b>	245

## INÍCIO DE UMA HISTÓRIA...

Ninguém pode falar de ninguém sem contar uma história. Nenhuma figura humana pode ser estudada em termos literários num vácuo, pois ela pertence a um tempo e a um espaço, tem um passado, vive um presente. É também um contínuo devir, um processo transitivo e não um produto acabado.

*Erico Veríssimo*

“Ninguém pode falar de ninguém sem contar uma história”. Por isso esta tese de doutoramento principia por contar a história de como chegamos até aqui e dos caminhos percorridos. As dúvidas e perguntas foram muitas.

Gosto de pensar que a ideia para esta pesquisa começou ainda no mestrado em Educação, realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, e, com maior ênfase, no dia da defesa de minha dissertação<sup>1</sup>. O presente estudo, apresentado ao mesmo ProPEd/UERJ – é, sob determinados aspectos, um retorno e um desdobramento da pesquisa realizada ao longo do mestrado, na qual pude refletir sobre as primeiras experiências de leitura rememoradas pelo escritor Erico Veríssimo em seu livro autobiográfico *Solo de Clarineta*<sup>2</sup>. O objetivo à época foi buscar entender como se deram os primeiros momentos de leitura de Erico Veríssimo e como esses contribuíram para a formação do leitor que, anos mais tarde, tornar-se-ia um escritor reconhecido nacional e internacionalmente.

Ao longo do período de pesquisa e escrita da dissertação, tive acesso a histórias do convívio de Erico Veríssimo com funcionários, autores, tradutores e ilustradores da Editora do Globo, também narrados em seu livro de memórias *Solo de clarineta*. Quando realizada a pesquisa sobre seu trabalho na Livraria e Editora do Globo, foi possível ler a biografia de Henrique Bertaso, intitulada *Um certo Henrique Bertaso*, escrita por Veríssimo e publicada em 1972 pela mesma casa editora que publicaria todas as obras de Erico Veríssimo. Nela, é narrada

---

<sup>1</sup> Em março de 2016, concluí o mestrado no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd UERJ. Sob orientação da professora Márcia Cabral da Silva, junto à Linha de Pesquisa *Instituições, Práticas Educativas e História*, com a defesa da dissertação intitulada *Memórias de Erico Veríssimo: Primeiras Leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)*. A banca examinadora, composta pelas Profas. Dras. Ana Chrystina Venâncio Mignot e Patrícia Coelho da Costa, ofereceu sugestões valiosas que foram incorporadas ao texto final da dissertação.

<sup>2</sup> Livro de memórias de Erico Veríssimo, planejado para contar a vida do escritor em três volumes, porém somente dois foram publicados. O segundo, contudo, foi finalizado por colaboradores após a morte do autor em 1975.

a história de Bertaso em Porto Alegre e de Veríssimo em Cruz Alta, até que se encontram na capital do Estado do Rio Grande do Sul para trabalharem na Livraria do Globo. Investigando também outros livros memorialísticos de Veríssimo<sup>3</sup>, encontramos, neles, indícios dos momentos de leitura que fizeram parte da infância do escritor e nos possibilitaram entender as práticas que formaram o leitor.

A investigação empreendida no mestrado possibilitou ainda uma aproximação com os livros de literatura para crianças, escritos por Erico Veríssimo e, também, com sua trajetória como funcionário e colaborador da Livraria do Globo ao lado de Henrique Bertaso<sup>4</sup>. Predispôs, ademais, acesso a informações sobre o programa de rádio voltado para a “petizada”, apresentado por Veríssimo e veiculado pela Rádio Farroupilha, intitulado “A hora dos três porquinhos”, no qual o escritor contava histórias improvisadas para crianças, enquanto o programa era apresentado.

Dentre os livros publicados pelo autor, os que recebem maior destaque – no âmbito das pesquisas acadêmicas – são seus romances e novelas, responsáveis pelo reconhecimento de Erico Veríssimo escritor. Porém, o mesmo prestígio não é dado a seus livros infantis. Por este motivo, o objetivo principal desta pesquisa é examinar os aspectos que contribuíram para a conformação da *Biblioteca de Nanquinote*, coleção de livros infantis da Livraria e Editora do Globo idealizada por Erico Veríssimo e encampada por Henrique Bertaso. Para tanto, alguns apontamentos são importantes e se configuram, também, como objetivos de estudo: compreender a atuação de Erico Veríssimo como intelectual mediador da leitura; entender o papel de difusora da leitura desempenhado pela Livraria e Editora do Globo, assim como sua busca por se tornar uma das principais casas-editora do país; identificar as possíveis contribuições do programa de rádio *A Hora dos Três Porquinhos* para a constituição da *Biblioteca de Nanquinote*; compreender em que medida a divulgação e as críticas à *Biblioteca de Nanquinote* auxiliaram a conformação dessa coleção; refletir sobre o conteúdo das histórias de Erico Veríssimo e de que forma essas colaboraram com um possível projeto cultural e pedagógico do autor e da casa-editora.

---

<sup>3</sup> Outros livros consultados foram *México, Israel em abril, Gato preto em campo de neve, A volta do gato preto*.

<sup>4</sup> **Henrique Bertaso (1906-1977)** começou a trabalhar na Livraria do Globo, que pertencia também a seu pai, José Bertaso, aos 15 anos como caixeiro. Tornou-se um dos sócios e com 24 anos criou a Seção Editora, defendendo que a mesma precisava ser reformada, modernizada, livrar-se do “ranço provinciano” (VERÍSSIMO, 2011). Trabalhou ao lado de Veríssimo na Seção Editora da Livraria do Globo e foi um dos fundadores da Feira do Livro de Porto Alegre. Foi o responsável por publicar autores como Agatha Christie, Conan Doyle e Edgar Wallace.

A investigação acerca da coleção de livros infantis – *Biblioteca de Nanquinote* – contribui com os estudos na área da História da Educação, do Livro e da Leitura. Sendo a educação parte integrante do universo cultural e uma das responsáveis pela formação cultural da sociedade, não apenas no âmbito da educação formal, estudar o processo de conformação da coleção de livros para crianças significa refletir sobre esses outros espaços formativos para além da sala de aula e ao longo da história. Importa compreender como a ideia de criação de coleções variadas de livros<sup>5</sup> é compartilhada por Veríssimo com o leitor de suas memórias e, dessa forma, alcançar o projeto da coleção *Biblioteca de Nanquinote*.

Não se pode vislumbrar a trajetória de Erico Veríssimo sem pensar na Livraria e Editora do Globo, e vice-versa, uma vez que o escritor contribuiu com a casa por vários anos como editor e editado. Nesse viés, o contato com os demais profissionais que ali trabalhavam favoreceu seu aprimoramento e atuação no campo literário, influência fundamental, para que a Livraria e Editora do Globo ganhasse qualidade (HALLEWELL, 1985). Embora não seja foco deste trabalho apresentar uma história da Livraria do Globo<sup>6</sup>, alguns aportes são fundamentais, para se entender a trajetória de Erico Veríssimo como escritor, editado e editor.

Durante décadas, Erico Veríssimo fez parte do quadro de funcionários da Livraria e Editora do Globo, além de ser um dos autores por ela editados. Após esse período, atuou como colaborador da instituição e como autor. Ademais, foi Veríssimo quem apostou e levou a casa-editora a apostar no sucesso que a literatura em língua inglesa poderia alcançar no país que, nos anos de 1930, ainda preferia a produção francesa. Fato raro, visto que a demanda literária era variável e incerta. De acordo com relatos do próprio Veríssimo, na Editora do Globo trabalhava-se muito para estar à frente da concorrência e oferecer novidades aos leitores.

Ao longo da década de 1930, a Livraria e Editora do Globo despontava com a publicação de variadas coleções, com o intuito de alcançar diferentes leitores. A Livraria do Globo e a sua Seção Editora, que contava com Veríssimo atuando em diferentes funções, desenvolveu um

---

<sup>5</sup> O acervo editorial foi classificado e organizado em função das fatias do mercado a que estava destinado, fato que permitia à editora trabalhar com diferentes públicos, cujas competências de leitura eram diferenciadas. Cada coleção se definia pelo público que pretendia atingir, ordenando o espaço de leitura: *Coleção Amarela* (1931-1956), novelas policiais; *Coleção Universo* (1932-1942), livros de viagens, aventuras, de leitura amena e instrutiva; *Coleção Globo* (1932-), “espécie de coquetel literário em que se misturavam livros de aventuras, de caráter popular e boa literatura” (VERÍSSIMO, p. 34) *Coleção Nobel* (1933-1958), literatura contemporânea; *Coleção Biblioteca dos Séculos* (1941-1954), coleção de traduções a preços acessíveis; *Coleção Espionagem* (1931-1933); *Coleção Verde* (?), romances para senhoras e senhoritas; *Biblioteca de Nanquinote* (1935-1949), literatura infantil.

<sup>6</sup> Autores e pesquisadores como Amorim (1999); Bertaso (1993); Hallewell (2005); e Torresini (1999) estudaram a história da Livraria do Globo de modo exaustivo. A Livraria surgiu como um bazar de material escolar no nº 268 da Rua da Praia, antigo nome da atual Rua dos Andradas, principal eixo do Centro Histórico de Porto Alegre. Seu fundador foi Laudelino Pinheiro de Barcellos (1851-1917).

ambicioso projeto de publicação de coleções, para agradar a diferentes leitores, tais como livros de literatura infantil, cartilhas e orientações sobre higiene. Com coleções voltadas para a tradução dos clássicos da literatura, ou tendo, como público-alvo, as crianças ou os jovens, ou ainda aqueles leitores de histórias de mistério ou policiais, a editora de Porto Alegre alcançava diversas faixas da população local e de outros estados do país.

A *Biblioteca de Nanquinote* publicou novos títulos até pelo menos 1947, com destaque para diferentes autores, porém, ainda que este trabalho de pesquisa se dedique a analisar, com mais atenção, os títulos do escritor Erico Veríssimo, não se pode desconsiderar as outras obras que compõem a coleção, pois as concepções de infância estão, também, no todo da coleção. Dessa maneira, podemos perceber a preocupação com a formação das crianças ou com a imagem da coleção como bons livros formadores da infância, ao analisar as propagandas veiculadas nos jornais da época e na própria *Revista do Globo*, as quais diziam ser os livros “de alto valor cultural”, “escritos em linguagem adequada”, já que a Livraria e Editora do Globo compreendia “a importância da educação da infância e da juventude brasileiras”<sup>7</sup>.

Nos arquivos<sup>8</sup> da Hemeroteca Digital Brasileira (Fundação Biblioteca Nacional), localizamos propagandas nos jornais *O Dia* (1940), *A Manhã* (1944) e *Diário Carioca* (1945), nas quais constavam títulos da *Biblioteca de Nanquinote* além dos mais conhecidos escritos por Erico Veríssimo e Mario Quintana.

Por sua vez, em pesquisa empreendida nos arquivos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no arquivo DELFOS, tivemos acesso à coleção das *Revistas do Globo*, que veiculavam propagandas dos livros publicados pela Editora do Globo.

Ainda que os livros escritos por Erico Veríssimo tenham sido publicados na década de 1930, continuaram compondo as listas de livros indicados pela editora ao longo da década de 1940, o que sugere que tais livros garantiam coleção de qualidade literária.

Uma sintética revisão de bibliografia tendo como base o Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, em que lançamos no descritor as seguintes palavras-chave: Erico Veríssimo; *Biblioteca de Nanquinote* e Erico Veríssimo; Literatura Infantil e Erico Veríssimo, mostrou-nos que não obstante existam trabalhos de pesquisa sobre Veríssimo ou sua obra, a grande maioria diz respeito aos seus

<sup>7</sup> Propaganda veiculada pelo *Jornal O Dia*, Curitiba, 22 de dezembro de 1940, p. 2. Acervo Hemeroteca Digital – Biblioteca Nacional.

<sup>8</sup> Destacamos que a recuperação dos títulos que compunham a coleção foi um trabalho de pesquisa longo. Não tínhamos uma lista com a indicação de todos os títulos, e, por isso, tivemos que recorrer a propagandas da Livraria e Editora do Globo em jornais e revistas da época para tentar recuperar tais informações.

romances, contos ou novelas e estão concentrados em pesquisas de mestrado, de acordo com o quadro a seguir.

Outros arquivos também foram consultados, entre eles, Anais de Congressos sobre História da Educação e sobre Literatura Brasileira. Assim como em bancos de teses e dissertações de instituições como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a Universidade de Santa Maria (UFSM), a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)<sup>9</sup>.

Quadro 1 - Estudos sobre a obra de Erico Veríssimo.

Pesquisas realizadas sobre a Literatura Infanto-Juvenil de Erico Veríssimo					
	Título	Autor(es)	Instituição/Periódico	Ano	Total
Artigos	<i>Problemas da invenção literária para crianças: um inédito de Erico Veríssimo</i>	Maria da Glória Bordini	<i>Letras de Hoje</i> /PUCRS	1983	8
	<i>O caráter pedagógico e a perenidade da literatura infanto-juvenil de Erico Veríssimo</i>	Vera Teixeira de Aguiar	<i>Letras de Hoje</i> /PUCRS	1986	
	<i>Erico Veríssimo e a iniciação do leitor em “A Vida de Joana D’arc”</i>	Graça Paulino	<i>Cadernos do Centro de Pesquisas literárias da PUCRS/PUCRS</i>	1996	
	<i>Verissimo e a Literatura Infantil</i>	Paula Bellé Piovesan Sílvia Niederauer	<i>Disciplinarum Scientia</i> /UFN-RS	2003	
	<i>As aventuras de Tibicuera: literatura infantil, história do Brasil e política cultural na Era Vargas</i>	Ângela de Castro Gomes	<i>Revista USP/USP</i>	2003	
	<i>O contador de histórias para crianças e jovens</i>	Vera Teixeira de Aguiar	<i>O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira</i> /UFMG	2005	
	<i>“Aventuras no mundo da higiene” – Ecos do discurso médico no texto de Erico Veríssimo</i>	Marília Mezzomo Rodrigues	<i>Cadernos de História da Educação</i> /EDUFU	2010	
	<i>A literatura infanto-juvenil de Erico Veríssimo na Revista do Globo</i>	Michele Ribeiro de Carvalho	<i>Revista Teias</i> /UERJ	2021	
Eventos	<i>A Produção Literária de Erico Veríssimo para Crianças e Jovens na Década de 1930</i>	Michele Ribeiro de Carvalho/ UERJ	Anais do IX CBHE/PB	2017	4
	<i>As aventuras do avião vermelho na Biblioteca de Nanquinote</i>	Aline Santos Costa/UERJ Michele Ribeiro de Carvalho/UERJ	Anais do IX Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias/RJ	2017	
	<i>Nas ondas da Rádio Farroupilha, de Porto Alegre. A Literatura Infantil de Erico Veríssimo</i>	Michele Ribeiro de Carvalho/UERJ	Anais do X Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias/RJ	2019	
	<i>Once upon a time there was the Nanquinote Library: between children’s stories and representations</i>	Michele Ribeiro de Carvalho/UERJ	ISCHE 41	2019	

<sup>9</sup> Outros resultados da pesquisa em acervos vários podem ser consultados nos Apêndices I, II e III.

Quadro 1 - Estudos sobre a obra de Erico Veríssimo.

Pesquisas realizadas sobre a Literatura Infanto-Juvenil de Erico Veríssimo					
	Título	Autor(es)	Instituição/Periódico	Ano	Total
Dissertações	<i>A Literatura Infantil de Érico Veríssimo</i>	Maria Dinorah Luz Prado	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1978	4
	<i>O histórico e o ficcional da literatura juvenil de Erico Veríssimo</i>	Fernanda Daudt Kókot	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1997	
	<i>Usos Da Literatura Infantil No Estado Novo: O Caso De As Aventuras De Tibicuera</i>	Ana Lucia Ioppi Zugno	Universidade do Extremo Sul Catarinense	2007	
	<i>As coleções da Editora Globo de Porto Alegre: inovação e ineditismo (1930-1960)</i>	Junia Cristina Vaz Vieira	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2017	
Livros ou capítulos	<i>Érico Veríssimo e a Literatura Infantil</i>	Ana Mariza R. Filipouski e Regina Zilberman	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1982	3
	<i>Onde está Meu ABC de Erico Veríssimo? Notas sobre um livro desaparecido</i>	Cristina Maria Rosa	Universidade Federal de Pelotas	2013	
	Capítulo - A Seção Editora da Livraria do Globo e a cartilha de alfabetização <i>Meu ABC</i> , de Erico Veríssimo	Michele Ribeiro de Carvalho	Universidade de Salamanca	2018	

Fonte: Organizado pela autora.

Analisando, então, os resultados da pesquisa, pode-se observar que as dissertações e os livros foram apresentados e publicados na Região Sul do país. Já os artigos estão publicados em revistas editadas no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Minas Gerais, além de periódicos do Rio Grande do Sul, todos vinculados a instituições de ensino superior.

As quatro dissertações sobre a literatura para crianças produzida por Veríssimo são: a dissertação de Fernanda Daudt Kókot, intitulada *O histórico e o ficcional da literatura juvenil de Erico Veríssimo*, e defendida, em 1997, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; a dissertação de Ana Lucia Ioppi Zugno, intitulada *Usos da Literatura Infantil no Estado Novo: O Caso de As Aventuras De Tibicuera*, defendida na Universidade do Extremo Sul Catarinense em 2007; a dissertação *As coleções da Editora Globo de Porto Alegre: inovação e ineditismo (1930-1960)*, de Júnia Cristina Vaz Vieira, defendida, em 2017, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e a dissertação de Maria Dinorah Luz Prado, intitulada *A Literatura Infantil de Érico Veríssimo*, defendida em 1978 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A presente tese dialoga com os estudos de Prado e Kókot, *O histórico e o ficcional da literatura juvenil de Erico Veríssimo*, na medida em que as pesquisas enfocam os livros para crianças escritos por Veríssimo e compuseram a *Biblioteca de Nanquinote*, assim como um possível projeto cultural e pedagógico no qual a coleção estava inserida.

Os dois livros publicados sobre a obra infantojuvenil de Erico Veríssimo foram, igualmente, escritos e publicados na Região Sul do Brasil. Ana Mariza R. Filipouski e Regina Zilberman publicaram o livro *Érico Veríssimo e a Literatura Infantil*, pela editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1982. Nesse livro, é, por um lado, realizado um exame do conjunto de obras infantis escritas por Veríssimo, buscando explicar suas características historicamente, assim como sua efetividade. Por outro lado, procura-se responder à questão sobre o que é esta literatura para a infância.

No livro publicado pela editora da Universidade Federal de Pelotas, em 2013, *Onde está Meu ABC de Erico Veríssimo? Notas sobre um livro desaparecido*, Cristina Maria Rosa se dedica a estudar o livro *Meu ABC*, cartilha criada por Veríssimo e que, atualmente, poderia ser classificada como o livro menos conhecido do escritor. A pesquisadora sublinha que este é um dos livros criados como parte do projeto literário e pedagógico do escritor gaúcho, que poderia ter sido utilizado nas escolas do Sul do Brasil.

Nesta pesquisa, é proposta uma análise dos livros escritos por Veríssimo para as crianças que fizeram parte da coleção *Biblioteca de Nanquinote*, planejada e editada pelo escritor, um dos poucos romancistas, ao lado de Jorge Amado, que conseguiu sobreviver, exclusivamente, da atividade literária (MICELI, 2001, p. 159). O principal objetivo é compreender a conformação da coleção e entender uma possível vertente pedagógica da *Biblioteca de Nanquinote*, coleção de livros para crianças idealizada por Erico Veríssimo e composta por, pelo menos, 20 livros.

Faz-se necessário registrar que embora se tenha adotado como delimitação temporal o período que se inicia no ano de 1936, ano de publicação do primeiro livro escrito por Veríssimo para a coleção, até o ano de 1949, final da década e dois anos após o último livro da coleção ser publicado, em alguns momentos do texto, recorre-se a passagens anteriores ou posteriores a esse período, buscando uma melhor compreensão de acontecimentos relativos aos livros em destaque.

Assim, a fim de alcançar os objetivos propostos nesta tese, o texto está estruturado em quatro capítulos. O primeiro capítulo, “*O maior rio-grandense de todos os tempos*” e *a Editora do Globo*, concentra-se em examinar a história de Erico Veríssimo e sua passagem pela Livraria e Editora do Globo, como escritor, editor, redator e outras funções que desempenhou nos vários anos de colaboração. Para tanto, obituários publicados nos dias após o falecimento do escritor, assim como notícias e textos de despedida escritos por amigos e colegas de profissão, associados a seus livros de memórias, são analisados na busca por delimitar o profissional do livro que foi Erico Veríssimo.

O segundo capítulo, *Das ondas do rádio à Biblioteca de Nanquinote: as histórias para a “petizada”*, será dedicado a analisar o programa de rádio “A Hora dos Três Porquinhos”, e como esse colaborou para a criação e conformação da coleção ora estudada, que ultrapassa os sete livros escritos por Veríssimo. A delimitação dos livros que compõem a *Biblioteca de Nanquinote* envolveu a pesquisa por seus títulos em propagandas e comentários acerca do lançamento veiculados em diferentes impressos, além de leilões e acervos de instituições escolares e bibliotecas.

O terceiro capítulo da Tese é intitulado “*As sementes dos seus méritos de amanhã*”. *Divulgação e críticas à Biblioteca de Nanquinote*. É central, neste capítulo, a problematização das críticas, positivas e negativas, à *Biblioteca de Nanquinote* publicadas em periódicos da época como *A Razão*, *Jornal do Brasil*, *A Federação* e outros, além da *Revista do Globo*, impresso da Livraria e Editora do Globo que também contou com intensas contribuições de Veríssimo. Para tanto, considera-se a peculiaridade da pesquisa histórica que privilegia a seleção, o tratamento e a análise de fontes documentais como as revistas, e sua potencialidade para a investigação histórica e a história da educação, “compreendendo-a como expressão de práticas e de lógicas integrantes de um sistema cultural” (VELLOSO, 2006, p. 313).

Como essa análise proposta envolve periódicos antigos, das décadas de 1930 e 1940, e que estão digitalizados e reunidos na Hemeroteca Digital Brasileira, cabe destacar que nem todos estão com uma resolução adequada ou disponíveis para consulta presencial. Por isso, considerando que os textos não circularam separados dos suportes que os fazem chegar aos leitores, muitas vezes optou-se por compartilhar a totalidade da página em que está registrado o texto crítico ou a propaganda, mas ampliando-se a área de interesse ou ainda transcrevendo-se o mesmo.

Ainda é apresentado, neste capítulo, um panorama da *Revista do Globo* como vitrine das produções da Livraria e Editora do Globo, periódico privilegiado de divulgação dos livros e demais impressos da casa-editora.

“*Lindos entre os mais lindos*”. *Os livros de Veríssimo para a Biblioteca de Nanquinote* é o título do quarto e último capítulo desta Tese, em que se busca analisar as sete obras escritas por Erico Veríssimo, enfocando aspectos materiais e artísticos, assim como o conteúdo veiculado pelas histórias, repensando tópicos referentes a princípios de educação e boa conduta presentes nas narrativas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, destaca-se a visita aos seguintes acervos: Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro; Centro Cultural CEEE Erico Veríssimo, em Porto Alegre; Espaço de Documentação e Memória Cultural – Delfos PUCRS, em Porto Alegre e

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. A consulta a esses acervos foi de grande importância para a localização de documentos e fotos que auxiliaram a contextualizar as informações aqui compartilhadas. Contudo, ao início do terceiro ano do doutorado, logo após o exame de qualificação, fomos surpreendidos pela Pandemia de Covid-19, que chegou ao Brasil e forçou a suspensão de todas as atividades consideradas não-essenciais.

Esse período de isolamento social, respeitado por aqueles que entendiam a gravidade da situação, provocou o fechamento de diversos locais de guarda de documentação, entre eles as universidades que abrigam arquivos sobre a Livraria e Editora do Globo, e os Centros Culturais e Institutos, locais de guarda dos acervos sobre Erico Veríssimo.

Passado um ano do início das medidas de combate à Covid-19, os locais de guarda de acervos importantes para esta pesquisa continuam fechados para o público. O Instituto Moreira Salles é um deles, e, como o acervo Erico Veríssimo não está disponível para consulta on-line, a pesquisa por cartas e outros documentos sobre os livros para crianças escritos e planejados pelo escritor se tornou inviável. Outros, como o Espaço Delfos da PUCRS, ainda que não tenham retomado as atividades, gentilmente disponibilizaram parte do acervo via correio eletrônico, ação que facilitou em muito a escrita deste texto.

Em 2021, último ano de escrita da tese, o Instituto Moreira Salles permitiu que parte do acervo sobre Erico Veríssimo fosse acessado pela internet, mas, ainda assim, a consulta foi bastante complicada, uma vez que nem todos os documentos estão com a imagem disponível no mecanismo de busca.

Procurou-se manter sem alterações ortográficas ou sintáticas as citações das fontes documentais consultadas devido ao entendimento de que a linguagem da época não dificulta a compreensão dos textos.

## 1 “O MAIOR RIO-GRANDENSE DE TODOS OS TEMPOS”<sup>10</sup> E A “EDITORIA DA PROVÍNCIA”<sup>11</sup>

Via de regra, não se empregam nesses compêndios as cores intermediárias, pois os seus autores parecem desconhecer a virtude dos matizes e o truísmo de que a História não pode ser escrita apenas em preto e branco.

*Erico Veríssimo*

Na visão de Veríssimo, uma história não pode ser escrita apenas nas cores preta e branca. Ela precisa apresentar as nuances de cor, luminosidade e contraste que a tornam muito mais interessante. O idealizador da *Biblioteca de Nanquinote* é revisitado, então, por meio das notícias de seu falecimento, pelos lamentos de seus amigos e da imagem que procurou construir em seus livros memorialísticos, buscando desconstruir a imagem de perpetuação da história narrada pelo escritor sem análise e sem crítica (LE GOFF, 1996).

No dia 28 de novembro de 1975, o escritor, tradutor, editor e professor Erico Veríssimo falecia em sua casa, na cidade de Porto Alegre. Aquela sexta-feira ficou na memória de seus familiares e leitores, dos amigos da Livraria e Editora do Globo. Veríssimo partia sem finalizar o segundo volume de suas memórias, sem compartilhar com o leitor suas histórias vividas, narradas através dos filtros da lembrança do escritor, que escolhe e seleciona o que deseja compartilhar.

O convite para o enterro partiu não só de sua família, como também da Livraria do Globo S.A. e pela Editora do Globo, como pode ser observado na Figura 1.

---

<sup>10</sup> Alusão à notícia sobre as homenagens fúnebres por ocasião da morte do escritor Erico Veríssimo, publicada pelo periódico *Diário de Notícias*, em 30 de novembro de 1975: “A capital gaúcha parou ontem o dia inteiro para tributar as últimas homenagens ao maior rio-grandense de todos os tempos”.

<sup>11</sup> Referência à Livraria e Editora do Globo localizada em textos de Veríssimo.

Figura 1 – Convites para o sepultamento de Erico Veríssimo veiculados no Jornal Zero Hora, de Porto Alegre, em 29 de novembro de 1975. Arquivo do Jornal Zero Hora.



Enquanto a família comunicava o falecimento do “querido” Erico Veríssimo, a Livraria do Globo “participa[va] com extremo pesar o falecimento de seu grande amigo e colaborador”, e a Editora Globo “cumpre[ia] o penoso dever de participar o falecimento de seu maior editado ERICO VERÍSSIMO”.

Curioso notar que a Editora do Globo se refere a Veríssimo como seu “maior editado”, em uma alusão aos livros publicados ao longo de anos de parceria. Contudo, não indica a participação de Veríssimo como editor, o que faz parecer a prevalência da figura de escritor, aquele que fica imortalizado pelas malhas do sistema literário. Já a Livraria do Globo participa aos leitores do *Jornal Zero Hora* o falecimento de um “grande amigo e colaborador”, dado que o escritor gaúcho fez parte da história da Livraria por muitos anos.

Os impressos que circularam no país ao longo de duzentos anos testemunharam e registraram nossa história, conforme destacam Silva e Pinto (2018)<sup>12</sup>. Assim sendo, o impresso apresenta-se como valioso material para a pesquisa, uma vez que se configura como um produto da mentalidade de determinado grupo em uma época específica. Compreende-se o jornal como documento, que, a partir de um manuseio crítico, permite a construção do conhecimento histórico. A tarefa do pesquisador envolve, pois, operar com esses novos recortes, a fim de circunscrever suas fontes e espaço de investigação.

Operar com impressos como fontes para a pesquisa sobre Veríssimo e a coleção de livros para crianças da Livraria e Editora do Globo, a *Biblioteca de Nanquinote*, significou lidar com aquilo que se tornou notícia, em detrimento de muitos outros elementos que não foram noticiados. Dessa forma, em jornais publicados nos dias após o falecimento do escritor, muitas homenagens puderam ser lidas, entre elas a notícias veiculadas pelo *Diário de Notícias*, de 30 de novembro de 1975 (Figura 2).

Figura 2 - Notícia veiculada pelo Diário de Notícias, de 30 de novembro de 1975. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.



PORTO ALEGRE (DN) – A capital gaúcha parou ontem o dia inteiro para tributar as últimas homenagens ao maior rio-grandense de todos os tempos, Érico Veríssimo, falecido na noite anterior, em sua residência de estilo colonial, no Bairro de Petrópolis, vítima de um enfarte.

Seu corpo, velado no salão nobre do Palácio Farroupilha, sede da Assembléia Legislativa, foi velado por milhares de pessoas, que se sujeitaram a extensas filas, para render ao romancista o derradeiro tributo. O sepultamento ocorreu às 17 horas, no Cemitério de São Miguel e Almas e foi acompanhado por enorme cortejo. Érico Veríssimo repousa na sepultura n.º 15861. A encomendação do corpo foi feita pelo Padre Alfredo, amigo da família Veríssimo.

#### LUTO OFICIAL

O governador Sinval Guarelli decretou luto oficial, em todo o Estado, por três dias. Todas as atividades artísticas e culturais foram suspensas ou canceladas.

Clarissa, filha do extinto, que deu nome a um de seus primeiros romances, e o outro filho, o cronista Fernando Veríssimo, e sua mulher Lúcia, também acompanharam o enterro. Para esta, que conviveu com o sogro sob o mesmo teto, desde o seu casamento, <a perda de Érico é algo indescritível>.

<sup>12</sup> O artigo *Discursos em disputa sobre a Biblioteca Infantil em O Paiz 1894-1960* foi escrito pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Márcia Cabral da Silva em coautoria com Mariane Sousa Pinto, bolsista de IC/CNPQ, a partir de pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação - GRUPEEL. A pesquisa matriz “*Livros em coleções: o caso da Biblioteca Infantil da Livraria Quaresma (1894-1960) - Fase II*” busca dar continuidade à pesquisa anterior - *Livros em coleções: o caso da Bibliotheca Infantil da Livraria Quaresma (1894-1960) Fase I* - por meio da qual se examinou a invenção da *Bibliotheca Infantil* pela Livraria Quaresma Editora ou Livraria do Povo. O grupo procura agregar pesquisadores que investiguem a história do livro e da leitura, apoiando-se em pressupostos teórico-metodológicos extraídos da História da Leitura, da História da Edição, da História Intelectual. [<http://www.proped.pro.br/index.php#>]

O jornal se refere a Erico Veríssimo como “o maior rio-grandense de todos os tempos”, e, como forma de marcar sua importância para o Estado do Rio Grande do Sul, o Palácio Farroupilha abriu suas portas para que o corpo do escritor fosse velado e ali recebesse as honrarias da população que o admirava. Todas as atividades artísticas e culturais do Estado foram suspensas ou canceladas e decretado luto oficial de 3 dias em homenagem ao autor que contou a história do Rio Grande do Sul na trilogia *O Tempo e o Vento*<sup>13</sup>.

Em outro artigo publicado pelo mesmo periódico, intitulado *Do amigo, a ode*, Odylo Costa, Filho<sup>14</sup> se refere a Veríssimo como “um dos autores atuais com o maior sentimento de autenticidade do povo brasileiro”. Muitos críticos de sua época o acusavam de ser um “escritor popular”, característica que o escritor reconheceu e, de certa forma, celebrou, ao afirmar em algumas ocasiões ser um “contador de histórias”. Sendo assim, torna-se curiosa a homenagem, ao celebrar o que chamou de “sentimento de autenticidade do povo brasileiro”.

Por outro lado, a crítica literária acadêmica não se debruçou muito sobre a sua obra, conforme afirma Mello (2012), e esta ficou, em certa medida, restrita ao estado do Rio Grande do Sul, tendo o autor recebido críticas desfavoráveis no eixo Rio-São Paulo. No início de sua carreira, nas décadas de 1930 e 1940, o escritor recebeu avaliações depreciativas de suas obras. A professora Maria da Glória Bordini (2005) esclarece que as críticas desfavoráveis circularam em espaços fechados, principalmente. Tal particularidade poderia explicar as poucas apreciações críticas impressas sobre a produção de Veríssimo.

Outro autor a expressar seu pesar pela morte do escritor gaúcho foi Jorge Amado<sup>15</sup>, como mostra a Figura 3.

<sup>13</sup> Série literária de Erico Veríssimo, organizada em *O continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1961), e que conta parte da história do Brasil vista a partir do Sul.

<sup>14</sup> **Odylo Costa, Filho (1914-1979)** Maranhense, de São Luís, foi jornalista, bacharel em Direito, escritor, crítico literário, redator, adido cultural em Lisboa, e eleito em 1969 para a cadeira nº 15 da Academia Brasileira de Letras – ABL. [Fonte: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001].

<sup>15</sup> **Jorge Leal Amado de Faria (1912-2001)**, ou somente Jorge Amado, foi um dos mais famosos e traduzidos escritores brasileiros. Foi também o autor mais adaptado para o cinema, o teatro e a televisão. Fez parte da intelectualidade comunista brasileira, tendo sido eleito deputado federal em 1946 na cidade de São Paulo. Foi o autor da emenda que garantiu a liberdade religiosa, após assistir episódios de violência contra seguidores de cultos africanos e protestantes no Ceará. Também foi o autor da emenda que garantia os direitos autorais. Junto a Erico Veríssimo, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Graciliano Ramos tem a obra situada no modernismo regionalista. Recebeu prêmios importantes, entre eles: Jabuti (1959, 1995), Luis de Camões (1995) e Etrúria de Literatura (1989). Ocupou a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras. [Fontes: Biografia Jorge Amado. In: [http://www.jorgeamado.org.br/?page\\_id=75](http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75); Jorge Amado. In: [https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jorge\\_amado](https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/jorge_amado)]

Figura 3 - Depoimento de Jorge Amado sobre a morte do amigo Erico Veríssimo. *Jornal do Brasil*, 30 de novembro de 1975. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.



Como anuncia a nota extraída do *Jornal do Brasil*, o escritor baiano Jorge Amado “rasga-se de dor” pela morte do amigo de longa data. Afirma, ainda, que o país “perdeu seu principal romancista e o mundo um dos maiores romancistas contemporâneos”. Em outra afirmação que demonstra o respeito e a admiração pelo trabalho do gaúcho afirma: “Ele deixa uma obra que viverá enquanto existir a língua portuguesa. Seus personagens enriqueceram a humanidade brasileira”.

Carlos Drummond de Andrade também se despediu de seu amigo com um poema<sup>16</sup> que destacava a falta que o escritor gaúcho com tantas facetas faria para a literatura nacional.

#### A falta de Erico Veríssimo

Falta alguma coisa no Brasil  
depois da noite de sexta-feira.  
Falta aquele homem no escritório  
a tirar da máquina elétrica  
o destino dos seres,  
a explicação antiga da terra.

Falta uma tristeza de menino bom  
caminhando entre adultos  
na esperança da justiça

<sup>16</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *Discurso de Primavera e Algumas Sombras*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014. pp. 21.

que tarda - como tarda!  
a clarear o mundo.

Falta um boné, aquele jeito manso,  
aquela ternura contida, óleo  
a derramar-se lentamente.  
Falta o casal passeando no trigal.

Falta um solo de clarineta.  
Carlos Drummond de Andrade (1975)

O “solo de clarineta” que faltava, conforme Drummond assinalou, seria o último volume de sua autobiografia, intitulada *Solo de Clarineta*, cujo primeiro volume fora escrito por Erico Veríssimo, revisado e publicado ainda em vida pelo autor, seguido de um segundo, finalizado por colaboradores da Livraria e Editora do Globo após sua morte. O autor responsável por essa finalização foi Flávio Loureiro Chaves<sup>17</sup>, com auxílio de instruções deixadas pelo próprio escritor gaúcho, e publicado, em 1976. O terceiro e último volume do projeto ficou somente nos planejamentos do escritor.

Utilizar os obituários<sup>18</sup> como meio para circunscrever o homem e o “profissional do livro” que foi Erico Veríssimo se deve a uma metodologia de problematização do viés monumental dos documentos localizados, conforme sinaliza Le Goff (1996). Dessa forma, julga-se não ser adequado atribuir a esses documentos um *status* de verdade absoluta, e, tampouco, analisar o passado a partir de um único elemento.

Com vistas a se entender um pouco mais sobre o homem, autor dos livros ora estudados, sua formação e trajetória pública, examinam-se também sua autobiografia e seus livros de memórias, conforme ressaltado no estudo sobre os intelectuais e a classe dirigente no Brasil, de Sergio Miceli (1979). Como se sabe, o relato autobiográfico é permeado por filtros a partir das lembranças do escritor, dando coerência à trajetória, formando o que podemos chamar de “ilusão biográfica”<sup>19</sup>, conceito segundo o qual os relatos biográficos, ou autobiográficos,

<sup>17</sup> Professor titular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Universidade de Caxias do Sul, com formação na área de Língua Portuguesa e Literatura. [Fonte: Plataforma Lattes - CNPQ]

<sup>18</sup> Considera-se que os obituários carregam em si valores sociais, normatividades e contradições de um grupo. As narrativas construídas não se relacionam somente com aquele que morre, mas também com aqueles que permanecem. O obituário está envolvido com as representações da morte para a sociedade na qual está inserido, dizendo respeito ao morto e, também, ao que os vivos fazem de seu uso, consolando a perda ou enaltecendo o luto. Pesquisadores, conforme Heloisa Helena Pimenta Rocha (Universidade Estadual de Campinas), dedicaram-se a pesquisas a partir de obituários, como em seu livro *Regras de Bem Viver para Todos: A Biblioteca Popular de Higiene do Dr. Sebastião Barroso*, publicado em 2017 pela editora Mercado de Letras. Outra estudiosa que se dedicou à pesquisa ancorada em obituários foi Heloisa Helena Meirelles dos Santos, que apresentou, em 2014, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a tese intitulada *Esther Pedreira de Mello: múltiplas faces de uma mulher (in)visível (1880-1923)*, orientada pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Chrystina Venancio Mignot.

<sup>19</sup> Preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência, uma constância de si mesmo, por intermédio da instituição de relações inteligíveis que ordenam o relato autobiográfico (BOURDIEU, 2005, p. 184). [Fonte; BOURDIEU, Pierre. A

apresentam um movimento de seleção de acontecimentos significativos, com o intuito de criar conexões e coerência na vida reconstruída.

Bourdieu afirma, então:

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que "se entrega" a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem se desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. (BOURDIEU, 2005, p. 184)

Nessa perspectiva, os caminhos, os critérios, as ferramentas, e as soluções técnicas e estéticas de que se vale o escritor para construir seu relato memorialístico acabam por revelar sua percepção e suas intenções. Contudo Erico Veríssimo não desempenhava somente o papel de escritor, era também editor na Livraria e Editora do Globo, o que remete aos conceitos de *criador e mediador cultural*<sup>20</sup> (SIRINELLI, 2003).

Acerca das inúmeras facetas profissionais assumidas por Erico Veríssimo, o próprio autor destacou as muitas funções desempenhadas em busca da sobrevivência financeira na cidade de Porto Alegre. Em entrevista concedida ao jornal *Opinião*, Veríssimo afirmou que:

É preciso saber que as condições econômicas de minha vida pessoal, particular, influenciaram muito os romances que escrevi entre 1933 e 1940. Observe-se como meus personagens dos livros dessa época preocupavam-se com as contas a pagar no fim do mês. Eu trabalhava longa e duramente durante mais de 12 horas por dia. Traduzia livros de várias línguas para o português (mais de 40), inventava histórias para programa de rádio para a infância, armava páginas femininas para o Correio do Povo, tudo isso enquanto trabalhava na revista e na editora do Globo. Isso explica a pressa com que escrevi meus próprios romances naquela década de 30. Considero essa fase de minha carreira um período de exercícios em que me preparei, consciente ou inconscientemente, para a obra com que comecei a sonhar depois de 1935 e que acabou sendo publicada a partir de 1949 sob o título geral de "O tempo e o vento". Depois de "Olhai os lírios do campo", romance cheio de defeitos, mas com grande carga emocional, comecei a ganhar royalties que melhoraram minha situação econômica. Pude trabalhar mais devagar e tive mais tempo para ler [...] e para me ver e julgar. (Jornal Opinião, apud BORDINI, 1999, p. 166-7)

Os livros aos quais se refere Erico Veríssimo, escritos entre 1933 e 1940, são *Clarissa* (1933); *Música ao longe* (1935); *Caminhos Cruzados* (1935); *Um lugar ao sol* (1936); *Olhai os Lírios do Campo* (1938); *Saga* (1940).

No excerto anterior, Veríssimo rememora sua atuação como escritor, tradutor, apresentador de programa de rádio, editor de uma página feminina em periódico de Porto

---

ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191].

<sup>20</sup> Entendidos como aqueles que se dedicam às atividades de criação e difusão cultural com objetivos de instruir e divertir um grande público não especializado.

Alegre, além de trabalhar na revista e na Editora do Globo. Isso indica, portanto, as várias facetas desse profissional do impresso.

### 1.1 “Um certo escritor Erico Veríssimo”<sup>21</sup>

Aquele que almeja ser escritor precisa se submeter aos critérios de escolha dos editores, principalmente, no início da carreira. Com Erico Veríssimo não foi diferente, tendo recebido de Mansueto Bernardi, funcionário da Livraria e Editora do Globo e primeiro editor da *Revista do Globo*, resposta desanimadora sobre a publicação de uma antologia de contos. Bernardi previa que, sendo Veríssimo desconhecido do grande público, a antologia proposta “só poderia ser um fracasso em matéria de vendas, motivos porque a [...] editora não poderia, infelizmente, correr o risco [de editá-lo]” (VERÍSSIMO, 2011, p. 21).

No entanto, o escritor Erico Veríssimo passa a ser conhecido do público ao ter seu livro de contos *Fantoches* (1932) publicado pela Livraria e Editora do Globo. Não que este livro tenha sido um sucesso de vendas, pelo contrário, em seu livro autobiográfico, *Solo de Clarineta* (2005), é narrado que, dos 1.500 exemplares impressos no primeiro ano, somente foram vendidos entre 400 e 500 números. A obra só não deu prejuízo graças a um incêndio no armazém onde estavam os exemplares não vendidos.

Dos 1500 exemplares impressos, venderam-se no primeiro ano apenas uns 400 ou 500. Um incêndio providencial destruiu o armazém onde estavam sepultados os volumes não vendidos de *Fantoches* e, como toda a mercadoria estivesse segurada, a editora não teve prejuízo com a edição, e eu recebi minha percentagem sobre o total de exemplares queimados. Ora, isso não é o que se possa chamar de sucesso literário, mas de certo modo o incêndio me proporcionou a oportunidade de oferecer à Globo um novo livro. (VERÍSSIMO, 2005, p. 2014)

O novo livro mencionado pelo escritor no fragmento anterior oferecido à Livraria e Editora do Globo foi o romance *Clarissa* (1933), “a história duma menina de treze anos que amanhece para a vida. [...] uma novela praticamente sem intriga, do tipo “fatia de vida” (VERÍSSIMO, 2005, p. 216). A história da menina Clarissa tornou-se uma oportunidade para o escritor que buscava se “aproximar mais da vida, fugindo aos fantoches e ao seu universo de papel pintado” (VERÍSSIMO, 1981, Prefácio).

Entretanto, Erico Veríssimo pôde ser reconhecido, posteriormente, tanto no Brasil quanto em outros países como expressivo escritor brasileiro, tendo suas obras traduzidas para diversas línguas, como se pode observar na Tabela 1.

---

<sup>21</sup> Alusão à matéria do periódico *Diário de Notícias*, em 30 de novembro de 1975.

Tabela 1 – Traduções de livros de Erico Veríssimo.

Livros traduzidos		
Idioma	Livros	Número de Traduções
Alemão	6	12
Chinês	1	1
Coreano	3	3
Espanhol	19 <sup>22</sup>	28
Finlandês	1	1
Francês	3	4
Holandês	1	1
Húngaro	1	2
Indonésio	1	1
Inglês	7	18
Italiano	3	3
Japonês	4 <sup>23</sup>	4
Norueguês	1	1
Polonês	1	1
Romeno	6	11
Russo	3	3
Sueco	1	1
Tcheco	1	1
Vietnamita	1	1

Fonte: Organizada pela autora com base nos Cadernos de Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 16, p. 160-163, nov. 2003

A leitura da Tabela 1 permite perceber que sua obra foi traduzida para diversos idiomas, sendo o espanhol o idioma em que mais livros de Veríssimo foram traduzidos e publicados. Por outro lado, seus livros infantis só foram publicados em outros dois países além do Brasil: na Espanha e no Japão.

O reconhecimento de seus romances era recorrente em periódicos do sul do país. O livro *Clarissa*, por exemplo, recebeu vários elogios da crítica, como é possível acompanhar em matéria publicada no jornal *Correio do Povo*<sup>24</sup> de Porto Alegre, de 10 de novembro de 1933:

<sup>22</sup> Incluindo dois livros infanto-juvenis: *A vida de Joana D'Arc* (1944) e *A vida do Elefante Basílio* (2003).

<sup>23</sup> Incluindo dois livros infanto-juvenis: *Os três porquinhos pobres* (2007) e *O urso com música na barriga* (2008).

<sup>24</sup> Jornal fundado em 1 de outubro de 1895 pelo jornalista Caldas Júnior, circulou durante 89 anos de forma ininterrupta, entre 1895 e junho de 1984. Foi inovador na profissionalização dos jornalistas, passando a contar com quadro próprio e não com colaboradores que tinham outra fonte de renda. Desde seu primeiro

“A risonha luminosidade desse livro, que é *Clarissa*<sup>25</sup> destrói a crítica severa para colocar seu autor entre os escritores modernos mais fortes e mais belos do Brasil” (GOUVEA, 1933, p. 3).

Assinala ainda:

O Sr. Erico Veríssimo fugiu à regra. Transpondo, de um salto, a muralha chinesa de inaprováveis influências, dá-nos obra sua, ótima de um sabor novo, dentro de moldes seus, sem, contudo, incorrer no ridículo das inovações fáceis e dos raciocínios exóticos e dos recursos artificiosos que disfarçam tanto livro que pretende ser moderno [...] (GOUVEA, 1933, p. 3)

Reconhecido por muitos como “o maior romancista de todos os tempos”, como em “Carta aberta a Erico Veríssimo”, publicada na *Revista do Globo* em 11 de março de 1939, logo após o sucesso de vendas de *Olhai os lírios do campo*<sup>26</sup>, Veríssimo foi muito elogiado na região sul do país. Em tal publicação da *Revista do Globo*, Paulo de Carvalho indica o grande sucesso da crítica sobre o escritor.

Leio em todos os jornais os elogios unânimes da crítica. Elogio espontâneo e sincero de alguns e talvez obrigado dos zoilos<sup>27</sup> e pseudocríticos. Ouço nas rodas dos amigos, nas mesas dos cafés, o seu nome como o maior romancista do Brasil.<sup>28</sup> (CARVALHO, 1939)

Veríssimo, porém, ajudava a difundir a imagem de um “contador de histórias”, em uma postura modesta, procurando justificar sua simplicidade, clareza, coerência, conforme aponta Hélio Pólvora (1975)<sup>29</sup>. Em um autorretrato bastante modesto, o escritor assume uma imagem de escritor popular, de um escritor “para as massas”.

(...) acho que vocês, os críticos, a esta altura de minha carreira de escritor já deviam ter compreendido a minha posição. Sou uma espécie de Georges Ohnet<sup>30</sup> nacional – um sujeito que escreve para as massas, fútil, objetivo, agradável e sem a menor importância literária.<sup>31</sup> (VERÍSSIMO, 1942)

---

número, se apresentou não só como um órgão comercial, mas também literário. [Fonte: GALVANI, Walter. *Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1994]

<sup>25</sup> Obra de Erico Veríssimo, publicada em 1933, pela Editora do Globo. Ambientada em 1932, ano em que a protagonista completa 14 anos de idade.

<sup>26</sup> Romance publicado por Erico Veríssimo em 1938, cujo título é baseado em trecho do *Sermão da Montanha*, também conhecido como *Olhai os lírios do campo* ou *Olhai os pássaros no céu*.

<sup>27</sup> Mau crítico; crítico invejoso; parcial.

<sup>28</sup> CARVALHO, Paulo de. Carta aberta a Erico Veríssimo. In: *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 247, p. 2, 11 de março de 1939. Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

<sup>29</sup> PÓLVORA, Hélio. A geração de Erico Veríssimo. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1975. Acervo ALEV.

<sup>30</sup> **Georges Ohnet (1848-1918)** Dramaturgo e romancista francês do século XIX. Seus folhetins foram adaptados para o teatro em várias oportunidades. Atento às preferências do público, criou tramas bastante passionais, que agradavam aos leitores mais sentimentais. Já os críticos de seu tempo não se deixaram agradar por suas histórias, com um estilo considerado demasiado elementar. [Fonte: Biografías y Vidas. La Enciclopedia Biográfica em Línea. In: <https://www.biografiasyvidas.com/biografia/o/ohnet.htm>. Acesso em 23/9/2019.]

<sup>31</sup> VERÍSSIMO, Erico. [Carta] 10 de janeiro de 1942, Porto Alegre. [para] BRAGA, Newton. Acervo ALEV.

Talvez, por não ter conseguido finalizar os estudos devido à grave crise financeira enfrentada por sua família, Erico Veríssimo sentia não ter um capital cultural<sup>32</sup> acumulado. Pelo menos, de forma institucionalizada, visto que em uma entrevista afirma: “Em vez de matricular-me na Universidade de Edimburgo, fui dar, com meus dezoito anos, num armazém de secos e molhados”<sup>33</sup>. Mais uma vez, ao ler sua autobiografia, percebe-se seu lamento, por não ter podido terminar seus estudos em Porto Alegre, e não ter feito o curso superior em outro país, como esperava e desejava seu pai: “Lembrava-me de que meu pai costumava dizer aos amigos, em minha presença, que quando eu completasse dezoito anos ele ia me mandar fazer um curso na Universidade de Edimburgo, na Escócia” (VERÍSSIMO, 2005, p. 137). O lamento continua ao escrever: “No entanto esse moço sonhador se fanava naquele barracão malcheiroso, a pintar letreiros prosaicos em sacos de aniagem” (VERÍSSIMO, 2005, p. 137).

Anos mais tarde, ao se lembrar dos intelectuais latino-americanos com quem trabalhou na União Pan-Americana, entre 1954 e 1956, mencionou seu “provincianismo” e a surpresa de frequentar certos círculos sociais: “E toda essa gente estava sob as ordens dum sujeito que nem sequer havia terminado o curso ginásial do Colégio Cruzeiro do Sul” (VERÍSSIMO, 2005a, p. 287).

Ao relatar seu encontro com Moysés Vellinho, quando chegava a Porto Alegre vindo de sua cidade natal, Cruz Alta, Veríssimo relembra a diferença entre os dois, inclusive com relação ao vestuário:

Mesmo assim, em desespero de causa, andei por mais de uma secretaria de Estado em busca de emprego. Na do Interior tive a oportunidade de conhecer pessoalmente Moysés Vellinho, então chefe do gabinete de Oswaldo Aranha. Era crítico literário e escrevia sob o pseudônimo de Paulo Arinos ...

Diante daquele homem insinuante, de maneiras tão finas e impecavelmente vestido, experimentei um sentimento de inferioridade parecido com o que me assaltara tantas vezes no internato nos fins de semana, quando eu olhava para as roupas de meus colegas trajados no rigor da moda e comparava-as com o meu 'fardamento' de mandim serrano. Vellinho declarou-me que infelizmente no momento não havia vagas naquela secretaria (VERÍSSIMO, 2005, p.235).

Se Veríssimo se sentia inferior aos demais, ao iniciar seus trabalhos na Livraria e Editora do Globo como editor da *Revista do Globo* e depois como editor da seção Editora, foi incorporado à rede social e intelectual do Rio Grande do Sul e, em seguida, a do país. Não era

<sup>32</sup> Tal conceito está associado à noção de conhecimento e às diversas formas de compreendê-lo, mas também está voltado aos costumes e à cultura, produzida em diferentes contextos. Caracteriza-se, também, como um conhecimento informal que se constitui a partir dos costumes e hábitos de cada pessoa e grupo social. Seria ele o responsável pelo rendimento dos agentes no sistema de ensino, e difere segundo a origem social dos diversos grupos de agentes, ratificando o rompimento com o mito do dom e das habilidades inatas. Conferir em BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

<sup>33</sup> PEIXOTO, Silveira. Erico Veríssimo. In: \_\_\_\_\_. *Falam os escritores*. Curitiba: Guaíra, 1941, p. 321-342. Acervo ALEV.

difícil encontrar às portas da Livraria do Globo, na antiga Rua da Praia<sup>34</sup>, em Porto Alegre, figuras ilustres da época, entre elas Mário Quintana e Getúlio Vargas.

A década de 1930 foi um marco para a intelectualidade brasileira<sup>35</sup>, uma vez que transformações nas esferas social, política e ideológica advindas das mudanças ocorridas com a ascensão de Vargas ao poder redefiniram as relações entre intelectuais e Estado. A área cultural passou a ser considerada um setor estratégico para o governo, após o endurecimento do regime de Vargas, uma vez que o projeto de centralização política demandava a construção de um projeto de unidade nacional, e as artes passaram a ser consideradas como ponto estratégico para difundir o ideal de sociedade e redefinir os rumos da nação.

Pelo fato de escrever sobre problemas sociais, Veríssimo era considerado comunista por setores da sociedade e da igreja católica, enquanto era chamado de agente do imperialismo por outros setores que discordavam de suas viagens para trabalhar nos Estados Unidos. Ao narrar uma divergência que teve com um padre da cidade de Porto Alegre, por ocasião do lançamento de seu livro *O Resto é Silêncio*<sup>36</sup>, Veríssimo deixa transparecer seu desagrado com a situação política e social do país, que exilava os que se opunham ao Estado Novo, de Vargas. Desse acontecimento, surge a oportunidade de viajar para os Estados Unidos da América, para lecionar Literatura Brasileira em uma universidade da escolha do escritor. A escolha foi pela Universidade da Califórnia, em Berkeley.

Note-se, ainda, que o escritor muito se interessava pelo universo infantil, visto desenvolver, em 1931, uma “página infantil” na *Revista do Globo*, intitulada *Guri*. Nela, Veríssimo apresentou desenhos, contos de viés moralizante, brincadeiras, e as aventuras de Jeca, Joca e Juca.

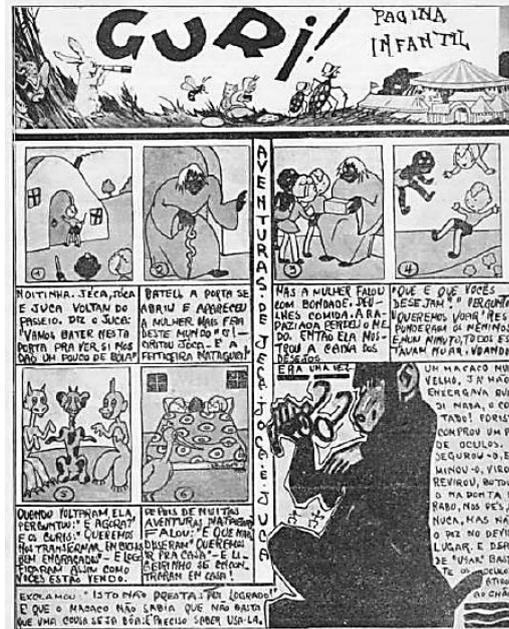
---

<sup>34</sup> A Rua da Praia existe desde a fundação da cidade de Porto Alegre. Ela se estendia à margem do Canal dos Navegantes, em frente ao antigo Porto de Viamão. A via só passou a se chamar Rua dos Andradas em 1865, para as comemorações do dia da Independência. Com os seguidos aterros na orla, a rua “afastou-se” do litoral. O cruzamento da Rua dos Andradas com a Avenida Borges de Medeiros é conhecido como “Esquina Democrática”, ponto de concentração de comícios e manifestações populares. [Fonte: FRANCO, Sérgio da Costa. *Guia Histórico de Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 2006. pp. 29–31]

<sup>35</sup> Em artigo intitulado *Erico Veríssimo: artista, intelectual e pensador brasileiro*, Zilberman deixa claro o desinteresse político e o posicionamento independente de Veríssimo: “Erico Veríssimo nunca simpatizara com o Partido Comunista; e, desde os primeiros anos da década de 30, manifestara aversão ao fascismo e ao nazismo. Seu posicionamento independente desagradava a muitos, mesmo porque ele também não seguia a cartilha dos católicos” (ZILBERMAN, 2010, p. 145).

<sup>36</sup> Erico Veríssimo testemunhou o suicídio de uma moça em 1941. Impactado com a cena presenciada escreveu o livro *O Resto é Silêncio* (1943), que inicia, justamente, com a queda de uma moça do alto de prédio da capital gaúcha. Toda a história transcorre em pouco mais de 24 horas, entre a tarde da Sexta-feira da Paixão e a noite do Sábado de Aleluia, e o destino da moça é o ponto de ligação entre as trajetórias dos diversos personagens da história. O texto é considerado pela crítica literária como denso e comovente, afinado com as preocupações sociais e estéticas do escritor e com as sombras da Segunda Guerra Mundial. [VERÍSSIMO, Erico. *O Resto é Silêncio*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008].

Figura 4 - Página da Seção Guri, escrita por Erico Veríssimo para a Revista do Globo. Acervo Delfos.



Apenas alguns anos mais tarde, a Editora do Globo lançaria a coleção *Biblioteca de Nanquinote*, iniciada com a história *As Aventuras do Avião Vermelho* (1936).

Sobre essas histórias da *Biblioteca de Nanquinote*, o escritor<sup>37</sup> relembra que:

E por falar em filhos, ocorre-me que em 1936 escrevi seis estórias destinadas às crianças. Apareceram em espécies de cadernos de capa cartonada, com ilustrações a cores de três excelentes desenhistas – João Fahrion, Nelson Boeirra Fäedrich e Edgar Koetz, e foram, anos mais tarde, reunidas num único volume sob o título de *Gente e Bichos*. (VERÍSSIMO, 2005. p. 225-226)

Com relação à “página infantil” da *Revista do Globo*, esta foi publicada no periódico entre 1930 e 1959, e contou com 37 contos, 1 poema, 15 fábulas, 3 lendas, 6 histórias em quadrinhos, 1 apólogo, 1 anedota e 2 textos descritivos, perfazendo um total de 66 títulos, de acordo com pesquisa realizada por Rodrigues (2007). Os textos literários e informativos dividiam espaço com imagens, fotografias e anúncios. Como a *Revista do Globo* era distribuída em todo território brasileiro, a literatura e as obras editadas pela Livraria e Editora do Globo eram conhecidas por um grande número de cidadãos, inclusive em outros estados além do Rio Grande do Sul.

Quanto à Literatura para crianças e jovens, a *Revista do Globo* anunciava as coleções<sup>38</sup> editadas pela Livraria e Editora do Globo: *Biblioteca de Nanquinote*, *Burrinho Azul* e *Coleção*

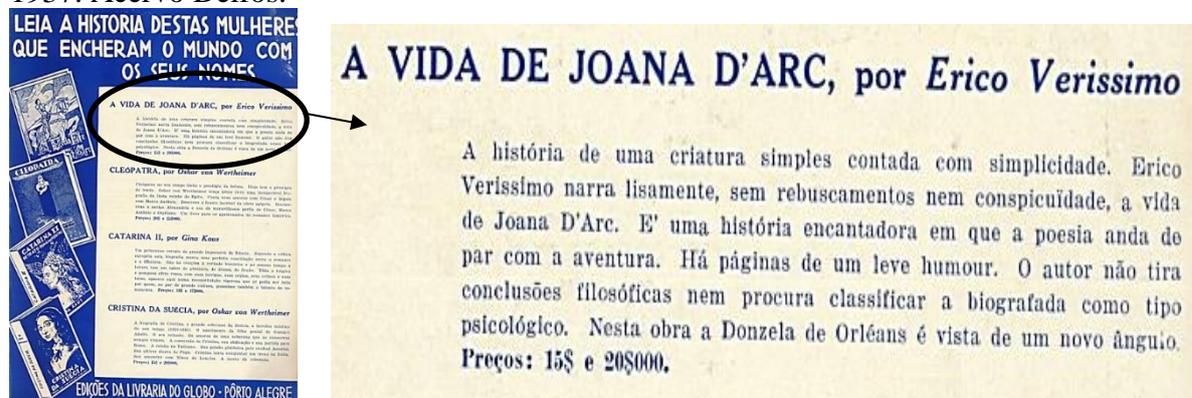
<sup>37</sup> De acordo com estudos de Regina Zilberman (1992), a primeira produção significativa de textos para a criança, no Rio Grande do Sul, ocorreu na década de 1930 e sob a liderança de Erico Veríssimo, que deu feições particulares à literatura produzida no Estado.

<sup>38</sup> Contribuição significativa para este estudo sobre uma coleção de livros foi a pesquisa realizada pela Professora Heloisa Helena Pimenta Rocha (Universidade Estadual de Campinas), e que trata da conformação

*Aventura*. Um exemplo de livro publicado fora de coleção e que mais tarde passou a integrar a coleção *Burrinho Azul* foi a biografia *A Vida de Joana D'Arc*, veiculada na *Revista do Globo* ao lado de outros livros sobre “mulheres que encheram o mundo com seus nomes”<sup>39</sup>.

Na referida propaganda (Figura 5), é possível visualizar a capa de 4 livros sobre mulheres, entre eles o livro escrito por Veríssimo, *A Vida de Joana D'Arc*<sup>40</sup>. Mais uma vez, o livro de Veríssimo sobre a vida de Joana D'Arc surge encabeçando a lista de indicações da Livraria e Editora do Globo. Seguido por livro sobre Cleópatra<sup>41</sup>, outro sobre Catarina II<sup>42</sup> e outro sobre Cristina da Suécia<sup>43</sup>.

Figura 5 - Propaganda dos livros sobre personalidades femininas. Revista do Globo, nº 213, 1937. Acervo Delfos.



de uma biblioteca de livros sobre higiene escrita por um médico e intelectual. Sua pesquisa originou o livro *Regras de Bem Viver para Todos: A Biblioteca Popular de Higiene do Dr. Sebastião Barroso*, publicado em 2017 pela editora Mercado de Letras e que teve resenha elaborada por Carvalho (2019) publicada na *Revista História da Educação*, em setembro de 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/84503>.

- <sup>39</sup> Ainda que a presente pesquisa tenha como objeto a coleção *Biblioteca de Nanquino* compreende-se que o estudo de tal coleção não pode ser desvinculado da produção infantojuvenil do autor gaúcho, pois, além dos livros terem sido escritos ao longo da década de 1930, o escritor mostrava-se preocupado em oferecer literatura de qualidade para leitores exigentes.
- <sup>40</sup> O livro escrito por Erico Veríssimo, em 1935, foi ilustrado por Nelson Boeira Faedrich. Em formato brochura, possui 284 páginas em que é narrada a biografia de Joana D'Arc. Jovem francesa de 17 anos, do século XV, que ouvia santos e que transgrediu as convenções do tempo e de gênero para defender seu rei liderando todo um exército. Foi queimada na fogueira pelos ingleses aos 19 anos, acusada de feitiçaria. O livro traça um painel político e histórico da França no período que ficou conhecido com a Guerra dos Cem Anos.
- <sup>41</sup> **Cleópatra (69 a.C- 30 a.C)** Uma das mulheres mais conhecidas da história da humanidade e uma das governantes mais famosas do Egito. Sua morte por meio da picada da cobra evitaria a exposição de Cleópatra num triunfo romano. [Fonte: SILVA, Camilla Ferreira Paulino da. *A construção da imagem de Otávio, Cleópatra e Marco Antônio entre moedas e poemas (44 a 27 a. C.)*. 189f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo, 2014.]
- <sup>42</sup> **Catarina II (1729-1796)** Imperatriz da Rússia, estabilizou o reino e conquistou prestígio entre os europeus, sendo conhecida como Catarina, A Grande. [Fonte: WIGHT, Martin. *A Política do Poder*. Trad. Sérgio Duarte. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002].
- <sup>43</sup> **Cristina da Suécia (1626-1689)** Coroada rainha da Suécia em 1650, se transformou em figura lendária, que desafiou os costumes da Europa do século 17, além de importante colecionadora e patrona das artes. Declarada, ao nascer, menino, foi criada como um príncipe, recebendo treinamento em lutas e para a guerra. Pôs fim aos conflitos e estabeleceu o primeiro decreto escolar nacional, além de iniciar o primeiro jornal, em 1645, segundo estudos históricos. [Fonte: BUCKLEY, Veronica. *Cristina – Rainha da Suécia*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2006].

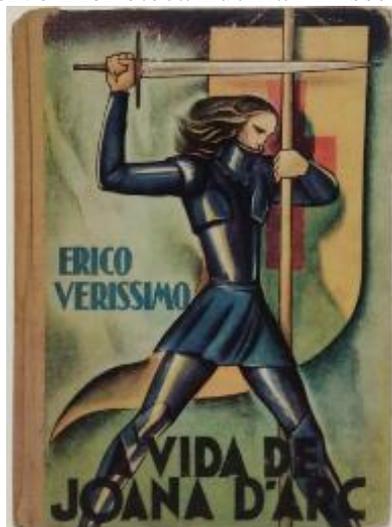
O livro tinha preços diferentes para o formato brochura e para o formato encadernado. De acordo com a propaganda, a brochura custava “15\$” e o formato encadernado custava “20\$000”. Valor que, se comparado a outros livros e produtos da mesma editora, mostra a diferença entre os livros para as crianças e aqueles destinados aos jovens; um livro da *Biblioteca de Nanquinote* custava 4\$000, um exemplar da *Revista do Globo*, 2\$000.

Figura 6 - Capa do livro *A Vida de Joana D’Arc*, com ilustrações de Nelson Boeira Faedrich. Acervo Biblioteca Lucilia Minssen.



*A Vida de Joana D’Arc*, com capa de Nelson Boeira Faedrich e publicado em 1935, teve, também, a página de rosto, as ilustrações internas e capitulares criadas pelo ilustrador. Seria essa, de acordo com Ramos (2016), uma publicação voltada para os “leitores em geral”. Já a segunda versão, de Fahrion, voltaria-se ao modelo infantojuvenil, o que sugere uma ampliação dos leitores.

Figura 7 - *A Vida de Joana D’Arc*, com capa de João Fahrion, 1944. Acervo Biblioteca Lucilia Minssen.



Se em 1935 Veríssimo publica *A Vida de Joana D’Arc*, dois anos mais tarde chega às bancas o livro *As Aventuras de Tibicuera*, a história de um indígena que descobre como viver para sempre e acompanha os desdobramentos da história do país, desde a chegada dos portugueses até o ano de 1942, quando herói já assumiu características do homem branco e vive em um apartamento de Copacabana, no Rio de Janeiro. Fato curioso é que o livro é publicado em 1937, mas o final da história acontece em 1942, mostrando assim o que o escritor esperava, suas projeções para esse futuro próximo.

A capa da primeira edição ilustra essa mudança do herói indígena (parte superior da capa), que enfrenta os perigos da selva, para o herói urbano (parte inferior da ilustração), que enfrenta os perigos da cidade grande. O nome do autor surge no topo da ilustração na cor vermelha. O título da obra está na cor branca, seguido de um complemento em letras menores e vermelho escuro. Esse complemento, “que são também as aventuras do Brasil”, revela a intenção didática do escritor, o que também é corroborado em edições posteriores da história.

Essa narrativa do livro *As Aventuras de Tibicuera* foi criada a partir de temáticas e periodização da história do Brasil presentes nos livros didáticos da época. Não que Veríssimo concordasse com a história oficial dos livros didáticos, mas, como a obra foi inscrita no concurso<sup>44</sup> promovido pela Comissão Nacional de Literatura Infantil<sup>45</sup>, o escritor não poderia desviar muito dessa história oficial. Contudo, seu personagem central era indígena, um herói pouco provável para os livros didáticos da época.

---

<sup>44</sup> Concurso de livros infantis que objetivava estimular a redação de novas e boas histórias. Para tanto, fora organizada uma ficha de avaliação, com um conjunto de critérios que indicava a importância de se atentar para a “fantasia, moral e correção” do texto, sem desconsiderar as qualidades gráficas, principalmente as ilustrações. Dessa forma, em setembro de 1936, foram organizados três concursos, conforme a faixa etária: até 7 anos; de 8 a 10 anos; e mais de 10 anos. Todos os trabalhos apresentados ao concurso deveriam ser originais e assinados com pseudônimos, e só poderiam concorrer brasileiros natos ou naturalizados. [Fonte: COSTA, Aline Santos. *A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936 – 1938)*. 164f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011] [Fonte: BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Lourenço Filho e literatura infantil e juvenil*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.]

<sup>45</sup> Será melhor apresentado na nota.

Figura 8 - Capa do livro As Aventuras de Tibicuera (1937). Acervo da autora.



O esforço da criação foi recompensado com a premiação no concurso. Por isso, no livro é incluída uma nota sobre o mérito recebido na mesma página em que o escritor dedica a história a seus dois filhos, Clarissa e Luiz Fernando. Outro exemplo de utilização do prêmio recebido como forma de distinção da obra pode ser verificado na propaganda veiculada pela *Revista do Globo* por anos após a premiação:

Figura 9 - Propaganda da Coleção Aventura veiculada pela Revista do Globo. Acervo Delfos/PUCRS.

Bons Livros, Bons Amigos!

**COLEÇÃO AVENTURA**

LIVROS PARA A JUVENTUDE

1 - AS AVENTURAS DE TIBICUERA, por Erico Verissimo. A extraordinária história do índio que nasceu antes de 1500 e ainda se encontra vivo. Através deste livro, ele conta pitorescamente para as crianças os principais factos da História do Brasil. Obra premiada pelo Ministro da Educação. — 8\$000.

2 - CARLOS MAGRO E BRENDA VALERIO, por Paulo Ladeira. A história emocionante de dois jovens que se encontram em uma ilha deserta. — 8\$000.

3 - O LITÃO, por Carlos Magro. A história emocionante de um jovem que se encontra em uma ilha deserta. — 8\$000.

EDIÇÕES DA LIVRARIA DO GLOBO - P. ALEGRE

EDIÇÕES DA LIVRARIA DO GLOBO - PALECRE

Uma vez mais, Erico Veríssimo se dirige às crianças na apresentação do livro. De forma breve, o escritor apresenta sua obra e sugere o uso de dicionários, caso surgisse alguma dúvida quanto ao significado das palavras, indicando sua intenção didática nessa obra.

A política de formação da população pode ser lida também nos livros que visavam educar a população para uma vida mais saudável, divulgando os preceitos de higiene, e, desse modo, levando reflexos para o mundo do trabalho e para a formação das futuras gerações. Acerca dessa temática, Erico Veríssimo escreveu em 1939 o livro *Aventuras no mundo da higiene*<sup>46</sup>, escrito nos moldes de uma cartilha, mas que não fez parte da *Biblioteca de Nanquinote*. O livro foi escrito e publicado durante o período do Estado Novo (1937-1945), em que as autoridades governamentais assumiam o discurso de saneamento da sociedade, principalmente quanto à higiene pessoal e social<sup>47</sup>.

A higiene era alçada como forma de controle da população para a formação de cidadãos fortes e saudáveis, que pudessem efetivamente contribuir com a nação. Essa formação era objeto de preocupação desde a gestação, indicando que o controle deveria começar pela família, responsável direta pelos cuidados com as crianças, incluindo-se a instituição escolar. A projeção de futuro passava, então, pelo controle à infância.

Pensando nessa instituição e nessa faixa da população, livros e compêndios foram criados já nos primeiros anos do século XX, como o caso de *Aventuras no mundo da higiene*, escrito por Veríssimo em 1939.

---

<sup>46</sup> *Aventuras no mundo da higiene* (1939) foi escrito por Erico Veríssimo e ilustrado por João Fahrion. A 1ª edição possui 144 páginas, nas quais estão distribuídas as 16 lições sobre higiene planejadas por Veríssimo. Foi editado em pequeno formato, 14cm x 18cm, contando com índice de assuntos.

<sup>47</sup> No início do século XX, surgia uma nova mentalidade, o “movimento higienista”, que atravessou as primeiras décadas do novecentos, propondo intervenções cada vez mais incisivas na população, educando e ensinando novos hábitos. Nesse movimento, que considerava a educação como a responsável por formar uma cultura brasileira e um povo mais saudável, a escola primária assumiu lugar de destaque para as iniciativas em proveito da formação de hábitos sadios. Para tanto, a educação precisaria ser democratizada, para que o povo adquirisse virtudes valorizadas, cuidando melhor de si mesmo e de seus filhos, se preparando para o trabalho moderno e possibilitando ao país maior desenvolvimento. Nesse cenário, compêndios escolares de higiene foram produzidos e endereçados às escolas normais, responsáveis por formar os futuros professores. [Fontes: MARINS, Paulo César. *Habitação e vizinhança*. In: SEVCENKO (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, vol. 3, 1998; PAIVA, Tamires Farias de. *Noções para persuadir e educar: os discursos médico-higiênicos na formação e ofício do professorado primário (1914-1928)*. 228 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.] Destacam-se também as pesquisas realizadas pelo Profº. Drº. José Gonçalves Gondra e pela Profª. Drª Heloísa Helena Pimenta Rocha. [GONDRA, J. G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. v. 1.]. [ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. *Livros para instruir, persuadir e formar bons hábitos: circulação de modelos pedagógicos em uma coleção de higiene*. In: *História da Educação: métodos, disciplinas, currículos e espaços de leitura*. EDUFMA; Café & Lápis, Vol. 1, pp. 24, pp.409-432, 2018.]

Figura 10 - Capa do livro Aventuras no mundo da higiene. Acervo CEEE Erico Veríssimo.



*Aventuras no mundo da higiene* (1939) foi organizado como um manual de higiene pessoal para as crianças; composto por 16 lições, um quadro anexo sobre o valor dos alimentos e tabelas com a relação peso  $\times$  altura ideais para cada idade e sexo. Curioso notar que a história se encontra repleta de metáforas sobre bombardeios, aviões, exércitos inimigos e artilharia, talvez influenciada pelo momento da 2ª Guerra Mundial.

Este manual de higiene escrito por Erico Veríssimo integrou a coleção Burrinho Azul, outra série de livros criada pela Livraria e Editora do Globo. Com publicidade garantida na *Revista do Globo*, a Burrinho Azul também era divulgada em edições de livros infantis da casa-editora.

Figura 11 - Publicidade inserida em livros infantis da Livraria e Editora do Globo. Acervo Delfos/PUCRS.



OS NENES D'AGUA .....	Charles Kingsley	— 68000
ALICE NA TERRA DAS MARAVILHAS .....	Lewis Carroll	— 68000
ALICE NA CASA DO ESPELHO .....	Lewis Carroll	— 68000
HEIDI .....	Johanna Spyri	— 58000
A ILHA DO TESOURO .....	R. L. Stevenson	— 88000
HEIDI NOS ALPES .....	Johanna Spyri	— 68000
A CHACARA DA RUA 1 .....	Carls Léb	— 68000
CONTA UM HISTÓRIA .....	Pepita Leã	— 78000
HISTÓRIAS DE JOÃO TAJÁ .....	Dante Costa	— 68000
A FESTA DAS LETRAS .....	Cecília Meirelles	— 78000
SEGREDOS DE ZÉ-TOQUINHO .....	Odila Barros Xavier	— 38000
A VIAGEM DE NICOTINHO .....	Elsita Lopes Weyer	— 68000
AVENTURAS NO MUNDO DA HIGIENE .....	Erico Verissimo	— 68000
A TERRA DOS MENINOS PELADOS .....	Graciliano Ramos	— 68000
HISTÓRIAS DA LAGOA GRANDE .....	Lucio Cardoso	— 58000
FADA MENINA .....	Lucia Miguel Pereira	— 88000
A CASA DAS TRES ROLINHAS .....	Marques Rebelo e A. Tabará	— 68000
O PEQUENO ROBINSON DE PARIS .....	Eugenie Foá	—

A partir da propaganda localizada observa-se o valor de venda de *Aventuras no mundo da higiene*, 6\$ réis. Tal livro ainda apresenta um *Bilhete* endereçado aos adultos, no qual é salientada a necessidade de se explicar a “importância dos hábitos de higiene” às crianças e não somente impor as ações de cuidado pessoal, que, nesse caso, seriam reproduzidas mecanicamente e em pouco tempo esquecidas. Nesse pequeno texto introdutório, informa-se o objetivo do livro e fica evidente que o autor se dirige aos pais e professores:

Meus amigos,  
 é inútil franzir a testa, engrossar a voz e falar difícil **quando queremos ensinar**.  
 O **aluno** só se entrega de corpo e alma àquele que lhe contar a melhor história de fadas e aventuras. A estrada mais curta e certa para a inteligência tem passagem obrigatória pelo coração.  
 Não será humano tentar outros caminhos...  
 Neste livro procurei fazer que as noções de higiene viajassem para o entendimento das crianças confortavelmente instaladas no trem colorido da ficção.  
 Fiz o possível para que a viagem fosse divertida, rápida, sem enjôos nem solavancos. Não basta que se diga tiranicamente aos alunos: “Matem as moscas e bebam o leite”. É preciso explicar por que as moscas são nocivas e por que o leite é benéfico à saúde. Por outro lado, como falar na higiene da respiração sem explicar o fenômeno respiratório?  
 Num momento em que toda a gente procura aprender a comer, não seria lógico também que eu passasse em voo de avião por cima do importante capítulo da alimentação.  
 O texto vai cheio de ilustrações, pois não deixa de ter muita razão quem afirmou que o único livro do mundo que dispensa as gravuras é o Guia Telefônico... (Veríssimo, 1939) (Grifos da autora)

Já a finalização do livro apresenta o seguinte trecho:

Vocês acabaram de ler a grande aventura do Patinho Feio no Mundo da Higiene. E eu pingo o ponto final neste livro pedindo a vocês que sigam o caminho dos dois amigos, fazendo-se também soldados da higiene na grande guerra contra a sujeira e a doença. (VERÍSSIMO, 1939, s.p.)

A preocupação com a formação higiênica esteve presente nos discursos de médicos, de educadores e de intelectuais preocupados com a educação nacional. Se a escola era um poderoso aliado na formação de indivíduos sãos, com bons hábitos cívicos e de higiene, a leitura não ficaria em segundo plano, de acordo com Veríssimo. *Aventuras no mundo da higiene* evidencia o comprometimento do autor com um discurso de higienização pessoal e social, assumido como meio para a “salvação” e o progresso do país. Trava-se de um manual escolar, cuja função era informar e educar. A ficção era utilizada, em acréscimo, com vistas a estimular a leitura do conteúdo técnico e prescritivo, tornando-o mais agradável ao jovem leitor.

O AHECC - Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos, que reúne documentos pedagógicos e administrativos da instituição entre 1930 e 1969, guarda exemplares do livro *Aventuras no mundo da higiene*, fato que sugere a utilização do impresso em atividades escolares, como era a intenção da Livraria e Editora do Globo e de Erico Veríssimo. A presença

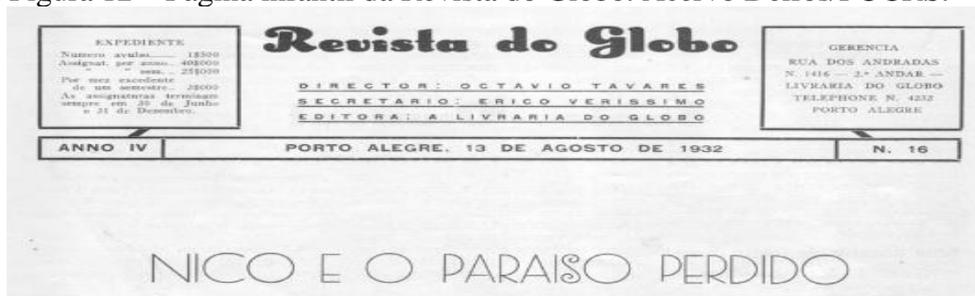
desse livro e outros escritos por Erico Veríssimo no acervo da instituição se mostra um importante indicador da utilização das obras.

A Escola Caetano de Campos<sup>48</sup>, escola normal paulista, com prédio definitivo inaugurado em 1894, dedicava-se à formação de futuros professores. Dois anos após a inauguração da Escola Normal, começou a funcionar, em prédio anexo, o Jardim de Infância da Praça da República, concebido com a finalidade de servir como campo de estágio às normalistas. A Escola Normal Caetano de Campos tornou-se centro de referência e de difusão de teorias científicas e pedagógicas, além de espaço para experiências e desenvolvimento de práticas inovadoras na educação escolar nas décadas de 1920 e 1930.

Em pesquisa coordenada por Diana Gonçalves Vidal e Rebecca Rogers<sup>49</sup>, é analisada a atuação de uma professora, Alice Meirelles<sup>50</sup>, no Jardim de Infância anexo a Escola Normal Caetano de Campos. Seu trabalho é caracterizado como alicerçado em tendências escolanovistas. A presença de livros infantojuvenis de Erico Veríssimo na instituição indica a circulação de tais obras em uma escola que seria modelo para outros espaços escolares.

O autor Erico Veríssimo escreveu, também, alguns textos publicados na *Revista do Globo*, entre eles: *Nico e o paraíso perdido* e *O burrico, o palhaço e outros bichos*, ambos publicados em 1932, contudo, não na Seção Infantil do periódico, mas na página de rosto, que apresentava, no cabeçalho, o nome do diretor da revista, Octávio Tavares, e do secretário, Erico Veríssimo.

Figura 12 – Página infantil da Revista do Globo. Acervo Delfos/PUCRS.



Outro aspecto além da edição de histórias na Seção Infantil é a divulgação das coleções *Biblioteca de Nanquinote*, *Burrinho Azul* e *Aventura*. Das 11 obras da Livraria e Editora do

<sup>48</sup> KUHLMANN JR, Moysés. O jardim da infância Caetano de Campos. In: REIS, Maria Cândida Delgado (Org.). Caetano de Campos: fragmentos da história da instrução pública no Estado de São Paulo. São Paulo: Associação de ex-alunos do Instituto de Educação Caetano de Campos, 1994. p. 61-72.

<sup>49</sup> “Mulheres e Inovação docente (São Paulo-França, 1860-1960)” é coordenado por Diana Gonçalves Vidal (FEUSP) e Rebecca Rogers (Université Sorbonne-Paris-Cité) - <https://histeduc.wixsite.com/genre-genero>.

<sup>50</sup> VIDAL, Diana; RABELO, Rafaela; ECAR, Ariadne; FRANCHINI, Fernanda. Democracia, Escola e Infância: Legado e Utopia Escolanovista. In: BOTO Carlota; AQUINO, Julio Groppa (orgs). *Democracia, escola e infância*. São Paulo: FEUSP, 2019. pp. 107-122.

Globo citadas na *Revista do Globo*, entre os anos de 1935 e 1960, três títulos são de Erico Veríssimo: *A vida do elefante Basílio*, *Outra vez os três porquinhos*, *Urso-com-música-na-barriga*. Como se vê, Erico Veríssimo se fez presente nas diferentes vertentes da criação literária e educativa.

Mas Veríssimo foi, também, editor da Livraria e Editora do Globo e da revista de mesmo nome, a *Revista do Globo*.

## 1.2 O profissional do livro

A Livraria e Editora do Globo deve ser considerada para a compreensão da vida literária na cidade de Porto Alegre, tendo em vista o lugar que ocupa o editor como mediador cultural.

De acordo com as pesquisas de Robert Darnton (1990) acerca da história do livro da França pré-revolução, personagens como livreiros e tipógrafos correspondem a agentes “pouco familiares” na história da literatura. A história literária tende a se concentrar ora em grandes escritores, ora em grandes livros, mas livreiros ou editores são, muitas vezes, deixados de lado. Quando os editores são estudados, trabalha-se com uma concepção mais ampla de literatura, considerando homens e mulheres envolvidos em todas as atividades que tenham contato com as palavras.

A relação de Erico Veríssimo e a Livraria e Editora do Globo é tão próxima que se torna difícil dissociar a trajetória do escritor dos serviços prestados à Livraria e Editora, mesmo quando se tornou um colaborador e conselheiro editorial. Na condição de editor, Veríssimo ilustra bem a posição de agente mediador cultural<sup>51</sup>. Dirigia a revista, traduzia contos e artigos de publicações americanas, francesas, inglesas, italianas e argentinas, e mandava reproduzir suas ilustrações. Vê-se que o escritor assumia grande parte da produção do periódico. Conselheiro editorial, pensava em quais títulos seriam interessantes para os leitores. Essa dupla função de escritor e de editor muito nos interessa, pois aponta para aquilo que Jean François Sirinelli (2003) considera atributo dos intelectuais produtores de bens simbólicos, como os escritores, e dos intelectuais que são mediadores culturais, como os editores e tradutores.

O autor do romance que conta a história do Rio Grande do Sul, *O Tempo e o Vento*, narra em sua autobiografia que, nos papéis de secretário e diretor da *Revista do Globo*, tinha entre seus “principais colaboradores” a tesoura e o pote de cola:

---

<sup>51</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

Durante o dia eu trabalhava intensamente na redação da *Revista do Globo*. O processo era mais ou menos o mesmo de outras revistas brasileiras da época. Nossos “colaboradores” eram a tesoura e o pote de cola. Como nunca havia verba para comprar matéria inédita, o remédio era recorrer à pirataria. Eu traduzia contos e artigos de revistas americanas, francesas, inglesas, italianas e argentinas, mandando também reproduzir em preto e branco suas ilustrações. (VERÍSSIMO, 2005, p. 202)

Contudo, Veríssimo narra que em certa ocasião recebeu um conselho de um dos gerentes para que não publicasse muita literatura, “pois o importante era fazer uma revista popular, com muitas figuras” (VERÍSSIMO, 2011, p. 24-25). Recorda que também publicavam sonetos escritos por coronéis ou aposentados que se mostravam bons fregueses da casa-editora. Nesse sentido, o que menos importava era a qualidade literária dos escritos (VERÍSSIMO, 2011).

No comando da oficina gráfica, por várias vezes teve que escrever algo que ocupasse os espaços vazios da página do periódico:

Com frequência os nossos paginadores me telefonavam da oficina, comunicando-me que necessitavam de matéria para encher um espaço vazio de alguns centímetros, no fim duma página. “Espere um minuto!” – dizia eu. Punha papel na máquina de escrever e improvisava um poema à maneira oriental, atribuindo-o a um poeta árabe, chinês, japonês ou persa, todos imaginários, e mandava-o para o linotipista. Não raro vinha lá de baixo um chamado aflito: “Faltam ainda cinco linhas!”. Eu então ditava pelo telefone os versos suplementares em que apareciam amendoeiras floridas, cálidas areias do deserto, rosas dos jardins do Alhambra, luas sobre o Ganges... “Chega?” Havia uma pausa. “Agora tem uma linha sobrando...” – dizia o paginador. “Bom, tire fora essa flor de lótus. Faça ponto onde se lê *desceu ao jardim*”. (VERÍSSIMO, 2005, p. 237)

Mas seu tempo à frente da *Revista do Globo* foi curto. Logo foi recrutado para ser “conselheiro editorial” por Henrique Bertaso, que traçava um projeto editorial para a Livraria e Editora do Globo, com planos para editar literatura gaúcha, livros didáticos, gramáticas e manuais. Ao introduzir romances policiais e de aventura, traduzidos da língua inglesa, a editora se permitiu investir em projetos caros e incertos, ampliando o público leitor, visto ter colocado em circulação uma grande quantidade de opções de leitura. Muitos volumes foram editados em formato econômico e com tiragens altas<sup>52</sup>.

Como conselheiro editorial, Veríssimo foi o responsável por introduzir romances policiais, sentimentais e de aventura norte-americanos e ingleses ao catálogo da Livraria e Editora do Globo. Pensando na qualidade dos livros e em como baratear sua produção, Erico Veríssimo auxiliou na organização das diversas coleções publicadas pela casa editora, além de ter apresentado autores nacionais como Mario Quintana e Jorge de Lima, e reeditado obras de Oswald de Andrade e Simões Lopes Neto.

<sup>52</sup> Altas tiragens na década de 1930, de acordo com a pesquisa empreendida por Hallewell (1985, p. 173), seriam impressões acima de 4 mil exemplares por vez.

A ampliação de obras editadas preocupava Veríssimo quanto à qualidade. Por esta razão pensou em soluções para questões como equilibrar *best-sellers* e novos autores, como embelezar o livro, melhorar as traduções; tudo isso barateando os exemplares e considerando o mercado ainda pequeno no país. Fato que colocava outra questão importante: como levar os livros publicados além dos limites do Estado do Rio Grande do Sul?

Assim foram surgindo as coleções da Livraria e Editora do Globo, que ajudaram a despertar o gosto literário e incentivar a formação de novos leitores no país (TORRES, 2012). Esses novos leitores puderam ler, pela primeira vez, dezenas de escritores até então desconhecidos. Nesse movimento, autores como Mario Quintana, Jorge de Lima e Dyonélio Machado foram lançados, e outros como Oswald de Andrade e Simões Lopes Neto foram reeditados.

Decidimos um dia resgatar do olvido o homem que era, sem nenhum favor, um dos maiores contistas regionais do Brasil. [...] Fizemos a transação, decididos que estávamos a lançar Contos Gauchescos e Lendas do Sul numa edição crítica [...] Mais tarde, Carlos Reverbel, jornalista e historiador e também “especialista” em Simões Lopes Neto, catou em velhos jornais e revistas uma série de pequenas estórias que a Globo editou sob o título de Casos do Romualdo. E assim um grande escritor in natura foi revelado ao Brasil. (VERISSIMO, 1972, p. 83-84)

Contudo, as traduções requeriam atenção de Veríssimo. De acordo com o estudo de Hallewell (2012, p. 320),

O reduzido mercado livreiro antes de 1940 limitava os orçamentos das editoras e isso estabeleceu uma tradição, que perdura até hoje, de que a tradução é um trabalho subalterno mal pago. A escassez de tradutores competentes em outras línguas, além do francês e do espanhol, acrescia a distorção decorrente do uso de uma versão nessas línguas como intermediária para a tradução.

Consagrados escritores brasileiros trabalharam na Livraria e Editora do Globo como tradutores, entre eles, destacam-se nomes como os de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana e Manuel Bandeira, além do próprio Veríssimo, que traduziu dezenas de livros, como o título *A morte mora em Chicago*, de Edgar Wallace.

Aproveito esta oportunidade para uma confissão. Estava eu a traduzir o *On the Spot*, de Edgar Wallace, quando, movido pelo tédio quase mortal que o livro me produzia, resolvi colaborar com o autor e tomar liberdades com o texto, respeitando a estória mas modificando o estilo. Fiz o diabo. A novela foi publicada com o título de *A Morte Mora em Chicago*. Será demasiada pretensão afirmar que em português ficou melhor que no original? (VERISSIMO, 1972, p. 45)

No excerto acima destaca-se o papel do tradutor e do editor de uma obra literária. Não sendo o editor o responsável direto pela criação do texto, ainda assim existe uma margem de criação na qual ele atua, imprimindo suas próprias marcas à obra. Veríssimo foi, sob determinados aspectos, criador e mediador cultural.

A existência de dois conjuntos de dispositivos que se cruzam e se confundem na produção de livros é apontada por Chartier (2011). Um, de criação do autor, que acaba por incluir “protocolos de leitura”, que guiam o leitor. O outro, constituído pelas formas tipográficas do texto, que são a disposição e divisão do texto, a tipografia e a ilustração. Situados na esfera da impressão, são decididos pelo editor, variáveis e com a capacidade de sugerir diferentes leituras de um mesmo texto. Verifica-se, pois, a importância do trabalho do editor, inclinándose à atualização do texto.

Os dispositivos tipográficos têm, portanto, tanta importância, ou até mais, do que os “sinais” textuais, pois são eles que dão suportes notáveis às possíveis atualizações do texto. Permitem um comércio perpétuo entre textos imóveis e leitores que mudam, traduzindo no impresso as mutações de horizonte de expectativa do público e propondo novas significações além daquelas que o autor pretendia impor a seus primeiros leitores. (CHARTIER, 2011, p. 100)

Por conseguinte, a dupla função de autor e de editor<sup>53</sup>, no caso de Veríssimo, nem sempre foi tarefa das mais fáceis. Em conversa com Bertaso, lembrada para compor a biografia do colega de editora, Erico Veríssimo afirma:

Escrever, concluíamos, era um ato literário, artístico; publicar, um ato comercial ou industrial. O casamento entre autor e editor, portanto, estava condenado a ser uma união precária, sujeita a desconfianças, conflitos e até divórcios... (VERÍSSIMO, 2005, p. 38).

Considerando que as relações entre escritores e editores foram, ao longo da história, conturbadas, o direito de propriedade do texto escrito resultou uma conquista difícil para os escritores (ZILBERMAN; LAJOLO, 2003). Darnton (1990), autor que se dedica a estudar a história dos livros e das edições na França do século XVIII, indica que editores estavam permanentemente envolvidos em intrigas literárias, atentos aos novos escritores, negociando direitos autorais e buscando formas de diminuir os custos da produção.

Os editores estavam sempre em negociações. Havia sempre uns doze projetos em andamento, e os que davam certo constituíam exceção – as transações que trouxeram ao mundo uma pequena dose de literatura a partir da nebulosa vastidão da literatura-que-podia-ter-sido. (DARNTON, 1990, p. 152)

Ainda que a aproximação entre a realidade vivida na Livraria e Editora do Globo e a descrita pelo pesquisador Robert Darnton no excerto acima pareça anacrônica, devido ao tempo

---

<sup>53</sup> Erico Veríssimo foi um dos poucos escritores que conseguiu obter da literatura o seu sustento, conforme afirmam diversos pesquisadores, entre eles Torresini (2004), que vai além, afirmando que a múltipla competência de Veríssimo (escritor-editor-tradutor) foi indispensável para viabilizar seu sustento. [Fonte: TORRESINI, Elizabeth Wenhausen Rochadel. As coleções da Livraria do Globo de Porto Alegre (1930 a 1950). In: I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2004.]

decorrido entre as duas, os relatos de Veríssimo sobre o trabalho na Seção Editora do Globo permitem a possibilidade de se pensar em aproximações apesar do distanciamento temporal. De acordo com Veríssimo, na Editora do Globo, trabalhava-se muito para estar à frente da concorrência e oferecer novidades ao leitor, mas sem perder de vista a qualidade das obras. Qualidade essa definida pelo ponto de vista do editor, cujas escolhas englobam aspectos técnicos a par dos ideológicos e culturais.

Envolta em um circuito de produção de livros, a década de 1930 no Brasil testemunhou um período no qual os debates acerca da educação tornaram-se intensos e a literatura infantil ocupou um lugar de importância no cenário educacional. Segundo Lajolo (2001, p. 66), “na tradição brasileira, literatura infantil e escola mantiveram sempre relação de dependência mútua”; a escola recorria e ainda recorre aos livros de literatura infantil para difundir valores, conceitos, atitudes, comportamentos para as crianças.

Importante notar que, também na década de 1930, um outro autor brasileiro projetava uma coleção de livros infantis com intenções pedagógicas, Monteiro Lobato, que escrevia de forma alinhada ao pensamento educacional vigente no país à época, o movimento da Escola Nova<sup>54</sup>, que assinalou outros rumos para a educação brasileira. Em linhas gerais, pregava-se que a “pedagogia nova não admite mais o ensino imposto, e, sim, o aprendizado ativo e funcional, isto é, o aluno respeita as leis da sua evolução e dos interesses correspondentes, realizando o próprio aprendizado sob as vistas amigas e ponderadas do mestre” (VIDAL, 2003, p. 500). As personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo ilustram bem essa forma de aprendizagem ativa, ouvindo histórias contadas pelos habitantes mais velhos do sítio, que, desempenhando papel de mediadores, facilitavam o aprendizado, não o impunham, além de propiciarem aventuras que possibilitavam o aprendizado.

A transformação de um país predominantemente agrário para um em que a burguesia urbana toma para si a tarefa de modernização por meio de uma incipiente industrialização instiga a busca por uma nação que comande seu destino e exige um novo modelo educacional,

---

<sup>54</sup> Esse movimento chegou ao Brasil no final do século XIX, com o intuito de “[...] transformar as normas tradicionais da organização escolar, com isso ensaiando uma escola nova, no sentido de escola diferente das que existem” (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 17). Se fixou no país por meio do *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova* (1932), que posicionava a criança no centro do processo de ensino, atribuía à educação o papel de transformação do país e a institucionalização de uma escola pública, laica, gratuita e para todos. Em acréscimo, a professora Libânea Nacif Xavier (2002) defende que o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi um divisor de águas na história da educação brasileira, uma vez que, segundo a pesquisadora, o movimento da Escola Nova no Brasil foi base do processo de organização da educação pública em nível nacional e, também, coetâneo do processo de modernização do Estado brasileiro. [Fonte: VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: *500 anos de educação no Brasil*. VEIGA, Cynthia Greive, LOPES, Eliane Marta Teixeira, FÁRIA FILHO, Luciano Mendes de (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª. Ed., 2003. pp. 497-517.]

em que confluíam forças liberais brasileiras e influências externas da democracia americana, denominado Escola Nova. Entre os intelectuais atuantes neste movimento é possível citar Lourenço Filho, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo.

Ainda que Lobato não demonstrasse a intenção de se inserir no movimento da Escola Nova, é possível perceber aproximações entre as histórias infantis de Monteiro Lobato e os fundamentos da Escola Nova, pois o processo educativo consistiria na interação da criança com o professor, experiente e maduro, que representa os fins, as ideias e os valores sociais. O livro adotado pela escola deveria abrir espaço para a liberdade e espontaneidade da criança, que se tornaria o centro do trabalho educativo, e deveria ser lido de forma prazerosa e voluntária, ampliando os conhecimentos. Não à toa, Monteiro Lobato inaugura a sua própria casa editora, que passa a produzir os livros ajustados ao ideário dessa nova escola, e, ainda que Veríssimo não fosse o dono da Livraria e Editora do Globo, possuía autonomia para criar e ditar a *Biblioteca de Nanquinote*, com livros bastante diferentes daqueles que lia em sua época de frequentar os bancos escolares (CARVALHO, 2016).

Embora a figura do editor possa, muitas vezes, passar despercebida pelos leitores, é crucial no processo de construção de sentido do texto e na formação literária de uma ou mais gerações. O editor é, afinal, o responsável pelo objeto-livro que chega às livrarias, pensando seu formato, apresentação, qualidade gráfica, entre outros aspectos da obra que poderá chegar às mãos do leitor.

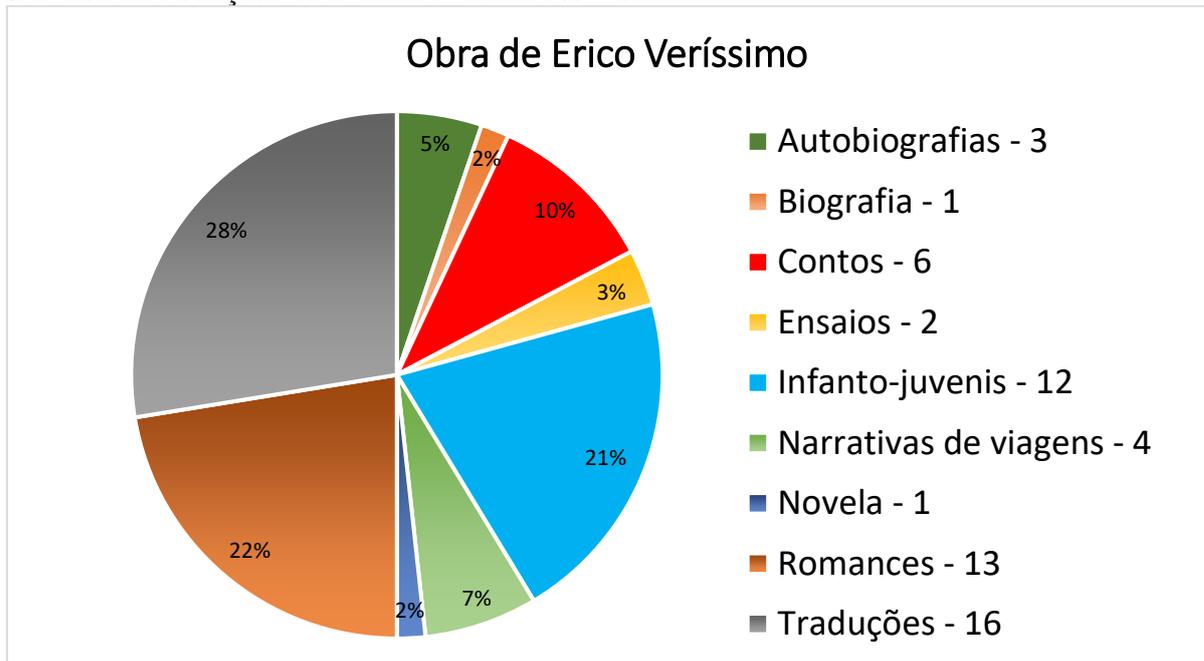
Desse modo, a consciência de Veríssimo, acerca dos caminhos que levam do manuscrito ao volume publicado, indica um possível impacto em sua produção literária, uma vez que o escritor mensurava suas obras com a “régua do editor”<sup>55</sup>. Logo, o autor se mantinha alerta aos interesses dos possíveis leitores ao mesmo tempo em que buscava a aceitação da crítica.

Além disso, a produção literária de Erico Veríssimo é diversificada e inclui desde os livros infantojuvenis até as traduções realizadas para a Livraria e Editora do Globo, conforme gráfico a seguir:

---

<sup>55</sup> MINCHILLO, Carlos Cortez. Autor, editor e editado: Erico Veríssimo sob o crivo norte-americano. In: Opiniões. Revista dos Alunos de Literatura Brasileira. São Paulo: FFLCH: USP, nº 11, 2017.

Gráfico 1 - Produção literária de Erico Veríssimo.



Fonte: Gráfico criado pela autora.

Destaca-se, a partir da sistematização anterior, as traduções, compondo a maior parte da obra de Veríssimo, seguida pelos romances, que consagraram o escritor. Outrossim, a literatura infantojuvenil também surge de forma expressiva na totalidade da obra do escritor gaúcho, somando 12 títulos, ao se considerar o livro *Gente e Bichos*, publicado em 1956 e que reúne, em um único impresso, as histórias editadas primeiro na *Biblioteca de Nanquinote*.

Ao analisar a produção de Veríssimo, nota-se que livros como *A vida de Joana D'Arc* (1935) e *As aventuras de Tibicuera* (1937), ainda que tenham sido escritos antes de alguns livros da *Biblioteca de Nanquinote*, não fizeram parte dela, mas de outras coleções organizadas pela Editora do Globo, como a Coleção “Burrinho Azul”, no caso de *A vida de Joana D'Arc*, e a *Coleção Aventura*, no caso do livro *As aventuras de Tibicuera*. Escolhas que podem indicar uma preocupação de que os livros alcançassem diferentes faixas etárias de possíveis leitores das produções da Livraria e Editora do Globo, além de serem utilizados com fins didáticos em instituições escolares, como pode indicar a inserção de “aventuras do Brasil” no título do livro *As aventuras de Tibicuera*.

Erico Veríssimo atuou como intelectual mediador, ao tornar didáticos conteúdos históricos para crianças e jovens, como fez ao escrever os dois livros indicados no parágrafo anterior ou quando foi agente de mediação intercultural entre Brasil e Estados Unidos<sup>56</sup>,

<sup>56</sup> Em 1941, Veríssimo recebe convite do Departamento de Estado norte-americano para ministrar conferências sobre literatura brasileira. Entre 1943 e 1945, retorna aos Estados Unidos para, novamente, ministrar conferências sobre literatura brasileira, mas, dessa vez, na Universidade da Califórnia, em Berkeley. No ano de 1952, Erico Veríssimo volta aos Estados Unidos a convite do ministro das Relações Exteriores João Neves

tentando auxiliar o ingresso de escritores brasileiros, no mercado estadunidense, como agente literário informal:

E está claro que vou fazer o possível para que essa história [Assunção de Salviano] apareça aqui em inglês. O manuscrito que você me mandou já está na Macmillan Co. Escrevi a Mr. Charles Cuningham, um sujeito ótimo, com quem me tenho sempre entendido com relação aos meus próprios romances. Vamos ver que dizem eles. Se não aceitarem a edição, tentarei Alfred Knopf. (VERÍSSIMO, 1955)

Atuou, ainda, como mediador cultural, quando teve o poder de decisão quanto à publicação de livros, tanto na Livraria e Editora do Globo quanto no Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana da OEA, indicando e vetando publicações, artistas e obras de arte que buscavam notoriedade e incentivos da União Pan-Americana. Esse período se inicia em 1952, quando Erico Veríssimo retornou aos EUA, para dirigir o Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana. Ao longo desses anos, conheceu vários países, como México, Equador, Venezuela, Panamá, Peru, Porto Rico, além de liderar uma campanha contra o analfabetismo nas Américas, proferir discursos contra a ditadura e a miséria latino-americanas nas conferências realizadas pela União Pan-Americana, buscar soluções para problemas políticos e culturais da região.

Figura 13 - Veríssimo em seu gabinete na União Pan-americana (1953). Acervo ALEV




---

da Fontoura, assumindo o cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana da OEA, lá, permanecendo até 1956.

Um exemplo de pronunciamento acerca da infância latino-americana é o discurso realizada no X Congresso Pan-Americano da Criança no Panamá (Anexo IV)<sup>57</sup>. Na ocasião, Veríssimo afirma ter “um carinho muito especial pelas crianças” e menciona as histórias que escreveu para elas. Defende, ainda, que seu interesse por “bem-estar e destino” nada teria de acadêmico, mas, profundamente, humano. Suas inquietações seriam sobre a forma de sobrevivência de muitas sociedades latino-americanas, em que milhões de pessoas viviam na extrema miséria. Para Veríssimo, não haveria “cruzada mais nobre e grandiosa para homens de pensamento e governo do que arrebatar das enfermidades, analfabetismo e miséria essas imensas massas que vivem à margem da vida”. Então, o meio para isso seria garantir que cada um tivesse ciência de “seu corpo, sua alma, seu direito à felicidade e de participar plenamente dos benefícios da comunidade humana”.

Ainda, em seu pronunciamento, observa que esse seria o grande desafio de “nossos estadistas, professores, escritores e cientistas”. O escritor também afirmava não acreditar em um mundo perfeito, sublinhava que, se “usássemos todos os recursos da tecnologia e da ciência com um espírito de justiça, poderíamos eliminar completamente calamidades sociais como a fome, as doenças infecciosas e a miséria crônica”. Prossegue, indicando que, para ele, a “melhor maneira de iniciar esta grande cruzada em prol da recuperação de populações marginais seria prestar uma atenção crescente aos problemas da criança”, visto que não fazia sentido todo o empenho em salvar suas vidas nos seus primeiros anos para deixá-las morrer nos campos de batalha e em cidades bombardeadas na guerra.

Em outro discurso proferido, enquanto exercia a função diplomática na OEA, Veríssimo se mostra bastante preocupado com o “analfabetismo” na América Latina. Chegou mesmo a afirmar que seria esse “um dos maiores problemas da América Latina hoje – como em muitas outras partes do mundo”. Seu aprofundamento no tema demonstra tal preocupação com clareza:

Estima-se que nos países ao sul do Rio Grande não haja menos de 70.000.000 de adultos que não sabem ler nem escrever. Aqui nos Estados Unidos, atualmente se expressa grande preocupação com a superlotação nas escolas públicas. Na América Latina, no entanto, calcula-se que 14.000.000 de crianças não têm nenhuma escola para frequentar. O problema não é apenas o edifício escolar, mas também professores e textos. Se algumas das nações maiores, como o México, iniciaram suas próprias campanhas de alfabetização, muitos dos países menores e mais pobres carecem não apenas de instalações, mas também do pessoal técnico treinado para realizar ações desse tipo. (VERÍSSIMO, 1956, *apud* BORDINI e FAURI, 2020, p. 252)

<sup>57</sup> Os discursos proferidos por Erico Veríssimo entre 1953 e 1956, quando dirigiu o Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-americana, foram recuperados pela Profa. Dra. Ana Letícia Fauri. Tais discursos foram traduzidos e publicados, em co-autoria com a Profa. Dra. Maria da Glória Bordini, no livro *Erico Veríssimo na União Pan-americana: Discursos 1953-1956*. [Fonte: BORDINI, Maria da Glória; FAURI, Ana Letícia (Orgs.). *Erico Veríssimo na União Pan-americana: Discursos 1953-1956*. Rio de Janeiro: Makunaima, 2020.]

Durante esses anos diplomáticos em Washington, que incluíram supervisionar as divisões e seções de Educação, Filosofia e Letras, Música e Artes Visuais, Ciências Sociais e a Biblioteca Colombo, Veríssimo não se dedicou muito à ficção, mas, ao tentar retomá-la, viu-se desenhando figuras mexicanas, o que o levou a escrever o seu terceiro relato de viagem, o livro *México* (1957). Conviveu, ainda, com, aproximadamente, 80 funcionários, entre eles, um ex-ministro da Educação colombiano, um professor de Filosofia e um físico argentinos, um antropólogo espanhol, um romancista mexicano, um crítico de arte cubano, um regente colombiano, além de vários PhDs americanos.

Quanto à difusão da literatura brasileira, destaca-se o trabalho apresentado em um congresso sobre Literatura Infantil, em Washington, em novembro de 1955.

Acerca dessa experiência na União Pan-Americana, Veríssimo deixa transparecer certa fadiga com a rotina, a burocracia e o acúmulo de compromissos relacionados às suas funções:

A mesa cheia de papeis. Minha cabeça cheia de preocupações, problemas. Sou uma espécie de quebra-mar a separar duas fortes correntes aqui no departamento: a americana – fria, funcional, impessoal, eficiente; a latina, quente, pessoal, imprevisível. De vez em quando as rivalidades e diferenças vêm à tona. E o quebra-mar sofre. (VERÍSSIMO, [Carta] 26 mar. 1956. Washington [para] ALMEIDA, Lúcia Machado de. In: Fundação Casa de Rui Barbosa, pasta VERÍSSIMO, Erico, doc. 82.28)

Uma das funções de Erico Veríssimo, no Departamento de Assuntos Culturais, consistia em participar de conferências. Em uma delas, sobre a infância no Panamá, o escritor demonstrou que preservou o direito de liberdade de pensamento, mesmo na condição de membro da União Pan-Americana. Seu discurso foi contundente:

Não é suficiente recitar para populações abandonadas belas páginas sobre as maravilhas de nossa “civilização ocidental”. O “bill of rights” não tem nenhum sentido para o índio descalço, esfarrapado, faminto e doente. Há em nosso continente milhões de pessoas para as quais um prato de arroz ou um pedaço de carne vale mais que a mais bonita das Constituições ou que as declarações de direito humano. (VERÍSSIMO, Conferencia Del Niño. ALEV 01j0089-55)

Sua avaliação sobre o período na OEA deixa transparecer problemas relativos à máquina burocrática enfrentados ainda hoje:

Bom, honestamente eu achava a Organização muito boa em princípio, mas cheia ainda de defeitos funcionais e programáticos. Seus projetos eram demasiadamente pomposos e na maioria dos casos inócuos. Emperrava-a também um excesso de burocracia. Por outro lado, os embaixadores que representavam seus países junto à OEA não tinham autoridade suficiente para agir antes de fazer consultas repetidas e demoradas a seus governos. E, dum modo geral, a Organização nunca encarava de frente e resolutamente os problemas realmente sérios das Américas (VERÍSSIMO, 2005, p. 314).

Ao retornar ao Brasil, após esses anos de uma rotina cansativa, ele retoma suas atividades na Livraria e Editora do Globo, situada em uma das principais ruas de Porto Alegre, a Rua da Praia ou Rua dos Andradas, um ponto de convergência de intelectuais da época, experiência relevante para o desenvolvimento da atividade editorial na Região Sul, e também em todo o país.

### 1.3 Os espaços de sociabilidade do mediador Veríssimo

Na região em que está localizada a Rua dos Andradas, o cenário no qual acontecia a vida pública moderna da cidade, localizavam-se hotéis sofisticados, cafés, bares e restaurantes. Esses espaços funcionavam como locais para os encontros públicos cotidianos, além de abrigarem também os principais jornais da cidade, os cinemas e o *footing*, ou o passeio a pé. A cidade se queria moderna, buscava essa imagem por meio da urbanização, das vestimentas das pessoas, das atitudes, dos hábitos sociais e dos impressos que por lá circulavam.

Figura 14 - Rua dos Andradas (Rua da Praia), altura do Café Colombo, 1936. Acervo Museu Joaquim Felizardo.



Nesse sentido, um importante ponto de convergência de intelectuais da época eram os bares da Rua da Praia, por onde transitavam escritores, jornalistas, políticos. A mais famosa e requintada via comercial da capital do Estado abrigava o espaço de uma livraria que congregava

o círculo de literatos e políticos da “nova geração”. Ainda, na década de 1920, o número 268 da rua já se tornara o principal ponto de encontro dos intelectuais gaúchos, que se reuniam à porta do estabelecimento, “onde ficavam a fumar, discutir política e/ou literatura e a olhar a colorida parada das calçadas”. O número 268 não era um bar, mas a sede da Livraria e Editora do Globo, que, entre outros frequentadores, tinha Getúlio Vargas como presença ilustre, que continuou a se juntar ao grupo mesmo depois de eleito para o cargo de presidente do Rio Grande do Sul.

Nessa época, a capital do Rio Grande do Sul contava com uma população acima dos 100.000 habitantes, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE<sup>58</sup>. Ainda de acordo com o recenseamento de 1920, a cidade de Porto Alegre possuía significativa parcela da população que não dominava o código escrito. Já o estado Rio Grande do Sul apresentava os seguintes números relacionados ao domínio do código escrito por seus moradores:

Tabela 2 – Níveis de alfabetização no Rio Grande do Sul na década de 1920.

Cidadãos	Rio Grande do Sul			Porto Alegre		
	0-6 anos	7-14 anos	15-+anos	De todas as idades	15-+anos	De todas as idades
<b>Alfabetizados</b>	4.035	161.612	682.295	847.942	87.118	104.966
<b>Não alfabetizados</b>	480.028	308.511	546.232	1.334.771	32.645	74.297

Fonte: Organizado pela autora com base no Recenseamento de 1920, disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros>.

É essa capital que abrigava a Rua da Praia, a “sala de visita” da cidade, e, também do estado do Rio Grande do Sul, merecedora de um capítulo no livro *No Tempo da Flor*. Nele, Augusto Meyer afirma

E a Rua da Praia foi um dos primeiros sonhos dourados e uma das grandes aventuras do menino Bilu. Era o vago e fascinante país dos cinemas, dos cafés, das confeitarias, das livrarias, das casas de negócios, das redações de jornal, das vitrinas que enchiam o olho. (MEYER, p. 124)

Na Rua da Praia, as pessoas se encontravam, conversavam sobre o futuro e construíam a identidade da capital. Seus cinemas ficaram na memória dos frequentadores, assim como os jornais *Correio do Povo* e *A Federação*<sup>59</sup>.

<sup>58</sup> A esse respeito, verificar Anexo I – mapa elaborado pela SEPLAN-RS/DEPLAN - 02/2015.

<sup>59</sup> O jornal *A Federação* foi fundado em 1º de janeiro de 1884, na então Província de São Pedro (RS). De cunho político-partidário, tinha como missão divulgar os ideários republicanos. Dirigido, primeiro, por Venâncio

A Livraria do Globo ocupa um lugar especial na memória afetiva e cultural da cidade de Porto Alegre. Nela, reuniam-se escritores, artistas, personalidades da cultura e da política. Em uma época em que o Estado pleiteava a liderança da federação, suas produções, livros e revistas divulgavam o que se fazia no sul do país. Sua importância era reconhecida tanto nacional como internacionalmente. Augusto Meyer, Darcy Azambuja, Athos Damasceno, Vargas Neto, Moysés Vellinho, Ernani Fornari, De Souza Junior e Erico Veríssimo eram os literatos que formavam o círculo intelectual da Livraria, somando-se a eles três personagens que teriam ampla atuação na vida política - João Neves da Fontoura, Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas. A Livraria do Globo “era o centro nervoso da inteligência local – e do poder político e econômico, esferas que então se confundiam – nos anos 20 e 30” (NASI, 2000, p. 1). Talvez esse intenso movimento nas ruas, nas calçadas e nos demais espaços públicos dos arredores tenha possibilitado a Livraria e Editora do Globo se constituir como lugar de grande relevância para a vida literária gaúcha a partir da década de 1930.

Considerada a segunda maior editora do país na década de 1930, de acordo com pesquisa realizada por Paula Ramos (2007), a empresa era a responsável por 6% dos lançamentos, ao passo que a Companhia Editora Nacional era a responsável por 14% e a José Olympio, por 5%. Essas três editoras detinham 25% do mercado editorial do país. Nessa vertente, Sérgio Miceli (1979) afirma que São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul<sup>60</sup> reuniam 61% das editoras do país, e a Livraria e Editora do Globo era a responsável por 6% dos lançamentos<sup>61</sup>.

À medida que a Livraria e Editora do Globo ia crescendo, abriram-se filiais no interior do Estado do Rio Grande do Sul e também no Rio de Janeiro, chegando a possuir uma representação em Paris, além de uma rede de distribuidores, como livreiros, bancas de revistas, bibliotecas e museus, conforme assinala Bertaso (1993). Essa estratégia parece se aproximar da estratégia criada por Monteiro Lobato para vender suas produções, guardadas as devidas proporções, visto que envolveu, até mesmo, farmácias e armazéns para a venda de livros (HALLEWELL, 1985).

---

Ayres (até 1884) e, em seguida, por Júlio de Castilhos. Circulou até novembro 1937, quando se instalou o Estado Novo (1937-1945), sob o comando do presidente Getúlio Dornelles Vargas, que decretou o encerramento das publicações do jornal. No mesmo ano foram extintos os partidos políticos no Brasil.

<sup>60</sup> Em 1920 o percentual de alfabetizados no Rio Grande do Sul era de 38,8%, nove pontos superior ao verificado em São Paulo e quatorze pontos maior em relação à média nacional, de acordo com estudos do brasilianista Joseph Love (1975, p. 21; p. 139). Ainda, Segundo Hallewell, o “Rio Grande do Sul podia orgulhar-se de ter proporcionalmente mais crianças em idade escolar nas escolas do que qualquer outro estado brasileiro: 228 a cada mil crianças, em comparação com os 162 a cada mil de São Paulo” (HALLEWELL, 2005, p. 390).

<sup>61</sup> Em acréscimo, entendemos que esses dados foram divulgados, primeiro, por Hallewell, em sua obra *O Livro no Brasil* (1985).

Reflexões sobre a malha editorial da Livraria e Editora do Globo são apresentadas por Luis Fernando Veríssimo:

[...] Como eles conseguiram? Como uma pequena editora, sem qualquer tradição no ramo, lá na remota Porto Alegre, chegou a ter a força e a influência da Globo dos anos 30 e 40?

[...] É verdade que a vizinhança de Porto Alegre com as capitais do Prata lhe conferia uma identidade cultural diferente da de outros centros “remotos”. E que a crescente influência gaúcha na política da República ajudava a nova projeção intelectual do Estado (algumas das figuras dominaram a política brasileira do período, como Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura e Oswaldo Aranha, eram *habitués* da velha Livraria do Globo). Mas nada disso explica a súbita criação, praticamente do nada, daquela usina de ideias e empreendimentos e daquela coleção, inédita no ramo editorial brasileiro, de bons tradutores, ilustradores e outros profissionais do livro, todos dedicados a trazer a melhor literatura do mundo com a melhor qualidade possível para o mercado leitor brasileiro. E um mercado, diga-se de passagem, obviamente muito menor do que é hoje. Como eles conseguiram? (VERÍSSIMO, 1993, p. 7-8).

Entretanto seria a Livraria e Editora do Globo uma empresa ou uma instância de intervenção cultural? Se, por um lado, a editora poderia ser vista como uma empresa de intervenção cultural; por outro, estava atenta para previsões e cálculos do mercado, pois a venda de livros deveria ser lucrativa.

Erico Veríssimo começou a trabalhar na Livraria e narrou esse dia em seu livro de memórias, *Solo de Clarineta*, em um diálogo que teve com Mansueto Bernardi, em dezembro de 1930, às portas da Livraria:

\_ Vamos publicar no próximo número o seu conto “Chico”, com a sua ilustração – anunciou-me o autor de *Terra convalescente*. Olhou-me por um instante e depois murmurou:

\_ Você escreve, traduz, desenha... Seria portanto o homem ideal para trabalhar em nosso quinzenário, no futuro.

\_ Por que no “futuro” – perguntei – se estou precisando do emprego agora? Mansueto permaneceu pensativo por um instante.

\_ Quanto espera ganhar?

Arrisquei:

\_ Um conto de réis<sup>62</sup>.

Era um salário apreciável para a época. O poeta coçou o queixo, indeciso.

\_ É uma pena. Não temos verba para tanto. Mas qual seria o ordenado mínimo que você aceitaria para começar?

\_ Seiscentos – respondi sem pestanejar.

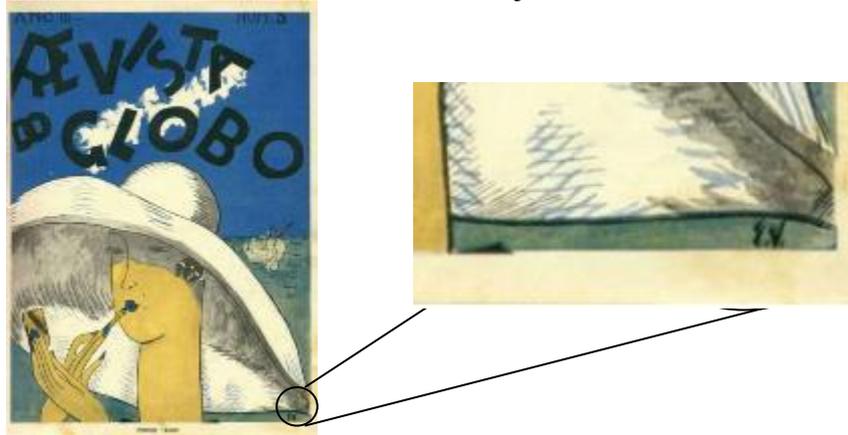
\_ Pois está contratado. Pode começar no dia primeiro de janeiro. Ah! Você entende de “cozinha” de revista?

\_ Claro! – menti. Nunca havia entrado numa tipografia de verdade. Jamais vira uma linotipo. Não tinha ideia de como se armava uma página ou como se fazia um clichê. (VERÍSSIMO, 2005, p. 236).

<sup>62</sup> Aproximadamente R\$1.000,00, atualmente. Um carro Dodge Vletor, por exemplo, poderia ser comprado pelo valor de 5 contos de réis, algo em torno de 6 mil Reais *site* do Banco Central do Brasil. [Fonte: <https://www.bcb.gov.br/acesoinformacao/legado?url=https:%2F%2Fwww.bcb.gov.br%2Fpre%2Fmuseu%2Fodinheiro.asp>].

Veríssimo, aos 25 anos, procurando trabalho em Porto Alegre, inicia sua participação na história da Livraria do Globo e um capítulo decisivo na sua própria história. Uma vez funcionário da casa, Erico Veríssimo produziu páginas de humor, letreiramentos<sup>63</sup> e vários desenhos, tendo ilustrado uma capa da *Revista do Globo* (nº 3 de 24 de janeiro de 1931), reproduzida a seguir. Foi também secretário da Revista.

Figura 15 – Capa da Revista do Globo assinada por Erico Veríssimo com as iniciais de seu nome E.V., nº 3, jan de 1931. Acervo Delfos.



A capa da *Revista do Globo* ilustrada por Erico Veríssimo somente apresenta as letras iniciais de seu nome no canto inferior direito, de forma bastante discreta. Erico Veríssimo ilustrou também seus próprios contos e demais matérias que foram publicados no periódico mais conhecido da Livraria e Editora do Globo.

Na condição de funcionário e colaborador da Livraria e Editora do Globo, mesmo acreditando que estava em desvantagem intelectual, por não ter concluído o curso do Colégio Cruzeiro do Sul<sup>64</sup>, Erico Veríssimo circulou em grupos de intelectuais<sup>65</sup> da cidade de Porto Alegre e, também, de todo o estado do Rio Grande do Sul, tendo convivido com intelectuais do

<sup>63</sup> Procedimento relativo ao emprego de letras nas páginas dos livros de histórias. Títulos, créditos, quaisquer tipos de textos são os objetos desse trabalho. Nos livros para crianças, possui papel essencial na construção e no entendimento da história, pois pode veicular importantes informações sobre as personagens, o contexto, os aspectos sonoros, etc.

<sup>64</sup> Colégio da capital, Porto Alegre, que funcionava em regime de internato e para onde Erico Lopes Veríssimo foi enviado pelos pais.

<sup>65</sup> Seguindo as sugestões teórico-metodológicas de Sirinelli, para quem estudar/pesquisar os intelectuais exige “a constituição de um *corpus* de textos e uma abordagem prosopográfica dos itinerários” (SIRINELLI, 1996, p. 238), consideram-se biografias, memórias, autobiografias, periódicos e impressos para indicar e analisar essa rede que se formou contando com a figura de Erico Veríssimo.

seu estado e do restante do país: Athos Damasceno<sup>66</sup>, Maurício Rosenblatt<sup>67</sup>, Mário Quintana<sup>68</sup>, Manoelito de Ornellas<sup>69</sup> e Augusto Meyer<sup>70</sup> (VERÍSSIMO, 2011, p. 55). Em viagem ao Rio de Janeiro, em 1935, amplia seu círculo de amizades, ao conhecer Jorge Amado, José Lins do Rego<sup>71</sup>, Carlos Drummond de Andrade<sup>72</sup>, Graciliano Ramos<sup>73</sup> e José Olympio<sup>74</sup>.

Para a compreensão das relações que se davam na Livraria e Editora do Globo, é importante considerar o que levou à aproximação entre esses intelectuais. De certo modo, as críticas são, também, entendidas como espaços sociais de trocas, uma vez que existe um diálogo entre o crítico, o autor e os possíveis leitores dos livros publicados. Entende-se que diferentes fatores devem ser considerados ao estudar estas trajetórias, como quais forças ideológicas ou culturais foram capazes de atrair, em torno de um projeto, diversos sujeitos.

Esses intelectuais podem ser entendidos à luz da chamada história dos intelectuais (SIRINELLI, 1996, 2003), como produtores de bens simbólicos, mediadores culturais e atores políticos, relativamente, engajados na vida da cidade e nos locais de produção e divulgação de

<sup>66</sup> **Athos Damasceno (1902-1975)** Contemporâneo de Erico Veríssimo, foi poeta, romancista, cronista, tradutor e crítico literário. Tradutor da Editora Globo. [Fonte: ROSA, Renato, PRESSER, Décio. *Dicionário de artes plásticas no Rio Grande do Sul*. 2. ed. rev. ampl. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000. 527p. R700.98165 R7887d 2. ed.]

<sup>67</sup> **Maurício Rosenblatt (1906-1988)** Editor, radicado em Porto Alegre desde 1925, foi convidado por Erico Veríssimo para trabalhar na Livraria do Globo. Foi diretor da sucursal da editora no Rio de Janeiro de 1942 a 1953, segundo informação extraída do site do Instituto Moreira Salles. [Fonte: Acervo Maurício Rosemblatt. In: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-mauricio-rosenblatt/>]

<sup>68</sup> **Mário Quintana (1906-1994)** Trabalhou na Livraria do Globo por 3 meses em 1924. Em 1936, retornou à Livraria, onde trabalhou sob a direção de Erico Veríssimo. Importante poeta brasileiro, foi o autor de *O batalhão das letras*, 16º livro da coleção *Biblioteca de Nanquinote*, publicado em 1948, e até hoje reeditado como livro de poesias. [Fonte: Acervo Mário Quintana. In: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-mario-quintana/>]

<sup>69</sup> **Manoelito de Ornellas (1903-1969)** Jornalista e escritor, foi redator de jornal e diretor da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. [Fonte: Acervo Manoelito de Ornellas. In: <http://www.pucrs.br/delfos/?p=ornellas>]

<sup>70</sup> **Augusto Meyer (1902-1970)** Trabalhou com Erico Veríssimo na Livraria do Globo, além de colaborar com jornais de circulação no Estado do Rio Grande do Sul, como o *Diário de Notícias*. [Fonte: Arquivo Augusto Meyer. In: [http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/literatura/augusto\\_meyer/arquivosliterarios\\_augustoMeyer.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/literatura/augusto_meyer/arquivosliterarios_augustoMeyer.html)]

<sup>71</sup> **José Lins do Rego (1901-1957)** O romancista e jornalista ocupou a cadeira de número 25 da Academia Brasileira de Letras. Recebeu o Prêmio da Fundação Graça Aranha, pelo romance *Menino de engenho* (1932), o Prêmio Felipe d'Oliveira, pelo romance *Água-mãe* (1941), e o Prêmio Fábio Prado, pelo romance *Eurídice* (1947). [Fonte: José Lins do Rego. In: <http://www.academia.org.br/academicos/jose-lins-do-rego/biografia>]

<sup>72</sup> **Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)** Poeta, contista e cronista brasileiro, é por muitos considerado o mais influente poeta brasileiro do século XX. Em 1946, foi premiado pela Sociedade Felipe de Oliveira, pelo conjunto da obra. [Fonte: Acervo Carlos Drummond de Andrade. In: <https://ims.com.br/titular-colecao/carlos-drummond-de-andrade/>]

<sup>73</sup> **Graciliano Ramos (1892-1953)** Romancista, cronista, contista, jornalista, político e memorialista brasileiro. Também tradutor de obras em inglês e francês, recebeu diversos prêmios em vida. Entre eles: Prêmio Lima Barreto, Prêmio Literatura infante-juvenil, Prêmio Felipe de Oliveira e Medalha Chico Mendes de Resistência. [Fonte: Graciliano Ramos. In: <http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/literatura/gracilianoramos.htm>]

<sup>74</sup> **José Olympio (1902-1990)** Editor e livreiro, fundador da Livraria José Olympio Editora, no Rio de Janeiro. Colaborou para a criação da Faculdade de Educação Física da cidade de Batatais. [Fonte: José Olympio. In: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa15032/jose-olympio>]

conhecimentos, que se vincularam por uma série de afinidades, em torno de lugares de sociabilidade, como a *Revista do Globo* ou a Livraria e Editora do Globo. Já os grupos de sociabilidade por onde Veríssimo circulou derivam das experiências e das relações sociais vividas por esses intelectuais em locais específicos. Sirinelli explica essas relações como:

Estruturadas em rede que falam de lugares mais ou menos formais de aprendizagem e de troca, de laços que se atam, de contatos e articulações fundamentais... a noção de rede remete ao microcosmo particular de um grupo, no qual se estabelece vínculos afetivos e se produz uma sensibilidade que se constitui marca desse grupo. (SIRINELLI, 1996, p. 38)

Pela perspectiva defendida pelo historiador francês, é possível considerar o intelectual a partir do seu engajamento na vida da cidade, como ator, ou como testemunha, produtor ou difusor de opinião pública.

Conforme espaços de sociabilidades, convém caracterizar os lugares de divulgação e circulação de ideias e projetos de civilização e educação. Entre eles, “ressaltamos a imprensa periódica, os jornais, as revistas, os livros, panfletos, brochuras, impressos e manuscritos; as tipografias, as editoras e as livrarias; [...] os cafés” (SCHUELER, 2007, p. 4). O debate sobre os lugares e redes de sociabilidade intelectual aponta para a “centralidade das instituições, das instâncias de consagração e de legitimação, profissionais ou de mercado intelectual” e, também, “impõe a necessidade de pensar as estruturas de sociabilidade produtoras de intelectuais, como as escolas, os movimentos, as revistas, cafés, salões” (SCHUELER, 2007, p. 5).

Veríssimo, ao circular pelas gráficas da Editora do Globo, pela redação da *Revista do Globo*, pela redação do jornal *Diário de Notícias RS*, pela Rádio Farroupilha, pelos bares e cafés da cidade de Porto Alegre, e, ainda, pelo Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, manteve contato e fez amizades com profissionais, intelectuais ou mediadores culturais. Portanto, a respeito de tais relações de amizade ou profissionais, tratarão as próximas páginas.

Mesmo quando a Livraria e Editora do Globo mudou sua sede para a Rua dos Andradas, 1416, continuou a ser o local de preferência dos intelectuais, muitos deles editados pela própria casa. O *Relatório da Diretoria* da Livraria do Globo revela esse caráter de espaço de sociabilidades intelectuais:

Principalmente aos sábados à tarde – quando do encerramento do expediente comercial da semana – a loja da Rua da Praia torna-se um importante ponto de encontro de intelectuais, artistas plásticos, políticos e profissionais liberais simpáticos à causa da Cultura.<sup>75</sup>

<sup>75</sup> Livraria do Globo, *Relatório da Diretoria. 100 Anos: 1883-1983*. Apud TORRESINI, Elizabeth Rochadel. *Editora do Globo. Uma aventura editorial nos anos 30 3 40*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

Tostes (1989), em suas memórias, lembra que o andar térreo da Livraria do Globo abrigava as novidades literárias enfileiradas nos mostruários, como um convite à leitura. Descreve, ainda, que os encontros de diferentes gerações de intelectuais<sup>76</sup> aconteciam em frente às vitrines da loja, na calçada da Rua da Praia.

Na porta esquerda da Globo – um pequeno clube ao ar livre – vai se reunindo, pouco a pouco, o grupo dos ‘expoentes literários’. Naquele encontro habitual a conversa gira sobretudo: livros recém-saídos, livros velhos, com pausas domésticas na política, nos fatos da cidade e da vida alheia. (TOSTES, 1986, p. 131)

Reconhecidos escritores e jovens postulantes a esse reconhecimento marcavam presença na porta da Livraria do Globo, entre eles De Souza Júnior, Moysés Vellinho, Eduardo Guimarães. A roda literária era uma atração na porta da livraria. Tostes ilustra a situação:

O bairro fervia de animação. À porta da Globo, várias correntes confluíam e os bate-papos se estendiam pela tarde, desdenhando o elegante mulherio que desfilava pelas calçadas. Falava-se de literatura como hoje se fala em futebol. (TOSTES, 1986, p. 84)

O autor comenta também sobre a presença do novo Presidente da Província nas rodas literárias à frente da Livraria do Globo:

Com sua ascensão à presidência, Getúlio criou um estilo novo de governante a que o povo não estava acostumado. Depois de um presidente que, nos vinte e poucos anos de governo, só era visto de longe e em ocasiões excepcionais, o cidadão comum olhava com surpresa o homem simples e bonachão que, ao lado de João Pinto da Silva e saboreando um bom charuto, descia as duas quadras da Ladeira, atravessava um trecho da Rua da Praia e ia bater um papo bem humorado com o grupinho literário da Livraria. (TOSTES, 1986, p. 120)

Colaborador da casa editora, Veríssimo manteve contato com aspirantes que, anos mais tarde, seriam reconhecidos como escritores de sucesso. Entre eles, Lygia Fagundes Telles, que, com 18 anos, lhe envia uma carta, reproduzida a seguir.

---

<sup>76</sup> Existe uma dupla acepção para o conceito de *geração*, fundamental para iluminar os conceitos de *itinerário intelectual* e *redes de sociabilidade*. *Geração* pode ser entendida como um grupo de referência ou como um grupo etário. Pode-se dizer que não existe *geração* homogênea, toda ela é constituída de cortes decorrentes de diferentes rupturas que compõem o momento social. Embora o tempo e a idade tenham relevância na demarcação das *gerações*, estes não podem ser tomados como fatores exclusivos na definição de um grupo geracional. [Fonte; SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996]

Figura 16 - Correspondência Lygia Fagundes Telles – Erico Verissimo. São Paulo, 9 de setembro de 1941 (Grafia original). Acervo IMS-RJ.

São Paulo, 9 de setembro de 1941  
 Erico Verissimo, bons dias!  
 Recebi o seu bilhete anunciando-me a viagem. E então, diverti-se muito? Que homem feliz! Juro que chego a invejá-lo até!  
 As minhas viagens – coitadinhas! – são todas feitas por aqui mesmo, em redor do Estado de São Paulo. Meu pai tinha me prometido uma viagem para o Norte, caso eu fosse aprovada em direito romano; mas direito romano me reprovou... Vê? Tudo conspira contra. É melhor não pensar mais em mudar de ambientes, de costumes...  
 Um dia a gente morre, vai pro céu; e Deus dá então pra gente um par de asas pra conhecer o mundo inteiro! Por enquanto, existe para mim o Estado de São Paulo.  
 Sei que existe também Porto Alegre, porque o escritor Erico Verissimo faz livros aí. E bonitos livros. Li *Saga* e continuo gostando mais do distante *Música ao longe*. Achei *Saga* um pouco postiço. O senhor já esteve no *front*?  
 Erico Verissimo, vou lhe contar um segredo. Promete não divulgar? Então, ouça: tenho um livro pronto! Sim senhor! Um livro com catorze contos! Dei-o a um editor, mas o diabo do homem, antes de ler os originais, cismou que a minha cara devia ser muito mais interessante do que os contos todos e por isso decidiu botar o meu retrato no livro. Com bons modos, disse-lhe que achava isso muito ridículo. Insistiu. Fiquei zangada; minha cara nada tem a ver com a obra. E tem, não tem, aparece, não aparece... Conclusão: sugeri que botasse o retrato da avó dele. Nesse ponto, resolveu não falar mais nisso. Mas aí eu já estava de mau gênio e exigi a papelada de volta. Agora estou com tudo aqui na gaveta.  
 Descansa, Erico Verissimo, não lhe falarei na Editora Globo porque já estou ciente de que ela não edita contos. Caso contrário, há muito já teria mandado, por avião, minhas 120 páginas. Mas o senhor deve conhecer editores, não conhece?  
 Seria muito trabalho perguntar a esses se não pensaram nunca em publicar livro de gente desconhecida? Se não pensarem, de jeito algum, nesse horror, então o senhor diz que são contos seus, só pra eles se interessarem e pedirem pra ler o original. Depois que tiverem lido, daí o senhor diz que estava brincando, que o original é de uma amiga principiante.  
 E como pode suceder o fato de devolverem tudo no mesmo instante, pode também suceder o contrário...  
 A não ser dentro da Globo, conhece algum editor? Se não conhecer nenhum, não faz mal, a gente arranja por aqui mesmo. Se não arrancar nem por aqui mesmo, também não faz mal... Um dia, a gente morre e Deus, que é muito compreensivo, dá, além das asas, uma tipografia. Quero que o senhor leia esse meu conto que faz parte do livro. É um dos catorze... E agora me despeço.  
 Estou muito contente por ter conversado consigo; é verdade que falei o tempo todo, mas as minhas conversas são cômodas, porque não me zango, mesmo quando não há resposta... Muito cordialmente,  
 Lygia Fagundes

Na carta, Lygia Fagundes Telles tinha 18 anos e pedia ajuda a Erico Veríssimo, que poderia conhecer algum editor interessado em publicar um livro de contos de autor ainda desconhecido. Ao que tudo indica, a Livraria e Editora do Globo não publicou seu livro de quatorze contos, mas esse episódio remete ao papel desempenhado por Veríssimo como um *intelectual mediador*. Nas funções desempenhadas na Livraria e Editora do Globo, ele indicava quem seria publicado, qual obra seria impressa. Fez nos âmbitos regional e nacional o que faria alguns anos à frente, a nível internacional, no cargo de diretor do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana da Organização dos Estados Americanos.

Não só a Livraria e Editora do Globo foi importante espaço de sociabilidade na cidade de Porto Alegre como a *Revista do Globo* se constituiu espaço de sociabilidade e lugar de intervenção, uma vez que os intelectuais que escreviam para o periódico participavam das discussões culturais, sociais e políticas de seu tempo.

Concebida para disseminar o pensamento contemporâneo, assim como divulgar e promover a literatura, a *Revista do Globo* ia além disso; ela apresentava diversas áreas da cultura e do entretenimento, com matérias sobre moda, viagens, vida social de Porto Alegre e, até mesmo, esportes. Nelas, localizamos preciosos indícios sobre a composição da coleção de livros idealizada por Veríssimo.

Em fotos do lançamento da *Revista do Globo*, observam-se personalidades do Rio Grande do Sul. Uma dessas fotografias registram colaboradores e altas autoridades políticas, empresariais e eclesiásticas que estiveram presentes no lançamento oficial da publicação, conforme é possível ler nos comentários que compõem a Figura 17, a seguir: “[...] Como podem verificar os nossos leitores pelas fotografias que acima estampamos, a redação da *Revista do Globo* se encheu do que de mais alto e significativo possui a nossa sociedade, na política, nas letras, nas artes” (BERNARDI, 1929, p. 11).

Figura 17 - Foto do lançamento da Revista do Globo. Acervo Delfos.



Sentados: O nosso diretor, Mansueto Bernardi, dr. Oswaldo Aranha, Secretario do Interior, Arcebispo D. João Becker, Dr. Getulio Vargas, presidente do Estado, sr. Fernando Caldas, diretor do CORREIO DO POVO, srs. Oswaldo Bentzuch e José Bertaso, coproprietários da LIVRARIA DO GLOBO. – Em pé: João Pinto da Silva, dr. Pedro Vergara, dr. Paulo Hasslocher, Andrade Queiroz, dr. Moysés de Moraes Vellinho, dr. Walter Sarmanho, Sotéro Cósme, Athos Damasceno Ferreira, De Souza Junior, Francisco de Paula Joo, João Fabrício e Angelo Guido.

Essa foto (Figura 17) demonstra como pessoas de grande importância na sociedade porto-alegrense se reuniram em torno desse periódico da Livraria e Editora do Globo. Entre os

presentes no lançamento, pode-se localizar, ao centro da imagem, o então presidente do Estado, Getúlio Vargas, aquele que deu a ideia para a criação da revista. Também é possível reconhecer alguns ilustradores da futura *Biblioteca de Nanquinote*, como De Souza Junior e João Fahrion.

Na Editora do Globo, trabalhava-se muito para estar à frente da concorrência e oferecer novidades aos leitores, de acordo com relatos de Veríssimo em seus livros de memórias. Ainda que seu início como colaborador da Livraria e Editora do Globo tenha sido repleto de afazeres, Veríssimo tinha seus momentos de descanso e descontração, quando, à noite, frequentava a “rodinha de chope” de um bar de Porto Alegre, o “Bar Antonello”<sup>77</sup> (VERÍSSIMO, 2005, p. 203), que se localizava bem no centro da Rua da Praia. Ali se encontravam jovens, idosos, homens de jornal e da política, além de vários escritores e intelectuais da cidade e do estado, entre eles, Augusto Meyer, escritor de crônicas, para o periódico *Correio do Povo*, e de livros de poesias. Outro a integrar a “rodinha de chope” era Theodomiro Tostes, poeta e cronista do *Diário de Notícias*, que caracterizou o Bar Antonello como o principal bar procurado por vários grupos. Outro a frequentar o bar, com o grupo do qual Veríssimo fazia parte, foi Ernani Fornari, poeta e ficcionista, escritor, também, de peças teatrais, que lhe renderam grande popularidade no país. Esses e outros escritores e artistas foram “os primeiros amigos” que fez Veríssimo, “logo depois que cheguei[ou] a Porto Alegre” (VERÍSSIMO, 2005, p. 208).

Entendendo os cafés e bares como “lugares de discurso”, ícones das grandes mudanças que aconteciam nas cidades, eles permitem que qualquer pessoa seja um observador das situações ou interlocutor de conversas. Nos cafés e nos bares da “Rua da Praia”, presenciavam-se discussões sobre literatura, política, assinatura de manifestos. Sua importância para a intelectualidade foi tão grande que é possível pensar no termo “intelectuais dos cafés” (RAMA, 1985).

A vida social de Porto Alegre se desenvolvia, principalmente, no centro da cidade, especificamente, na Rua da Praia, ou Rua dos Andradas. Jornalistas, escritores, médicos, advogados, funcionários públicos, artistas convergiam para essa icônica rua, que reunia comércio e lazer.

No entanto, nem só da convivência com os intelectuais que circulavam pela Livraria e Editora do Globo e pela Rua da Praia se valeu Erico Veríssimo. Outros espaços foram frequentados pelo escritor, profissional do livro, “jornalista”, desenhista gaúcho. As redações

---

<sup>77</sup> Entre os Cafés e bares da época, o Bar Antonello era considerado por seus frequentadores um bar variado, “pluripartidário e plurilíngue onde gentes de todas as tendências, de todas as raças, de todos os tipos, podiam frequentar as suas salas” (TOSTES, 1989, p. 115). [Fonte: TOSTES, Theodomiro. *Nosso bairro: memórias*. Porto Alegre: FPCS, 1989.]

dos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias* foram outros lugares em que Veríssimo esteve em contato com profissionais da área e intelectuais.

Em pesquisas realizadas no Rio Grande do Sul, dentre elas, a realizada por Ritter (2010), afirma-se que Veríssimo buscou no jornalismo um meio para ingressar na literatura. Outros autores que teriam percorrido o mesmo caminho foram Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Monteiro Lobato, José Lins do Rego, Oswald de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Jorge Amado. Todos eles tiveram ligações com o jornalismo na década de 1930, fosse como forma de compor a renda obtida com a literatura, fosse como forma de divulgar seus trabalhos literários por meio dos impressos que circulavam no país. Alguns, mesmo após a consagração literária, retornam ao jornalismo para superar crises financeiras, como é o caso de Graciliano Ramos, que aceitou o convite de Aurélio Buarque de Holanda, em 1947, para substituí-lo no *Correio da Manhã*.

Após chegar a Porto Alegre e procurar emprego por algumas semanas, antes de ingressar no meio jornalístico da *Revista do Globo*, Erico Veríssimo foi colaborador do *Diário de Notícias* e do *Correio do Povo*, periódico no qual editaria uma página feminina, segundo entrevista para o periódico *Opinião* (página 25). Todavia, o primeiro contato com o jornalismo se deu ainda na infância, em Cruz Alta. Desde menino, Veríssimo teve contato com o jornalismo e o mundo letrado, uma vez que seu pai, Sebastião Veríssimo, fundou um jornal humorístico intitulado *O Calhorda*, no qual publicava sátiras sobre as autoridades da época. Por escrever e publicar tais sátiras, inclusive, sátiras ao general da Guarda Nacional Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, seu pai sofreu ameaças de prisão, conforme descreve em seu livro de memórias, *Solo de Clarineta*.

Conta-se que o citado chefe político ou algum de seus apaniguados contratou um preto bandido para assassinar meu pai, mediante o pagamento de cinquenta mil-réis. [...] Quando Sebastião Verissimo atravessava a praça - mal iluminada por lâmpões de querosene, muito distantes um do outro - possivelmente assobiando a Serenata de Arlequim (e este pormenor vai por conta do ficcionista), o sicário sai de trás de uma árvore, aproxima-se do moço e diz-lhe brusco: me dê fogo!. Sebastião tirou calmamente do bolso a caixa de fósforos, riscou um deles e, à sua escassa luz, viu uma cara patibular. O criminoso por sua vez fitou a face de sua futura vítima, enquanto durou a minúscula chama do fósforo. Por fim gaguejou: Seu Sebastião, alguém me pagou cinquenta pilas pra matar o senhor. Meu pai riscou outro fósforo, sorriu e perguntou: E você não vai me fazer o serviço? O bandido soltou um suspiro: Não posso. O senhor é tão moço, tem uma cara tão simpática, eu lhe pedi fogo e o senhor prontamente me deu [...]. Só acontece que agora tenho de fugir da cidade o quanto antes, senão eles me degolam por eu não ter cumprido minha palavra. Meu pai meteu a mão no bolso, tirou dele uma maçaroca de cédulas e, sem contá-las, deu-as todas ao assassino profissional, dizendo: Fuja o quanto antes pra bem longe. E se separaram. (VERÍSSIMO, 2005, pp. 19-20)

Aos 9 anos, o menino Erico criava a revista *A Caricatura*, que constava de um exemplar em duas folhas de papel almaço, em que ele desenhava e escrevia pequenas notas. O primeiro contato prático que Veríssimo teve com o jornalismo, ainda que de forma superficial, como o próprio escritor explica: “A Caricatura morreu antes do fim da Primeira Guerra, não por falta de recursos financeiros, mas por pura preguiça de seu único redator” (VERÍSSIMO, 2005, p. 102). Algum tempo depois, o menino fundava sua segunda revista, agora intitulada *Íris*, que exibia em sua capa um retrato do 28º presidente norte-americano, Woodrow Wilson.

Em 1920, Erico Veríssimo foi matriculado no Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre. Com boas notas e texto fluente, Veríssimo foi convidado a contribuir como redator com o jornal do colégio, intitulado *Pindorama*. Após grave crise financeira e familiar, Veríssimo foi obrigado pelas circunstâncias a abandonar o colégio e retornar à Cruz Alta.

De volta à cidade natal, Veríssimo recorre à escrita literária para lidar com os graves problemas, e, assim, escrevendo pequenos contos, reflete sobre como os personagens que representam “pessoas comuns” não rendem boas histórias. Nesse sentido, se aproxima da concepção de Bourdieu (1997, p. 25) sobre o “interesse pelo excepcional” que apresentam os jornalistas.

Ao decidir sair de Cruz Alta rumo à capital do estado para tentar “ganhar a vida como escritor”, Veríssimo tem o seguinte diálogo com a mãe, Dona Bega:

- Resolvi ir para Porto Alegre - disse eu à minha mãe.
  - Fazer o quê? - perguntou-me ela, cessando de pedalar por um momento a máquina de costura a qual estava encurvada.
  - Vou tentar ganhar a vida como escritor - murmurei apenas semiconvencido de que isso fosse mesmo possível.
  - D. Bega lançou-me um olhar de alarmada surpresa.
  - Escritor? - repetiu.
  - Bom [...] sei que essa profissão ainda não existe no Brasil. Mas, que diabo! Não custa tentar. Não tenho a menor vocação para o comércio. Posso arranjar emprego num jornal, traduzir livros, colaborar em revistas [...]. Um dia, quem sabe [...]
- (VERÍSSIMO, 2005, p. 233).

Uma vez em Porto Alegre, após semanas de tentativas frustradas, Erico Veríssimo conseguiu emprego na Livraria e Editora do Globo, que lançava a *Revista do Globo*. Iniciou suas atividades como secretário do periódico, após mentir sobre possuir habilidades de tipografia.

A partir desse episódio, o escritor gaúcho passa a trabalhar na redação durante o dia, traduzir livros do inglês para o português durante a noite e a escrever seus romances nos horários de folga, normalmente nos finais de semana.

Em meio à publicação de seu primeiro livro, *Fantoches*, e consequentes críticas à obra, a relação de Veríssimo com o jornalismo se intensifica. Em 1935, com seus livros sendo publicados com mais facilidade, ainda que a escrita fosse dificultada pelas horas dedicadas à *Revista do Globo* e às traduções para a Livraria e Editora do Globo, Veríssimo se torna pai da menina Clarissa e ajuda a fundar a Associação Rio-Grandense de Imprensa - ARI, sendo o seu primeiro presidente.

Três anos antes de assumir a presidência da Associação Rio-Grandense de Imprensa (ARI), fundada em 1935, com o objetivo de defender os interesses dos jornalistas, intelectuais e trabalhadores das empresas de comunicação, Veríssimo havia assumido a edição de uma página feminina, de publicação semanal no periódico *Correio do Povo*. A página tinha o título de “*A Mulher e o Lar*”, e seu editor elegia, conforme narrado em sua autobiografia, “crônicas e versos mundanos, receitas culinárias, modas, tudo sempre com a prestimosa colaboração da tesoura e do pote de grude” (VERÍSSIMO, 2005, p. 254). Em entrevista concedida ao mesmo periódico em 1975, Veríssimo admite:

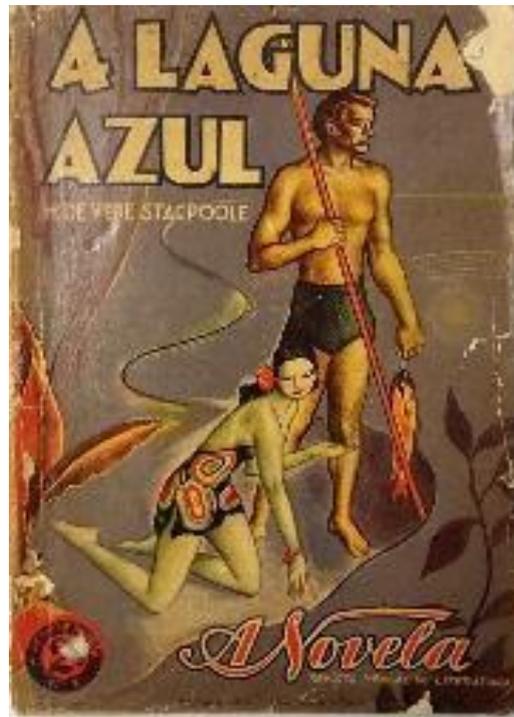
Deve ter sido das coisas piores que até hoje fiz em toda minha vida. Para essa meia página, cujo nome era obviamente feminino, eu costumava escrever uma crônica fútil e curta, que assinava com um pseudônimo. O resto eram notícias sobre filmes, artistas de cinema e ilustrações – em geral modas e bordados – pirateadas de revistas italianas e francesas (*Correio do Povo*, 1975, p. 2)

Todavia, por quais motivos o escritor informaria o periódico errado? Será que a resposta pode estar na primeira linha da citação anterior, quando Veríssimo afirma que “deve ter sido das coisas piores que até hoje fiz em toda minha vida”?

A produção de Veríssimo para jornais, revistas e periódicos entre 1929 e 1939 é considerável, somando, de acordo com levantamento apresentado em estudo por Hohlfeldt e Strelow (2004), 13 textos de ficção e 35 textos entre crônicas e artigos, além de trechos de romances como *Um certo capitão Rodrigo* e *Ana Terra*, publicados pela Livraria e Editora do Globo entre 1970 e 1971, depoimentos e trechos de sua futura autobiografia *Solo de Clarineta*.

Entre os meses finais de 1936 e início de 1937, o jornalismo cultural ganhava força, com editoras investindo na publicação de revistas do gênero. Nesse contexto, a Livraria e Editora do Globo lança a nova revista intitulada *A Novela*, também dirigida por Erico Veríssimo. O impresso em destaque custava 2\$000 – dois mil réis, de acordo com o valor da capa -, tinha circulação mensal e um número fixo de páginas – 192. Cada número contava com um texto principal, que poderia ser um conto, um romance ou uma novela, que funcionava como chamada e ilustração da capa em tricomia, ou seja, em três cores.

Figura 18 - Edição nº 1 da revista *A Novela* (outubro, 1936). Acervo Biblioteca Mario de Andrade – São Paulo.



Os ilustradores que fizeram a história da Editora do Globo no tocante à qualidade das capas e às demais peças produzidas pela editora, também se dedicavam a ilustrar *A Novela*, que intentando ser mais acessível que os livros publicados pela casa, utilizava papel de segunda linha, além de apresentar margens estreias e formato 21,9 x 14,9 cm. Outros contos – menores, mas nem por isso de menor importância – também compunham as 192 páginas do periódico. A publicação circulou por 15 meses e encerrou suas atividades de forma discreta devido à possível pequena acolhida por parte do público-leitor.

*A Novela* é entendida aqui como mais um espaço de sociabilidade para o profissional do livro Erico Veríssimo e de educação não formal, uma vez anunciada como uma revista literária, que visava a formar leitores de acordo com o projeto da Editora do Globo e de Erico Veríssimo, que se mostrava, cada vez mais, um intelectual mediador (GOMES e HANSEN, 2016), ao passo que buscava apresentar aos leitores de menor poder aquisitivo obras literárias de destaque no cenário nacional e internacional. Contudo, sabe-se que esse movimento não era desprovido de intenções mercadológicas, uma vez que a editora precisava se manter e Veríssimo precisava do salário para sustentar sua família. Sendo assim, entre outras funções, os impressos da Livraria e Editora do Globo – conforme a *Revista do Globo* e *A Novela* – funcionaram como vitrine, propagandeando diversos produtos, sendo o principal deles os livros. Para a Editora do Globo, esse foi, ainda, mais um espaço de divulgação de suas obras editadas.

Próximo ao Natal de 1940, Veríssimo é surpreendido com o convite do Departamento de Estado norte-americano para ministrar uma série de conferências sobre a literatura brasileira. Tal convite fazia parte do Programa de Boa Vizinhança, instituído pelo então presidente Franklin Roosevelt e não foi por acaso, pois Veríssimo era falante da língua inglesa, identificado com os princípios democráticos e um escritor com certa popularidade que já havia publicado livros para crianças. Além de ministrar as palestras, era esperado que Veríssimo escrevesse livros infantis sobre os Estados Unidos, o que não aconteceu. Porém, dessa viagem resultou o livro *Gato Preto em Campo de Neve*, um livro sobre a viagem.

Do terceiro período de trabalho nos EUA, no Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, também resultaram rugas com outros escritores, entre eles, o chileno Pablo Neruda, uma vez que os espaços de sociabilidade não estão isentos de conflitos. A primeira situação que colocou os dois escritores em campos contrários envolve o Congresso Continental de Cultura, organizado por Neruda e que se realizou no Chile em março de 1953. Um ano antes da realização do congresso, inicia-se um conflito envolvendo a participação de alguns brasileiros, entre eles Veríssimo. Jorge Amado insistiu para que o escritor gaúcho participasse do evento. Entretanto notícias veiculadas por jornais de que Erico Veríssimo era anunciado como “comunista militante” resultaram em duas repostas:

Fui realmente convidado para o Congresso e assinei o manifesto a que se refere *El Mercurio*<sup>78</sup>. Apenas, não percebi desde logo que se tratava de manobra comunista para atrair maior número de intelectuais ao Congresso. Não sou e nunca fui comunista. Detesto qualquer tipo de ditadura. (VERÍSSIMO, *Jornal A Manhã*, Rio de Janeiro, 10 ago. 1952. FCRB, Acervo Jorge de Lima, doc JL j 25- 5b)

Tudo indica que alguns escritores liberais caíram em mais uma armadilha sectária, sendo levados a fazer papel de “inocentes úteis”. Não permitirei que usem o meu nome em benefício de qualquer manobra política, seja ela burguesa ou comunista. Reafirmo que detesto qualquer espécie de ditadura. Nenhuma arte digna e grande pode florescer num clima de opressão. (Veríssimo, *Diário Carioca*, 6 ago. 1952. FCRB, Acervo Jorge de Lima, doc. JL j 25- 24a)

Para complicar a situação, pouco tempo depois, Neruda recusou-se a autorizar que seus poemas constassem de uma antologia de literatura ibero-americana publicada com incentivo da União Pan-Americana:

---

<sup>78</sup> Jornal chileno, fundado por Agustín Edwards Mac-Clure, em junho de 1900. Sua sede era na cidade de Santiago, capital do país. De publicação diária, conhecido por sua linha editorial conservadora, notabilizou-se por seu apoio ao golpe de Estado de 1973, que depôs o presidente Salvador Allende. [Fonte: SANTA CRUZ, Eduardo. Análisis histórico del periodismo chileno. Santiago: Nuestra América Ediciones, 1988.]

Figura 19 - Pablo Neruda – Erico Veríssimo [Carta]. Santiago do Chile, 19 nov. 1953 (Grafia original). Acervo IMS-RJ.

Sr. Erico Veríssimo

Diretor do Departamento de Assuntos Culturais da Organização dos Estados Americanos

Washington

Estimado senhor:

Recebi sua carta convidando-me a participar de uma antologia da Poesia Iberoamericana, dirigida pelo Sr. Federico de Onís e que será publicada pela Organização dos Estados Americanos.

Peço-lhe que não inclua nenhuma de minhas obras em tal publicação.

Para os povos latino-americanos e, em especial para o povo chileno, a instituição em que o senhor trabalha representa um instrumento da política do Departamento de Estado de Washington. Eu não poderia explicar a meu povo minha colaboração com os que friamente extorquem nossa economia, planejam a repressão, destroem a liberdade no continente, escravizam a Porto Rico, perseguem a Paul Robeson, desterram Chaplin, criador do cinema norte-americano, e assassinam ao casal Rosenberg.

Esse episódio com o também escritor Pablo Neruda se desenrolou por mais algumas cartas e notas em jornais da época, mas o ponto mais importante para este estudo é a indicação de que esses espaços de sociabilidade por onde circulou Erico Veríssimo não incluem somente relações amigáveis e de aproximação entre os intelectuais; distanciamentos e conflitos também estão presentes nessas redes que se formam.

O escritor Erico Veríssimo circulou por diversos espaços de sociabilidade na cidade de Porto Alegre, desde redações de revistas e jornais a bares na Rua dos Andradas (Rua da Praia). Circulou, inclusive, por outros países, desempenhando diferentes funções, mas foi na cidade de Porto Alegre a emergência do projeto que o auxiliou a iniciar a *Biblioteca de Nanquinote*, a coleção de livros para crianças pequenas, atuando como apresentador de programa de rádio para crianças na Rádio Farroupilha. Tal atividade também resultou em relações de trabalho, algumas vezes de amizade, e permitiu que o escritor gaúcho percorresse outra rede de sociabilidade, que será analisada no próximo capítulo.

## 2 DAS ONDAS DO RÁDIO À *BIBLIOTECA DE NANQUINOTE*: AS HISTÓRIAS PARA A “PETIZADA”<sup>79</sup>

Acho que o escritor volta sempre ao território da infância, que é o território do desejo de contar história. O desejo de ver o mundo convertido numa história é absolutamente vital, quer dizer, tão vital quanto comer ou dormir.

*Mia Couto*

Já era o entardecer, na Rua dos Andradas (antiga Rua da Praia), em Porto Alegre, quando Erico Veríssimo, reconhecido romancista brasileiro<sup>80</sup>, e Henrique Bertaso<sup>81</sup> conversavam sobre uma nova coleção de livros a ser publicada pela Editora do Globo<sup>82</sup>, fundada em 1883, como uma modesta papelaria junto à antiga Rua da Praia, em Porto Alegre. A Globo se transformou, ao longo das décadas de 1930 e 1950, na segunda maior casa editora do país (MICELI, 2001; TORRESINI, 1999) com 36% de títulos no gênero de ficção e 11% dos livros didáticos.

Em carta enviada a Erico Veríssimo por Jorge Amado em 1935, desponta a amizade entre os dois escritores e as posições ocupadas por ambos nas editoras em que trabalhavam – Erico Veríssimo na Livraria e Editora do Globo e Jorge Amado na Livraria José Olympio Editora<sup>83</sup>.

Erico,  
há mais de dois meses que estou para lhe escrever esta carta. Vou enumerar os motivos porque não escrevi logo: minha mulher teve um parto difícilimo e passou mais de um mez entre a vida e a morte, eu incapaz de pensar em qualquer coisa. [...] Começo a

<sup>79</sup> Alusão à personagem Nanquinote, que se refere às crianças desse modo.

<sup>80</sup> Até 1936, Erico Veríssimo já havia publicado pela Seção Editora da Livraria do Globo os livros *Fantoches* (1932), *Clarissa* (1933), *Música ao Longe* (1935), *Caminhos Cruzados* (1935), *Um lugar ao sol* (1936), *As aventuras de Tibicuera* (1936). Em 1935, recebeu o Prêmio Fundação Graça Aranha pelo livro *Caminhos Cruzados* e o livro infantojuvenil *As aventuras de Tibicuera* recebe o prêmio da Comissão do Livro Infantil e Juvenil no ano de seu lançamento.

<sup>81</sup> Henrique Bertaso ingressou na Livraria do Globo em 1920, aos 15 anos, para trabalhar na função de caixeiro. Anos depois, iniciou sua atuação na seção editora da casa, que se transformaria na Editora do Globo, responsável pela edição de quase todos os escritores gaúchos. Foi também um dos criadores da *Revista do Globo* e pertenceu ao grupo de fundadores da Feira do Livro de Porto Alegre.

<sup>82</sup> De acordo com as lembranças de Erico Veríssimo narradas em seu livro autobiográfico, *Solo de Clarineta* (2005).

<sup>83</sup> A Livraria José Olympio foi fundada em abril de 1931, como livraria, após José Olympio comprar a biblioteca do advogado Alfredo Pujol composta por, aproximadamente, 15 mil livros. Logo em seguida, adquiriu a biblioteca de Estêvão de Almeida, com uma vasta quantidade de obras raras. Em 29 de novembro de 1931, sete meses após a compra das duas bibliotecas, é fundada a Editora José Olympio com a publicação do livro *Conheça-te pela Psicanálise* (tradução de *How to psychoanalyse yourself*). A Livraria José Olympio Editora foi inaugurada em 1934 na cidade do Rio de Janeiro. [Fonte: NASCIMENTO, Francisco José Tavares do; XAVIER, Laura Regina. *O Fundo Livraria José Olympio Editora no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017. In: <http://hdl.handle.net/20.500.11997/6374>].

normalisar tudo [...] Começo por você e lá vae essa carta.

Aqui também foi uma menina: Eulalia, que é minha mãe. Eulalia mandará para a prima Clarissa um presente pobre. Ficam primas como consolação do noivado rompido; E voce trate de arranjar um menino para meu genro.

“Musica em surdina” está na lista de livros do concurso da Editora mas ainda não foi lido pela parte do jury que reside aqui. Engraçado que o livro mais até agora (dos lidos aqui) é um chamado “Os Ratos”, de um gaúcho, passado aí. O Gastão Cruls pensava que era seu. O Agripino também. O Gastão disse: é que ele mudou o titulo. Fomos ver na lista. Lá estava “Musica em surdina”, que ainda está em São Paulo. E “Caminhos Cruzados”? Pelo “branco e preto” soube da próxima aparição como da Joana d’Arc. O romance me interessa enormemente. [...] E o Marçal me fez otimas referencias de um romance de Ernarni Furnari que está a sair e sobre o qual o Marçal vae escrever no Ariel. O livro de Telmo continúa encravado no Schmidt. Um dia sairá. Quando? Mistério...

Tenho lhe mandado as edições Zé Olympio. Esse ano teremos bons romances. Voce os receberá. E eu espero as edições literárias da Globo. Vocês estão anunciando boas coisas. Uma coisa quero que voce me mande: as edições policiaes que você puder. Sou leitor assíduo. Batata. Agora uma coisa seria: quaes são os livros da Nobel que voce pode me mandar? Eu só tenho o Contra Ponto. Tinha o Flaecido Marias mas me roubaram. Uma noiva, que eu tive em Sergipe há dois anos.

O Lebeis está esperando o contrato, que voce anunciou. E um livro de contos de um sujeito inteligentíssimo e inédito, Dias da Costa, não interessaria a voces? O livro chama “Pensão Familiar” e é delicioso. Enfim esta carta está ficando absolutamente comercial. Em todo caso são negocios de livros.

Estou fazendo Jubiabá. Acabei a primeira parte: - Bahia de Todos os Santos e do pae de santo Jubiabá. - 147 folhas datilografadas.

Estou fazendo a segunda: - Diario de um negro em fuga. A terceira será: - A.B.C. de Antonio Balduino. Será um livro de umas 400 paginas.

Porem estou danado. Queria um livro alegre e os miseraveis dos heroes estão entristecendo o livro. Não quero me meter com a vida deles, que já são maiores, da forma que eles estão em plena tragedia. Enfim....Um dia farei um romance “Saveiro” e você sofrerá uma dedicatória. É o que eu posso lhe dar. Pouco mas de coração, como dizia o mulato Arlindo, um sujeito que “conversava só para se divertir” e que eu conheci em Conceição da Feira, na zona do fumo da Bahia.

“Jubiabá” acredite será um livro talvez bonito, com um certo ar místico (nada religioso aliás) peculiar ao negro e um pouco musical. Prestará? Não sei ainda, mas dentro de um mez deve ter uma Idea. Um dia se eu aparecer aí ou voce aqui, acho que perderemos horas e horas batendo boca deante de um chopp sobre os mais diversos assuntos. Conversaremos, por exemplo, sobre o cheiro doce de fumo das cidades de Caxoeira e São Feliz e sobre o grande romancista de Contra Ponto. Mas me responda, Sou seu amigo,

Jorge Amado – Ouvidor, 110 – Rio.

(Correspondência Jorge Amado – Erico Verissimo. Rio de Janeiro, 15 de abril de 1935 (Grafia original). Acervo Fundação Casa do Rio Vermelho)

Jorge Amado era leitor assíduo dos livros que compunham a coleção de narrativas policiaes da *Coleção Nobel* e dos clássicos da literatura estrangeira da Livraria e Editora do Globo. Tanto que pedia a seu amigo, Erico Veríssimo, que lhe enviasse as obras. A amizade entre os escritores permite que Amado solicite um “genro” e revele bastidores do prêmio literário Machado de Assis, ao qual Veríssimo concorria com o livro *Música ao Longe* e do qual Amado era jurado. Jorge Amado ainda faz uma confidência curiosa, seu exemplar de *Flaecido Marias* foi levado por uma ex-noiva.

Revelando certo teor comercial e profissional, o escritor baiano também elogiava os planos editoriais da livraria de Porto Alegre, que anunciava novos títulos. Aproveita a carta, ainda, para sondar o conselheiro editorial da Livraria e Editora do Globo sobre uma possível publicação de um escritor estreante, Dias da Costa, “um sujeito inteligentíssimo e inédito”.

Note-se, também, que Jorge Amado faz uma reflexão sobre seu novo livro em fase de criação. Não queria uma história triste, mas seus heróis não permitiam uma narrativa diferente, mesmo que acreditasse, seria um livro bonito e com ar místico. Promete, ainda, uma dedicatória a Veríssimo, algo simples, mas “de coração” e uma conversa sobre Aldous Huxley, autor traduzido pela Livraria e Editora do Globo.

Em pesquisa realizada por Sérgio Miceli (1979), a Editora do Globo é enquadrada no grupo das empresas com maior número de traduções.

Em 1942 [...] a Francisco Alves, primeiro posto em livros didáticos, editou aproximadamente apenas uma tradução para cada dez livros de autores nacionais [...] Nesse mesmo ano, o volume de traduções editadas pela Cia Editora Nacional igualou o de obras de autores nacionais; a Globo lançou 44 traduções e apenas 24 obras de autor nacional. Em 1943, a Freitas Bastos publicou apenas uma tradução; a José Olympio (43 traduções e 38 nacionais) e a Globo (41 traduções e 27 nacionais), até chegar ao extremo da Editora Vecchi, uma das mais dependentes da venda de obras de ficção, que imprimia tão somente um livro nacional para cada lote de onze traduções. (MICELI, 1979, p. 90)

Os livros editados pela Livraria e Editora do Globo circulavam por todo o país, contribuindo para que os brasileiros passassem a conhecer autores da literatura universal, muitos acessíveis pela primeira vez em língua portuguesa (AMORIM, 1999), entre eles, Virginia Woolf, Marcel Proust e Aldous Huxley.

Veríssimo, já funcionário da Livraria e Editora do Globo, aceitou, também, a função de apresentador de um programa na Rádio Farroupilha. Criou, então, o programa para crianças, cujo nome era “Quarto de Hora do Amigo Velho”, e, no programa, apresentava a “Hora dos Três Porquinhos”.

## 2.1 A hora dos Três Porquinhos para a “petizada”

Ao fim de mais uma tarde de trabalho na movimentada Livraria e Editora do Globo, sai do prédio da casa editora um homem em passos largos. Após percorrer a Avenida Borges de Medeiros, em Porto Alegre, subia apressado uma escada e entrava na Rua Duque de Caxias. Ao final dessa corrida, entrava em um prédio que abrigava a Rádio Farroupilha. Ainda ofegante, esse homem tomava o microfone e improvisava histórias que encantavam as crianças.

O programa em questão, “A Hora dos Três Porquinhos”, foi criado e era apresentado duas vezes por semana por Erico Veríssimo, após o autor aceitar o convite feito por Arnaldo Ballvé, diretor da Rádio Farroupilha – PRH-2. Essa história foi contada por Maurício Rosenblat, amigo de Erico Veríssimo, que o conheceu ainda na cidade de Cruz Alta e quem lhe proporcionou o ingresso na Livraria e Editora do Globo.

Em [19]36, Erico Veríssimo escreve e publica [o livro] *Um lugar ao sol*. Ainda por motivos econômico-financeiros, aceita um convite feito por Arnaldo Balvé, que era diretor da Rádio Farroupilha, para fazer um programa infantil. Então, no fim das tardes, ele saía correndo da Livraria do Globo, subia a Avenida Borges de Medeiros, escalava a escada, dobrava na Rua Duque de Caxias, entrava na Rádio Farroupilha ofegante, ia diretamente ao microfone e improvisava na hora histórias para crianças, algumas das quais ele editou mais tarde na Coleção Nanquinote. O programa cresceu em popularidade, o estúdio vivia cheio de crianças que queriam conhecer e dialogar com o Amigo Velho. (ROSEMBLAT, 1986, p. 37)

A amizade entre os dois, o argentino de Palácios e o gaúcho de Cruz Alta, começou em um campo de futebol da cidade de Cruz Alta, em que ambos eram expectadores. Aproximaram-se por meio do interesse pela leitura de obras de ficção e ensaios e pela música clássica. A amizade perdurou por anos, e logo os caminhos profissionais se cruzaram. Esse fato se deu em 1941, quando Veríssimo convidou Rosenblat para ingressar na Livraria e Editora do Globo como secretário<sup>84</sup>. Erico Veríssimo viajaria a convite do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, que desejava estabelecer relações diplomáticas e culturais com o Brasil por meio de cidadãos brasileiros expoentes. Veríssimo se ausentaria do trabalho e precisava indicar um profissional para substituí-lo em suas funções como secretário e conselheiro editorial da Seção Editora da Livraria do Globo.

Foi Rosenblat quem contou a aventura vivida por Veríssimo para apresentar um programa de rádio. Aceitar o convite feito por Ballvé para criar e apresentar um programa infantil se mostrou, além de um meio de divulgação dos livros a serem lançados, uma forma de contornar problemas econômico-financeiros, que ainda afligiam a família do escritor<sup>85</sup>, já casado com Mafalda Halfen Volpe.

<sup>84</sup> [Fonte: VIEIRA, Júnia Cristina Vaz. *As coleções da Editora Globo de Porto Alegre: inovação e ineditismo (1930-1960)*. 80 fls. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2017.]

<sup>85</sup> A família de Veríssimo já havia perdido todas as posses antes mesmo do futuro escritor terminar os estudos na capital do Estado, Porto Alegre. Em 1922, ao retornar à cidade de Cruz Alta, trabalhou em bancos e armazéns da cidade para ajudar nas despesas da casa, agora chefiada por sua mãe, que se separou do marido por problemas conjugais. Ao tentar a vida em Porto Alegre, Veríssimo teve vários empregos até ser contratado pela Livraria e Editora do Globo, em 1930, onde realizou diversas traduções, publicou livros e trabalhou como editor da *Revista do Globo* para fazer jus às despesas da casa e da família, iniciada em 1931, após seu casamento com Mafalda Halfen Volpe.

Figura 20 - Matéria publicada pelo Correio da Manhã, 1 fev. 1958. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.

### OUTRAS OBRAS — A LITERATURA INFANTIL

A atividade do escritor continua, intensa. Enveredando pelo terreno da biografia, escreve "A Vida de Joana Darc", e começa a publicar uma série de histórias infantis ("Rosa Maria no Castelo Encantado", "O Urso com Música na Barriga", "Aventuras do Avião Vermelho", "Os Três Porquinhos Pobres", "A Vida do Elefante Basílio", "Outra vez os Três Porquinhos"). Na rádio Farroupilha, onde comparece pessoalmente para fazer as narrações, seu programa "Clube dos Três Porquinhos" tem um auditório numerosíssimo. A criançada acompanha, entusiasmada, as aventuras dos pequenos personagens de Erico, que se revela, também neste setor da literatura, um admirável contador de histórias.

As histórias improvisadas ao microfone da Rádio Farroupilha por Erico Veríssimo mais tarde deram forma à *Biblioteca de Nanquinote*, sendo composta, inicialmente, pelos livros *Aventuras do Avião Vermelho*, *Os Três Porquinhos Pobres* e *Rosa Maria no Castelo Encantado*.

A Rádio Farroupilha, fundada em 1935, transmitia os programas do "Amigo Velho" e foi a terceira emissora instalada em Porto Alegre. Em verbete no site da Fundação Getúlio Vargas – FGV, consta o nome de Erico Veríssimo como contador de histórias infantis da rádio, que se autointitulava "a mais poderosa do Rio Grande do Sul" e funcionava em um casarão da Rua Duque de Caxias, no alto do viaduto Borges de Medeiros. Com o intuito de apresentar o programa "A Hora dos Três Porquinhos" duas vezes por semana, Veríssimo saía da redação da *Revista do Globo* e se dirigia aos estúdios da PRH-2<sup>86</sup> por volta das 18 horas. O programa foi transmitido entre 1936 e 1937, e seu criador, Erico Veríssimo, estava munido de uma concepção e de intenções educativas veiculadas pelas histórias contadas, mais tarde publicadas como livros na *Biblioteca de Nanquinote*.

Reconhecem-se as dificuldades a serem enfrentadas em relação ao acesso às fontes de pesquisa sobre tal programa da Rádio Farroupilha, pois pouco sobrou do acervo das emissoras, de modo geral, na década de 1930, de acordo com Costa (2012), além do grande incêndio que atingiu o prédio sede da Rádio Farroupilha em 1954, quando muitos moradores da capital, Porto Alegre, após as notícias sobre o suicídio de Vargas, por acreditarem que a rádio era responsável, junto a outras instituições midiáticas, por uma campanha para desestabilizar o governo, atacaram o prédio.

O acervo da Hemeroteca Digital Brasileira deve ser mencionado, visto ter sido possível localizar notícias e programações da Rádio Farroupilha veiculadas por jornais e periódicos sobre o programa de rádio apresentado por Veríssimo.

<sup>86</sup> Antiga Estação Transmissora da Rádio Farroupilha, no bairro Ponta Grossa, no extremo-sul de Porto Alegre.

Figura 21 - Inauguração da Rádio Farroupilha, no Jornal A Federação, de 24 de julho de 1935. Depositário Hemeroteca Digital Brasileira.



A Rádio Farroupilha foi inaugurada no dia 24 de julho de 1935, em Porto Alegre. Os periódicos da época noticiaram a inauguração, como se lê na nota veiculada no jornal *A Federação*<sup>87</sup>. Ali convidava “todo o Brasil a ouvi-la acrescentando ser esse mais um laço que une os brasileiros do sul ao norte” (*A Federação*, 24 de julho de 1935). O enunciado indica a preocupação em se levar a mesma programação a todos os Estados do país, de forma a unificar as notícias e as transmissões realizadas.

A Rádio Farroupilha, “uma forte empresa de radiodifusão, detinha moderno e possante aparelhamento” (como era chamada em propagandas e notícias sobre seu funcionamento) e investia na propaganda, com vistas a atrair diferentes ouvintes, como homens e mulheres apreciadores de música e literatura, interessados nas notícias do Estado sobre política, comércio e turismo e também crianças em idade escolar.

As crianças que frequentavam o ambiente escolar, portanto, não foram esquecidas, dado que a preocupação demonstrada com os “melhores sentimentos” e com os alunos com as melhores “conduta e aplicação aos estudos” era grande. O “Quarto de hora do Amigo Velho, oferecido à petizada brasileira”, iniciava por volta das 18:30, e tinha duração de, aproximadamente, 15 minutos, antecedendo o programa “Hora do Brasil”<sup>88</sup>. Tal proximidade

<sup>87</sup> O jornal *A Federação* foi fundado em 1º de janeiro de 1884, na então Província de São Pedro (RS). De cunho político-partidário, tinha como missão divulgar os ideários republicanos. Dirigido, primeiro, por Venâncio Ayres (até 1884) e, em seguida, por Júlio de Castilhos. Circulou até novembro 1937, quando se instalou o Estado Novo (1937-1945), sob o comando do presidente Getúlio Dornelles Vargas, que decretou o encerramento das publicações do jornal. No mesmo ano, foram extintos os partidos políticos no Brasil.

<sup>88</sup> De acordo com pesquisas realizadas no CPDOC, desde 1931, com o Departamento Oficial de Publicidade, substituído, em 1934, pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, que o governo implantava uma política de controle das informações transmitidas pelo rádio e pela imprensa. Quando o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural se transformou no Departamento Nacional de Propaganda, em 1938, o programa “Hora do Brasil” foi transmitido pela primeira vez. De transmissão diária por todas as estações de rádio, tinha a duração de uma hora e divulgava os principais acontecimentos da vida nacional. A partir de 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda passa a ser o responsável pela “Hora do Brasil”, que

entre os programas “A Hora dos Três Porquinhos” e a “Hora do Brasil” sugere intenção comercial do autor Erico Veríssimo e da Livraria e Editora do Globo, um tipo de estratégia de vendas, visto que os pais poderiam ouvir as histórias contadas junto a seus filhos, enquanto esperavam o programa sobre notícias do país começar. Dessa forma, poderiam se interessar em adquirir os livros inspirados nas histórias narradas na rádio e publicados pela casa editora, assinalando-se que, pelo menos, três delas foram publicadas na *Biblioteca de Nanquinote*.

Figura 22 - Programação da Rádio Farroupilha do dia 13 de outubro de 1936, publicada no jornal A Federação. Depositário Hemeroteca Digital Brasileira.

**RÁDIO FARROUPILHA**

**Os programas para hoje**

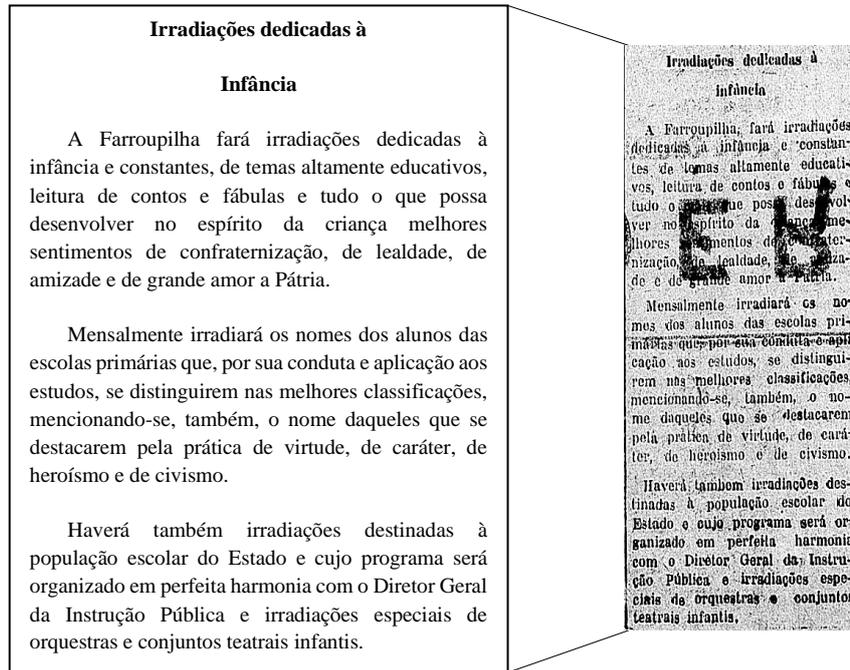
RADIO FARROUPILHA — Gra-  
vações:  
18.00 — Quarta de Hora Infantil,  
pelo Amigo Velho (Erico Veríssimo).  
18.46 — Hora do Brasil, instituída  
pelo Governo Federal, com  
19.38 — Orquestra de Paulo Coelho,  
Clávia Mamede, Herculina Corrêa, Teó-  
filo Roblin.  
19.46 — Programa de Música Alegre,  
executada pela Orquestra Internacio-  
nal regida pelo maestro Foyser, e ofe-  
recida pelo Sindicato do Alcool e da  
Agricultura do Rio Grandeiro.  
20.09 — Noticiário Lottva Leite.  
20.16 — Conjunto Alva Portuguesa  
com a popular cantora Maria Albertina.  
20.30 — Canções fincas pela soprano  
Vera Franzel Foyser num programa  
intencional com a Orquestra Inter-  
nacional da PRRI 2.  
21.00 — Hora certa da Casa Masson  
— Sambas, canções, valças, marchas  
e fox-trot interpretados por Herculina  
Corrêa, Januário de Oliveira, Teó-  
filo Roblin, acompanhados pela Orquestra Far-  
roupilha.  
21.30 — Banda do Barão, dirigida  
por Fernando Frances, num programa  
de música popular brasileira.  
21.46 — Irandirreos um esplêndido  
programa de Radioteatro, desempenha-  
do por Estelita Dell e Peri Moraes.  
22.00 — Alcides Gonçalves em can-  
ções e marchas, acompanhado pelo  
Conjunto Lottva de Paulo Coelho.  
22.16 — Orquestra Internacional da  
PRRI 2.  
22.30 — Noticiário A. B. C.  
22.46 — Gravações das Orquestras  
de Benny Goodman e Francisco Cu-  
nha.  
23.00 — Hora certa da Casa Masson  
— Regresso do Programa do amanhã.  
— Transmissão direta da Hora Po-  
pular do Casino Farroupilha.  
24.00 — Encerramento das Irradia-  
ções.

18:30 – Quarto de Hora Infantil,  
pelo amigo Velho (Erico  
Veríssimo).

Em notícia sobre o funcionamento da Rádio intitulada *Irradiações dedicadas à infância*, publicada no jornal *A Federação* de 10 de julho de 1934, registra-se que as irradiações teriam conteúdo educativo, por meio da leitura de contos e fábulas para desenvolver sentimentos de confraternização, lealdade, amizade e amor à Pátria.

deveria informar detalhadamente sobre os atos do presidente e as realizações do Estado, além de incluir programação cultural composta de “boa música” brasileira, comentários sobre a arte popular e descrições dos pontos turísticos do país, e histórias sobre os grandes feitos da nacionalidade. [Fonte: CPDOC. Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945) > "Hora do Brasil". In: <https://cpdoc.fgv.br>]

Figura 23 - Notícia veiculada pelo jornal A Federação, de 10 de julho de 1934. Depositário Hemeroteca Digital Brasileira.



Práticas que demonstrassem caráter, virtude, heroísmo e civismo por parte dos alunos das escolas primárias eram recompensadas com a leitura de uma lista onde constavam nomes de tais crianças durante a programação da rádio. Mais um meio encontrado para distinguir “os melhores” para a sociedade; aqueles que sabiam seguir as regras.

As notícias demonstram com clareza o projeto civilizador e educativo que assumiu a rádio do Rio Grande do Sul, com seus programas que se pretendiam instrutivos e capazes de contribuir para a formação de crianças e adultos.

No que diz respeito à sociedade urbana brasileira, os anos de 1930 trazem marcas emblemáticas: a revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, que, desde o início, percebeu o potencial do rádio como veículo de divulgação de ideias populistas e organizador de uma “consciência nacional”, assim como as transformações arquitetônicas na capital do país e o surgimento de camadas médias por um lado, e, por outro, a utilização de dispositivos repressivos para regulação das camadas pobres, analfabetas. Ao longo desses anos, o mercado de livros também teve um incremento, em um movimento ascendente, conforme aponta Miceli (2001).

Foi também na década de 1930, especificamente no ano de 1935, que a *Revista do Globo* passou a dar mais espaço para notícias sobre as rádios de Porto Alegre em suas páginas. Esse movimento coincide com a inauguração de mais duas emissoras da cidade, além da Rádio

Gaúcha, a cidade passa a contar com a Rádio Difusora (1934) e a Rádio Farroupilha (1935). Em 1936, a revista criou a seção “Música no Ar”, que abordava o trabalho das emissoras.

De acordo com Rosenblat, com o crescimento da popularidade do programa apresentado por Veríssimo, o estúdio passou a receber inúmeras crianças que desejavam conhecer e conversar com o “Amigo Velho”, como se chamava Erico Veríssimo à época. Esse movimento durou um ano, uma vez que, em 1937, por decisão pessoal, Erico Veríssimo desistiu de continuar apresentando os programas, visto que a censura política insistia em ter acesso aos roteiros dos programas com antecedência. Para se despedir do “Quarto de hora do Amigo Velho” e das crianças que o acompanhavam, tomou o microfone uma última vez e fez um manifesto<sup>89</sup> contra a censura, o tolhimento da liberdade dos cidadãos e se despediu. Essa decisão diminuiu sua renda mensal, conforme narra em sua autobiografia, e lhe criou alguns problemas com a polícia, como interrogatórios e um acompanhamento mais próximo.

Quando em 1937 Getúlio Vargas instituiu o Estado Novo e o famigerado DIP começou a exercer rigorosa censura sobre a imprensa e as estações de rádio, fui notificado de que dali por diante o Amigo Velho teria de submeter previamente suas estórias ao Departamento de Censura, antes de contá-las aos seus pequenos ouvintes. (Como as ditaduras temem as palavras!) Decidi terminar a hora infantil, o que fiz com um discurso de despedida e ao mesmo tempo de protesto contra a situação. Isso me valeu uma nova interpelação da parte da Polícia. “Quero que me fale com toda a franqueza” – disse-me naquele dia um funcionário do DOPS com quem eu tinha relações pessoais. – “És ou não comunista?” Nem sequer me dei o trabalho de lhe responder. Voltei-lhe as costas, ganhei a rua e desci a escadaria do viaduto, assobiando o andantino do misterioso quarteto do disco mutilado. (VERISSIMO, 2005, p. 263)

Outra interpretação sobre o fim do programa é apresentada por Rosemblat, que afirma:

De repente, no ano seguinte, em [19]37, com a implantação do Estado Novo, nasceu junto uma coisa que vocês conhecem bem: a censura. E a censura queria que Erico submetesse primeiro a eles os contos que improvisava ao microfone. Erico não aceitou a imposição. Foi para o microfone, fez um manifesto de protesto contra a censura, contra o tolhimento da liberdade do cidadão e se despediu do programa, o que diminuiu sua renda mensal e sua fé no bicho homem. (ROSEMBLAT, 1986, p. 37)

O próprio Erico Veríssimo, ao narrar tais acontecimentos sobre o programa, mencionou o episódio em seu livro de memórias, *Solo de Clarineta* (2005): “Isso me valeu uma nova interpelação da parte da Polícia”. A resposta à pergunta se era ou não comunista<sup>90</sup> não foi dada ao agente da polícia, e, tampouco, aos seus leitores.

<sup>89</sup> Infelizmente, não foi possível localizar a transcrição de tal pronunciamento, uma vez que, como acontecia com os programas apresentados, não existe uma cópia escrita do mesmo.

<sup>90</sup> Muitos escritores da intitulada “Geração de 30” e intelectuais da época eram filiados ao Partido Comunista Brasileiro. Entre eles, destacam-se Jorge Amado e Graciliano Ramos, que tiveram militância pública no partido na década de 1940. Anteriormente, seus vínculos, ainda que somente como simpatizantes, os teriam levado à prisão. [Fonte: BARBOSA, Júlia Monnerat. *Militância política e produção literária no Brasil* (dos

Pressões sobre os jornais e o rádio não eram novidade para a população do Rio Grande do Sul, que já havia experimentado arbitrariedades durante governos de Júlio de Castilhos<sup>91</sup>, Borges de Medeiros<sup>92</sup> e Flores da Cunha<sup>93</sup>. A novidade era a radicalização das práticas de censura.

A censura aos programas de rádio apresentados por Veríssimo foi imposta pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo. Nessa época, na década de 1930, a propaganda era a estratégia adotada para garantir o poder do regime político, assumindo “força muito maior porque o Estado [...] exerce[ia] censura rigorosa sobre o conjunto das informações e as manipula[va]” (CAPELATO, 1999, p. 169). Anterior ao DIP, o regime contou com o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), criado em 1934 e substituído pelo Departamento Nacional de Propaganda (DNP) em 1938. Somente, em 1939, o DNP dá lugar ao DIP, principal órgão responsável pela produção e pela veiculação da propaganda oficial do regime.

Criado pelo decreto-lei nº 1.915 de 27 de dezembro de 1939, o DIP ampliou os poderes do Estado, intensificando o controle dos meios de comunicação, a grande e constante divulgação das realizações do governo, o apoio às produções culturais e artísticas que veiculassem mensagens afinadas com os valores adotados pelo regime político. Diretamente subordinado ao Presidente da República, o DIP era o responsável pela “elucidação da opinião nacional sobre diretrizes doutrinárias do regime, em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileiras”, além de “combater por todos os meios a penetração ou disseminação

---

*anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB. 403f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.]*

<sup>91</sup> **Júlio de Castilhos (1859-1903)** Participou da fundação do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), em 1882. O partido defendia a eleição direta dos chefes do Poder Executivo, nas esferas federal, estadual e municipal; o voto livre e público; entre outras questões. O partido também lançou o jornal oficial *A Federação*, decisivo para seu êxito, uma vez que os periódicos foram os mais importantes veículos de comunicação social e de propaganda política ao longo do século XIX. Ao assumir o poder, Júlio de Castilhos se radicaliza e defende um presidencialismo forte e centralizador. Governou o Rio Grande do Sul até 1898, acumulando com a presidência de seu partido. Adotou ainda uma posição de autonomia em relação à Presidência da República, o que gerou conflitos com o governo central. Seu sucessor foi Antônio Augusto Borges de Medeiros. [Fonte: CPDOC. Verbete CASTILHOS, Júlio de. In: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes.>]

<sup>92</sup> **Borges de Medeiros (1863-1961)** Deu continuidade ao projeto político de Júlio de Castilhos, governando o Estado até 1908, e retornando de 1913 a 1928 ao poder. Promoveu a estatização de serviços públicos, como o transporte ferroviário e obras portuárias, até então a cargo de companhias internacionais. Em 1928, afastou-se do governo gaúcho, porém indicou Getúlio Vargas para substituí-lo. Anos depois, fez parte da oposição a Vargas no Congresso. [Fonte: CPDOC. Verbete Borges de Medeiros. In: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies.>]

<sup>93</sup> **Flores da Cunha (1880-1959)** Filiado ao Partido Republicano Rio-Grandense, iniciou sua carreira política em 1909. Em 1923, destacou-se como chefe militar legalista. Apoiou a candidatura de Getúlio Vargas à presidência. Foi nomeado interventor federal no Rio Grande do Sul com a vitória do movimento que levou Vargas ao poder. Em 1937, após romper com Vargas, foi obrigado a deixar o governo gaúcho. [Fonte: CPDOC. Verbete Flores da Cunha. In: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies.>]

de qualquer ideia perturbadora ou dissolvente da unidade nacional” (Cf. Decreto nº 5.077 de 29 de dezembro de 1939, que aprova o regimento do DIP). O apelo à identidade nacional como fator de unidade do povo brasileiro foi um aspecto bastante explorado por essa propaganda governamental.

Além da propaganda do governo, o DIP era também o responsável pela censura ao cinema, à música e a demais produções culturais e artísticas, incluindo as programações das rádios, que, por outro lado, constituíram-se como veículo de importância significativa para a popularização do regime, pois alcançava populações de zonas rurais e o elevado número de pessoas não alfabetizadas, disseminando o projeto de legitimação do Estado Novo. Nesse sentido, os programas radiofônicos “Hora do Brasil” e “Falando aos trabalhadores brasileiros”, tenham sido, provavelmente, os de maior destaque.

Todavia nem só o programa da Rádio Farroupilha rendeu problemas com o Departamento de Ordem Política e Social – DOPS. Enquanto presidente da Associação Rio-grandense de Imprensa - ARI, Veríssimo conclamou os profissionais de imprensa do Rio Grande do Sul a se aliarem à ARI, e lutarem pela liberdade de imprensa.

Em ocasião da publicação do livro *Caminhos Cruzados* (1935), que retratou o contraste existente entre ricos e pobres, levando a um questionamento sobre as desigualdades sociais e econômicas, Veríssimo foi acusado, pelo DOPS, de ser comunista. O escritor também assinou um manifesto que condenava o fascismo, elevando sua “má reputação” dentro do DOPS. No momento de sua posse, como presidente da associação, Veríssimo se manifestou quanto a essa acusação do DOPS:

Sou um homem que não tem nem nunca tive partido político. Acho que todos os partidos são bons desde que possam assegurar uma vida decente, razoavelmente confortável e cheia de ar puro e livre. Há uma convicção que ninguém varre da mente: a de que o ar não é prioridade de ninguém. Todos temos igual direito a respirá-lo de acordo com a capacidade de nossos pulmões. (VERÍSSIMO, 1935)

Em sua gestão à frente da ARI, muitos jornalistas foram perseguidos e presos, com base na Lei de Segurança Nacional. Diante disso, Erico Veríssimo interveio buscando a liberdade dos colegas ou melhores condições, quando não era possível a libertação. Além disso, oferecia assistência às famílias dos presos políticos.

A Rádio Farroupilha também surgiu nas páginas da *Revista do Globo* em 1938. Nesse exemplar do periódico, duas fotografias informavam sobre a emissora, uma delas destacando o estúdio e, a outra, a torre de transmissão da rádio. Um texto extraído da revista apresenta algumas considerações sobre a Rádio Farroupilha:

Sendo a última estação radiofônica instalada em Porto Alegre, é, desde a sua

inauguração, uma das vanguardistas no progresso radiofônico nacional. Desde o início de suas atividades, fez do seu microfone o transmissor artístico dos maiores valores do rádio no Brasil. Todos os astros máximos pisaram a sua sala doirada. Dentro de poucos dias, festejará o 3. Aniversário do seu conjunto de rádio-teatro, sob a direção de Pery Borges e Estelita Bell, talvez o único programa no Brasil que apresenta, diariamente, a média de um número novo por irradiação. A Rádio Farroupilha tem acompanhado todos os momentos nacionais e estrangeiros através dos seus jornais falados, já organizando programas de acordo com as festividades cívicas, já pondo os seus ouvintes ao corrente de tudo que se passa no mundo e que interessa à coletividade brasileira. (A Rádio Sociedade Farroupilha Ltda P.R.H. 2. In: Revista do Globo. Ano X, N. 242, 1938)

Algumas das histórias improvisadas ao microfone da Rádio Farroupilha compuseram a *Biblioteca de Nanquinote*. O próprio escritor explicou tal fato em um volume da *Coleção Catavento*, da Livraria e Editora do Globo, que reuniu as histórias infantis do escritor gaúcho. Erico Veríssimo acreditava que seus livros para crianças seguiam as características dos *cartoons* de Walt Disney e tais obras foram escritas pensando em crianças de quatro a dez anos, conforme depoimento do autor.

Em reunião com o dono da Editora, Erico Veríssimo teve a ideia de editar a coleção de livros para as crianças, que se chamaria *Biblioteca de Nanquinote* e reuniria histórias escritas pelo próprio idealizador da coleção e por outros autores da época.

A produção para a infância de Erico Veríssimo está concentrada na década de 1930<sup>94</sup>, início de sua carreira como escritor, configurando uma diferença com relação a outros escritores brasileiros, que só se dedicaram à escrita para crianças, após a consolidação da carreira, como Graciliano Ramos, por exemplo. O escritor-editor lançava-se na escrita e na organização da *Biblioteca de Nanquinote*, que contou com a contribuição de outros escritores, entre eles Mário Quintana. Dessa forma, Erico Veríssimo “se projetou nos mais diversos domínios da criação literária: das aventuras infantis ao universo épico de *O Continente*<sup>95</sup>, da caricatura social à ficção psicológica, da crônica de viagens ao romance alegórico que é *Incidente em Antares*<sup>96</sup>” (CHAVES, 1972).

A década de 1930, no Brasil, foi um período no qual os debates acerca da educação tornaram-se intensos e a literatura infantil ocupou um lugar de importância no cenário

<sup>94</sup> No que diz respeito à sociedade urbana brasileira, os anos de 1930 trazem marcas emblemáticas. A revolução de 1930 e a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, assim como as transformações arquitetônicas na capital do país e o surgimento de camadas médias por um lado, e, por outro, a utilização de dispositivos repressivos para regulação das camadas pobres, analfabetas. Ao longo desses anos, o mercado de livros também teve um incremento, em um movimento ascendente, conforme aponta Miceli (2001).

<sup>95</sup> Os dois volumes de *O Continente* abrem a trilogia *O Tempo e o Vento*. Segundo o crítico literário Antonio Candido, *O Continente* é “um dos grandes romances da literatura brasileira”. A trilogia *O Tempo e o Vento* conta 150 anos da história do Rio Grande do Sul e do Brasil que Erico Veríssimo compôs em três partes: *O Continente*, *O Retrato* e *O Arquipélago*, publicados entre 1949 e 1962.

<sup>96</sup> Em *Incidente em Antares*, Erico Veríssimo faz uma sátira política contundente e hilariante que, mesmo lançada em 1971, em plena ditadura militar, não teve receio de abordar temas como tortura e corrupção.

educacional. Segundo Lajolo (2001, p. 66), “na tradição brasileira, literatura infantil e escola mantiveram sempre relação de dependência mútua”. Dessa forma, a escola recorre aos livros de literatura infantil para difundir valores, conceitos, atitudes, comportamentos.

No âmbito das ações dirigidas ao público infantojuvenil, destaca-se a criação da Comissão Nacional de Literatura Infantil (CNLI), em abril de 1936, com a incumbência selecionar livros para tradução, classificar por idades e censurar as histórias que fossem perniciosas. Também deveria organizar um projeto de bibliotecas infantis e promover o desenvolvimento de uma boa literatura para crianças e jovens. Dessa forma, a criação da CNLI indica uma preocupação com uma política de incentivo à leitura como via para a formação de hábitos e valores, assim como com o ideário do nacionalismo.

Entre os livros da *Biblioteca de Nanquinote*, são identificados os que destacam a natureza do Brasil, como sugere o título *Os bichos do Brasil*, de Kurt Gregorius/Ernst Zeuner<sup>97</sup>. Em contrapartida, também, são publicados na coleção livros sobre a África e a Índia, como *Os bichos da África* e *Duca e João na África e na Índia*, também de Kurt Gregorius/Ernst Zeuner.

Autores, como Cristina Maria Rosa (2013), defendem a existência de um projeto literário e pedagógico por parte de Erico Veríssimo com relação à literatura para crianças por ele produzida e idealizada. Ora, se seus livros de histórias faziam parte desse projeto, os contos improvisados ao microfone da Rádio Farroupilha também fizeram, uma vez que ali surgiram as ideias para a escrita de, pelo menos, três desses livros publicados pela Seção Editora da Livraria do Globo. Nesses termos, é importante considerar o rádio, como espaço de criação de arte e de obra autoral, e as marcas que seus autores imprimiram como forma de expressão artística e ideológica.

Também na década de 1930, outro programa de rádio para crianças era transmitido, contudo, não no Brasil. Em Berlim, Alemanha, o filósofo Walter Benjamin apresentava

---

<sup>97</sup> A informação sobre a utilização do pseudônimo “Kurt Gregorius” foi localizada no livro *A Modernidade Impressa: artistas ilustradores da Livraria do Globo – Porto Alegre*, da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paula Ramos. Uma das imagens veiculadas é a capa do livro *O Rei que teve um só amor* (1931), que entre os paratextos presentes – título, nome do autor, nome da casa editora, cidade sede da casa editora, ilustração e nome do ilustrador – é possível observar que a assinatura do ilustrador, gravada no canto inferior direito da imagem, é “Gregorius”, contudo a pesquisadora Ramos afirma que a ilustração da capa é de Zeuner. Outro exemplo de uso do nome “Gregorius” por Ernst Zeuner é a capa da edição nº 13 da *Revista do Globo*, de 1931, com composição bem próxima a capa do livro *O Rei que teve um só amor*. Somado a isso, tem-se toda a dificuldade de se localizar informações sobre Kurt Gregorius, possivelmente, indicando que esse foi um nome inventado para ser pseudônimo de algum funcionário da Livraria e Editora do Globo. Considerando todas essas informações, é possível dizer que o chefe da Seção Editora também escreveu e ilustrou livros para a *Biblioteca de Nanquinote*. Curiosamente, outras ilustrações para periódicos da Livraria e Editora do Globo foram assinadas com o nome “Carlos Zeuner”; o nome completo do ilustrador alemão era Carl Ernst Zeuner, demonstrando um “abrasileiramento” do nome do artista. [Fonte: RAMOS, Paula Viviane. *A Modernidade Impressa: artistas ilustradores da Livraria do Globo – Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS EDITORA, 2016.]

narrativas radiofônicas para crianças, abordando diferentes assuntos e falando, sobretudo, com os ouvintes. Se considerarmos as histórias narradas por Benjamin em seu programa de rádio, o filósofo já indicava que se poderia falar sobre todos os assuntos com as crianças, visto que elas estão inseridas na sociedade e são afetadas por tudo em que nela acontece. A exemplo do programa apresentado por Veríssimo, nenhum áudio foi conservado, porém, diferente do programa “A Hora dos Três Porquinhos”, existem registros escritos de tais programas. Foram esses escritos que permitiram a publicação do livro *A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin*<sup>98</sup>.

Em suas narrativas, o autor mesmo abordando temas que provocavam reflexões sobre história, memória, narrativa e infância, o fez destinado às crianças, revelando-se um “pedagogo tão discreto quanto engenhoso” (TIEDEMANN, 1985 apud BENJAMIN, 2015) e demarcando essa posição de criação de arte e de obra autoral.

Se Benjamin contava histórias para crianças que tratassem de assuntos, como o grande terremoto da cidade de Lisboa ou sobre as histórias e culturas de sujeitos tratados como marginais, tais quais bandoleiros, bruxas, ciganos, prisioneiros e judeus, Veríssimo, em seu programa na Rádio Farroupilha, criava e contava histórias que também falavam de andarilhos, como os porquinhos fujões dos livros *Os três porquinhos pobres* e *Outra vez os três porquinhos*, ou ainda sobre aqueles que podem ser um pouco diferentes, como o urso que tem música saindo de sua barriga, em *O urso com música na barriga*.

Em consonância com a pesquisa de Costa (2012), ao longo da década de 1930, a radiofonia iniciou uma forma de expansão por intermédio da inauguração de emissoras. Além disso, o número de ouvintes aumentou e as novas atrações, com diferentes formatos, entraram na grade. Ainda segundo a autora (2012), em 1936, 65 emissoras funcionavam, oficialmente, e uma delas era a Rádio Farroupilha, visando inserir programas que agradassem a adultos e às crianças.

No Brasil, na década de 1930, quando Veríssimo iniciou seu programa na Rádio Farroupilha, “o mundo da radiofonia assistiu ao início de um intenso debate sobre os parâmetros educacionais que deveriam ser adotados pelas emissoras” (COSTA, 2012, p.110). Outras programações dirigidas ao público infantil surgiram nessa década, como o *Tapete Mágico da Tia Lúcia*, apresentado por Ilka Labarthe<sup>99</sup>, que empregava a narrativa de viagem como meio

<sup>98</sup> BENJAMIN, Walter. *A hora das crianças: narrativas radiofônicas*. Organização Rita Ribes. Tradução Aldo Medeiros. Editora Nau, 2015.

<sup>99</sup> **Ilka Labarthe** (?) Locutora de destaque, exerceu várias funções no Rádio. Compôs o quadro de professoras da estação de rádio idealizada por Edgar Roquette-Pinto, a Rádio Escola Municipal (PRD5), quando elaborou e apresentou diversos programas dirigidos ao público infantil, entre eles o “Tapete Mágico da Lúcia”,

para transmitir noções de Geografia e História, demonstrando, assim, sua proposta pedagógica, divertindo ao mesmo tempo em que educava.

A alegria, no seu sentido superior, ainda é o maior poder criador. Seria absurdo que o rádio não fosse essencialmente educativo, com a formidável e fulminante força da propagação e comunicação que possui. Houve um tempo que eu contava com milhares de amiguinhos nas escolas públicas da cidade. Quando lhes faltava porventura, ao microfone da Rádio Escola Municipal, recebia dos meus pequeninos ouvintes reclamação da ausência daqueles momentos de distração. Na verdade, divertindo-os distraía-os ainda mais. Nenhum outro elemento realiza tão bem esse ideal de educar com alegria como o rádio (LABARTHE, 1939, p. 18)

O programa *Tapete mágico da Tia Lúcia* era transmitido pela Rádio Escola Municipal (PRD5) e foi ao ar pela primeira vez em 1934. Comandando um tapete mágico, a apresentadora conduzia seus ouvintes por um país diferente a cada programa. Crianças estavam presentes na atração fazendo perguntas sobre o país “visitado”. A partir de 1935, a atração passou a ser transmitida pela Rádio Mayrink Veiga (PRA9) e, na década de 1940, pela Rádio Nacional.

Entretanto o que aproximava Erico Veríssimo de Ilka Labarthe? O fato de os dois serem, ao mesmo tempo, autores e narradores daquilo que haviam idealizado.

No ano em que Veríssimo iniciou a transmissão de seu programa, as discussões a respeito dos modelos de radioeducação se acirravam. Uma série de instruções para a organização de programas de rádio foi aprovada. A legislação proibia, por exemplo,

A irradiação de trechos musicais, cantados em linguagem imprópria à boa educação do povo, anedoctas ou palavras nas mesmas condições, jogos de azar, ou seus resultados, e bem assim, de propaganda de credos políticos subversivos e de comentários sobre factos sociaes que envolvam a honra da família, ou de programas constituídos unicamente de discos de musicas populares. (Portaria n° 750<sup>100</sup>, artigo 8°)

O programa apresentado por Erico Veríssimo desafiou a polícia, ao não oferecer os roteiros com antecedência, de modo que uma análise fosse realizada e fosse confirmada a ausência de “propaganda de credos políticos subversivos”. Talvez por este motivo, além da

---

encarnando a Tia Lúcia. A programação do “Tapete Mágico” foi concebida a partir dos pressupostos idealizados pela União Internacional da Radiodifusão e pela Confederação Brasileira de Radiodifusão. Ao contrário dos programas de rádio de Walter Benjamin, que acreditava que as crianças poderiam ouvir sobre qualquer assunto, desde que adaptações fossem realizadas, o programa da “Tia Lúcia” não abordava questões sobre guerras, invasões, dominações ou diáspora dos povos. Outro programa de grande sucesso foi “A Hora Feminina”, da rádio Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro. [Fonte: SAROLDI, Luiz Carlos. *Rádio Nacional: O Brasil em sintonia*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005]

<sup>100</sup> A Portaria n° 750, de 24 de setembro 1935, aprovava instruções para a organização de programas de rádio que deveriam ser respeitadas pelas emissoras. As instruções oficiais estavam de acordo com os preceitos defendidos pelos radioeducadores. O controle estava presente com a criação da Comissão Técnica de Rádio, que deveria supervisionar a programação, de posse das informações detalhadas que as emissoras deveriam entregar mensalmente. [Fonte: COSTA, Patrícia Coelho da. *Educadores do rádio: concepção, realização e recepção de programas educacionais radiofônicos (1935-1950)*. 280f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.]

amizade com conhecidos adeptos do regime comunista, como Jorge Amado, as crenças de que Veríssimo fosse comunista tenham ganhado força.

## 2.2 A composição da Biblioteca de Nanquinote

A experiência contando histórias improvisadas para crianças ouvintes do programa veiculado pela Rádio Farroupilha resultou na conformação, anos depois, da *Biblioteca de Nanquinote*, uma robusta coleção<sup>101</sup> com destinação certa: as crianças.

Atentando-se no título da coleção, emerge outro conceito que interessa a este estudo, que é o de “Biblioteca”. Neste caso, biblioteca designa um conjunto de livros, conforme qualificaria Chartier (1998). Ela pode existir como um único livro ou uma série, como no caso da coleção ora estudada, com a função de colecionar as histórias, que seu editor acredita serão bem recebidas pelos leitores, sendo capazes de fidelizá-los. Essa prática indica a necessidade de se cativar novos leitores, buscando-se públicos especiais, o que possibilita observar e analisar as práticas empreendidas pelos editores: a busca pelo perfil do leitor que se pretendia atingir.

A emergência de projetos editoriais no formato de coleções está intimamente ligada a modificações nos espaços de produção de narrativas educacionais, científicas e literárias, dado que estas contribuem para a produção de novos livros, que visam responder a novos objetivos e necessidades, conforme Isabelle Olivero (1999).

Dentre as estratégias empregadas na produção de uma coleção, situa-se a oferta de um conjunto de títulos organizados de acordo com uma proposta específica, que inclusive norteia o modo de leitura. No caso da *Biblioteca de Nanquinote*, esta seria um produto da estratégia<sup>102</sup> editorial e pedagógica, visto que o mercado faz do editor um dos atores da modernização cultural do país (TOLEDO, 2001), dotada de características específicas, no sentido em que a edição de coleções ocorre, por um lado, por interesse econômico da casa editora, que pode ampliar seu campo de atuação e alcance. Por outro lado, trata-se de uma política cultural que varia segundo os objetivos de seus promotores, neste caso, Erico Veríssimo e Henrique Bertaso.

Como uma nova classe de impresso, a publicação de coleções visa “conquistar e atender um público maior de leitores” (Olivero, 1999). Atendendo à necessidade de ampliar o número de leitores e à demanda que deposita no livro a missão de educar, civilizar, universalizar e

<sup>101</sup> Para fins desta pesquisa, coleção pode ser entendida como uma “compilação de várias obras da mesma natureza, ou de autores que compilaram tudo que se pode dizer sobre um mesmo tema” (CHARTIER, 1998, p. 70).

<sup>102</sup> Compreendida como dispositivo de normatização de práticas estabelecidas por determinados lugares de poder, de acordo com proposições de Michel de Certeau (1982).

edificar, a indústria livreira aposta na publicação das coleções de livros para atingir esses objetivos.

O acervo editorial da Livraria e Editora do Globo foi classificado e organizado em função de diferentes públicos, cujas competências de leitura eram diferenciadas. Cada coleção definia-se pelo público que pretendia atingir, ordenando o espaço de leitura. A *Coleção Amarela* (1931-1956) compilava novelas policiais; a *Coleção Universo* (1932-1942) reunia livros de viagens, aventuras, de leitura amena e instrutiva; já a *Coleção Globo* (1932-?) era uma “espécie de coquetel literário em que se misturavam livros de aventuras, de caráter popular e boa literatura” (VERÍSSIMO, p. 34); a *Coleção Nobel* (1933-1958) era de literatura contemporânea; a *Coleção Biblioteca dos Séculos* (1941-1954) reunia traduções a preços acessíveis; na *Coleção Espionagem* (1931-1933) publicavam-se histórias sobre espões, como o nome indica; os romances para senhoras e senhoritas poderiam ser encontrados na *Coleção Verde* (?); a *Biblioteca de Nanquinote* (1935-1949), objeto desta pesquisa, era destinada à literatura para crianças em fase de alfabetização; para crianças maiores existia a *Coleção Catavento* (?).

Tais coleções eram pensadas a partir de diferentes aspectos, com vistas à produção de uma identidade visual, considerando-se a padronização das capas, contracapas, páginas de espelho e lombadas, configuração de um “aparelho crítico”<sup>103</sup>, que adaptam o texto, integrando-o à coleção e produzindo o seu destinatário. Essa prática de trabalhar com novas estratégias editoriais se intensificou no país durante a década de 1930, de acordo com estudos de Toledo (2001), justamente quando a *Biblioteca de Nanquinote* é lançada a partir da publicação do primeiro volume, *Aventuras do Avião Vermelho* (1936).

Por um lado, as editoras, nesse contexto, ganham *status* de agentes de desenvolvimento da cultura nacional, uma vez que produzem o livro, importante instrumento de transformação cultural. Nesse sentido, a *Biblioteca de Nanquinote* se configura como um dispositivo de saber e lazer, tornando-se um fomentador de práticas e circulação da leitura. Por outro lado, os editores/organizadores são considerados os atestadores da legitimidade da coleção e dos critérios de escolha dos títulos e dos autores que escreveram para ela. Por isso, sua posição e prestígio conferem a seu nome autoridade.

Veríssimo escreve para crianças ainda no início de sua carreira, ao longo da década de 1930. As famílias que compravam os livros para crianças da Livraria e Editoria do Globo

---

<sup>103</sup> Prefácios, notas, índices remissivos e onomásticos, exercícios, sumários, temários, etc, conforme Olivero (1999).

conheciam o escritor, também, de romances publicados pela casa editora; e os leitores dos romances conheciam os livros para as crianças escritos e legitimados por Erico Veríssimo.

No livro *Um certo Henrique Bertaso*, escrito por Veríssimo, o autor rememora como surgiu o projeto da coleção para crianças da Livraria e Editora do Globo:

Uma tarde discutimos o projeto duma coleção dedicada às crianças, em volumes de formato grande, com ilustrações em muitas cores. Escrevi para essa série (Coleção Nanquinote) seis estórias que apareceram entre 1936 e 1937. Dei ao herói da primeira (Aventuras do avião vermelho) o nome de Fernando. Nesse tempo eu mantinha, na Rádio Farroupilha, sob o pseudônimo de “Amigo Velho”, um programa em que contava estórias para crianças. (VERÍSSIMO, 2011, p. 44)

Assim foram editados os livros da *Biblioteca de Nanquinote*, em formato grande e bastante coloridos, com ilustrações que chamaram a atenção dos leitores da época e que, atualmente, são estudadas por pesquisadores da área de design<sup>104</sup>.

Ao propor a criação da coleção, o “editor se adianta ao leitor, propondo-se a realizar por ele essa operação de seleção”, articulando-se “a estratégias específicas de intervenção cultural através do livro” (CARVALHO e TOLEDO, 2007, p. 3). Tais estratégias se articulam às representações dos editores sobre os destinatários das coleções. Essas representações originam os critérios de escolha dos textos e dos autores que comporão a série, assim como daquilo que Olivero (1999) designa “aparelho crítico”<sup>105</sup> e as formas materiais dos volumes.

Figura 24 - Nanquinote.  
Personagem identificador  
da série de livros infantis.  
Fonte: Centro Cultural  
CEEE Erico Veríssimo.



<sup>104</sup> O livro resultado da pesquisa de doutoramento de Paula Viviane Ramos é um estudo sobre os artistas ilustradores da Livraria e Editora do Globo, responsáveis também por ilustrar os livros para crianças produzidos pela Editora. *A modernidade impressa – artistas ilustradores da Livraria do Globo* foi lançado em junho de 2016, contendo todo um capítulo destinado às coleções editadas pela editora de Porto Alegre.

<sup>105</sup> Prefácios, notas do tradutor, notas do editor e comentários presentes nos volumes da coleção; índices remissivos e onomásticos, exercícios, sumários, entre outros itens que produzem alterações de sentido nos textos publicados.

Entretanto de onde, afinal, surgiu o nome da coleção? Por que a personagem identificadora da coleção é o boneco Nanquinote?

O boneco criado por Veríssimo, Nanquinote, era um pseudônimo do escritor gaúcho, com a aparência de um boneco feito de nanquim, ou, nas palavras de Veríssimo, que também desenhava:

Uma vez certo homem rabiscou no papel um bonequinho e disse assim para ele: “Foste feito com tinta Nanquim: tu te chamarás Nanquinote!”. Disse e foi dormir. O bonequinho fugiu do papel e caiu no mundo.

Veríssimo nomeou a coleção *Biblioteca de Nanquinote*, a coleção de livros escolhidos pelo boneco, e ainda assinou como Nanquinote um de seus sete livros publicados na coleção. Este livro é o alfabetário *Meu ABC*, dedicado a apresentar as letras do alfabeto para as crianças. No entanto, por que ele deixaria de assinar uma de suas obras? Isto não ficou claro. Contudo, *Meu ABC*, quarto livro publicado na coleção, mesmo não sendo assinado por Veríssimo, nas propagandas da Livraria e Editora do Globo veiculadas em periódicos de todo o país destaca-se o nome do escritor como o autor da obra.

Todos os livros da coleção possuem uma apresentação em que a criação do boneco que lhe dá nome é explicada. Nanquinote é o elemento identificador e unificador da biblioteca para crianças da Livraria e Editora do Globo, uma vez que as capas diferiam de acordo com a narrativa, apresentando imagens particularizadas segundo o tema de cada história. Por isso, cabia ao boneco de nanquim aventureiro ser a marca da série, enquanto as capas deveriam individualizar as histórias, diferenciando-as das demais nas prateleiras dos pontos de venda.

Figura 25 – Apresentação da Biblioteca de Nanquinote nos livros da coleção. Acervo da autora.



Uma vez certo homem rabiscou no papel um bonequinho e disse assim para êle: “Foste feito com tinta Nanquim; tu te chamarás Nanquinote!”. Disse e foi dormir. O bonequinho fugiu do papel e caiu no mundo.

Hoje Nanquinote é um grande aventureiro. Faz grandes viagens montado num gafanhoto verde ou numa borboleta azul. Anda por toda a parte. Não tem paradeiro certo. É um sujeito muito ladino, muito travesso e muito implicante. Quando para o relógio da casa da gente, por que foi? Foi Nanquinote que se pendurou nos ponteiros ou que botou uma pedra no mecanismo. Quando vovô espirra, que foi que aconteceu? Foi Nanquinote que fez cócegas no nariz dele. Quando mamãe perde o dedal? Foi Nanquinote que escondeu. Quando uma janela se abre de repente? Foi Nanquinote que puxou o trinco.

Mas Nanquinote é muito amigo de todas as crianças do mundo. Quando um nenê não quer dormir, Nanquinote se aproxima do ouvido dele, canta-lhe uma canção misteriosa e o nenê dorme em seguida. Muitas vezes pensamos que foi Papá Noel que deixou cair um brinquedo bonito no nosso sapato... Na verdade quem trouxe o presente foi Nanquinote.

Agora o nosso herói organizou uma biblioteca para as crianças brasileiras. Como é muito modesto, botou na coleção o seu próprio nome.

Este livro faz parte da “Biblioteca de Nanquinote”. Há muitos outros. Todos interessantes, com lindas figuras coloridas.

Todas as crianças do Brasil devem querer muito bem a êsse bonequinho de tinta nanquim.

O fragmento foi extraído da apresentação da coleção presente em todos os 20 livros que a compõem. Nele, Veríssimo conta aos leitores da obra como surgiu Nanquinote. Destaca-se que o boneco de nanquim assume uma postura bem parecida a do Saci Pererê, personagem bastante conhecida do folclore nacional e das obras de Monteiro Lobato. Nanquinote também acalma as crianças pequenas e deixa presentes, como se fossem do Papai Noel.

Todas essas características de Nanquinote demonstram o empenho de Veríssimo em criar uma personagem querida pelas crianças leitoras da coleção, com a qual elas se identificassem, como transparece em “Todas as crianças do Brasil devem querer muito bem a êsse bonequinho de tinta nanquim”. Movimento bastante engenhoso, uma vez que se a criança simpatiza com a mascote da coleção, provavelmente irá querer ler suas histórias publicadas. Este apelo fica claro no trecho: “Este livro faz parte da ‘Biblioteca de Nanquinote’. Há muitos outros. Todos interessantes, com lindas figuras coloridas”.

Outro fato curioso é que o boneco feito de nanquim, ao ganhar vida própria e fugir da folha de papel, mostra-se um grande aventureiro, viajando pelo mundo. Sendo ele o pseudônimo de Veríssimo, importa traçar um paralelo com a trajetória do escritor, ele próprio um viajante, tendo conhecido muitos países. Essas viagens são relatadas em livros como *Gato preto em campo de neve*<sup>106</sup>, *A volta do gato preto*<sup>107</sup>, *México*<sup>108</sup>, *Israel em abril*<sup>109</sup> e em sua autobiografia, *Solo de Clarineta I e II*<sup>110</sup>.

Na edição de 1965 do livro *Gente e Bichos*, Erico Veríssimo comenta:

Escrevi esses contos no tempo em que os desenhos animados coloridos de Walt Disney atingiam seu apogeu, e creio que não errarei em afirmar que minhas histórias seguem o espírito “surrealista” dos “cartoons” daquele admirável criador de fantasias. Destinei minhas narrativas a crianças entre quatro e dez anos. Quero dizer, escrevi-as de tal modo que, se uma pessoa adulta ler esses contos para crianças ainda não alfabetizadas, estas poderão compreendê-los. Testei quase todas essas historinhas com meninos e meninas das mais variadas idades, e parece-me interessante mencionar que entre minhas cobaias de vinte e cinco anos atrás, estava um menino que viria a ser um dia o meu editor. (VERÍSSIMO, 1965)

<sup>106</sup> Livro publicado, em 1941, com o selo da Livraria e Editora do Globo, narra as experiências e impressões da primeira viagem de Erico Veríssimo aos Estados Unidos. Movido pela curiosidade em conhecer o país e proferir conferências, sua estadia foi financiada pelo Departamento de Estado, como parte da Política de Boa Vizinhança do governo de Franklin Roosevelt.

<sup>107</sup> Neste livro, publicado cinco após o lançamento de *Gato preto em campo de neve*, é narrada a segunda viagem de Veríssimo aos Estados Unidos, dessa vez, acompanhado de sua família e para assumir uma vaga de professor de Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

<sup>108</sup> *México* foi escrito entre 1953 e 1956, mas só foi publicado em 1957. A história gira em torno da viagem recreativa realizada por Veríssimo, sua esposa Mafalda e seu filho, Luis Fernando, ao país latino-americano. Realizada enquanto morava nos Estados Unidos e trabalhava na Organização dos Estados Americanos.

<sup>109</sup> Livro que conta a viagem a Israel ao lado de sua esposa Mafalda, a convite do governo do país em abril de 1966.

<sup>110</sup> Os dois volumes da autobiografia de Veríssimo narram experiências de viagens a Portugal, em 1959, e outros países da Europa. A estadia em Portugal mesclou momentos de turismo com atividades de trabalho.

Veríssimo “testava quase todas as historinhas” da *Biblioteca de Nanquinote*. Este movimento também foi objeto de reflexão de Cecília Meireles<sup>111</sup> (1984, p. 30), que sublinhou uma original vertente à época quanto à posição da criança sobre o livro produzido para ela.

[...] em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo à crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará sua preferência, se ela satisfaz ou não. (1984, p. 30)

“Uma certa inversão de domínio sobre o gosto” foi como a pesquisadora Márcia Cabral da Silva denominou essa prática de submeter a produção literária à apreciação da criança, uma vez que

“por mais de meio século no Brasil, o material literário destinado às crianças passara pela avaliação dos adultos, que adaptavam conteúdos, temas e suportes, valendo-se de um status de subordinação do gosto dos pequenos leitores” (SILVA, 2018, p. 67).

Note-se que Cecília Meireles destaca que não indica uma “crítica infantil” acerca dos livros para crianças, mas que tais obras sejam oferecidas aos leitores, que se manifestarão sobre a curiosidade e o interesse despertados pela leitura. Portanto, a recepção da obra por seus leitores, as crianças, era a importante mudança que Cecília Meireles defendia.

A criança elevava-se à condição de leitora proficiente, capaz de avaliar o livro lido e emitir opinião acerca do que leu. A criança não era apenas receptora das histórias, era também agente ativo que poderia tanto continuar pelo “mundo da leitura” quanto rejeitar determinadas histórias. Assim, Cecília Meireles defendia que a delimitação da literatura infantojuvenil deveria ocorrer pelas escolhas dos próprios leitores e não por características pré-determinadas, como se pode verificar em<sup>112</sup>:

<sup>111</sup> **Cecília Benevides de Carvalho Meireles (1901-1964)** foi jornalista, pintora, poetisa e professora carioca. Escreveu e publicou em 1924 o livro infantil *Criança, Meu Amor*, com prosas para o Ensino Fundamental. Recebeu inúmeras homenagens, entre as quais, o Prêmio Machado de Assis (1965), o título de Doutora *honoris causa* pela Universidade de Delhi (Índia) e o de sócia honorária do Real Gabinete Português de Leitura. Outra obra, considerada por muitos como infantojuvenil, produzida por Cecília Meireles é o livro *Olhinhos de Gato*, baseado na vida da escritora, que conta sua infância. Classificado, inicialmente, como livro infantojuvenil, a obra narra a infância da autora, com reflexões sobre a vida e a morte. [Fonte: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.) et al. Cecília Meireles: a poética da educação. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Loyola, 2001] [MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Cecília Meireles: Uma educadora pioneira. In: *Educação*, v. 1, 2010, p. 58-67] [ALMEIDA, Patricia Vianna Lacerda de. *Crônicas de Cecília Meireles: Leitura e Literatura em Prol da Renovação Educacional (1930-1933)*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014] [MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio, Cecília Meireles (1901-1964): uma educadora pioneira e pouco conhecida. In: *Educadores brasileiros: ideias e ações de nomes que marcaram a educação nacional*. 1ed. Curitiba: CRV, 2018, v.1, p. 125-136]. [NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. (org.). *Cecília Meireles: a Poética da Educação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Loyola, 2001].

<sup>112</sup> *Problemas da Literatura Infantil* foi publicado pela primeira vez em 1951, reúne três conferências que Cecília Meireles realizou em Belo Horizonte (MG), a convite da Secretaria de Educação. Dividido em

Pois não baste um pouco de atenção dada a uma leitura para revelar uma preferência ou uma aprovação. É preciso que a criança viva a sua influência fique carregada para sempre, através da vida, essa passagem, música, esse descobrimento, essa comunicação... (MEIRELES, 1979, p. 28)

Autores, como Silva (2018), destacam ainda a dificuldade de se localizar catálogos de editoras e bibliotecas devido à negligência com que a preservação desses acervos tem sido tratada. De fato, não é tarefa fácil recuperar acervos da Livraria e Editora do Globo acerca da composição e conformação da *Biblioteca de Nanquinote*. Ainda não foi possível localizar o acervo da Editora depois que foi vendida a um conglomerado carioca, as Organizações Globo. Mesmo a *Revista do Globo*, uma das mais importantes produções da Editora, não pôde ser localizada em acervos fora do Rio Grande do Sul, onde as inúmeras edições estão concentradas nos arquivos do Espaço de Documentação e Memória Cultural – Delfos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Por este motivo, foi necessário recorrer, a exemplo do estudo realizado por Leonardo Arroyo (1968), aos livros de memórias escritos por Erico Veríssimo. Contudo, eles também não ofereciam pistas suficientes para a pesquisa proposta para esta tese.

Destarte, a operação metodológica baseou-se, sobretudo, na busca dos títulos da coleção ora estudada em jornais e revistas. Observa-se, contudo, a peculiaridade da pesquisa histórica que privilegia essas fontes. Comparadas a espelhos que refletem a realidade após distorções e refrações relativas à imprensa periódica, é preciso cuidado ao intérprete que estudará esse funcionamento, conforme indica Vieira (2007).

Além dos jornais, outra fonte relevante para esta pesquisa foi a *Revista do Globo*<sup>113</sup>, publicação da Editora do Globo, com 56 páginas em média, que retratava a vida social de Porto Alegre e contribuições literárias de leitores; circulou entre 5 de janeiro de 1929 e 17 de fevereiro de 1967. Funcionava como uma espécie de vitrine dos autores, dos lançamentos e dos projetos da Livraria e Editora do Globo, de periodicidade quinzenal e tiragem de cerca de 8 mil exemplares a cada edição, sendo lida por homens, mulheres e crianças, de acordo com estudos registrados no *Catálogo Literário da Revista do Globo* e publicados no site do espaço Delfos/PUCRS. Ainda segundo estes estudos preliminares do acervo, foram 941 fascículos e

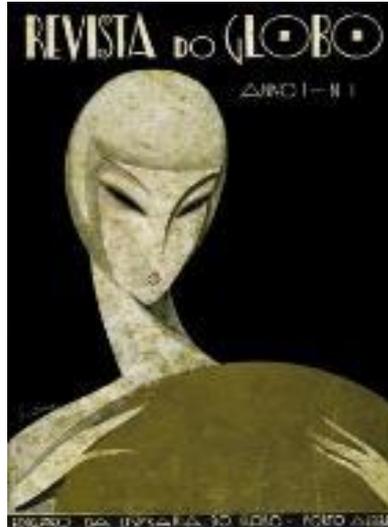
---

pequenos capítulos, abrange a história da literatura para crianças, justificando o sucesso das histórias atemporais. [Fonte: MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.]

<sup>113</sup> De acordo com Justino Martins, Getúlio Vargas sugeriu, em 1928, ao editor José Bertaso a fundação da *Revista do Globo*. [Fonte: MARTINS, Justino. Nosso Farol. In: *Revista do Globo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 21 dez. 1946. Ano 18, nº 425, p. 51].

dois números especiais: um sobre a “Revolução de 1930”<sup>114</sup> e outro sobre uma grande enchente ocorrida na cidade de Porto Alegre em 1941<sup>115</sup>.

Figura 26 - Capa da primeira edição da Revista do Globo. Acervo Delfos.



A revista, lançada em 5 de janeiro de 1929, para ser “um veículo de divulgação e promoção da literatura”, traz na capa do primeiro número uma ilustração alegórica de Sotero Cosme<sup>116</sup> – sobre o fundo negro, uma mulher envolve com os braços um globo dourado - que se tornou o símbolo identificador do periódico. Concebida para divulgar e promover a literatura, constituía-se para além disso: apresentava diversas áreas da cultura e do entretenimento.

Em suas páginas, imagens e textos dividiam espaço, com muitas informações, uma vez que a sociedade porto-alegrense se ressentia da falta de um veículo de promoção e divulgação de assuntos literários e artísticos, assim como acontecimentos políticos, novidades sobre a moda, cinema e esportes. No início, utilizavam-se apenas ilustrações, mas se passou a fazer uso das fotografias no âmbito da modernização da imprensa na década de 1940.

<sup>114</sup> Movimento político-militar que derrubou a República Velha e levou ao poder Getúlio Vargas, iniciado em 3 de outubro de 1930. Neste dia, os revolucionários atacaram, simultaneamente, as principais unidades militares da cidade de Porto Alegre. Após se expandir pelo sul do país, Getúlio Vargas recebeu o poder das mãos de uma junta militar que havia deposto, no Rio de Janeiro, o presidente Washington Luís, de acordo com estudos realizados no CPDOC. [Fonte: *Revolução no Rio Grande do Sul*. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos20/Revolucao30/RevolucaoRS>. Acessado em 18 de agosto de 2019.]

<sup>115</sup> De acordo com a *Revista do Globo*, essa foi a maior enchente já registrada na cidade de Porto Alegre. O nível do Lago Guaíba aumentou muito e assim ficou por vários dias, deixando o centro da cidade debaixo d’água, incluindo a Rua da Praia, onde ficava a Livraria e Editora do Globo. [Fonte: Prefeitura de Porto Alegre. *Porto Alegre protegida contra enchentes como a de 1941*. Consultado em 17 de maio de 2019].

<sup>116</sup> **Sotero Cosme (1905-1978)** Considerado um dos melhores desenhistas do país nas décadas de 1920 e 1930, no estilo *art-deco*, que combina estilos modernistas com habilidade fina e materiais ricos. Foi também pintor, caricaturista e musicista. Além da primeira capa, foi o responsável pela apresentação gráfica da *Revista do Globo*. Contribuiu, também, para a *Revista Madrugada* e para o periódico *Diário de Notícias*.

Para a compreensão das relações que se davam na Livraria e Editora do Globo, é importante observar-se o que levou à aproximação entre esses intelectuais. Diferentes fatores devem ser considerados ao se estudar essas trajetórias, tais como quais forças ideológicas ou culturais foram capazes de atrair em torno de um projeto diversos sujeitos.

A revista teve como primeiro diretor Mansueto Bernardi, sendo sucedido por Octávio Tavares, o próprio Erico Veríssimo, Luiz Estrela, Justino Martins, Henrique D'Ávilla Bertaso e José Bertaso Filho. Veríssimo figura ainda como secretário da publicação, que circulou por um período longo: 38 anos. Ao longo desse período, ele exerceu a função de secretário, a partir do início do terceiro ano de publicação da revista, nela permanecendo até o final do quarto ano de publicação. Figura, pois, nessa função por 49 fascículos.

No preâmbulo da revista, Mansueto Bernardi cita os nomes sugeridos para a publicação, que seriam: Coxilha; Querência; Pampa; Guahyba e alguns outros. Em sua visão,

nenhum satisfez. Enquanto se perdia ou ganhava tempo questionando, com frequência se nos perguntavam na rua: - Quando sai a Revista do Globo? Foi daí que proveio o nome afinal imposto a este quinzenário (Revista do Globo, 1948, p. 42).

Veríssimo, em carta<sup>117</sup> ao jornalista Antonio Goulart, diz:

Foi a Revista do Globo que me convenceu de que eu não sabia desenhar nem pintar, e que era melhor ficar só com a literatura... Eu poderia fazer um livro com os retratos de todos os tipos que passaram pela redação da revista, e está claro que nesse livro eu não esqueceria o tipo que fui.

Ao escrever sobre sua rotina de trabalho como editor/diretor da revista, lembra:

Um gerente prático havia me prevenido contra o perigo de publicar muita “literatura”, pois o importante era fazer uma revista popular, com muitas figuras – retratos dos assinantes, o galante menino tal, a bela senhorita fulana, rainha do Clube Recreio de Muçum, ecos do carnaval de Cacimbinhas ou São Sepé. Publicávamos também sonetos da autoria de coronéis reformados ou coletores aposentados que acontecia serem bons fregueses da Casa, circunstância em que o que menos importava era a qualidade literária dos versos... (VERÍSSIMO, 2011, p. 25)

Intitulando-se uma revista “da cidade para o mundo”, ela alcançou leitores no Brasil e nas Repúblicas Platinas<sup>118</sup>, tornando-se uma das maiores publicações nacionais, visto que abordava os mais variados assuntos, conforme Dalmáz (2002) para o estudo *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Nas páginas da *Revista do Globo*, era possível observar material publicitário, desde propaganda política até máquinas de escrever.

<sup>117</sup> GOULART, Antonio. Depoimento citado em: *Revista do Globo: um espaço especial para a Literatura e o Jornalismo*. In: *Experiência em Revista: A história da Imprensa Gaúcha*, Porto Alegre, Famescos/PUCRS, 1996, pp 10-12.

<sup>118</sup> Região da América do Sul formada por 3 países, Argentina, Paraguai e Uruguai, banhados pelos rios formadores da Bacia do Rio da Prata, rios Paraná, Paraguai e Uruguai e seus afluentes.

Foram localizados 32 gêneros de produtos ou serviços divulgados nas páginas da *Revista do Globo* em Castro (2008): acessório; alimento e bebida; autopromoção; beleza; concurso; construção; cultura; decoração; eletrodomésticos; ensino; entretenimento; escritório; esoterismo; esporte; fotografia; higiene; investimento; limpeza; matéria-prima; mecânica; meios de comunicação; música; rural; saúde; tabacaria; transporte; turismo; utensílios domésticos; vestuário.

Figura 27 – Propaganda na Revista do Globo, n 310, capa III, 20 dez 1941. Acervo Delfos.



A Figura 27 apresenta uma propaganda de camisas da “Camisarias Rio Branco”, que vinha dividindo espaço com notícias e notas sobre livros e outras produções culturais, e até tônicos para fortalecer os pulmões, passando por cremes para eliminar o odor do suor e cremes depilatórios.

Figura 28 - Propagandas na Revista do Globo, n 26, 1930. Acervo Delfos.



No entanto nem só em produtos para o cuidado pessoal consistiam as propagandas na *Revista do Globo*. A revista *Fon-Fon*<sup>119</sup>, por exemplo, também era anunciada nas páginas do periódico da Livraria e Editora do Globo.

Figura 29 - Publicidade da revista carioca *Fon-Fon*. Número 258, 1939. Acervo Delfos.



É curioso notar que o anúncio ocupava toda a página da revista e apresentava a chamada “para andar ao corrente do que se usa no Rio”, demonstrando como o Rio de Janeiro era considerado polo de cultura e sofisticação no país. O anúncio ainda informava que a leitura da revista *Fon-Fon* era “amena e instrutiva”, e finalizava com a frase reveladora de uma sociedade patriarcal<sup>120</sup>, em que a renda familiar era responsabilidade do homem: “peça para o seu marido trazer-lhe *Fon-Fon* todas as semanas”.

<sup>119</sup> Revista ilustrada semanal, foi fundada por Jorge Schmidt em 1907. Procurava reforçar a ideia de uma publicação, fortemente, identificada com os valores da modernidade. A grande presença de fotografias, charges e caricaturas coloridas e os recursos de ilustração, litografia e xilogravura traduziam, visualmente, essa identificação. Em seu editorial de lançamento, a revista apresentou-se como um semanário alegre, político, crítico e esfuziante. Pretendendo-se leve, desejava fazer rir e alegrar seus leitores com pilhérias finas e troças educadas. Até os anos de 1930 havia na revista um espaço para sátira política e crônica social, a partir de então, esse tom perdeu força, cedendo lugar à figura feminina e à divulgação de modelos de comportamento, beleza, elegância e luxo. Seções como *Culinária de bom gosto*, *Conselhos às mães*, *Páginas do lar* e *Como ser bela*, além de moldes para roupas, passaram a conviver com a literatura e as notícias do cotidiano. A partir da Era Vargas, portanto, houve um investimento da publicação em temáticas relacionadas à afirmação de papéis ideais para a mulher. Nota-se também a intensificação do uso de material sobre a infância, sempre de conteúdo disciplinador. [Fonte: MACENA, Fabiana Francisca. *Madames, mademoiselles, melindrosas: "feminino" e modernidade na revista Fon-Fon!*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.]

<sup>120</sup> À mulher casada não era permitido trabalhar sem a autorização do marido, por isso a dependência financeira. A legislação vigente à época, o Código Civil de 1916, consagrava a superioridade masculina e dava ao homem o controle da família, uma vez que, ao se casar, a mulher perdia sua plena capacidade, tornando-se

Importante observar também que a revista *Fon-fon* não era direcionada a qualquer leitora, mas àquela “elegante e fina”, que quisesse “andar sempre ao par do que há de mais moderno”. E o que havia de mais moderno era o padrão utilizado no Rio de Janeiro, na *Belle Époque*, uma sociedade idealizada bem próxima dos padrões franceses. Não por acaso, a revista estava repleta de estrangeirismos franceses em suas colunas. O semanário tornou-se um importante instrumento no processo de criação do ideário feminino durante o período do Estado Novo (1937-1945), enfatizando a maternidade. A ideia defendida era a de que, servindo a família, a mulher estaria servindo também à pátria; por isso, a mulher deveria voltar ao lar, seguindo um projeto pedagógico do governo. As mulheres deveriam voltar-se apenas para os problemas domésticos, alienadas do contexto político e dos problemas sociais, assuntos tidos como masculinos (NAHES, 2007).

A *Revista do Globo* era também uma vitrine para as produções da Livraria e Editora do Globo. Os livros e as coleções de livros lançados pela casa editora eram veiculados na revista, lida por famílias, que tomavam conhecimento dos lançamentos e compravam as edições propostas a alcançar todas as faixas etárias. Nesse sentido, os anúncios de livros eram predominantes, uma vez que a Editora do Globo divulgava seus lançamentos por meio do quinzenário. Contudo, não só as publicações da Editora do Globo eram divulgadas, outras casas editoras também faziam publicidade de suas produções nas páginas do periódico, como a Editora Nacional, a Editora Melhoramentos e a Livraria Selbach.

O projeto editorial da Livraria do Globo se relacionava à linha editorial da *Revista do Globo*, pois os autores que publicavam artigos na revista, em grande maioria, eram autores do Rio Grande do Sul, também publicados pela Editora. Além da agitação cultural que provocava, servia também de sustentação às edições da Livraria e Editora do Globo, tornando-se um instrumento de marketing editorial.

---

relativamente capaz, assim como os indígenas e as crianças. Tal situação só começaria a mudar em 1962, com a edição da Lei nº 6.121, o Estatuto da Mulher Casada, devolvendo plena capacidade à mulher, que passou a ser colaboradora na administração da sociedade conjugal e não precisava mais da autorização do marido para trabalhar, o que a levou a razoável independência financeira.

Figura 30 - Propaganda do livro A Vida de Joana D'Arc, de Erico Veríssimo, Revista do Globo. Acervo DELFOS.



De 1938 a 1943, a editora respondia por cerca de 6% dos lançamentos literários no país, tornando-se a segunda maior editora nesse período, como indica Miceli (1979). A Editora do Globo, dessa forma, agia como veículo formador da opinião pública.

### 2.3 A localização dos 20 títulos

É possível observar, de modo sistematizado no quadro a seguir, os títulos dos livros que compunham a *Biblioteca de Nanquinote*, além de informações sobre ano de publicação, autor, número de páginas, tamanho do livro, número no âmbito da coleção, ilustrador e número de exemplares na primeira tiragem.

Quadro 2 - Livros da Coleção Biblioteca de Nanquinote – Editora do Globo.

Livro	Ano	Autor	Páginas	Tamanho	Nº	Ilustrador	Tiragem <sup>121</sup>
<i>Aventuras do avião vermelho</i>	1936	Erico Veríssimo	32	27,5x18,8 cm	1	João Fahrion	5000
<i>Os 3 porquinhos pobres</i>	1936	Erico Veríssimo	30	27,5x18,8 cm	2	Edgar Koetz	5000
<i>Rosa Maria no castelo encantado</i>	1936	Erico Veríssimo	33	27,5x18,8 cm	3	Nelson Boeira Faedrich	5500

<sup>121</sup> As tiragens relativas à primeira edição aqui indicadas foram indicadas primeiro no livro *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*, escrito pelo professor, historiador e crítico literário Flávio Loureiro Chaves. [Fonte: CHAVES, Flávio Loureiro. *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1972].

Quadro 2 - Livros da Coleção Biblioteca de Nanquinote – Editora do Globo.

Livro	Ano	Autor	Páginas	Tamanho	Nº	Ilustrador	Tiragem <sup>121</sup>
<i>Meu ABC</i>	1936	Erico Veríssimo	32	18,8x27 cm	4	Ernest Zeuner	5500
<i>Os bichos da África</i>	193?	Kurt Gregorius/Ernst Zeuner	30	18,8x 27,5cm	5	Kurt Gregorius/Ernst Zeuner	-
<i>Histórias de bichos</i>	193?	Antônio Barata	26	27,5x18,8 cm	6	João Fahrion	-
<i>O urso com música na barriga</i>	1938	Erico Veríssimo	30	27,5x18,8 cm	7	João Fahrion	11500
<i>A vida do elefante Basílio</i>	1939	Erico Veríssimo	30	27,5x18,8 cm	8	Nelson Boeira Faedrich	10000
<i>Outra vez os 3 porquinhos</i>	1939	Erico Veríssimo	32	27,5x18,8 cm	9	Edgar Koetz	10000
<i>Aventuras de Duca e João</i>	1941	Kurt Gregorius/Ernst Zeuner	?	27,5x18,8 cm	10	Kurt Gregorius/Ernst Zeuner	-
<i>Duca e João na África e na Índia</i>	194?	Kurt Gregorius/Ernst Zeuner	?	27,5x18,8 cm	11	Kurt Gregorius/Ernst Zeuner	-
<i>Dois Meninos e um Cachorro</i>	194?	Antônio Barata	?	27,5x18,8 cm	12	Edgar Koetz	-
<i>As proesas do macaco Guisadinho</i>	1942	Sousa Junior	?	27,5x18,8 cm	13	Armando A. Kuwer	-
<i>Os bichos do Brasil</i>	194?	Kurt Gregorius/Ernst Zeuner	?	18,8x 27,5cm	14	Kurt Gregorius/Ernst Zeuner	-
<i>Aventuras de Zé Colado</i>	194?	Hamilcar de Garcia	?	27,5x18,8 cm	15	?	-
<i>O batalhão das letras</i>	1947	Mário Quintana	?	27,5x18,8 cm	16	Edgar Koetz	-
<i>Histórias do Galo-Bobo</i>	194?	Antônio Barata	?	27,5x18,8 cm	17?	Edgar Koetz	-
<i>Três meninos e um cachorro</i> <sup>122</sup>	194?	Antônio Barata	?	27,5x18,8 cm	18	Edgar Koetz	-
?	194?	?	?	27,5x18,8 cm	19	?	-
<i>As aventuras do irmão de Guisadinho</i>	1947	Souza Junior	?	27,5x18,8 cm	20	Armando A. Kuwer	-

Fonte: Organizado pela autora.

Como se pode notar, A *Biblioteca de Nanquinote* era composta por, pelo menos, 20 histórias escritas por Erico Veríssimo e outros autores da época, entre eles, aqueles que também desempenhavam a função de ilustradores da *Revista do Globo* e de outros livros publicados pela casa editora<sup>123</sup>.

No Quadro 2, notam-se a edição e a publicação de sete livros infantis por Erico Veríssimo em apenas três anos da coleção *Biblioteca de Nanquinote* (1936, 1938, 1939). Somando os outros quatro livros infantojuvenis escritos por Veríssimo e indicados no Quadro

<sup>123</sup> Contudo, ainda, não conseguimos localizar todos os livros, como poderá ser observado na Quadro 2, uma vez que de acordo com o número de publicação na coleção, faltam dois livros que não foram localizados nem mesmo em propagandas.

3, tem-se uma produção de onze livros infantojuvenis em um espaço de cinco anos (1935 a 1939), com tiragem total de 194.500 exemplares, uma tiragem expressiva para a época. Se comparado esse total com a primeira edição de *Olhai os Lírios do Campo*, definido por Hallewell (2012, p. 452) como “o verdadeiro sucesso” de Veríssimo, com 3 mil exemplares vendidos em duas semanas, é possível perceber que a literatura para crianças do escritor teve uma edição robusta.

Encontraram-se dificuldades para localizar todos os títulos da coleção *Biblioteca de Nanquinote* destinada à infância, que também era divulgada nas páginas do periódico. No entanto, ao se pesquisar na Hemeroteca Digital Brasileira a partir da palavra-chave “Nanquinote”, foram identificadas publicações que ofereceram indícios sobre a coleção aqui estudada. Destacam-se a iconografia presente nas propagandas e nos anúncios veiculados, uma vez que os recursos iconográficos consistem em elementos fundamentais para a produção de representações da coleção como um investimento das famílias na “boa educação” das crianças. As imagens são lugares de enunciação tão complexos quanto o texto verbal.

Nos arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira (Fundação Biblioteca Nacional), foram localizadas propagandas sobre a Biblioteca de Nanquinote nos jornais *O Dia* (1940), *A Manhã* (1944) e *Diário Carioca* (1945), nas quais constavam títulos da biblioteca, entre eles, os mais conhecidos livros escritos por Veríssimo, Quintana e ilustradores da *Revista do Globo*.

Outros livros da coleção, por sua vez, foram localizados em sites de leilões. Destacam-se as histórias *Aventuras de Zé Colado* e *Dois Meninos e um Cachorro*, que, depois de localizados, foram também identificados em propaganda veiculada pelo jornal *Diário Carioca*, de dezembro de 1945. Atualmente, os livros da *Biblioteca de Nanquinote* são considerados peças de colecionador<sup>124</sup>, o que faz o valor da primeira edição ser bem alto, podendo chegar a algumas centenas de reais.

No jornal *A Federação*, de 9 de junho de 1936, um artigo sobre a *Biblioteca de Nanquinote* é publicado:

a literatura infantil brasileira ganhou dois novos volumes de história, simples e fluentes, contadas numa linguagem despreziosa e sem a pluralidade artificial dos que não sabem falar à alma ingênua das crianças. (*A Federação*, 1936, p. 3)

Na sequência, informa-se sobre os livros que deram início à *Biblioteca de Nanquinote*. Destaca-se ainda: “travesso calunga de Erico Veríssimo que continua a fazer do tinteiro de seu imaginozo creador, a piscina predileta das suas traquinadas”. Além disso, afirma-se que o preço

<sup>124</sup> A maioria dos livros não foi reeditada, com exceção, a princípio, dos livros escritos por Erico Veríssimo e Mário Quintana.

dos livros é acessível a “todas as crianças” e que tanto elas quanto os adultos se interessam pelas publicações.

Em propaganda presente no exemplar do mesmo jornal, com data de 1º de janeiro de 1937, uma lista com os títulos infantis da coleção arrolados em 1936 é publicada, e o valor de venda de cada exemplar destacado, 4\$000<sup>125</sup>.

Com o título de “*No mundo dos livros. O que a Livraria do Globo publicou em 1936 – 115 obras diferentes. Livros de autores brasileiros publicados durante o ano de 1936*”, a literatura para crianças recebe destaque. Contudo, os livros mencionados já eram conhecidos e faziam parte da lista a ser composta.

Figura 31 - Propaganda da Livraria do Globo. Fonte: Jornal *A Federação*, 1937. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.

**LITERATURA INFANTIL**

A Livraria do Globo tem dado uma atenção especial á Literatura Infantil. Chamamos a atenção para a lista de livros publicados este ano de 1936 e para o fato de a Coleção Nanquino- te, composta de livros em grande formato, com gravuras abundantes em seis cores, custar apenas 4\$000.

**BIBLIOTECA DE NANQUINOTE**

MEU A. B. C., por Nanquino- te — Desenhos de Ernst Zeuner.  
 ROSA MARIA NO CASTELÓ ENCANTADO, por Erico Verissimo. Desenhos de Nelson B. Faedrich.  
 AVENTURAS DO AVIÃO VERMELHO, por Erico Verissimo — Desenhos de João Fahrion.  
 OS 3 PORQUINHOS POBRES, por Erico Verissimo — Desenhos de Elgar Koetz.

<sup>125</sup> Podemos comparar esse valor com o da *Revista do Globo*, que custava 1\$500, ou ainda com um gênero alimentício, como o ovo, que custava à época 1\$100 a dúzia.

Em propaganda veiculada no jornal *O Dia*, de Curitiba<sup>126</sup>, a Editora do Globo apresenta três coleções de livros para crianças, organizando-os em *Biblioteca de Nanquinote*, os livros para a “petizada”, *Coleção “Burrinho Azul”*, os livros para a infância, e *Coleção “Aventura”*, os livros para a juventude. A chamada da propaganda é “O Livro é o melhor presente! Bonito, barato e de alto valor cultural” – “o mais acertado presente de Natal!”. Ao se dirigir, diretamente, às crianças, propaga “Atenção, crianças! Bons livros, bons amigos!”. O fato de a editora organizar os livros em coleções para três faixas etárias diferentes permite estabelecer o marco dos diferentes públicos em função das competências leitoras e interesses. A *Biblioteca de Nanquinote* seria a primeira coleção de livros que uma criança deveria ter, sucedida pela coleção *Burrinho Azul* e pela *Coleção Aventura* para leitores “mais competentes”.

Outras duas coleções são divulgadas na mesma propaganda. São elas as coleções *Universo*, com livros sobre viagens e aventuras, e *Tapete Mágico*, sobre divulgação dos conhecimentos humanos.

Ao afirmar que o livro possui “alto valor cultural”, seus editores buscavam convencer a família de que a leitura é um meio de se alcançar a distinção<sup>127</sup> na sociedade. Os livros possuem, de certa forma, uma carga simbólica associada, não só à emancipação do homem por meio do conhecimento mas associada também ao status de uma classe superior. Logo, quem lê bons livros possui uma experiência cultural de grande valor, capaz de torná-lo distinto para a sociedade em que vive e se movimenta.

Segundo o dicionário Michaelis Online, o vocábulo “distinção” significa: “3. Percepção da diferença entre pessoas ou coisas. [...] 4. Educação apurada; elegância, nobreza de porte, discrição.” Nessa lógica, ser alguém distinto significa ser uma pessoa qualificada, superior, diferente das demais por ser nobre. De acordo com Bourdieu (2007), o princípio da distinção é construído a partir da familiaridade e da naturalidade dos indivíduos e dos grupos sociais com

<sup>126</sup> O jornal *O Dia* era uma publicação da Empresa Editora O Dia Ltda., com preço de capa de 100 Réis. Sua primeira publicação foi em um domingo de 1923, quando publicou um artigo em que expunha as “linhas fundamentais da acção que pretende[ia] desenvolver no seio da colectividade paranaense” (*O Dia*, 1923, N 1). A ortografia foi mantida como no texto original.

<sup>127</sup> O sociólogo Pierre Bourdieu escreveu, em 1979, o livro *A distinção: crítica social do julgamento* (publicado no Brasil em 2007, pela Edusp/Zouk), uma síntese de suas investigações da década de 1970, considerado por muitos autores como a obra central de sua carreira. Nesse livro, Bourdieu recoloca o tema da luta de classes no centro do debate. O processo de diferenciação social é colocado no centro do debate e a correspondência entre práticas culturais e classes sociais e o princípio que legitima a hierarquia presente nessa relação é construída. As investigações realizadas indicam como os julgamentos dos gostos e das preferências não são reflexo da estrutura social, mas um meio de afirmar a vinculação social. O capital cultural, junto ao capital econômico, estaria no princípio das desigualdades sociais. O princípio da distinção nas sociedades modernas é construído a partir da familiaridade e da naturalidade dos indivíduos e dos grupos sociais com a cultura tida como legítima. A arte estaria, desse modo, predisposta a desempenhar uma função social de legitimação das diferenças sociais. Para o autor, os julgamentos e as preferências estéticas estão ligadas à posição do indivíduo no espaço social.

a cultura dita legítima. Sendo assim, os motivos para uma pessoa ser distinta não estão ligados à genialidade, mas às condições de instrução recebidas por esse sujeito.

Seguindo essa lógica, a manifestação cultural estaria condicionada pelo poder socioeconômico, e nem todas as famílias das cidades onde a *Biblioteca de Nanquinote* foi comercializada teriam condições financeiras para comprar a coleção para suas crianças. Se a coleção contava com 20 volumes, a 4\$000 cada um, toda a coleção custaria 80\$000, o que seria um valor muito alto para uma família de poucas posses. Dessa forma, o “gosto” pela leitura literária é construído também de acordo com a classe social que a família ocupa, considerando-se o acesso aos livros.

Essa ideia de distinção social que as propagandas de livros da Livraria e Editora do Globo veiculava buscava convencer seus leitores da importância de se possuir algo que os destacassem dos demais, que os colocassem em uma posição destacada na sociedade da qual faziam parte. A esse possível prestígio gerado pela aquisição dos livros do selo *Globo*, podemos denominar, concordando com Pierre Bourdieu (2007), de capital simbólico ou de prestígio ou honra que permite identificar os agentes no espaço social.

Outra noção importante para se entender esse movimento realizado pela Livraria e Editora do Globo se relaciona com os ideais das luzes derivados do Iluminismo, segundo os quais privilegiavam a difusão e a propagação do conhecimento. Contudo, esse conhecimento não envolvia livros ao alcance de todos de imediato; ele deveria partir dos grupos de prestígio, progressivamente, disseminando-se nas camadas populares, mas iniciando por grupos com importante poder aquisitivo e intelectual, como adverte Darnton (2008).

Dessa forma, o fato de que nem todas as famílias podiam adquirir os livros editados pela Livraria e Editora do Globo conferia um certo status social para as famílias que tivessem acesso às obras publicadas, dado que somente as famílias com poder aquisitivo mais alto teriam acesso também à distinção social. De certa forma, a aquisição de volumes dessas coleções poderia ser confundida com o conhecimento advindo de sua leitura. A disposição dos livros em estantes, por exemplo, demonstrava a “excelência de seu possuidor em três aspectos: como um homem de bom gosto, um homem culto e um filósofo. Longe de serem incompatíveis, esses papéis eram fáceis de encarnar” (DARNTON, 1996, p. 207) ou como uma família de bom gosto, culta e com grande conhecimento. Os livros passam a ter uma aura de poder; eles podem ser fonte de informação e, ao mesmo tempo, são capazes de oferecer lazer aos seus leitores.

Tal prática de fazer confundir a posse do livro com o conhecimento e o possível status social associado a ele, por um lado, garante boas vendas, e, por outro, demonstra a necessidade dos compradores de se tornarem “diferenciados” na sociedade. Esse processo de editar coleções



Figura 33 - Recorte da propaganda publicada no jornal O Dia, Curitiba, 22 de dezembro de 1940, p. 2. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.

<b>BIBLIOTECA DE NANQUINOTE (para a petizada)</b>	
As aventuras do Avião Vermelho, Ericeo Verissimo.....	4\$
Os Tres Porquinhos Pobres, Ericeo Verissimo .....	4\$
Rosa Maria no Castelo Encantado, Ericeo Verissimo.....	4\$
O Meu A B C, Ericeo Verissimo .....	4\$
Bichos na Africa, Kurt Gregorius .....	4\$
Histórias de Bichos, Antonio Barata .....	4\$
Urso com música na Barriga, Ericeo Verissimo .....	4\$
A Vida do Elefante Basillo, Ericeo Verissimo .....	4\$
Outra vez os 3 Porquinhos, Ericeo Verissimo .....	4\$

Comparados o preço dos livros da *Biblioteca de Nanquinote* e o preço da *Revista do Globo*, que custava à época 2\$000, pode-se supor que não era qualquer pessoa que teria condições de adquirir os livros da coleção para crianças da Livraria e Editora do Globo.

Outros produtos comercializados à época podem ser observados no Tabela 3, a seguir:

Tabela 3 - Preços de produtos comercializados à época.

<b>Preços praticados à época</b>	
<b>Bens/Produtos</b>	<b>Preço</b>
<b>Livros da <i>Biblioteca de Nanquinote</i></b>	4\$000
<b><i>Revista do Globo</i></b>	2\$000
<b>Ovos<sup>128</sup></b>	1\$100
<b>Entrada do cinema</b>	3\$000

Fonte: Organizado pela autora por meio de pesquisa em periódicos do Rio Grande do Sul.

Por meio da Tabela 3, estruturada, após pesquisa em periódicos de grande circulação no Estado do Rio Grande do Sul, pode-se perceber que a *Revista do Globo* custava a metade do valor de um livro da *Biblioteca de Nanquinote*, e era ela a maior vitrine dos livros publicados pela Livraria e Editora do Globo, visto que, como afirmava em seu subtítulo, era o “Periódico de cultura e vida social” da cidade de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul. Por ter essa função, ela divulgava os livros editados pela casa editora em várias seções destinadas à literatura, são elas: Guia do Leitor; Escritores e Livros; Feira Livre; Literatura; Literatura e Arte; Vida Literária; Literatura Hoje; Livros e Autores; Livros Novos; As últimas edições da Livraria do Globo; Registro de Livros; Livros a Aparecer; Os Livros da Quinzena; Leia Isto.

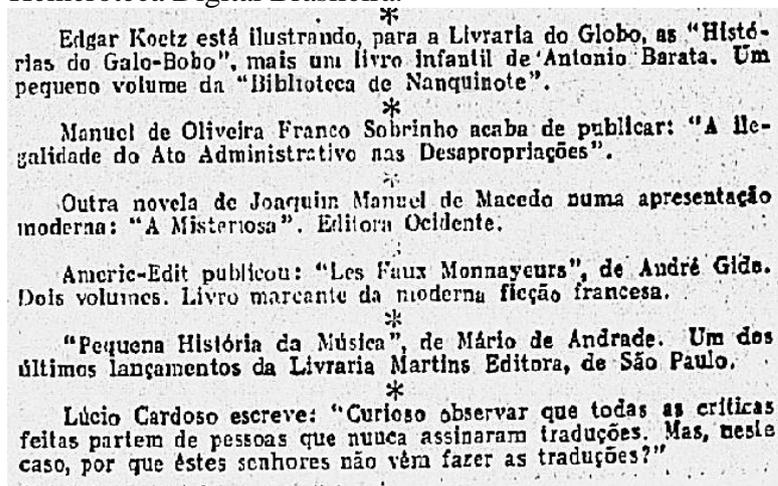
<sup>128</sup> De acordo com pesquisa realizada por Nauber Gavski da Silva, em 2010, Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. [Fonte: SILVA, Nauber Gavski da. *Vivendo como classe: as condições de habitação e alimentação do operariado porto-alegrense entre 1905 e 1932*. 201f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010].

Os títulos que circularam nessas seções pertenciam às seguintes categorias literárias: “romance”; “poesia”; “conto”; “novela”; “literatura infantil”; “crônica” e “ensaio”. Demonstrava-se, assim, que a infância, também como consumidora de produtos editoriais, não estava esquecida pelos editores da revista e pelos diretores da casa editora.

Na propaganda da Livraria do Globo (Figura 33), outros dois livros de diferentes autores são também indicados, *Bichos da África*, de Kurt Gregorius/Ernst Zeuner e *Histórias de Bichos* de Antonio Barata, somando mais dois livros para a coleção.

Já em uma nota publicada no jornal do Rio de Janeiro *A Manhã*<sup>129</sup>, de setembro de 1944, outro livro da coleção é mencionado.

Figura 34 - Jornal A Manhã, de setembro de 1944. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.



O livro de Antonio Barata (o primeiro da lista) foi ilustrado por Edgar Koetz, e compõe a *Biblioteca de Nanquinote* ao lado dos livros de Erico Veríssimo. Dessa forma, além dos sete livros de Erico Veríssimo, compõem a coleção mais um livro de Kurt Gregorius/Ernst Zeuner e dois escritos por Antonio Barata: *Bichos da África*, *Histórias de Bichos* e *Histórias do Galo-Bobo*.

Na nota de divulgação, o livro não surge referenciado pelo seu autor, mas por seu ilustrador, Edgar Koetz. Ilustrador, pintor, designer gráfico, iniciou a carreira na Livraria do Globo como aprendiz de litógrafo. Exímio caricaturista, algumas de suas primeiras contribuições para a *Revista do Globo* foram desenhos caricatos de colegas e intelectuais que frequentavam a casa editora, segundo o estudo de Ramos (2007).

<sup>129</sup> O jornal *A Manhã* foi publicado no Rio de Janeiro pela primeira vez no dia 29 de dezembro de 1925. Devido ao estado de conservação do exemplar sob a guarda da Fundação Biblioteca Nacional, não podemos afirmar se na primeira folha do periódico havia indicação dos editores.

Curioso notar que a divulgação do livro de Antonio Barata é feita junto a outras divulgações, que não, necessariamente, de livros para crianças. O livro indicado logo após *Histórias do Galo-Bobo* é um livro sobre a *Ilegalidade do Ato Administrativo nas Desapropriações*, de Manoel de Oliveira Franco Sobrinho. *Pequena História da Música*, de Mario de Andrade, também faz parte dessa nota, além de uma publicação francesa.

Em outra propaganda, dessa vez de Natal, veiculada no periódico *Diário Carioca*<sup>130</sup>, de dezembro de 1945, pode-se observar outros títulos da coleção de livros:

Figura 35 - Propaganda de Natal da Livraria e Editora do Globo. *Diário Carioca*, dezembro de 1945. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.

**O LIVRO INFANTIL é o melhor presente**

**Sugestões para o NATAL**

**BIBLIOTECA DE NANQUINOTE:**

O Meu ABC .....legendas de Erico Veríssimo \$8  
 Os Três Porquinhos Pobres.....por Erico Veríssimo \$8  
 O Urso com Música na Barriga.....por Erico Veríssimo \$8  
 A Vida do Elefante Basílio.....por Erico Veríssimo \$8  
 Outra vez os Três Porquinhos.....por Erico Veríssimo \$8  
 Dois Meninos e um Cachorro.....por Antônio Barata \$8  
 Aventuras de Zé Colado.....por Hamilcar de Garcia \$8  
 Aventuras de Duca e João.....por Kurt Gregorius \$8  
 Duca e João na África e na Índia.....por K. Gregorius \$8  
 Os Bichos do Brasil.....por Kurt Gregorius \$8  
 As Proezas do Macaco Guisadinho....por De Souza Jr. \$8

**COLEÇÃO "BURRINHO AZUL":**

O Sr. e a Sra. .....por Cláudio Américo \$10  
 A Vida de Santa .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Gato .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e a Raposa .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Urso .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Lobo .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Cão .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Pássaro .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Peixe .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e a Árvore .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Sol .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e a Lua .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e as Estrelas .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Universo .....por Cláudio Américo \$10

**COLEÇÃO AVENTURA:**

O Menino e o Índio .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Índio .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Índio .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Índio .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Índio .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Índio .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Índio .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Índio .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Índio .....por Cláudio Américo \$10  
 O Menino e o Índio .....por Cláudio Américo \$10

**LIVROS FORA DE COLEÇÃO:**

Uma Pequena História da Música .....por Mario de Andrade \$10  
 A Pequena História da Música .....por Mario de Andrade \$10  
 A Pequena História da Música .....por Mario de Andrade \$10  
 A Pequena História da Música .....por Mario de Andrade \$10  
 A Pequena História da Música .....por Mario de Andrade \$10  
 A Pequena História da Música .....por Mario de Andrade \$10  
 A Pequena História da Música .....por Mario de Andrade \$10  
 A Pequena História da Música .....por Mario de Andrade \$10  
 A Pequena História da Música .....por Mario de Andrade \$10  
 A Pequena História da Música .....por Mario de Andrade \$10

**EDIÇÕES DA LIVRARIA DO GLOBO**

DE EDUARDO DE MACEDO SOARES  
 FILIAL E DEPOSITO DA LIVRARIA DO GLOBO  
 RUA DO COQUEIRO, 127-B - RIO DE JANEIRO

Nessa propaganda de Natal, intitulada “O livro infantil é o melhor presente. Sugestões para o Natal”, os livros *Dois meninos e um cachorro*, de Antonio Barata; *Aventuras de Zé Colado*, de Hamilton de Garcia; *Aventuras de Duca e João*, de Kurt Gregorius/Ernst Zeuner; *Duca e João na África e na Índia*, também de Kurt Gregorius/Ernst Zeuner; *Os bichos do Brasil*, outra produção de Kurt Gregorius/Ernst Zeuner e *As proezas do Macaco Guisadinho*, de Souza

<sup>130</sup> O *Diário Carioca* teve seu primeiro número publicado em 17 de julho de 1928, custando 100 Réis. Na primeira página, registra-se o nome de José Eduardo de Macedo Soares, fundador do jornal, logo abaixo do título do periódico. De acordo com registro localizado no acervo do CPDOC/ FGV, o jornal nasceu com a finalidade de fazer oposição ao governo de Washington Luís. Macedo Soares foi também o fundador de *O Imparcial*, em 1912. [Fonte: CPDOC/FGV. Verbete. *Diário de Notícias*. In: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-carioca>]

Jr. são apresentados aos leitores do periódico por meio de um apelo de mercado para se comprar os livros como o “melhor presente de Natal”.

Nessa mesma propaganda, outras coleções da Livraria e Editora do Globo são apresentadas: *Coleção “Burrinho Azul”* e *Coleção Aventura*, além dos livros “fora de coleção”.

Em propaganda do periódico *Vamos Lêr!*, registram-se os livros: *Urso-com-música-na-barriga*, de Erico Veríssimo; *Histórias de Bicho*, de Antonio Barata e *Os Bichos da África*, de Kurt Gregorius/Ernst Zeuner, todos presentes na *Biblioteca de Nanquinote*. Nela, os livros são destacados como um excelente presente de Natal, pois o autor do texto afirma que são os “livros infantis, tão apropriados para presentes de Natal, pelo fato de despertarem nas crianças o vivo desejo de aprender”. Nesse sentido, a leitura de livros escritos, especificamente, para crianças era vista como forma de garantir a vontade de aprender dos leitores, visto que o próprio Veríssimo, ao contar suas histórias, sublinha a importância dada aos livros e à leitura como forma de crescimento e aprimoramento do indivíduo.

Outra escritora que apontava a necessidade de se ofertar livros de qualidade às crianças era Cecília Meireles (1979), para quem bons livros podiam proporcionar o desenvolvimento de todas as habilidades de leitura e, também, habilidades intelectuais; diante disso a importância de se produzir livros para crianças atrativos, com boa nitidez e ilustrações feitas com dedicação e esmero.

Nesse viés, as famílias que se preocupavam com a formação de suas crianças e seu bom desempenho no ambiente escolar eram convencidas a presentear-las com livros, um presente construtivo, que não serviria, somente, para divertir. Logo, evidencia-se os apelos direcionados para a boa formação escolar.

Figura 36 - Propaganda publicada no periódico *Vamos Lêr!*, de dezembro de 1938. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.

<p><b>Literatura infantil, para presentes de Natal</b></p>	<p>O ano de 1938 está-se evidenciando mais abundante do que os anteriores, em matéria de livros infantis, tão apropriados para presentes de Natal, pelo fato de despertarem nas crianças o vivo desejo de aprender. Entre os mais interessantes livros infantis que acabam de aparecer, destacamos o “Teatro da Criança”, de Henrique Pongetti e Joracy Camargo, contendo dezoito interessantes episódios cênicos desses dois consagrados autores teatrais, com um prefácio que é uma clara e proveitosa</p>	<p>lição de técnica do palco; “Novos contos de Grimm” e “Pinocchio”, duas excelentes edições ilustradas da Editora Nacional; “Urso-com-música-na-barriga”, história de Erico Verissimo, “Histórias de bichos”, de Antonio Barata, e “Os bichos da África”, de Kurt Gregorius, todos três pertencentes à Biblioteca de Nanquinote, da Livraria do Globo, de Porto Alegre; e ainda, em excelente tradução, o celebre romance “O pequeno lord” (Little lord Fauntleroy), já varias vezes filmado, a última das quais com Freddie Bartholomew, sob o título de “Um garoto de qualidade”, edição essa ilustrada a cores, da editora A.B.C., de Getúlio Costa.</p>
--	--	--

Jornais de diferentes estados brasileiros tais como o *Jornal Zero Hora*, de Porto Alegre; o *Diário de Notícias*; o jornal *A Manhã*; o *Jornal A Federação*; o periódico *Vamos Lêr!*, do Rio de Janeiro e o *Jornal O Dia*, de Curitiba, divulgavam os lançamentos da *Biblioteca de Nanquinote*, sugerindo, desse modo, que a coleção não ficou restrita à Região Sul do país. Entre os estados em que a coleção pode ter circulado, observam-se: Rio de Janeiro, Santa Catarina e Pernambuco.

Por meio de pesquisas no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira-Fundação Biblioteca Nacional, foram localizadas menções à *Biblioteca de Nanquinote* e a livros que a compuseram, de forma isolada, em periódicos de 12 estados do país: Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso, Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Piauí, Maranhão e Bahia. No mapa a seguir, é possível perceber melhor esse circuito.

Figura 37 - Mapa da rede de alcance dos livros da Biblioteca de Nanquinote. Fonte: Mapa organizado pela autora. Elaborado por Patrick Cassano para esta pesquisa.



Outra evidência de que a *Biblioteca de Nanquinote* tenha chegado a um estado da Região Nordeste é a fotografia localizada no “Acervo Erico Veríssimo”, sob a guarda do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro.

Figura 38 - Fotografia realizada durante viagem de Erico Veríssimo a Salvador (BA), em 1951. Acervo do Instituto Moreira Salles - RJ.

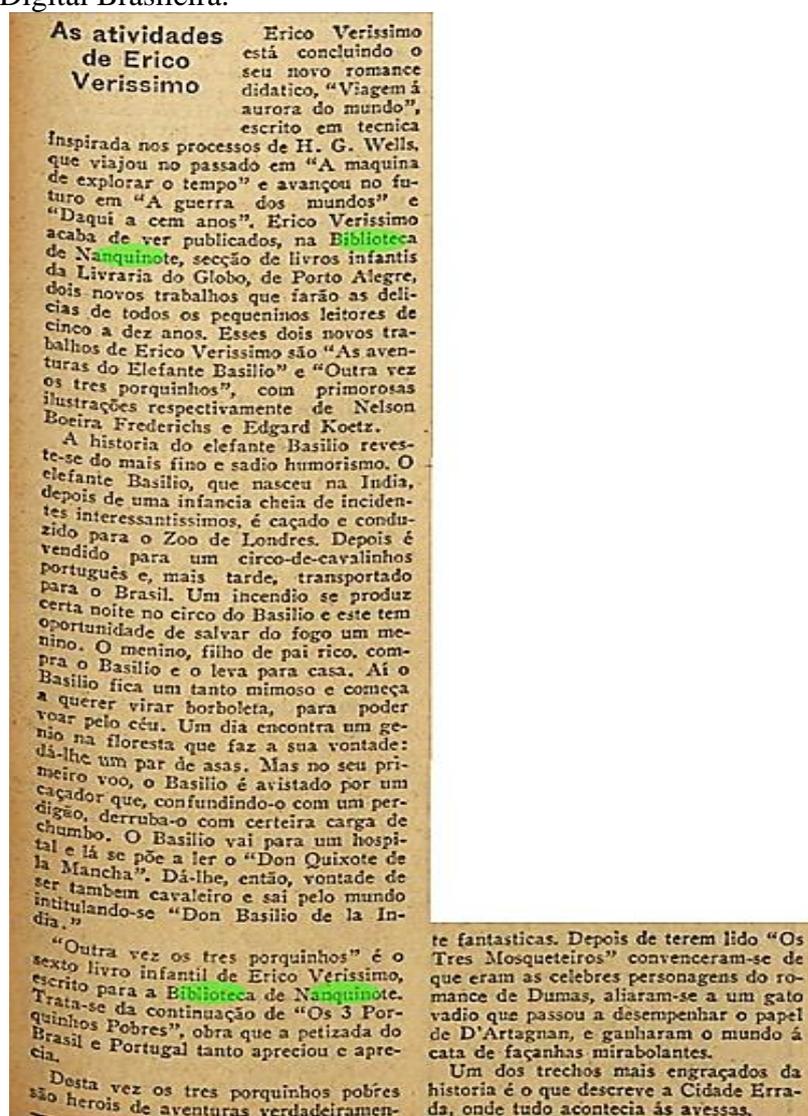


Na fotografia, é possível observar Veríssimo rodeado por crianças, de várias idades, e ainda dois livros da coleção ora estudada, a saber: *Outra vez os 3 porquinhos* e *A vida do elefante Basílio*. Tal fotografia demonstra como os livros do autor gaúcho chegaram a Salvador e foram recebidos por este grupo de crianças leitoras.

No ano que essa fotografia foi feita, Erico Veríssimo iniciava uma viagem pela Região Nordeste brasileira para uma série de conferências e conversas com leitores, e percorreu cidades como a capital da Bahia, além de Fortaleza e Recife.

De acordo com o texto da Figura 39, o livro *Os 3 Porquinhos Pobres*, publicado em 1936, foi a “obra que a petizada do Brasil e Portugal tanto apreciou e aprecia”. Tal afirmação leva a um questionamento: teriam os livros da *Biblioteca de Nanquino* chegado a terras portuguesas? Ou seria essa uma estratégia para convencer os leitores da importância da coleção?

Figura 39 - Texto sobre as atividades de Erico Veríssimo. Periódico *Vamos Lêr!*, de janeiro de 1939. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.



Após a localização dessa propaganda<sup>131</sup>, foi verificado que os livros *Viagem à aurora do mundo* (1939; 1955; 1975; 1985), *O urso com música na barriga e outras histórias* (1985), *As aventuras do avião e outras histórias* (1981), *As aventuras do avião vermelho e outras histórias* (1983), além das edições mais novas de seus outros livros para crianças, constam do acervo da instituição portuguesa. Por conseguinte, os livros da biblioteca circularam também em Portugal.

Não foi localizada uma lista das obras que compunham a *Biblioteca de Nanquinote*. De tal modo, tivemos que criá-la a partir das propagandas localizadas em periódicos da época. Alguns livros constitutivos da *Biblioteca de Nanquinote* foram localizados em antiquários ou

<sup>131</sup> Em pesquisa no site da Biblioteca Nacional de Portugal [<http://www.bnportugal.gov.pt/>].

em leilões, como o livro *Aventuras de Zé Colado*, que até então tinha identidade visual desconhecida. Desse livro não encontramos informações, além do nome do autor, do tamanho do livro e do número de publicação no âmbito da coleção.

Um livro da coleção, desconhecido até então, foi localizado em leilões em um primeiro momento da pesquisa ora empreendida. Trata-se de *Dois meninos e um Cachorro*<sup>132</sup>, escrito por Antônio Barata, e publicado em 1945. Mais uma vez, além do autor e do ano de publicação, somente foi possível observar o tamanho do livro, uma vez que, por fazer parte da *Biblioteca de Nanquinote*, possuía dimensões semelhantes a dos outros livros publicados.

Sobre a materialidade do livro que possibilitou classificá-lo como integrante da *Biblioteca de Nanquinote*, destacam-se as dimensões do volume, conforme estudos de Olivero (1999), Genette (2009) e Goulemot (1999) permitem examinar. Goulemot defende a existência de uma “fisiologia” que guia o ato da leitura e a maneira como os leitores se relacionam com o texto a partir da relação entre corpo e objeto, então, o formato, assim como outros elementos presentes no design do livro, orienta atitudes e modelo dos leitores.

Ainda, a forma física de um livro contribui para a sua definição e cada aspecto da apresentação do livro ao leitor provoca um tipo de reação em sua leitura. Em síntese, é a partir do formato que o livro se relaciona com o corpo do leitor. Estudar e examinar os elementos que formam, materialmente, uma obra é esforçar-se em compreender as escolhas feitas pelos editores para transformar textos em livros, conforme assinala Toledo (2001). Por conseguinte, é de grande importância que o historiador estude o livro em sua composição material.

As coleções compõem, de tal modo, as estratégias para a ampliação do público leitor e do mercado editorial.

A representação que os editores fazem do leitor conforma, então, as mudanças e adequações inseridas nos livros. Por exemplo, livros para crianças passam a ter letras maiores, textos menores, volumes ilustrados. Tais adequações são produzidas a partir do que se entenderia por “criança”, e o que se entenderia por seu “interesse” pela leitura ou, ainda, o que seria adequado em termos de conteúdo para estimular a leitura das crianças ou estimular seu desenvolvimento moral e intelectual. A representação de “infância” ou de “interesse” da criança, ou ainda, do que é necessário a ela, leva os editores a, por exemplo, contratar especialistas que possam adaptar (...) ou preparar materiais que estimulem as crianças a se tornarem leitores. (TOLEDO, 2001, p. 2)

Outra estratégia para ampliar o número de leitores, e de grande relevância, é a redução dos preços dos livros e dos custos de produção. Uma padronização, que é característica dos livros em coleção, permite a redução dos custos e a fácil identificação da coleção por seus leitores ou por alguém que conheça apenas uma das obras.

---

<sup>132</sup> Outras informações sobre esta obra não foram localizadas até o fechamento desta pesquisa.

A seleção de autores que se destaquem na área se configura como outra estratégia empregada pelas editoras. No caso da *Biblioteca de Nanquinote*, os autores que contribuíram para a conformação da coleção foram, além de Erico Veríssimo, Mário Quintana, Antonio Barata, Kurt Gregorius/Ernst Zeuner, Souza Junior, entre outros. Todos eles colaboradores da Livraria e Editora do Globo, inclusive, em outras áreas da produção e bem conhecidos do público leitor.

Fato curioso relativo à coleção em estudo é que alguns livros foram publicados ainda na década de 1930, como os livros escritos por Erico Veríssimo. Contudo continuaram sendo divulgados nas propagandas da Editora por muitos anos após seu lançamento. Podemos supor, portanto, que Veríssimo podia ser considerado o grande chamariz da coleção para a “petizada”, uma vez que já era bastante reconhecido por seus contos, novelas e romances.

Característica importante é que, próxima às produções escolares, a literatura destinada a crianças funciona como um meio de difusão de patriotismo, civismo e ensinamentos morais<sup>133</sup>. Nos livros para crianças planejados por Veríssimo e publicados pela Editora do Globo, há, em certa medida, a associação entre a fantasia e as possibilidades pedagógicas. A literatura para crianças sob sua pena não parece ser uma produção circunstancial, ao contrário, aparenta ser um projeto bem definido, conforme defendem outros pesquisadores, como Aguiar (2005). Seu projeto, em alguma medida, envolveria formar leitores, alargar o público para novos leitores de seus romances? Talvez. Trata-se de uma hipótese que pode auxiliar as análises no âmbito desta pesquisa.

Considerando a importância da fantasia e do desenvolvimento da imaginação no processo de aprendizagem infantil, segundo defendiam membros da Comissão Nacional de Literatura Infantil<sup>134</sup>, ainda na década de 1930 (COSTA, 2011), os livros infantis da coleção

<sup>133</sup> De acordo com trabalhos desenvolvidos por Ângela de Castro Gomes, que credita aos autores de literatura infantil, especialmente, os da primeira metade do século XX, um forte vínculo com a construção de uma cultura cívica republicana.

<sup>134</sup> Convocada pelo Ministro da Saúde e Educação, Gustavo Capanema, em maio de 1936, por meio de Portaria publicada em Diário Oficial, era composta por Jorge de Lima, (médico dedicado também à literatura, autor do livro para crianças *Histórias da velha Totonha*), Cecília Merireles (poetisa e educadora, criou um centro cultural para crianças em 1934, o “Pavilhão Mourisco”, localizado na Praia de Botafogo), Murilo Mendes (poeta surrealista, escreveu poesias religiosas), Manuel Bandeira (entre suas obras estão poesias, prosas, crônicas e críticas literárias), Elvira Nizynska (professora, atuou em pesquisas ao lado de Lourenço Filho na Associação Brasileira de Educação, ministrou uma disciplina no Instituto de Educação sobre a utilização da literatura infantil na alfabetização) e Maria Eugênia Celso (poetisa e jornalista, escreveu para as revistas *O Malho* (1936) e *Fon-Fon* (1920), e apresentou programas sobre literatura na Rádio Nacional, durante os anos de 1930). O educador Lourenço Filho não foi oficialmente convocado no início dos trabalhos da CNLI. Contudo já participava das reuniões, e, quando passou a presidir a comissão, esta apresentou mudança significativa, assumindo posição interventora e com preocupações, declaradamente, pedagógicas. Importante citar duas dissertações: a primeira escrita por Aline Santos Costa, membro do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação - GRUPEEL, intitulada *A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936 – 1938)*; a segunda, escrita por Carla

ora estudada apresentavam possibilidades pedagógicas, na medida em que mostravam a leitura como meio para aperfeiçoar relacionamentos interpessoais e de conhecimento sobre outras culturas e costumes. De acordo com Costa (2018), divertir e educar voltam a dividir espaço nos discursos dos membros da CNLI. Contudo não seria possível afirmar que toda obra literária, independentemente de quais sejam seus leitores, envolva algum tipo de ensinamento? Intencionalmente ou não, a Literatura é capaz de propiciar outras experiências, outros pontos de vista, possibilitando um novo aprendizado.

É fato conhecido que o livro *Aventuras do Avião Vermelho* foi indicado ao prêmio conferido pela CNLI, embora não o tenha recebido. Talvez por apresentar um personagem com comportamento considerado inadequado para uma criança, dado que respondia aos adultos, metia-se em brigas, xingava, entre outras coisas reprováveis à época. Este tópico será mais bem desenvolvido no capítulo destinado ao exame dos livros de Veríssimo para a coleção.

Diversos intelectuais da época, entre eles os componentes da CNLI e o jornalista e teatrólogo Raymundo de Magalhães Junior, destacavam o potencial educativo que a literatura infantojuvenil transmitia. A “Literatura infanto-juvenil possuía, nessa perspectiva, uma ampla função educativa e civilizadora” (COSTA, 2011, p. 47). Leia-se o Parecer da CNLI transcrito a seguir:

A finalidade da Literatura Infantil é recrear, satisfazendo aos interesses normais da idade. Ao mesmo tempo, ela deve conduzir a criança, em combinação com outros elementos que constituem a base da vida infantil – Família, Escola -, a um crescente reconhecimento da realidade, aos segredos do mundo que as rodeia. Dilata-se o horizonte progressivamente, descortinando-se-lhe sentimentos comuns que ligam os que habitam a sua terra, começa a compreender e a amar seus antepassados, suas tradições (...)<sup>135</sup>

Na perspectiva de Lajolo (1984) e Lajolo & Zilberman (1999), a Literatura Infantil, desde seu surgimento até a década de 1970, pelo menos, apresenta explícita preocupação com

---

Bispo Azevedo, outra integrante do GRUPEEL, intitulada *Maria Eugenia Celso: entre o impresso feminino, a casa e o espaço público (1920 - 1941)*. A Comissão Nacional de Literatura Infantil (CNLI) foi criada em 1936, pelo então ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema. Dentre suas incumbências estavam o estudo da Literatura Infantil, a organização de uma biblioteca infantil com livros em Língua Portuguesa, avaliação da qualidade dos livros que circulavam no país, a organização de um concurso de literatura infantil. Faziam parte da comissão escritores e educadores como Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Maria Eugênia Celso, José Lins do Rego, Cecília Meireles, Elvira Nizynska e Manuel Lourenço Filho. [Fonte: COSTA, Aline Santos. *A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936 – 1938)*. 164f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011]

<sup>135</sup> Artigo de Elvira Nizynska intitulado “O Nacionalismo e a Literatura Infantil”. Em 5 de agosto de 1936. LFT LIT. INF. Rolo 7.fot. 80 a 138. IN: COSTA, Aline Santos. *A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936 – 1938)*. 164f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

elementos pedagógicos. Talvez, por isso, ao longo dos anos, tenha sido considerada por muitos críticos como uma literatura inferior, sem grande complexidade estética.

Ao longo da década de 1930, a busca de professores e intelectuais era por histórias para crianças que apresentassem elementos estéticos que explorassem o mundo da fantasia e, ao mesmo tempo, produzissem na criança sentimentos elevados de amizade, amor e cooperação. Esta seria sua vertente educativa. A CNLI indicou um grande número de obras para compor as Bibliotecas Escolares, entre elas *Os Três Porquinhos Pobres*, de Erico Veríssimo.

A literatura para crianças, desenhada à luz da disciplina Literatura Infantil do Instituto de Educação do Distrito Federal, orientava que os livros infantis deveriam proporcionar uma educação estética<sup>136</sup> e uma formação que desenvolvesse as sensibilidades. A educação estética desenvolveria, além do senso de estética, o senso de ações e sentimentos “saudáveis”, objetivando preparar as novas gerações para se adequar ao ideal de civilidade e modernidade.

[...] Essa educação estética referia-se às mais variadas formas de expressão artística, como o canto, a dança, a música, a literatura, o teatro, os trabalhos manuais, mas, principalmente, às formas de educar para produzir uma emoção estética. A capacidade de contemplar a beleza urbana, seus jardins e edificações, a nova estética dos prédios escolares e das salas de aula; pensou-se também nas festas cívicas e escolares [...] (VEIGA, 2011, p. 405-406)

Quanto à formação para as sensibilidades, envolveria a preparação das “novas gerações”, para viverem na sociedade que lhes era contemporânea, de acordo com pesquisa de doutorado desenvolvida por Costa (2018)<sup>137</sup>. A própria Comissão Nacional de Literatura Infantil – CNLI - defendia o livro infantil como recurso educativo, mas que não deveria perder sua qualidade estética. O livro seria, então, um instrumento capaz de ensinar de forma lúdica.

Até a chegada da literatura para a infância proposta por Veríssimo, a produção literária para esse público do sul do país era formada, sobretudo, por adaptações de clássicos, traduções e poucas obras esparsas, conforme defende Aguiar (2005). Os livros que chegavam ao estado do Rio Grande do Sul eram obras, em geral, produzidas no Rio de Janeiro, e, dessa forma, as histórias eram marcadas pelas características locais, o que dificultava o reconhecimento pelas crianças gaúchas da cultura própria do Rio Grande do Sul nessas histórias.

<sup>136</sup> Essa dimensão estética nos permite um diálogo com o artigo da Professora Cynthia Greive Veiga intitulado “Educação Estética para o povo”. [VEIGA, Cynthia Greive. Educação Estética para o povo. In: LOPES, Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 399-422].

<sup>137</sup> A autora de tal Tese faz parte do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação – GRUPEEL – coordenado pela Professora Doutora Márcia Cabral da Silva (ProPEd-UERJ). [COSTA, Aline Santos. *A conformação da literatura infantil como disciplina no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932 – 1938)*. 226f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.]

Quadro 3 - Livros infantojuvenis escritos por Erico Veríssimo.

Livro	Ano	Páginas	Tamanho	Ilustrador	Tiragem <sup>138</sup>
<i>A vida de Joana d'Arc</i>	1935	291	15x22 cm	João Fahrion	2500
<i>Aventuras do avião vermelho</i>	1936	32	27,5x18,8 cm	João Fahrion	5000
<i>Os 3 porquinhos pobres</i>	1936	30	27,5x18,8 cm	Edgar Koetz	5000
<i>Rosa Maria no castelo encantado</i>	1936	33	27,5x18,8 cm	Nelson Boeira Faedrich	5500
<i>Meu ABC</i> <sup>139</sup>	1936	32	19x27 cm	Ernest Zeuner	5500
<i>As aventuras de Tibicuera</i>	1937	179	15x22 cm	Ernest Zeuner	5000
<i>O urso com música na barriga</i>	1938	30	27,5x18,8 cm	João Fahrion	11500
<i>A vida do elefante Basílio</i>	1939	30	27,5x18,8 cm	Nelson Boeira Faedrich	10000
<i>Outra vez os 3 porquinhos</i>	1939	32	27,5x18,8 cm	Edgar Koetz	10000
<i>Viagem à aurora do mundo</i>	1939	298	15x22 cm	Ernest Zeuner	6000
<i>Aventuras no mundo da higiene</i> <sup>140</sup>	1939	144	13,5x18,5 cm	João Fahrion	20000

Fonte: Formulada pela autora.

Após a observação desses dados, importa reconhecer esses autores que compuseram a *Biblioteca de Nanquinote*. Sua proximidade com Erico Veríssimo, e o exercício de outras funções na Livraria e Editora do Globo poderia ser a responsável pela presença desses escritores na *Biblioteca de Nanquinote*, ademais da necessidade de incluir outros nomes, além de Erico Veríssimo, na coleção.

Quadro 4 - Colaboradores da Livraria e Editora do Globo.

Autores da <i>Biblioteca de Nanquinote</i> e demais funções na Livraria e Editora do Globo		
Autores	Função	Período
Erico Veríssimo	Secretário da <i>Revista do Globo</i>	Jan/1931 – Out/1931
	Diretor da <i>Revista do Globo</i>	Out/1931 – Nov/1936
	<i>Conselheiro Editorial</i>	1936-?
Kurt Gregorius/Ernst Zeuner	Ilustrador	1922-?
	Chefe da Seção de Desenho da Livraria e Editora do Globo	1929-?
	Escritor de 4 livros da <i>Biblioteca de Nanquinote</i>	193?, 1941, 1943, 1945
Antônio Barata	Escritor e colaborador da casa editora	?
Armando Kuwer	Ilustrador	?
De Sousa Junior	Escritor de 2 livros da <i>Biblioteca de Nanquinote</i>	1942, 1947
Hamilcar de Garcia	Secretário Geral da Livraria do Globo	193?
	Escritor de 1 livro da <i>Biblioteca de Nanquinote</i>	1945
Mário Quintana	Desempacotador de livros	1924 (3 meses)
	Tradutor da casa editora	1934
	Escritor	1º livro em 1940
	Colaborador na <i>Revista Província de São Pedro</i>	1945
	Escritor de 1 livro da <i>Biblioteca de Nanquinote</i>	1947

Fonte: Organizado pela autora.

<sup>138</sup> Os números aqui indicados foram publicados primeiro no livro *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*, escrito pelo professor, historiador e crítico literário Flávio Loureiro Chaves. [Fonte: CHAVES, Flávio Loureiro. *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1972].

<sup>139</sup> Não foi reeditado.

<sup>140</sup> Não foi reeditado.

O Quadro 4 indica, ainda, que Erico Veríssimo foi o escritor com maior número de livros publicados na Coleção *Biblioteca de Nanquinote*. Contudo outros autores contribuíram para a constituição da coleção. Entre eles, o também ilustrador da Livraria e Editora do Globo, Kurt Gregorius/Ernst Zeuner, um alemão que chegou ao Rio Grande do Sul em 1923 e trabalhou na Editora do Globo. Antônio Barata, jornalista, escritor e diretor de publicidade da *Revista do Globo*, aparece também como escritor com publicação na biblioteca com 3 livros na coleção: *Histórias de bichos* (1930?), *Histórias do Galo-Bofo* (1944?) e *Dois Meninos e um Cachorro* (1945).

De Souza Junior, jornalista, escritor, tradutor e político, tendo atuado em várias publicações sulinas, também publicou dois livros na *Biblioteca de Nanquinote*. Em 1918, criou sua própria revista: *Mascara*<sup>141</sup> (1918-1928). Substituiu Veríssimo na direção da *Revista do Globo*, quando este se afastou para tornar-se consultor editorial de Henrique Bertaso. E, assim, conforme assinala Hallewell (2012, p. 441), “foi desse modo que entrou, na indústria do livro no Brasil, a figura do editor profissional, que funcionava como editor da obra sem ser dono da editora”. E continua afirmando que “o papel pioneiro de Veríssimo nessa função veio a generalizar-se somente décadas mais tarde”.

Com o livro *Aventuras de Zé Colado*, Hamilcar de Garcia está presente na lista de autores para crianças da Editora do Globo. Tradutor e secretário geral da *Revista do Globo*, chegou a substituir Erico Veríssimo, quando esse viajou para os Estados Unidos da América, para apresentar conferências sobre Literatura Brasileira em diferentes instituições de ensino em 1941. Tal viagem foi realizada por curiosidade de conhecer o país e possibilidade de proferir conferências, em uma estada financiada pelo Departamento de Estado, como parte da Política da Boa Vizinhança<sup>142</sup>, do governo Franklin Roosevelt. A segunda vez que viajou aos Estados Unidos foi em setembro de 1943 com a finalidade de lecionar Literatura Brasileira na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Lá, permaneceu até 1945. Uma terceira viagem foi realizada para atuar na OEA.

Mário Quintana, poeta, jornalista e tradutor, começou a trabalhar na Livraria do Globo, de Porto Alegre, em 1924, inicialmente, na função de desempacotador de livros, e, mais tarde,

<sup>141</sup> A revista *Mascara*, inicialmente semanal, era produzida e impressa em Porto Alegre, e distribuída também em Tramandaí, Cidreira, Piratini, Bagé, Santa Cruz e outras cidades. Em suas páginas, é possível encontrar propagandas de clubes de recreio e lazer e clubes familiares das cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, além de notícias sobre futebol e turfe. Com muitas publicações sobre a programação dos cinemas da capital, essa era uma das principais características da revista.

<sup>142</sup> Implementada durante os governos de Franklin Delano Roosevelt, nos Estados Unidos (1933 a 1945), a chamada política de boa vizinhança tornou-se a estratégia de relacionamento com a América Latina no período.

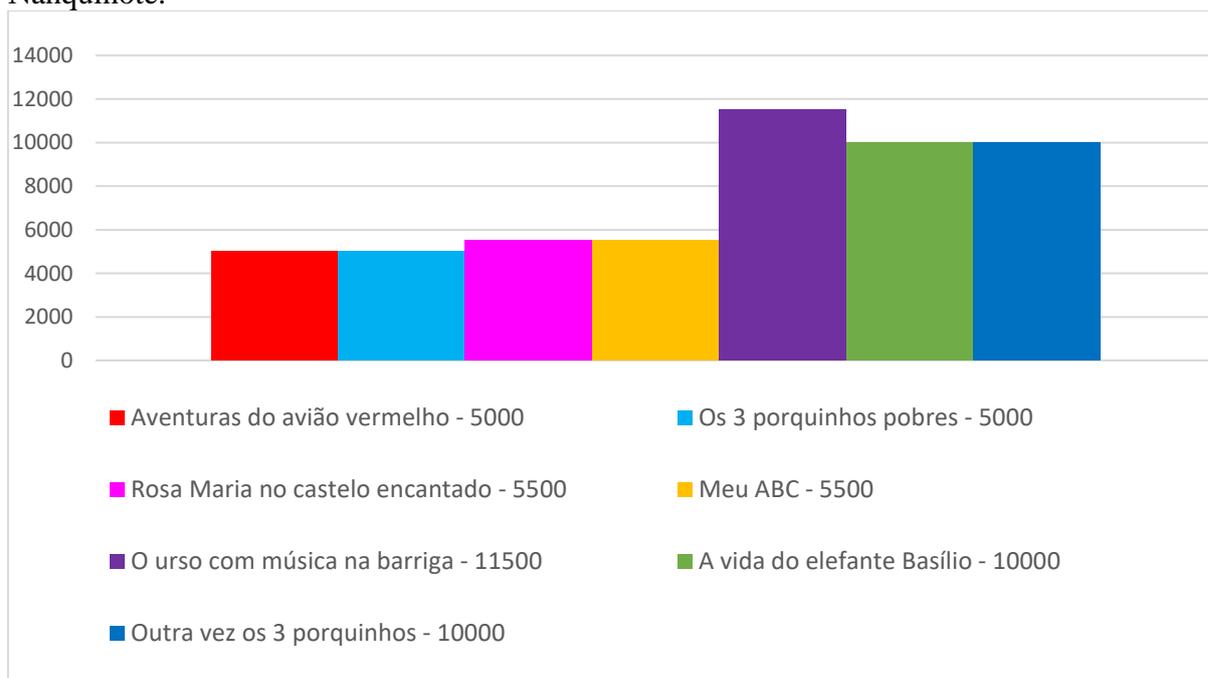
como editor e colaborador da *Revista do Globo*; publicou *O Batalhão das Letras* em 1947, um outro alfabetário presente na coleção, que ainda hoje é editado, porém como livro de poesias. Já foi inúmeras vezes reeditado, inclusive, por empresas editoras diferentes, entre elas a Companhia das Letras, Companhia das Letrinhas e Editora Globo.

Todos esses autores têm em comum o fato de desempenharem outras funções na Editora do Globo, além de escreverem histórias para crianças. Muitos passaram pela edição ou foram ilustradores da revista ou dos livros e das coleções da casa editora do sul do país.

Ao iniciar a escrita dos livros da coleção, Veríssimo já era pai de dois bebês. Tratava-se de Clarissa e Luis Fernando, nascidos em 1935 e em 1936, respectivamente. Contudo a criança que “deu as tintas” para a personagem Fernando de *As Aventuras do Avião Vermelho*, título que inaugurou a coleção, foi um dos três filhos do casal Henrique e Luiza Bertaso, Fernando, o mais novo dos três, de acordo com o próprio escritor em seu livro biográfico sobre Henrique Bertaso (VERÍSSIMO, 2011, p. 54). Essa questão será mais bem abordada nos capítulos 3 e 4, quando da análise da receptividade dos livros da coleção estudada em periódicos de circulação na época e em relatos de leitores, assim como dos sete livros escritos por Veríssimo para a *Biblioteca de Nanquinote*, respectivamente.

Os livros de Veríssimo para a *Biblioteca de Nanquinote* tiveram uma tiragem significativa, como se observa no gráfico a seguir:

Gráfico 2 - Tiragem das primeiras edições dos livros de Veríssimo para a Biblioteca de Nanquinote.

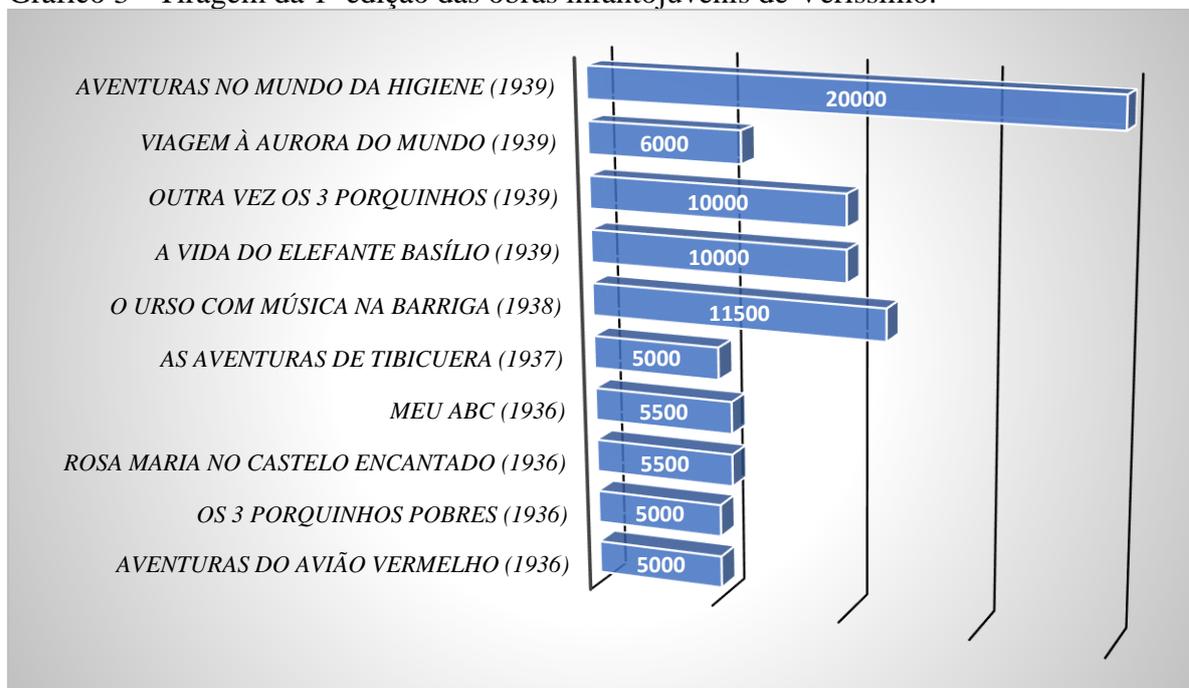


Fonte: Gráfico organizado pela autora a partir de informações extraídas do livro *O Contador De Histórias: 40 Anos De Vida Literária De Érico Veríssimo*, de Flávio Loureiro Chaves, 1972.

Ao analisar o gráfico atinente à tiragem das primeiras edições, é perceptível como os três últimos títulos de Veríssimo para a coleção indicam grande aumento de exemplares quando comparados as quatro primeiras obras.

Todavia se o gráfico passa a incluir os demais títulos infantojuvenis de Veríssimo:

Gráfico 3 - Tiragem da 1ª edição das obras infantojuvenis de Veríssimo.



Fonte: Gráfico organizado pela autora a partir de informações extraídas do livro *O Contador De Histórias: 40 Anos De Vida Literária De Érico Veríssimo*, de Flávio Loureiro Chaves, 1972.

Neste caso, o livro com a maior tiragem inicial é *Aventuras no mundo da higiene*, publicado em 1939. Essa grande tiragem pode significar maior ênfase a um livro que poderia ser adotado por instituições escolares devido a sua temática tão em voga na época, conforme as reflexões tecidas no Capítulo 1: a higiene.

Ainda que a *Biblioteca de Nanquinote*, intercalada com outras produções destinadas a leitores mais experientes, tenha sido iniciada por Veríssimo com o livro *As Aventuras do Avião Vermelho*, em 1936, sua elaboração começou com as histórias contadas de improviso no programa de rádio apresentado pelo escritor, como meio de melhorar as finanças da família recém-aumentada com o nascimento dos filhos.

Após identificar os títulos que formaram a coleção, importa saber como esses livros foram recebidos pela crítica, a partir de textos analíticos publicados em jornais. Tal reflexão será matéria para o capítulo 3 - “As Sementes dos seus méritos de amanhã”. Divulgação e críticas à *Biblioteca de Nanquinote*.

### 3 “AS SEMENTES DOS SEUS MÉRITOS DE AMANHÃ”<sup>143</sup>. DIVULGAÇÃO E CRÍTICAS À *BIBLIOTECA DE NANQUINOTE*

A Livraria do Globo está editando livros para crianças, reunidos na Biblioteca de Nanquinote. Trata-se de um boneco, feito a nanquim, que saiu do papel onde o tinham pintado, correu mundo e acabou escrevendo livros para as crianças do Brasil.

CÂMARA, *Jornal A Razão*, 26 jul. 1936, p. 15

A epígrafe desse capítulo trata da apresentação de Nanquinote, mascote identificador da *Biblioteca de Nanquinote*, realizada pelo Padre Hélder Câmara, que ocupava posição de destaque na sociedade da época. Formado em Filosofia e Teologia pelo Seminário Diocesano de Fortaleza, foi Arcebispo-emérito de Olinda e Recife entre os anos de 1964 e 1985, e um dos fundadores da Conferência dos Bispos do Brasil.

Os textos críticos sobre literatura infantil e juvenil assinados pelo Padre Hélder Câmara<sup>144</sup>, nos quais são expressas suas concepções sobre como deveria ser a produção literária infantojuvenil de qualidade, e, por vezes, elogiaria as obras de Veríssimo, estão presentes em diferentes periódicos que circulavam pelo país no período do lançamento da coleção ora estudada.

<sup>143</sup> Alusão ao texto crítico publicado no jornal cearense *A Razão*, de 26 de julho de 1936.

<sup>144</sup> **Pe. Hélder Câmara (1909-1999)** Sua trajetória é marcada por posicionamentos sociais e políticos. Foi chefe do setor de educação da AIB no Ceará. Nessa época, ao participar no Rio de Janeiro do Congresso Católico de Educação, classificou como de conteúdo comunista um manifesto lançado pela Associação Brasileira de Educação – ABE -, da qual faziam parte Anísio Teixeira e Manuel Lourenço Filho. Em 1936, Dom Hélder mudou-se para o Rio de Janeiro e foi designado diretor-técnico do ensino de religião da arquidiocese, com a missão de implantar o ensino religioso nas escolas públicas do Rio de Janeiro. Nos anos seguintes, Dom Hélder dedicou-se à educação, e trabalhou, ainda, pela criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, cuja ideia surgiu em consequência dos problemas gerados pelas condições sociais e econômicas do país. Ainda, em 1955, passou a integrar o Conselho Nacional de Educação, que se tornou mais tarde o Conselho Federal de Educação, órgão ligado ao Ministério de Educação e Cultura, responsável, em última instância, pelas questões relativas ao ensino no país. Dom Hélder foi defensor dos direitos humanos, durante o regime militar no Brasil, responsável por um dos mais bem sucedidos focos de resistência ao regime, de acordo com Condini (2004). Pregava uma Igreja simples, voltada para os pobres, e a não-violência. Em 1959, fundou o Banco da Providência, que se propunha a atuar no recolhimento e na distribuição de alimentos, remédios, roupas e dinheiro para pessoas necessitadas, além de dar-lhes orientação para trabalho, moradia e educação. Foi indicado ao *Prêmio Nobel da Paz* quatro vezes. Autor de mais de 17 livros, alguns traduzidos em mais de dez idiomas, doutor honoris causa por mais de 30 universidades brasileiras. É, hoje, o Patrono Brasileiro dos Direitos Humanos. [Fonte: FGV. Helder Pessoa Câmara. In: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/helder-pessoa-camara> - CONDINI, Martinho. *Dom Hélder Câmara: modelo de esperança na caminhada para a paz e justiça social*. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.]

É central, neste capítulo, a problematização das críticas, positivas ou negativas, à *Biblioteca de Nanquinote* publicadas em periódicos da época. A partir da leitura dos jornais *A Razão*, *Jornal do Brasil*, *A Federação* e outros, além da *Revista do Globo*, saltam aos olhos textos elogiosos não assinados, assim como críticas à coleção de livros da Livraria e Editora do Globo endereçada às crianças pequenas. Análises dessas notas e textos críticos serão realizadas ao longo do capítulo, nas diferentes seções que o compõem.

A *Revista do Globo*, publicação da Livraria e Editora do Globo, embora não apresente textos críticos à série criada, inclui vestígios sobre os objetivos dos criadores e editores da coleção. Considera-se, pois, a peculiaridade da pesquisa histórica que privilegia a seleção, o tratamento e a análise de fontes documentais como as revistas, e sua potencialidade para a investigação, “compreendendo-a como expressão de práticas e de lógicas integrantes de um sistema cultural” (VELLOSO, 2006, p. 313).

Foi na *Revista do Globo* que Erico Veríssimo publicou um texto em que apresenta uma reflexão sobre a literatura destinada às crianças. Na edição de número 198, na seção “Notas a Lápis”<sup>145</sup>, escrita por Erico Veríssimo, o escritor gaúcho publica o pequeno texto intitulado *Pés de Seda*. Nele, compartilha suas ideias sobre o que significa escrever para crianças. Destaca-se que *Pés de Seda* divide a página com outros textos escritos por Veríssimo que apresentam reflexões sobre a escrita de biografias e as armadilhas de se escrever sobre o passado; existe, ainda, um texto narrando um acontecimento da infância do escritor quando, ao ganhar um dicionário, escreveu um poema “rimadinho, direitinho... imaginem”. O outro texto publicado nessa seção apresenta uma narrativa sobre como a história de *Frankenstein* foi criada.

O título da seção, “Notas a Lápis”, remete a algo como um rascunho, escrito a lápis, pois é passível de correções, acréscimos ou supressões em algum momento futuro. Talvez fosse esse o objetivo do idealizador da seção, deixar a possibilidade de correções futuras. É curioso, também, que tal seção não estava presente em todos os números da revista, na verdade, só tendo sido localizada, até o presente momento, nessa edição.

---

<sup>145</sup> *Revista do Globo*, edição de 16 de janeiro de 1937, página 44.

Figura 40 – Seção “Notas a Lápis”, Revista do Globo, número 198, de 16 de janeiro de 1937, página 44. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.



A afirmação de que escrever para crianças não é tarefa das mais fáceis, quase como uma “excursão perigosa”, inicia o texto, complementado com a reflexão sobre a importância dada à linguagem, que elas, as crianças, precisam “compreender e amar”. Desse modo, o autor, na visão de Veríssima, deveria escrever de forma equivalente a “entrar numa *nursei* minúscula [berçário minúsculo], sem amassar os brinquedos nem acordar os bebês que dormem”. O autor necessitaria, assim, ter “pés de seda”. Curiosa a analogia empregada por Veríssima, que compara a utilização de uma linguagem adequada em livros infantis como alguém, que, ao entrar em um pequeno berçário, toma todo o cuidado para não despertar os bebês ou estragar os brinquedos, fato que se acontecesse provocaria desordem.

O escritor gaúcho ainda critica aqueles a quem chama de “escritores que nascem com pés de chumbo” ou aqueles que não sabem escrever para as crianças, mas insistem. Há, ainda, de acordo com Veríssimo, aqueles que, mesmo sabendo como escrever para a infância, insistem em escrever de forma quase agressiva, em uma analogia a “calçam coturnos de chumbo” ou “a entrar nos domínios das crianças principiam arrombando sua frágil porta e voltam da excursão ensanguentados e felizes”. O título do texto, “Pés de seda”, ao contrário de “coturnos de chumbo”, leva a imaginar alguém cuidadoso, que caminha sem fazer barulho, sem provocar distrações.

Tal produção de Erico Veríssimo ainda foi publicada no periódico carioca *O Jornal*, no dia 31 de março de 1940, na primeira página. Movimento que esboça a interlocução entre os diferentes periódicos que circulavam pelo país na época.

Em outro momento, já em finais da década de 1960, Erico Veríssimo, ao ser entrevistado por Clarice Lispector, responde a um questionamento da escritora e jornalista sobre o que pensava sobre a literatura infantil no Brasil e afirma que

Eu gostaria de voltar a escrever para crianças. As nossas crianças precisam livrar-se do Superman, do Batman. Mas... que histórias poderíamos contar-lhes nesta hora desvairada? Isto é um assunto para discutir. Nossa literatura infantil ainda é muito pobre. (1967)

Veríssimo lamentava que a literatura infantil brasileira fosse “muito pobre”, talvez porque as crianças estivessem bastante envolvidas pelas histórias de super-heróis americanos, como o Super-Homem e o Batman. Tal afirmação é, no mínimo, curiosa, visto que o próprio escritor Erico Veríssimo deveria, de acordo com as regras de uma de suas visitas anteriores aos Estados Unidos, divulgar e explicar a cultura americana para as crianças brasileiras por meio de livros infantis.

Além disso, por que o autor classificaria o período, como “hora desvairada”, na qual os personagens americanos invadiram o imaginário infantil brasileiro, cujo momento se mostrava complicado para contar outras histórias? Algumas possibilidades para compreender essa reflexão por parte do escritor seriam a Guerra Fria e as mudanças sociais que ocorreram no mundo com a disputa entre EUA e União Soviética, e, em contexto brasileiro específico, o golpe militar de 1964 com a justificativa de livrar o Brasil do comunismo.

Outros intelectuais se dedicaram a refletir e divulgar suas impressões sobre a literatura produzida para as crianças. Entre eles, destaca-se Maria Eugenia Celso<sup>146</sup>, colaboradora da

---

<sup>146</sup> **Maria Eugênia Celso (1886-1963)** atuou na imprensa carioca e fluminense, mantendo uma coluna diária no *Jornal do Brasil*, e contribuindo com versos em francês para a revista *Fon-Fon* e a *Revista da Semana*. Trabalhou, ainda, na Rádio Nacional, Rádio Sociedade e na rádio *Jornal do Brasil*, com o programa “Quartos

coluna “FEMINA”, publicada no *Jornal do Brasil*. Na edição do dia 23 de dezembro de 1931, página 11, a intelectual cita a aproximação do Natal e o lançamento dos livros de figuras, em especial na Europa, pois seria este um “gênero de literatura que se pode quase dizer inexistente entre nós”, ou seja, no Brasil. Ao elogiar esses livros de figuras, Maria Eugenia Celso sublinha como, nessas “magníficas edições ilustradas”, a criança tem acesso ao “alimento e [ao] interesse para sua imaginação [e] educação artística para os seus olhos e o seu gosto”.

O cinema também é lembrado por Maria Eugênia Celso como forma de afastar as crianças dos livros e de oferecer informações “antes do tempo”, o que valeria dizer, apressar o conhecimento de determinadas situações que não deveriam fazer parte do universo infantil. Entretanto adverte, também, sobre aquelas crianças que se satisfazem com os livros bem escritos, obras que seriam poucas, de acordo com a avaliação da autora, haja vista a quase nenhuma oferta de material “apreciável”, com exceção dos livros de Monteiro Lobato, que escrevia “umas ‘festas’ lindas, divertidas e bem brasileiras para toda a criançada brasileira”.

O cinema “atraiu maciçamente o público e causou o maior alvoroço” (BESSE, 1999, p. 24), com as salas de projeção se multiplicando a partir de 1910. Já na década de 1920, ir ao cinema seria um dos passatempos mais populares entre o público de todas as idades, gêneros e classe social, ainda como adverte Besse (1999). Os cinemas de bairro ofereciam sessões especiais para as crianças e jovens. Contudo nem todos os setores da sociedade viam o cinema com bons olhos. Os setores mais conservadores acusavam as salas de projeção de veicular “ideias perigosas”, capazes de afastar os preceitos cristãos e diluir a organização familiar (BESSE, 1999). As crianças seriam muito prejudicadas pelos filmes exibidos, pois teriam os valores deturpados pelas películas, ideia também defendida por Maria Eugênia Celso, que se mostrava preocupada com a situação em seu texto na coluna “Femina”.

Parece, ao ler tanto o texto de Veríssimo quanto o artigo de Maria Eugenia Celso, que as concepções dos dois se aproximam quanto à necessidade de oferecer histórias bem escritas, de forma simples e bem ilustradas, que não apresentassem informações “aceleradas”, de modo que as crianças se interessassem por lê-las.

Todavia o que se pode inferir a respeito dos livros da coleção *Biblioteca de Nanquinote*? Por qual motivo os livros para a juventude da casa-editora receberam maior destaque nas

---

de Hora literários”. No campo educacional foi membro da Comissão Nacional de Literatura Infantil, traduziu livros infantis como *A princesa Rosita* e *O camundongo cinzento*, além de escrever poemas para crianças. Também produziu peças teatrais e apresentou palestras no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, presidido, à época, por seu pai, o Conde Affonso Celso. [Fonte: AZEVEDO, Carla Bispo. Maria Eugenia Celso: entre o impresso feminino, a casa e o espaço público (1920-1941). 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.]

propagandas? Enquanto *A vida de Joana D’Arc* rendeu uma edição inteira da *Revista do Globo*, com matérias sobre a vida da jovem até informativos sobre o livro de Erico Veríssimo, os livros da coleção destinada às crianças pequenas foram divulgados por meio de pequenas notas e propagandas em periódicos diversos. Assim como os demais livros da *Biblioteca de Nanquinote*, escritos por outros autores do Rio Grande do Sul nem sequer foram reeditados, com exceção d’*O Batalhão das Letras*, de Mario Quintana. Contudo as seis narrativas de Veríssimo, que compuseram a coleção, foram reeditadas, anos mais tarde, em um único volume, intitulado *Gente e Bichos* (1956).

Figura 41 - Capa e contracapa do livro *Gente e Bichos* (1956). Acervo particular.



A obra literária *Gente e Bichos* (1956) reúne seis histórias da *Biblioteca de Nanquinote*: *As Aventuras do Avião Vermelho* (1936), *Os Três Porquinhos Pobres* (1936), *Rosa Maria no Castelo Encantado* (1936), *O Urso Com Música na Barriga* (1938), *A Vida do Elefante Basílio* (1939), *Outra Vez os Três Porquinhos* (1939), após terem sido selecionados pelo próprio escritor Erico Verissimo (1936-1956), que parece ter deixado de lado o livro *Meu ABC* (1936).

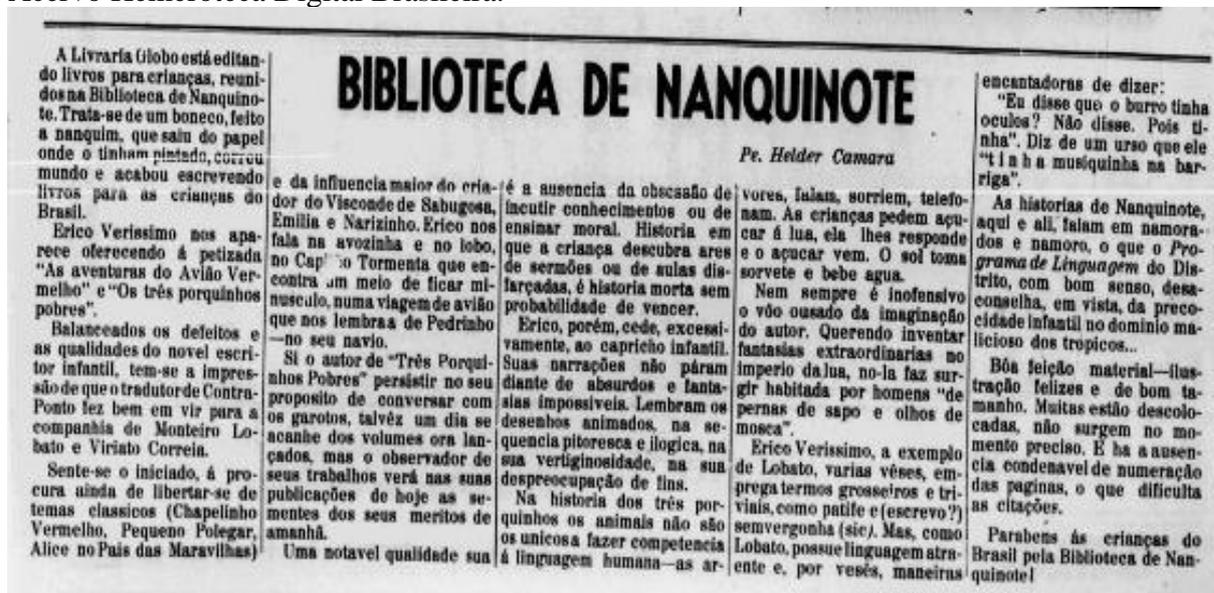
### 3.1 A crítica nos jornais

Em meio a manteigas, brincos, botões, cimento e ferro, quartos de pensão e lista de alunos aprovados nos primeiros lugares de concurso da instituição, destaca-se, ao pé da página do jornal *A Razão*<sup>147</sup>, o título “*Biblioteca de Nanquinote*”, texto assinado pelo Padre Helder

<sup>147</sup> Jornal cearense, que circulou de 1929 a 1938, tinha como subtítulo: Independente, Político e Noticioso. Circulou, primeiro, sob direção de Monte Arraes. Seu expediente informava que sua circulação era diária e contava com 8 páginas ao longo da semana e 12 aos domingos. O preço variava de \$200 o número do dia e 50\$000 a assinatura anual. Também era possível adquirir um número atrasado pelo valor de \$400. Deixou de circular em maio de 1938, quando o último número – 592 – apresentou o texto intitulado “Aos Leitores e

Câmara. O texto se refere à coleção recém-criada pela Livraria e Editora do Globo, visto somente tratar dos dois primeiros livros que a compõem.

Figura 42 – Texto crítico do Pe. Helder Câmara no jornal A Razão - CE, de 26 de julho de 1936. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.



Em texto crítico, o Padre Helder Câmara inicia sua análise apresentando a coleção e o boneco identificador Nanquinote. Prossegue afirmando que, entre defeitos e qualidades do escritor e, também, editor da coleção de livros para crianças, Veríssimo “fez bem em vir para a companhia de Monteiro Lobato e Viriato Correia” (CÂMARA, 1936, p. 15), reconhecidos escritores que se dedicaram à produção para a infância; o primeiro com o Sítio do Picapau Amarelo e o último com livros que contam a história do Brasil para crianças ou ficção infantil<sup>148</sup>.

Afirma, ainda, que as histórias de Veríssimo publicadas até aquela data - *Aventuras do Avião Vermelho* e *Os três porquinhos pobres* - muito se aproximavam dos clássicos de Andersen e Grimm, além da influência de Monteiro Lobato. Conforme a leitura do Padre Helder Câmara, Erico Veríssimo poderia, no futuro, “se acanhar” com os volumes lançados, mas um bom observador poderia ver em suas produções “as sementes dos seus méritos de amanhã” (CÂMARA, 1936, p. 15).

Assinantes da A RAZÃO”, em que os motivos para a dissolução da casa editora e, conseqüente, extinção do periódico eram expostos.

<sup>148</sup> De sua obra destinada às crianças, destaca-se *Contos da historia do Brasil* (1921), *História do Brasil para Crianças* (1934), *As belas histórias da História do Brasil* (1948) e *Cazuza* (1938). Colaborou, ainda, com a revista Tico-Tico. [Fonte: FGV. Viriato Correia. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIA,%20Viriato.pdf>]

Aspecto enfatizado pelo autor da nota crítica é o que ele chamou de “ausência da obsessão de inculcar conhecimentos ou de ensinar moral”, pois “historia em que a criança descubra ares de sermões ou de aulas disfarçadas é historia morta sem probabilidade de vencer” (CÂMARA, 1936, p. 15). Contudo, Veríssimo, a seu ver, cederia ao que chamou de “caprichos infantis”, uma vez que, em sua análise, suas histórias incluiriam “absurdos e fantasias impossíveis”, o que lembraria os desenhos animados, com suas sequências “pitorescas e ilógicas”. O religioso cita a história dos três porquinhos, advertindo que não só os animais falam mas também as árvores falam, sorriem e telefonam. O sol e a lua atendem aos pedidos infantis e tomam sorvete ou bebem água. Alerta, na sequência, que a imaginação nem sempre é “inofensiva”.

Importa observar a preocupação do religioso quanto ao tipo de formação que seria oferecida às crianças leitoras dos livros da Livraria e Editora do Globo. Em uma época em que a literatura infantil era entendida como um tipo de manifestação que veicularia moralização e ensino, que instruiria as crianças divertindo-as, a imaginação era bem-vinda, mas com parcimônia.

Talvez o cuidado com a fantasia, acentuado pelo padre, justificasse-se por ser a fantasia o “território do tudo é possível”, que apresenta sua “tradução cultural mais expressiva no sentido amplo da transgressão” (PIVETTI, 2019, p. 84). Com efeito, crianças criam, enquanto fantasiam; brincam com a fantasia, enquanto criam novas possibilidades.

A fantasia também possui certa função de defesa, protegendo-as dos impactos de situações traumáticas. Em contextos sociais conturbados, a contação ou leitura de histórias possibilita ao sujeito imaginar, poderoso instrumento de resistência aos problemas e à exclusão, como sublinha Petit (2008; 2009; 2013). Dessa forma, a literatura, como arte, tem seu valor cultural e social revelado, incluindo-se a dimensão pedagógica. Sendo assim, na condição de obra de arte, esse tipo de leitura não é igual para todos, nem mesmo para a criança que lê e relê a mesma história, podendo ampliar os significados ou substituí-los em diferentes leituras. A fantasia oferece, em certa medida, esperanças, e a literatura tem a capacidade de evocar imagens e provocar emoções, conforme assinala Calvino (1990).

O Pe. Hélder Câmara, naquele espaço de crítica, desejaria afirmar que a fantasia e a realidade estão interligadas? Se considerada esta uma hipótese possível, seria positivo privar as crianças da fantasia. Importa, contudo, atentar na visão que se adota em relação à criança e à infância<sup>149</sup>, assim como para o vínculo que se estabelece com elas em cada contexto histórico,

---

<sup>149</sup> Um marco nesta discussão é a obra *História Social da Criança e da Família*, de Philippe Ariès (1986). Considerado participante da terceira geração da *Escola dos Annales* – caracterizada pelo constante

social e cultural, que condicionam, também, o modo de se perceber a literatura infantil voltada para esse grupo social.

Os discursos, práticas e instituições que circunscrevem a infância são plurais, visto que a própria infância é, também, uma categoria plural e diversa, que, além de estar associada às mudanças sociais, em sentido macro, altera-se de acordo com experiências singulares. De igual forma, as ideias sobre o processo de aprendizagem também se alteraram, sendo assim, a partir do século XVII, a aprendizagem passou a ser considerada uma questão escolar e não um processo natural, decorrente do convívio com os adultos. Historicamente, e, de maneira possível, como um reflexo de sua retirada da sociedade para ser colocada na *quarentena escolar*, a infância tem sido silenciada e considerada a fase da irracionalidade.

O lugar de fala das crianças, assim, é, sistematicamente, tomado pelo adulto, seja nos discursos acadêmicos ou de entretenimento. Diante da dificuldade de romper com os pressupostos pedagógicos e da própria incompreensão de seu destinatário como ser social e produtor de cultura, a literatura infantil ganhou o status de subgênero, não sendo, assim, compreendida como obra de arte. Os vínculos pedagógicos da literatura infantil nutriram a imagem de uma infância a ser disciplinada e conduzida. O caráter da literatura infantil, nesta direção, é “marcadamente institucionalizado”, principalmente, pela escola.

Ainda no tocante à apreciação do religioso, ao aproximar Veríssimo de Lobato, o Padre Helder Câmara afirmaria que os dois fazem uso de “termos grosseiros e triviais, como patife e sem vergonha”. No entanto, pondera, a linguagem empregada pelos dois escritores também pode ser atraente, encantadora.

Erico Veríssimo, a exemplo de Lobato, varias vezes, emprega termos grosseiros e triviais, como patife e (escrevo?) semvergonha (sic). Mas como Lobato, possui linguagem atraente e, por vezes, maneiras encantadoras de dizer: ‘Eu disse que o burro tinha óculos? Não disse. Pois tinha’. (CÂMARA, jornal *A Razão*, 26 jul. 1936, p. 15)

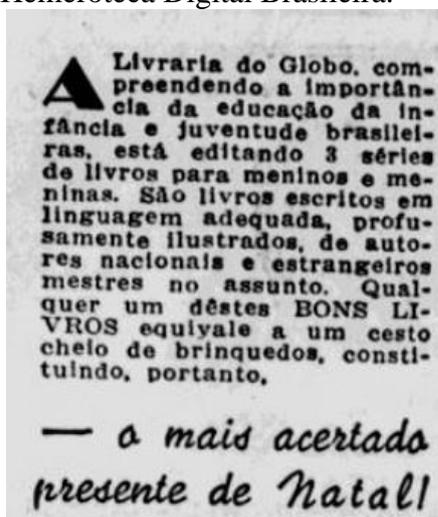
A respeito da linguagem, cumpre notar sua relevância para o debate da época. De um lado, defende-se que deveria ter registro culto, com gramática correta e vocabulário esmerado. A busca seria, então, por um modelo linguístico padrão, culto. Contudo Monteiro Lobato, em 1921, já empregava uma linguagem original e criativa, indicando o uso de gírias, brasileirismos e uma forma coloquial para os enunciados, rompendo, assim, o discurso tradicional com seu estilo.

---

questionamento das maneiras de pensar e agir do homem –, Ariès (1986) buscava compreender, tendo a Idade Média como ponto inicial de pesquisa, como o “sentimento de infância” foi formado. [Fonte: ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.]

Conforme a crítica tecida pelo Pe. Hélder Câmara, Lobato e Veríssimo se aproximavam no uso de uma linguagem mais coloquial no que diz respeito às histórias para crianças. Essa característica podia não ser admirada pelo religioso, contudo, uma linguagem mais simples e acessível aos pequenos leitores era elogiada nas propagandas, acerca da coleção editada por Veríssimo, e veiculada nos impressos da época.

Figura 43 – Texto da propaganda publicada no jornal O Dia (PR), 22 dez. 1940, p. 2. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.



Atualmente, os livros de Lobato são reconhecidos, justamente, por seu distanciamento das preocupações “adultocêntricas”. Conforme a crítica, eles são capazes de instigar a curiosidade, a espontaneidade e a fantasia ou a imaginação das crianças, segundo estudiosos do campo da Literatura Infantil, como Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007).

Outra crítica à *Biblioteca de Nanquinote* diz respeito aos namoros ou namorados, termos que, uma vez por outra, são mencionados nas histórias da coleção. Em sua crítica, o padre remete ao “*Programa de Linguagem do Distrito*”<sup>150</sup>, que, “com bom senso, desaconselha, em vista da precocidade infantil no domínio malicioso dos trópicos...” (CAMARA, 1936, p. 15).

Seria esse o programa criado pela Diretoria Geral de Instrução Pública? Pelo texto crítico do Pe. Câmara não fica claro, contudo, esta crítica, especificamente, deixa transparecer a ideia de que o padre, e, também, os responsáveis pela elaboração do “*Programa de Linguagem*” concebiam o país com atributos tropicais, local em que a sensualidade e a sexualidade aflorariam desde cedo. Entretanto, não só os religiosos pensavam dessa forma, um exemplo de jurista que também via no clima tropical um perigo para a moralidade foi Viveiros

<sup>150</sup> Tal programa não foi localizado até o momento da escrita deste capítulo.

de Castro, importante especialista do período<sup>151</sup>. Para ele, o mais difícil era aperfeiçoar moralmente uma população marcada pelo “temperamento sexual... e caráter sexual, talvez pela **influência do clima tropical**, da alimentação forte, da hereditariedade de duas raças que se confundem na mestiçagem” (VIVEIROS DE CASTRO, 1934, p. XIII) (grifos da autora). Em razão dessa percepção, havia o temor de que simples menções a “namoros” pudessem despertar a curiosidade ou o desejo de namorar nas crianças. Destaca-se, todavia, que a coleção em questão era destinada a crianças pequenas, que estariam começando o processo de alfabetização.

A década de 1930 viu surgir vários debates acerca da sexualidade e da educação sexual no Brasil, com interesse médico de intervenção social em busca de reposicionar a nação aos patamares civilizatórios de países europeus, segundo a visão de Oliveira (2012). Desse modo, a educação sexual estava vinculada ao discurso de modernização da sociedade. Com relação às crianças, o propósito seria educar e acompanhar de perto seu desenvolvimento e, possivelmente, coibir “vícios sexuais”.

Para isso seria necessário estabelecer uma parceria com a pedagogia da família, alvo da atenção dos educadores, que tomaram para si a tarefa de educar antes os pais acerca das descobertas sexológicas, para que esses então pudessem exercer vigilância sobre seus filhos. (OLIVEIRA, 2012, p. 512)

Entretanto, defensores da ciência sexual e da igreja, embora acreditassem que parte dos problemas brasileiros recaísse na “imoralidade”, parece que divergiam sobre a importância da educação sexual. Se os primeiros defendiam que, somente, com conhecimento sobre o assunto poderiam superar os problemas da sociedade, a igreja, na figura do Pe. Hélder Câmara, entendia que as crianças não deveriam ouvir sobre namoros, tema considerado perigoso.

Os romances, por sua vez, foram considerados uma atividade perigosa para as mulheres, as meninas ou as jovens, desde a introdução do gênero no país ao longo do século XIX (CANDIDO, 1981, 1999; ABREU, 2003), pois a sua influência poderia ser desastrosa para a personalidade da leitora, provocando ideias pecaminosas, distraíndo-as dos afazeres domésticos, estimulando o ócio.

Prescrições para a leitura feminina estavam presentes em catálogos de diferentes editoras. Como exemplo, note-se o catálogo da Livraria José Olympio Editora, que, junto à Livraria e Editora do Globo, foi uma das mais importantes do país:

<sup>151</sup> **Francisco José Viveiros de Castro (1862-1906)**, jurista de origem maranhense, foi considerado o maior especialista de sua época no combate aos crimes sexuais, “considerados atentatórios à ordem social por simbolizarem o primado dos instintos sobre a razão e por colocarem a família, justamente a instituição que se pretendia organizar, ‘higienizar’, e fortalecer, em risco de desagregação” (MARTINS JUNIOR, 2011, p. 2689). [Fonte: MARTINS JUNIOR, Carlos. Saber Jurídico, Criminalidade e Controle da Sexualidade na “República dos Bacharéis”. In: *Anais do Congresso Internacional de História*. Set. 2011. ISSN 2175-4446]

Sim, para evitar-lhe futuros dissabores sérios, procure orientar a leitura de sua filha com romances que a encantem, mas que sejam de absoluta confiança. Romances que contribuam para aprimorar-lhe o caráter, que o ajudem decisivamente na formação moral sadia de sua filha, romances que o auxiliarão a fazer do lindo “entre-aberto botão, entre-fechada rosa”, uma leitora de bom-gosto e uma mãe de família firmemente orientada. (Catálogo da Livraria José Olympio Editora, 1949, pp. 168-169 *apud* CABRAL, 2010, p. 96)

O próprio escritor Erico Veríssimo tratou desse tema em seu livro *Clarissa* (1933), quando a personagem principal, a jovem e sonhadora menina de 13 anos, lia romances escondida de sua tia, visto acreditar que tais histórias seriam prejudiciais para as meninas. Nas páginas do romance, ensinava-se que as jovens deveriam ler somente os livros escolares, instrutivos e moralmente corretos.

Em coluna intitulada “Literatura da Infância” publicada no *Jornal do Brasil* (abril de 1931, p. 5), Affonso Celso<sup>152</sup>, outro crítico, afirmava que “um livro deveras bem escripto, sincero e vivo, interessa tanto os rapazes como as meninas”, mas complementa, “cumpre, porém, evitar a estas [meninas] quer o romantismo irreal e excitante, quer o realismo corruptor, toda extravagancia de ideias e de sentimentos que impeçam a adaptação à vida normal”. Trata-se de preocupação semelhante à do Pe. Hélder Câmara, alguns anos à frente, quanto à menção a “namoros” e possíveis desvios na conduta daí decorrentes.

Não parece que os livros da *Biblioteca de Nanquinote* tenham sido pensados para atender a meninos ou a meninas de forma separada, ainda que houvesse representação específica por meio da figura da única menina personagem principal dos livros escritos por Veríssimo, Rosa Maria de *Rosa Maria no Castelo Encantado* (1936), de meninas bem-comportadas e educadas, mesmo que curiosas, e da menina, que, ao lado de um companheiro e de um cachorro, vive aventuras no livro *Dois Meninos e um cachorro* (194?), de Antonio Barata, outra obra a compor a coleção de livros para crianças pequenas da Livraria e Editora do Globo.

---

<sup>152</sup> **Affonso Celso de Assis Figueiredo Junior (1860 – 1938)** foi poeta, romancista, historiador, jornalista e professor catedrático, tendo publicado seu primeiro livro, intitulado *Prelúdios*, em 1876. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo. Foi fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira número 36, cujo patrono é Teófilo Dias. Abolicionista e republicano, participou ativamente da política brasileira. Fundador do *Jornal do Brasil*, onde escreveu seus artigos por mais de trinta anos, colaborou também no jornal *Correio da Manhã*, pelo mesmo período. Escreveu em jornais e revistas, como *A Semana*, *República* e *Almanaque Garnier*. Em 1892, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde foi eleito presidente perpétuo em 1912, cargo que ocupou até 1938. Em 1900, publicou *Porque me ufano de meu país*, livro que gerou grande polêmica, por se tratar do culto de amor à pátria, e lançando a expressão “ufanismo”, palavra usada até hoje. Deixou publicadas obras de teatro, crítica, história, trabalhos jurídicos, conferências e discursos. [Fonte: BIBLIOTECA NACIONAL. Periódicos & Literatura: Personagens. In: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/affonso-celso/>]

Nas palavras de Affonso Celso, ficava clara a preocupação em se oferecer leituras consideradas adequadas para meninas. Entretanto quais seriam, afinal, essas leituras? Se a mulher moderna deveria ter cuidado com a escolha de suas leituras, a menina e a jovem deveriam ser cuidadas, para que sua entrada na cultura letrada contasse com histórias apropriadas e instrutivas. Um exemplo de obras prescritas para a leitura de meninas e moças é a *Coleção Menina e Moça*, produzida pela Livraria José Olympio Editora, lançada em 1934 e retomada em 1940 (HALLEWEL, 1985, p. 376). Alinhada a um ideal religioso, especificamente o católico, a *Coleção Menina e Moça*<sup>153</sup> era anunciada na seção para o leitor católico do Catálogo da Livraria José Olympio Editora.

Alceu Amoroso Lima ou Tristão de Ataíde, presidente da Ação Católica Brasileira e, também, escritor, pensador, educador e crítico literário, “alinhado a um tipo de crítica de natureza moralista” (SILVA, 2013, p. 130), desenvolveu um estudo editado pela Livraria José Olympio, intitulado *Idade, sexo e tempo: três aspectos da psicologia humana* (1938). Nesse estudo, o autor discorre sobre a existência humana condicionada por fatores como a idade, o sexo e o tempo. As definições de infância, adolescência e homem e mulher são úteis para se compreender a interferência desse intelectual católico na circulação da *Coleção Menina e Moça*, assim como para se entender marcadores de gênero e faixa etária relativos aos leitores da *Biblioteca de Nanquinote*.

Acerca da infância, Alceu Amoroso Lima adverte sobre os perigos de se precipitar a idade subsequente, caracterizado pelo autor como uma forte tendência do mundo moderno. Para ele, fazia-se necessário prolongar a infância a todo custo, conforme afirma em seu livro *Idade, sexo e tempo: três aspectos da psicologia humana*:

Há, modernamente, uma tendência perigosa, que se manifesta, sobretudo na adolescência e na mocidade, mas que na infância já se faz notada. É a preocupação de precipitar a idade em que se vive, antecipando-se a idade vindoura. A criança quer ser adolescente antes do tempo, ao mesmo passo que a mocidade tudo faz para que a vida do homem maduro não lhe tenha segredos. É um dos fenômenos mais desastrosos do mundo moderno [...]. Contra ele devemos mobilizar as nossas forças, tentando reter a infância o mais possível, a infância das nossas crianças, para que elas tenham o tempo suficiente de sedimentar, em sua formação inicial. Essas reservas de vitalidade que vão depender, mais tarde, no decorrer de uma existência. (ALCEU AMOROSO LIMA, 1938, pp. 48-49)

<sup>153</sup> Acerca da *Coleção Menina e Moça*, a Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Márcia Cabral da Silva contribuiu para o debate com os estudos realizados no âmbito do Grupo de Pesquisa Infância, Juventude, Leitura, Escrita e Educação - GRUPEEL, do qual faço parte. A pesquisa matriz, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação – ProPEd, intitulada *Leitura para meninas e moças nas coleções da Livraria José Olympio Editora (1930 - 1950)* na primeira fase, que se estendeu de 2009 a 2012, e *Leitura para meninas e moças nas coleções da Livraria José Olympio Editora (1930-1960) - Fase II*, que ocorreu de 2013 a 2018, originou diversos artigos publicados em periódicos da área.

Uma forma efetiva de educar as meninas e as moças, não de qualquer classe social, mas aquelas das camadas médias e altas do período, foi a coleção de livros publicada pela Livraria José Olympio e chancelada pelo intelectual católico, a *Coleção Menina e Moça*. Dessa forma, Alceu Amoroso Lima afiançava a circulação de romances para educar meninas e moças, assim como indicava a necessária cautela para orientar a imaginação e a precocidade infantil e juvenil. Por último, delimitava os papéis atribuídos aos diferentes sexos: a natureza romântica cabia à adolescência feminina, enquanto o realismo se adaptava ao caráter masculino.

Affonso Celso afirmava, por sua vez, que era necessário “evitar a estas quer o romantismo irreal e excitante, quer o realismo corruptor”, ou seja, os romances para mulheres não eram bem-vistos, pois poderiam desvirtuá-las do caminho idealizado. Para evitar que as jovens tivessem contato com livros considerados perniciosos, os pais deveriam selecionar as leituras, o que se aproxima também das orientações dadas pelos defensores da educação sexual como meio de educação da família, para que esta cuidasse e orientasse as crianças.

Neste sentido, excetuando-se os dois alfabetários e os dois álbuns da coleção delimitada em, pelo menos, 20 livros, conforme pode ser observado na tabela na página 123, somente, os livros *Rosa Maria no Castelo Encantado* e *Dois meninos e um cachorro* apresentam histórias com meninas. Embora não fique clara a presença de uma menina pelo título do segundo livro, a ilustração da capa demarca a presença de uma menina como uma das personagens principais da narrativa<sup>154</sup>.

Figura 44 – Capa do livro *Dois meninos e um cachorro*, escrito por Antonio Barata e ilustrado por Edgar Koetz. Acervo privado.



<sup>154</sup> Destaca-se que ainda que tenha sido possível localizar 18 títulos que compuseram a *Biblioteca de Nanquinote*, a consulta a todos os livros não foi possível, pois muitos estão sob a guarda de colecionadores particulares.

Tal situação leva a alguns questionamentos: por que somente dois autores da coleção elegeram como personagem principal de suas histórias uma menina? Por que os outros livros tratam de meninos em situações de aventuras e não de meninas vivenciando as mesmas situações? Conforme indicado, possivelmente, os livros tenham sido pensados para agradar tanto a meninos quanto a meninas, até por razões comerciais— haja vista a necessidade de venda para um público mais amplo. No entanto a escolha por personagens centrais do gênero masculino sugere um significado.

Primeiro, a ideia de que as meninas eram mais sonhadoras e sossegadas poderia transmitir a concepção de que personagens femininas remeteriam a histórias românticas e tranquilas, e o objetivo da *Biblioteca de Nanquinote* parece ser apresentar as crianças em movimento, vivendo aventuras, viajando para lugares pitorescos. Sendo assim, poderia haver a intenção de se veicular a ideia de que personagens principais que retratassem meninos se encaixariam melhor nesse objetivo, uma vez que meninos seriam mais ativos, mais aventureiros e fortes, segundo aquele ideário. Considerando-se que a sociedade brasileira era constituída em base patriarcal, separando-se os espaços e papéis reservados a cada gênero, aos homens, cabia o espaço público, a política, o poder financeiro, às mulheres restava o espaço privado, a dependência financeira e emocional, além da castidade (DEL PRIORE, 2010; BESSE, 1999). Dessa forma, é possível entender por que somente um dos livros de Veríssimo para a coleção ora estudada narrava a história de uma “doce menina”, muito inteligente e curiosa, e por que as viagens a outras terras e aventuras, ainda que possíveis por meio da imaginação, eram vivenciadas, predominantemente, por personagens masculinas.

A saúde moral e física e a educação feminina assumiam grande importância no cenário nacional nas primeiras décadas do século XX, e a literatura se tornava normativa, definindo os “deveres” femininos em um momento em que as exigências aumentavam progressivamente. Nesse contexto, “educadores, médicos e psiquiatras faziam suas carreiras definindo e procurando implementar padrões modernos de educação e saúde femininas” (BESSE, 1999, p. 1).

O Padre Câmara analisa, ainda, o material e as ilustrações, que considera “felizes e de bom tamanho”, mas avalia que muitas surgem “deslocadas” ou fora do “momento preciso”. A ausência de numeração das páginas é lembrada e caracterizada como “condenável”, pois dificultaria citações. Esse aspecto dos livros da *Biblioteca de Nanquinote* é curioso, se observado que a intenção de modernidade acompanhava, inclusive, as produções literárias e demais impressos. Sabe-se que a Livraria e Editora do Globo, antes de Veríssimo incorporar as traduções da língua inglesa em seu catálogo, investia nas obras francesas, produções de uma

cultura tida como modelo de modernidade e bom gosto à época. Ocorre que, ainda hoje, “na França, os livros ilustrados, em sua maioria, não contêm fólhos, números de página” (LINDEN, 2011, p. 63), e quando possuem essa marcação é por uma tentativa dos autores de criar mais um efeito visual na obra. Importa, contudo, atentar para o período de produção dos livros aqui analisados, evitando-se, assim, recair em anacronismos.

O que poderia significar a escolha de não numerar as páginas dos livros da *Biblioteca de Nanquinote*? Parece que os editores não achavam esse recurso necessário por se tratar de livros para crianças pequenas. Teria sido essa uma escolha editorial, haja vista a extensão de algumas das ilustrações dos livros, que ocupam, por vezes, duas páginas?

O projeto gráfico da coleção, que influencia leitores, em geral, e crianças, em particular, aposta no “tradicional” formato vertical ou “à francesa”. As dimensões das obras, outro aspecto importante do projeto gráfico, aliadas ao formato, que não é acidental, mas antes participa da totalidade estética do livro, são de grande importância para caracterizar o endereçamento da coleção. No caso da *Biblioteca de Nanquinote*, as dimensões são 27,5 cm x 18,8 cm, tamanho considerado comum atualmente para os impressos destinados aos leitores infantis, com exceção dos dois alfabetários (*Meu ABC* e *O Batalhão das Letras*) e dos álbuns<sup>155</sup> *Os bichos da África* e *Os bichos do Brasil*, que apresentam o formato horizontal, ou à italiana, e dimensões 18,8 cm x 27,5 cm.

No entanto a nota crítica do Padre Helder Câmara é finalizada parabenizando as “crianças do Brasil” por terem a opção que os livros da *Biblioteca de Nanquinote* representam, pois, mesmo com aspectos criticados pelo religioso, os livros da coleção eram mais uma possibilidade de obras para crianças escritas e publicadas no Brasil.

Em outro texto crítico do Pe. Hélder Câmara publicado no *Jornal do Brasil*, edição de 23 de dezembro de 1936, e intitulado “O Lobato de sempre”, o religioso elogia a capacidade de Lobato de criar narrativas interessantes, assim como a materialidade dos livros editados pela Editora Nacional. Contudo recrimina a característica que teria o autor de não “respeitar os sentimentos religiosos da família brasileira e em não evitar passagens pouco recomendáveis à educação”, aspecto também criticado nas obras destinadas às crianças escritas por Veríssimo.

---

<sup>155</sup> Etimologicamente, a palavra vem do latim, *albus* e significava alvo, branco, livro em branco. Com o objetivo de estampar avisos oficiais ou de suporte para coleções de selos, cartões entre outros objetos, com o tempo, os álbuns foram ganhando novos usos, guardando fotografias, letras de música e o que mais pudesse ser colecionado. O conceito de álbum define-se, em linhas gerais, como um livro onde as imagens são predominantes, podendo ou não trazer textos para compor a narrativa. [Fonte: ABREU, Tâmara Costa e Silva. *O livro para crianças em tempos de Escola Nova*: Monteiro Lobato & Paul Faucher. 273f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2010.]

Mais uma vez, o emprego de palavras “grosseiras” é criticado e, sublinha-se, existia um temor de que essas palavras despertassem “preconceitos contra os negros e ridicularizasse o exército nacional”. O texto é finalizado com um apelo para que algum católico começasse a escrever para as crianças, o que garantiria vocabulário e conotações adequadas à moral católica.

Parece que a resposta ao apelo do Pe. Hélder Câmara vem logo em seguida, na edição do dia 7 de fevereiro de 1937, por meio do texto “Quem é Frei Ildefonso?”, no qual o padre suplica ao autor de *Pedrinho e Nelina* que se apresente, pois teria “bossa para enfrentar, com vantagem, a irreverência sedutora do Sr. Monteiro Lobato”. Nota-se que era importante oferecer histórias tão sedutoras quanto as de Lobato, mas garantindo que fossem sobre passagens bíblicas, vida de santos da igreja, sempre alinhadas à moral católica.

Importa circunscrever o discurso e o posicionamento do Pe. Hélder Câmara, para assim compreender suas críticas ao escritor e editor Veríssimo, a quem imputava, igualmente, o emprego de vocabulário e ideias inadequadas em seus livros infantis.

No dia 28 de novembro de 1937, o *Jornal do Brasil*, na coluna intitulada “Comentário”, também publicou texto do Pe. Hélder Câmara na página 6. “O Ministério de Educação e a Literatura Infantil” trata do livro vencedor do concurso organizado pelo Ministério da Educação, *As aventuras de Tibicuera*, escrito por Erico Veríssimo e publicado pela Livraria e Editora do Globo. Entre elogios e (poucas) críticas ao livro vencedor, o religioso, que criticara o vocabulário empregado por Veríssimo em seus livros da *Biblioteca de Nanquinote* e o demasiado uso da imaginação, afirma que o escritor gaúcho é “um grande escritor de literatura infantil” e seu livro premiado tem “pequenos senões” que “desaparecem diante das qualidades positivas”.

O prêmio recebido teria sido um atenuante das críticas anteriores à coleção para crianças pequenas da Livraria e Editora do Globo. E, considerando os elogios do Pe. Hélder Câmara, o livro foi considerado adequado pelos padrões religiosos.

No mesmo texto, o religioso afirma:

Erico Veríssimo levou de vencida várias dificuldades em que o comum dos escritores para as crianças costuma naufragar. Como escrever para garotos, fugindo, a um tempo, da insipidez e dos excessos absurdos de imaginação? Quase sempre o escritor que não se descabela em fantasias irreais, toma um tom sermoneiro e uns ares intragáveis para a petizada.

Que linguagem falar para menino entender? Os que deixam de lado as palavras que engasgam, dificilmente escapam de escorregos na gíria.

Mais custoso que tudo isto, porém, é tentar transmitir conhecimentos em livros de literatura infantil. (CÂMARA, *Jornal do Brasil*, 1937, p. 6)

Explica, ainda, como a estrutura do texto convida à leitura:

Os capítulos são gostosos desde o nome – “Meu amigo Anchieta”, “Olhem a Holanda”, “Por causa de uma dôr de dentes”, “Farejo guerra”, “Mal sabia o riacho” são títulos de quem sabe conversar com crianças.

Se uma vez ou outra aparece algum nome difícil, o leitor é encaminhado para o dicionário e Erico Veríssimo lembra que Tibicuera, e não ele, é o autor do livro. (CÂMARA, *Jornal do Brasil*, 1937, p. 6)

O último excerto demonstra a concepção do religioso sobre a capacidade de entendimento das crianças leitoras, que não deveriam se deparar com “nomes difíceis”, mas, uma vez acontecendo, deveriam ser encaminhadas para um dicionário. A leitura deveria ser, segundo o Pe. Hélder Câmara, simples e fácil, assemelhando-se a uma “conversa”.

Já na “Página Infantil” do *Jornal do Brasil*, publica-se uma nota dirigida aos colaboradores, com uma breve explicação dos motivos para a recusa de alguns trabalhos e instruções com vistas ao envio de colaborações: o “tema não é aproveitável para uma página dedicada às crianças”.

A literatura infantil deve tratar de coisas acessíveis ao entendimento e à sensibilidade dos petizes. Falar de amor, de tristeza, de assombrações; censurar profissões, crenças e países; usar de linguagem pedantesca são motivos que inutilizam qualquer colaboração destinada a educar e a instruir a ‘gente de palmo e meio’, além, naturalmente, de lhe servir de distração. As histórias precisam oferecer um fundo de moral, que destaque o valor das boas ações, e as virtudes em geral. Fora desta orientação, não aceitaremos uma linha sequer. Os nossos amiguinhos podem, portanto, escrever e mandar-nos as suas produções. Que atendam, entretanto, as justíssimas exigências que aqui deixamos expostas. (*Jornal do Brasil*, fev. 1936, p. 18)

Acerca dessa visão sobre a literatura infantil como meio para uma educação moral, visando à formação de bons cidadãos, a contribuição de Walter Benjamin<sup>156</sup>, em seu ensaio *Velhos livros infantis*, é esclarecedora:

Com sua forma de educação os filantropos colocaram à prova o imenso programa de formação humanitário. Se o homem era piedoso, bom e sociável por natureza, então deveria ser possível fazer da criança, ser natural por excelência, o homem mais piedoso, mais bondoso e mais sociável. E como em todas as pedagogias teoricamente fundamentadas a técnica da influência objetiva só foi descoberta mais tarde e aquelas advertências problemáticas constituíam o início da educação, assim também o livro infantil tornou-se, nos primeiros decênios, moralista, edificante e variava o catecismo e exegese no sentido de deísmo. (BENJAMIN, 1984, p. 49)

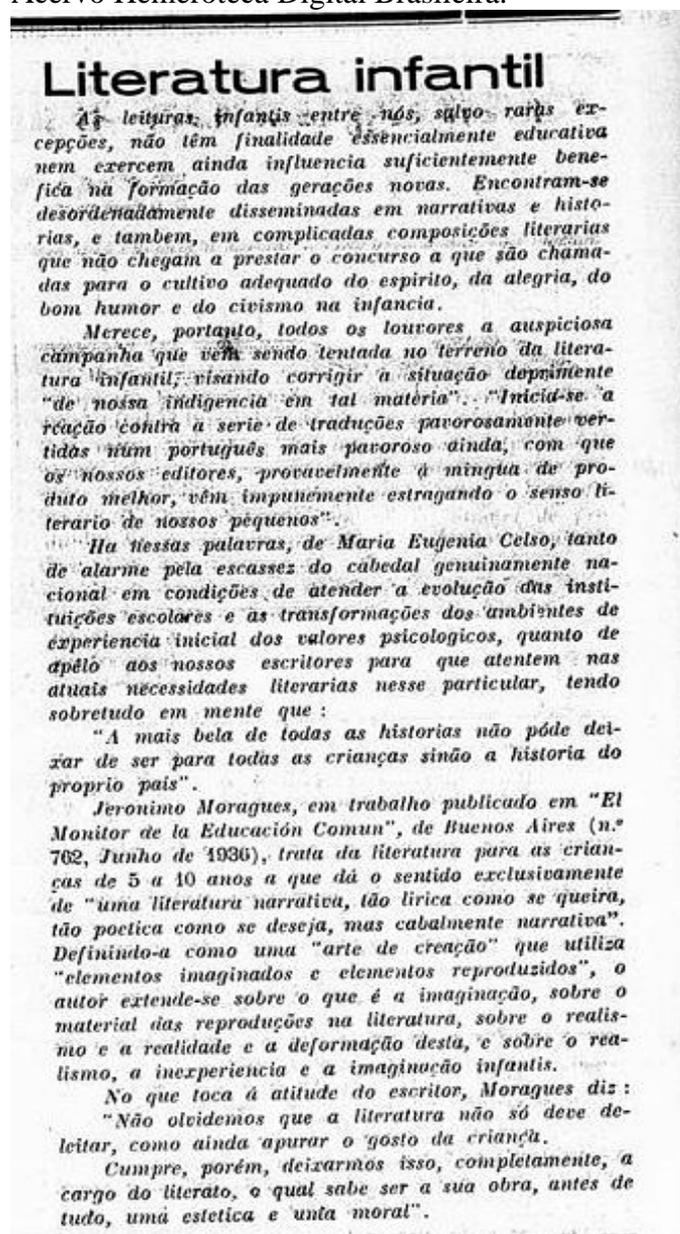
O livro infantil, para o filósofo, passou a ser destinado à preparação intelectual e à moral das crianças, e, por isso, foi logo associado à pedagogia. O adulto, que seria um ser incompleto e permeado por vícios, busca a criação de sujeitos melhores e sem as características consideradas vis e danosas à comunidade. À educação caberia esse papel de formadora de sujeitos capazes, e a literatura infantil seria o meio de aproximar a criança desses ensinamentos

<sup>156</sup> Esse ensaio faz parte do livro *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*, que reúne outros estudos escritos por Walter Benjamin entre 1913 e 1932. O livro procura condensar o pensamento de Benjamin sobre a educação, tocando em aspectos da vida universitária, do ensino da moral, do aprendizado da leitura, da prática do teatro, dos brinquedos, dos jogos, dos livros infantis e dos contrastes entre uma educação burguesa e os desafios de uma pedagogia revolucionária.

considerados necessários para a vida em sociedade, de forma que tais conteúdos não sobressaíssem como instruções sistematizadas.

Outro impresso de grande circulação que tratou da Literatura Infantil foi o jornal *A Federação* do Rio Grande do Sul. Na matéria “Literatura Infantil”, publicada na página 3 da edição do dia 25 de janeiro de 1937, afirma-se que “As leituras infantis entre nós, salvo raras exceções, não têm finalidade, essencialmente, educativa nem exercem ainda influencia, suficientemente, benéfica na formação das gerações novas”. Complementa-se que as “complicadas composições literárias” não “chegam a prestar o concurso a que são chamadas para o cultivo adequado do espírito, da alegria, do bom humor e do civismo na infância”.

Figura 45 - Matéria Literatura Infantil publicada no jornal *A Federação* (RS), 25 de janeiro de 1937, p. 3. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.



A matéria é iniciada de forma incisiva: “as leituras infantis entre nós, salvo raras exceções, não têm finalidade essencialmente educativa nem exercem ainda influencia suficientemente benéfica na formação das gerações novas”, frase que destaca o caráter educativo que, como alguns defendiam, as histórias infantis deveriam possuir. Para o autor da matéria, que não pôde ser identificado, as opções de leituras para crianças àquela época eram “desordenadamente disseminadas em narrativas e histórias, e também, em complicadas composições literárias que não chegam a prestar o concurso a que são chamadas para o cultivo adequado do espírito, da alegria, do bom humor e do **civismo na infância**” (Grifos da autora).

A crítica às traduções malfeitas está também presente na matéria, quando se afirma a reação contra a “serie de traduções pavorosamente vertidas num português mais pavoroso ainda, com que nossos editores, provavelmente à mingua de produto melhor, vêm impunemente estragando o senso literário de nossos pequenos”. Tal afirmativa teria sido feita por Maria Eugenia Celso, que alertava ainda para o prejuízo às instituições escolares e ao trabalho por elas desenvolvido e apelava aos escritores brasileiros que não esquecessem que “a mais bela de todas as histórias não pôde deixar de ser para todas as crianças sinão a história do próprio país”. Para o autor da matéria, o literato, ou o autor da história, deve ter claro que a sua obra é, “antes de tudo, uma estética e junta moral”.

Em acréscimo, foi localizado outro texto crítico relativo à nova coleção lançada pela Livraria e Editora do Globo. Datado de 9 de julho de 1936, tal texto dividia a página 3 do jornal *A Federação* com uma notícia de greve em dois países europeus, outra sobre o aniversário do comandante da Brigada Militar coronel Canabarro Cunha, notícias sobre a Corte de Londres e a reunião da Academia Rio Grandense de Letras dividiam espaço com textos informativos sobre a ilha grega de Lesbos e os violinos “Stradivarius”, “cujo custo, hoje, equivale a uma fortuna”. Entre essas e outras notícias de caráter político surge, no canto inferior esquerdo da página, a matéria crítica sobre o lançamento da coleção dirigida às crianças pequenas, a petizada.

Figura 46 - Jornal A Federação, de 9 de julho de 1936, p. 3. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.

## LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil brasileira ganhou hoje novos volumes de histórias, simplices e fluentes, contadas numa linguagem despreocupada e sem a pluralidade artificial dos que não sabem falar à alma ingênua das crianças.

Os livros dão início à "Biblioteca de Nanquinote", aquela travessa coleção de Erico Veríssimo que continua a fazer do favorito de seu imaginário creador, a péssima pedida das suas trágicas.

Lança-se no mundo infantil brasileiro a *Literaria do Globo*.

Erico, estreitando essa

das historicinhas curiosas, apresenta uma outra face do seu talento. E na literatura em que se lança agora, tão difícil e complicada, reaccu com a mesma despreocupação e superioridade com que reaccu nas demais.

Muita gente de nome têm escrito intencionalmente para a infancia.

Mas, aconteceu que as crianças, quasi todas, não entenderam seus livros e não se interessaram por eles.

Erico soube usar de todos os recursos convenientes, com suas frases curtas,

suas idéias claras e suas palavras comuns.

Nos 3 porquinhos pobres" ele desenrola uma aventura cheia de incidentes. Começa com a naturalidade com que improvisaria para a sua Clarissa, os cantos morimentados em que os bichos domesticos tomam a feição humana, para distinguir melhor.

"Era uma vez uma casa. A casa tinha um péto. O péto tinha um chiqueiro. O chiqueiro tinha tres porquinhos. Os porquinhos eram irmãos.

Nas "Aventuras do Avião Vermelho", Fernando é o grande herói. "Era um guarda, Guido e Treresso. Treresso e brigão."

. . .

São Paulo, pela sua grande "Editora Nacional", havia tomado a primazia no mercado das livros deste genero.

Manteiro Lobato, o homem batido que se fez "brasileiro" de livro no Brasil, chegou mesmo a multiplicar a biblioteca infantil da Editora.

Mas, a *Literaria do Globo* que custou chegar à concorrência, apresentou-se melhor, dando livros muito interessantes, bem feitos, bem escritos e bem ilustra-

dos. Um, por Fabrian e outro por Kozel, dois mestres do lupis. E a concorrência não só se atenta por tudo isso, pela feitura literaria e pela apresentação material, como ainda, pelo preço de venda, acessivel a todas as crianças. A "Biblioteca de Nanquinote" triunfa. E o que é certo é que esses livros de Erico interessam tanto às crianças como aos grandes, porque através deles se volta, por momentos, ao contrio de uma imaginação fecunda e de um talento brilhante a que já estamos habituados.

X.

Assinado, simplesmente, por X., o texto começa caracterizando as duas primeiras histórias – *Aventuras do avião vermelho* e *Os três porquinhos pobres* – como “simples e fluentes”. Com um entendimento diverso daquele do padre Hélder Câmara no texto publicado no jornal *A Razão*, complementa explicando que são histórias “contadas numa linguagem despreocupada e sem a pluralidade artificial dos que não sabem falar à alma ingênua das crianças”. Ao definir as histórias como livres de “pluralidade artificial” e “simples e fluentes”, o autor desconhecido se aproxima do discurso do Pe. Hélder Câmara quando do prêmio recebido por Erico Veríssimo por seu livro *As Aventuras de Tibicuera*.

O texto ainda elogia o “imaginozo creador” das primeiras histórias da *Biblioteca de Nanquinote*, e afirma que, ao se “lançar [na] tão difícil e complicada literatura [para crianças], venceu com a mesma despreocupação e superioridade com que venceu nas demais”. Ainda segundo o autor anônimo, “muita gente de nome têm escrito intencionalmente para a infancia” e prossegue indicando que “aconteceu que as crianças, quasi todas, não entenderam seus livros e não se interessaram por eles”. Para ele, Veríssimo, ao contrário, “soube usar de todos os recursos convenientes, com suas frases curtas, suas idéias claras e suas palavras comuns”, tendo, desse modo, conseguido encontrar um meio de se comunicar com as crianças de forma a se interessarem pelo que narrava. Esse trecho do texto veiculado pelo periódico *A Federação* deixa evidenciar quais seriam as prerrogativas, na concepção do escritor anônimo, de uma história infantil de qualidade.

As duas primeiras histórias da *Biblioteca de Nanquinote* recebem ainda um adjetivo que poderia ser entendido como uma diminuição de sua importância, visto tratar-se de histórias para

crianças. Tal adjetivo é “historiasinhas curiosas”, contudo, logo após denominar os livros assim, a autor anônimo afirma ser a escrita da literatura infantil um campo difícil e complicado. Essas duas obras, segundo o autor do texto publicado no periódico, seriam a apresentação de mais um talento do escritor gaúcho, Erico Veríssimo.

No que se refere a uma possível diminuição da importância da literatura para crianças, tal debate ocorre há algum tempo. Talvez por estar em um duplo lugar, tanto no campo literário quanto no campo da educação, oscilando entre conceitos estéticos e pedagógicos, por muito tempo foi considerada de menor importância entre os gêneros literários. Ainda por ser um gênero “adjetivado” – infantil – postulava-se que a literatura para crianças indicasse um tolhimento do autor com relação ao tema, linguagem, complexidade, repertório e outros aspectos. Outra questão diz respeito ao estatuto artístico da literatura infantil, pois se ela tem estatuto artístico, por que precisaria ser adjetivada? Essa produção estaria em qual campo: Educação, Letras ou outro? (DALVI, 2015).

Após inúmeros debates, sabe-se que esse não é um gênero fácil ou menor, ele não aceita improvisações; tampouco, descuidos. Então, mesmo que as histórias narradas no “horário nobre” da Rádio Farroupilha fossem improvisadas naquele momento, a transposição delas para os livros da *Biblioteca de Nanquinote* requereu cuidado e atenção de seu autor, visto que as transmissões teriam servido de inspiração para os livros.

A comparação com a obra de Monteiro Lobato, referido como “bandeirante do livro no Brasil”, está presente, assim como uma breve comparação entre a Livraria e Editora do Globo e a Editora Nacional. Na visão do autor do texto, a Livraria e Editora do Globo “apresentou-se melhor, dando livros muito interessantes, bem feitos, bem escritos e bem ilustrados”, destacando os nomes de Fahrion e Koetz, “dois mestres do lápis”. No que concerne à ilustração, a Livraria e Editora do Globo buscava aperfeiçoar<sup>157</sup> suas produções, e, por isso, investia na sua Seção de Desenho, coordenada por Ernst Zeuner, e frequentada por artistas ilustradores com vínculo empregatício com a casa-editora e outros que colaboravam confeccionando sob encomenda. Além do pagamento como atrativo para as colaborações, a Livraria e Editora do Globo dava a esses artistas visibilidade, por meio da circulação de suas produções editoriais.

---

<sup>157</sup> Em relação a Seção de Desenho da Livraria e Editora do Globo destaca-se a pesquisa de doutoramento de Paula Ramos, que define a Seção de Desenho como uma instituição de ensino paralela à Escola de Belas Artes, considerando o papel de Ernst Kurt Gregorius/Ernst Zeuner à frente da Seção e o número de profissionais que por ali passou. Desempenhando o papel de espaço formativo de artistas gráficos, também divulgava seus trabalhos e promovia uma visualidade diversa da acadêmica. Tudo isso com a finalidade de produzir impressos que se destacassem nas bancas ou nas vitrines. Importante ressaltar que a Seção de Desenho ganha impulso no início dos anos 1930, justamente a década em que os livros da *Biblioteca de Nanquinote* começam a ser lançados, assim como a *Enciclopédia Rio-Grandense* e a *Enciclopédia Brasileira*. [Fonte: RAMOS, Paula Viviane. *Artistas Ilustradores: A Editora Globo e a Constituição de uma Visualidade Moderna pela Ilustração*. 480f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.]

Continuando a comparação com as “grandes casas editoras do país”, sublinha-se que a concorrência estaria surpresa e temerosa pela boa qualidade dos livros impressos e ainda com o valor de venda, “acessível a todas as crianças”. O autor anônimo elogia Veríssimo, dono de uma “imaginação fecunda e um talento brilhante. Ao encerrar o texto, ainda declara que “a Biblioteca de Nanquinote triunfou. E o que é certo é que esses livros de Erico interessam tanto às crianças como aos grandes”.

Um dos questionamentos que ficam acerca desse texto publicado no jornal *A Federação* é o motivo do autor não assinar seu nome. Quem seria ele? Por que não assinar o texto publicado? Um texto publicado no periódico do Partido Republicano Liberal, partido fundado por Osvaldo Aranha e pelo general Flores da Cunha, em apoio ao governo e como porta-voz da oligarquia gaúcha que apoiava Getúlio Vargas. Difícil acreditar que esse jornal publicaria algo crítico a uma coleção proposta pela Livraria e Editora do Globo, que tinha como visitante constante o próprio Vargas quando presidente do Rio Grande do Sul<sup>158</sup>.

Os projetos de ilustração da Livraria e Editora do Globo chamaram a atenção do público e das outras casas editoras da época, e continuam se destacando atualmente. Tanto que rendem pesquisas, como a publicada com o título *A Modernidade Impressa: artistas ilustradores da Livraria do Globo – Porto Alegre*<sup>159</sup>. Intentando resgatar a memória gráfica e editorial da editora da “Rua da Praia”, a obra indica como a convergência de interesses culturais, comunicacionais e comerciais constituíram a produção de cartazes do DIP na década de 1940, por exemplo.

É registrado, ainda, que a ilustração é tida como uma forma de “arte menor”, tal qual a literatura infantil considerada de “menor importância” se comparada a romances. Essa concepção não impediu que a Livraria e Editora do Globo criasse livros para crianças ilustrados com esmero. Nesse sentido, a indústria editorial reuniu vários artistas que viam ali uma garantia de proventos, o que aproximava ilustradores e escritores, que percebiam no ambiente gráfico-editorial uma possibilidade de trabalho e renda, uma vez que remuneravam melhor que os próprios romances, além da maior possibilidade de divulgação do nome e da obra. Contudo, alguns optavam por adotar pseudônimos, atitude, possivelmente, tomada quando da entrada em áreas ou gêneros diferentes daquele em que trabalhavam. Talvez, por isso, Veríssimo tenha optado por assinar o livro *Meu ABC* com o nome “Nanquinote”, posto que se tratava de um alfabetário, com estilo de escrita bastante diferente das outras produções do escritor.

<sup>158</sup> Em 1928, Getúlio Vargas assumiu o governo do Rio Grande do Sul, encerrando o período de Borges de Medeiros a frente do governo. Vargas foi o candidato da conciliação entre o PRP e o Partido Libertador. Durante esse período, iniciou forte movimento de oposição ao governo federal, com bandeiras como o fim da corrupção eleitoral, a adoção do voto secreto e do voto feminino. Contudo, exerceu o mandato até 1930, quando se candidatou à presidência da República.

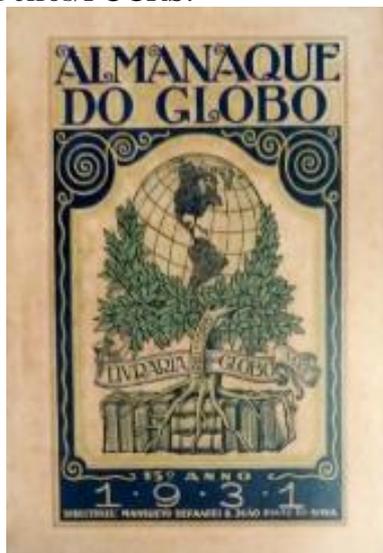
<sup>159</sup> RAMOS, Paula Viviane. *A Modernidade Impressa: artistas ilustradores da Livraria do Globo – Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS EDITORA, 2016.

Um dos principais agentes da Livraria e Editora do Globo, responsável pela Seção de Desenho da casa editora, foi o alemão Ernst Zeuner, que possivelmente adotou o pseudônimo Kurt Gregorius<sup>160</sup>, lembrado por Erico Veríssimo em entrevista concedida para o jornal *Correio do Povo* (20 jan. 1957):

Conheci Ernst Ernst Zeuner/Kurt Gregorius quando entrei para a Livraria do Globo como secretário da revista [*Revista do Globo*]. Isso foi em 1931. À princípio, não tive muito boa impressão daquele homem retaco e sério, seco de fala, de gestos, a quem os óculos e o aprumo davam um ar de professor prussiano. Não foi preciso, porém, muito tempo de convívio para que eu compreendesse que Herr Ernst Zeuner/Kurt Gregorius era um desses raros tipos humanos, dotado de qualidades que dificilmente se encontram reunidas num mesmo artista, a saber: imaginação e senso comum; bom gosto e habilidade técnica; inspiração e método. Foi ele quem desenhou a capa de *Fantoches*, meu primeiro livro. Dele são também as capas de muitos outros livros meus, bem como as ilustrações de *Viagem à aurora do mundo*. Aos poucos aprendi a admirar e querer bem a esse homem decente, discreto e trabalhador, que vive cercado de respeito geral e da silenciosa admiração de seus companheiros. Chamamos-lhe “Velho Ernst Zeuner/Kurt Gregorius”, e “Velho”, nesse caso, é uma espécie de título de nobreza. (VERÍSSIMO, *Correio do Povo*, jan. 1957)

Ernst Zeuner/Kurt Gregorius, conforme Ramos (2016), teria sido o responsável pela criação da marca que a casa editora adotaria a partir de 1924, além de ilustrador da capa do *Almanaque do Globo*.

Figura 47 - Capa do Almanaque do Globo (1930), com a marca da Livraria do Globo. Acervo Delfos/PUCRS.



<sup>160</sup> A semelhança entre algumas imagens de Kurt Gregorius e Ernst Zeuner, além do interesse por títulos com viés mais descritivo e exótico, levam a crer que Kurt Gregorius era um pseudônimo de Ernst Zeuner. No entanto, entre os anos de 1920 e 1950, viveu no Brasil, com passagens pelo Rio Grande do Sul e Bahia, um alemão de nome Kurt Gregorius, autor de *Bwana Mzungu – Der Weisse Mann* (1953), livro com características autobiográficas, que narra seu percurso pela costa africana, com indicações de experiências no Brasil. [Fonte: RAMOS, Paula Viviane. *Artistas Ilustradores: A Editora Globo e a Constituição de uma Visibilidade Moderna pela Ilustração*. 480f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.]

Seria Ernst Zeuner, utilizando o pseudônimo de Kurt Gregorius, o autor dos livros *Os bichos da África* (193?), *Aventuras de Duca e João* (1941), *Duca e João na África e na Índia* (194?) e *Os bichos do Brasil* (194?). Contudo por qual motivo o chefe da Seção de Desenho da Livraria e Editora do Globo não assinaria seus livros que compunham a *Biblioteca de Nanquinote*? Seria o mesmo motivo que levou Veríssimo a assinar o alfabetário *Meu ABC* com o pseudônimo “Nanquinote”? Os motivos desta opção não ficam claros, mas não é difícil localizar produções assinadas com pseudônimos ainda hoje. Uma possibilidade para explicar essa escolha pode ser a já indicada, anteriormente, do autor escolher o pseudônimo quando se “aventura” em um gênero ou área diferente; outra possibilidade no caso de Veríssimo: o escritor teria assinado o livro *Meu ABC* como “Nanquinote” como uma tentativa de demarcar, um pouco mais, o boneco de nanquim como o “calunga” identificador da coleção.

O periódico *Diário de Pernambuco* também publicou notícias sobre a *Biblioteca de Nanquinote*, especificamente, no dia 12 de julho de 1936. Divulgou o lançamento da coleção em texto assinado por Odorico Tavares<sup>161</sup>, enfatizando a tristeza de não ter tido acesso a livros próprios para a infância quando era menino. Indica ainda que essa falta foi, de certo modo, amenizada pelas histórias da carochinha contadas à noite pelas “pretas velhas” depois de terminado o serviço da cozinha. O autor cita ainda as “histórias em versos de Roberto do Diabo, Canção de Fogo, o Cão Piloto e outras, adquiridos nos bancos de feira e que ainda são a leitura predilecta de muita gente grande do interior do Nordeste” (TAVARES, *Diário de Pernambuco*, 1936, p. 2).

Entre uma nota sobre o livro *Usina*, de José Lins do Rego, propagandas variadas e a finalização de um inquérito sobre a decadência da Literatura, Odorico Tavares afirma que os escritores brasileiros “não se dedicavam aos livros para a meninada”, até que Monteiro Lobato, “rompendo com círculos tão estreitos, deu início a uma literatura infantil, com caráter brasileiro”. Mais adiante no texto, Tavares afirma que se começava a pensar em livros para crianças brasileiras, escritos por brasileiros, uma vez que as traduções eram numerosas. Indica, assim, dois romancistas que estreavam na literatura para crianças: José Lins do Rego, com o

---

<sup>161</sup> **Odorico Montenegro Tavares da Silva (1912-1980)** Jornalista, poeta e colecionador de arte brasileiro. Em Salvador, foi diretor dos periódicos *Diário de Notícias* e *O Estado da Bahia*. Também foi eleito para a Academia Baiana de Letras em 1971. Junto a Jorge Amado e Manoel Martins, organizou a primeira exposição de arte moderna brasileira na Bahia. Fundou a revista literária *Momento* com o também jornalista e poeta Aderbal Jurema. Em 1945, publicou o livro *Poesias*, ilustrado por Santa Rosa. [Fonte: ODORICO TAVARES. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24081/odorico-tavares>>. Acesso em: 15 de Mar. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7]

livro *Histórias da Velha Totonha* e Erico Veríssimo, com dois volumes para a coleção *Biblioteca de Nanquinote - Aventuras do Avião Vermelho e Os três porquinhos pobres*.

Ao elogiar os dois escritores, Tavares deixa transparecer suas ideias sobre o que seria necessário para escrever livros para crianças: possuir estilo simples, linguagem clara, um jeito envolvente e doce, saber aproveitar motivos infantis para criar as histórias. Possuindo essas qualidades, o escritor não poderia falhar “nessa coisa tão difícil como é a literatura para meninos”.

Os dois livros de Veríssimo são caracterizados como “de leitura rápida”, com uma “atmosfera de absurdos e de irrealidades, de proesas e aventuras diferentes dos contos de fadas porque suas personagens são de nossa época”. Mesmo assim, tais livros não perderiam em “phantasias as mais interessantes, phantasias que só as crianças e quem com as crianças se hobrear podem crear”. Após uma breve consideração sobre os dois volumes, o autor da notícia afirma:

Com a mesma satisfação que recebemos o romancista de “Caminhos Cruzados”, com essa mesma satisfação, saudamos o escriptor da “Bibliotheca de Nanquinote”. O mesmo romancista que apresentou o quadro admirável da vida que é seu romance de estréia e o mesmo que descreve o mundo dos impossíveis, o desejado pelas crianças. É bem um grande prazer para o escriptor que caminha pela vida, mostrando-a em seus livros para gente grande, poder subir até às crianças, desvendando-lhes o seu mundo. E Erico Veríssimo, com seus dois álbuns, seus dois deliciosos álbuns, mostra que é um daquelles que podem ascender até o mundo dos meninos. (TAVARES, *Diário de Pernambuco*, 1936, p. 2)

A matéria escrita por Odorico Tavares aponta algumas pistas sobre as concepções de Literatura Infantil que circulavam à época. Primeiro, o autor da matéria menciona histórias como “Roberto do Diabo, Canção de Fogo, o Cão Piloto”, esta última possivelmente a história *O menino da mata e seu cão piloto*<sup>162</sup>, que chegou a ser considerada “perigosa” na primeira década do século XX, sendo a leitura proibida por, supostamente, “favorecer o pecado” (SILVA, 2009). Tavares também demonstra como a cultura oral esteve presente nas histórias para crianças ouvidas à noite, depois de terminado o serviço dos empregados.

Em outro trecho, o comentarista afirma que escritores brasileiros, reconhecidos pela crítica, não se dispunham a escrever para crianças, talvez por ser este considerado um gênero de menor valor cultural à época; contudo, de forma contínua, este panorama começou a mudar

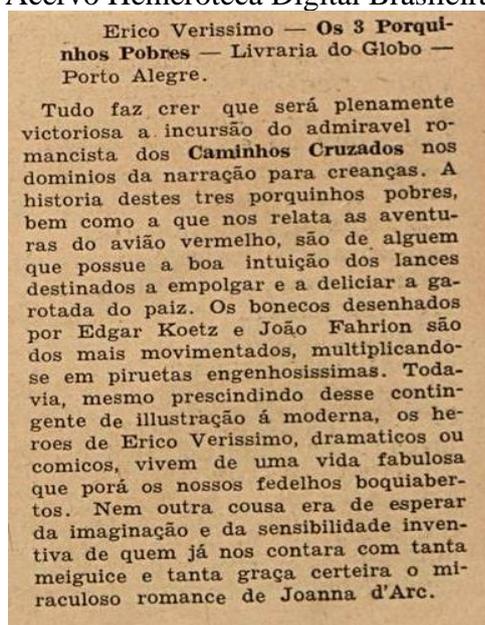
<sup>162</sup> A história *O menino da mata e seu cão piloto* narra a história de oito irmãos, filhos de um lenhador, já viúvo, que enquanto cortava lenha, foi atingido por uma árvore e faleceu. Os irmãos mais velhos receavam que o mais novo contasse para outras pessoas suas caçadas em terras do rei, além de todo o trabalho que o menino dava aos outros, já rapazes. Desta forma, os irmãos decidiram abandonar o mais novo na floresta, e quando ele dormiu de cansaço, foram embora. Ao acordar, o menino pensou estar sendo vigiado por uma fera e se pôs a correr, mas caiu e desmaiou. Ao recobrar a consciência, viu que ao seu lado estava o fiel cão Piloto. [Fonte: MOREIRA, Vivaldi. *O menino da mata e seu cão piloto. Memórias sincopadas*. Apud SILVA, Márcia Cabral da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.]

após Monteiro Lobato iniciar sua produção para crianças com caráter brasileiro. Em 1936, as traduções de histórias infantis ainda eram numerosas no Brasil, mas alguns autores começavam a se interessar pelo gênero, como José Lins do Rêgo e Erico Veríssimo.

Outro periódico de relevo que também noticiou o lançamento da *Biblioteca de Nanquinote* foi o carioca *Jornal do Brasil* na edição do dia 26 de julho de 1936. Publicada na sessão “Comentário”, é o mesmo texto crítico escrito pelo Padre Hélder Câmara e publicada no periódico *A Razão*.

Uma notícia sobre seu lançamento com o selo Livraria e Editora do Globo foi publicada no periódico carioca *Boletim de Ariel*<sup>163</sup>, que afirmava, em sua primeira página, ser um “Mensário crítico-bibliográfico”.

Figura 48 - Texto publicado no periódico Boletim de Ariel, agosto de 1936, p. 283. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.



Em comum com as demais notícias sobre os livros de Veríssimo para as crianças, essa inicia, com um elogio ao autor de romances reconhecido pelo público, e continua elogiando o

<sup>163</sup> Revista fundada pelos escritores Agripino Grieco, o sócio principal e diretor, e Gastão Cruls, redator-chefe. Mensário crítico-bibliográfico, foi lançado em outubro de 1931, no mesmo ano da fundação da Editora Ariel Ltda, e circulou até 1939. A Editora Ariel Ltda, ao contrário da Livraria e Editora do Globo, não possuía livraria própria, fator que pode ter pesado na decisão de investir em um veículo de divulgação das produções da casa editora. A publicação possuía dimensões fixas, 21,5 por 27,5 cm, e média de 20 a 30 páginas. Suas capas não apresentavam variações significativas, mas estampavam as mesmas informações, ainda que nem sempre distribuídas da mesma forma ou com padrão idêntico: título, ano, número, mês, cidade, responsáveis, preço, símbolo da Ariel Editora, que se constituía como um ser alado, cuja localização e tamanho sofreram variações, e relação dos colaboradores do número. A partir do terceiro ano de existência, o Boletim passou a contar com um conselho consultivo, que se manteve até o encerramento da publicação. [Fonte: DE LUCA, Tânia Regina. Periódicos lançados por editoras: o caso do Boletim de Ariel (1931-1939). In: Revista História (São Paulo), v.36, e32, 2017, pp. 1-18.]

recém-autor de livros infantis que “possue a boa intuição dos lances destinados a empolgar e a deliciar a garotada do paiz” (*Boletim de Ariel*, 1936, p. 283). As ilustrações criadas por Edgar Koetz e João Fahrion também são destacadas, afirmando-se que as imagens passam a sensação de movimento, que encantarão os pequenos leitores. O texto é finalizado lembrando aos leitores outro livro escrito por Erico Veríssimo que alcançou grande acolhida entre o público, *A vida de Joana D’Arc* (1935), um romance que conta a história da jovem francesa e sua atuação na guerra até sua morte. A estratégia de divulgação adotada pela Livraria e Editora do Globo foi uma das grandes responsáveis por essa acolhida, contando, inclusive, com toda uma edição da *Revista do Globo* dedicada à jovem Joana D’Arc<sup>164</sup>.

O periódico *Beira-Mar*, no dia 19 de dezembro de 1936, publicou uma seção intitulada “Livros commentados por Albertus de Carvalho”. Nela, o crítico apresentou o livro *Rosa Maria no Castelo Encantado*, que adjetivou como uma “história humana toda ilustrada com sugestivos bonecos a sete cores de Nelson B. Faedrich”, ainda que tenha invertido o nome da personagem, chamando-a de “Maria Rosa”.

Figura 49 - Periódico Beira-Mar, dez 1936, p. 4. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.

**LIVROS**  
Albertus de Carvalho

**Pharmacia Mendes**  
Estão no hábito (sem verossimilhança) a preços de drogarias a estraga-empedimento de diarréias.  
Rua Copacabana, 370 - Tel. 27.1047 e 27.1071

**CONSULTORIO MEDICO**  
Dr. Alberto de Carvalho

**BANCO DO BRASIL**  
TABUADA DE CONTAS EM DEBITOS

**Ao Bazar 606**  
Rua de Copacabana, 658 - A  
Telefone 27-2622

**Cera Universal**

**Rosa Maria no Castelo Encantado**, de Erico Veríssimo

O autor tantas vezes aplaudido de *A Vida de Joanna d’Arc* e de *Caminhos Cruzados*, surpreendeu seus leitores quando da publicação do seu primeiro livro infantil: *Os três porquinhos pobres*. Depois, outros vieram: *Aventuras do Avião Vermelho* e *Rosa Maria no Castelo Encantado*. E a guryzada estudiosa, amante das histórias sãs e instructivas, ficou admirando o autor de *Clarissa* e procurando saber que livros nesse gênero publicaria ainda. E foi assim que Erico Veríssimo se tornou um nome respeitado nas esferas infantis do Brasil hodierno. Agora, com *Maria Rosa no Castelo Encantado*, livro enfeitado na *Bibliotheca de Nanquinote* (n. 3) Erico Veríssimo agrada pela concepção da história humana que narra toda ilustrada com sugestivos bonecos a sete cores de Nelson B. Faedrich.

<sup>164</sup> O número 165, publicado no dia 20 de julho de 1935, trazia na capa uma representação de Joana D’Arc, em armadura reluzente, empunhando uma espada e cercada por flores, tudo sob um fundo azul; nas páginas da mesma edição podem ser lidas matérias sobre a vida de Joana D’Arc, assim como informações sobre um filme que narra sua vida.

Em nota intitulada “Livros para crianças”, publicada no suplemento *Gury*<sup>165</sup> do periódico *Diário de Pernambuco*, o livro que conta a história do menino Fernando – *Aventuras do avião vermelho* - é anunciado como recém-publicado pela Livraria e Editora do Globo. A nota não deixa de elogiar o escritor Veríssimo, afirmando se tratar de “um dos melhores escriptores do Brasil”; as crianças que lessem seus livros infantis leriam, mais tarde, seus romances. Elogia também a “Livraria do Globo”, “um elemento propulsor do progresso do livro brasileiro” (GURY, 1936, p. 12).

Os livros indicados são classificados como lindos, bem escritos e bem ilustrados, o que despertaria o desejo de qualquer criança de possuí-los. O texto continua informando: não existiria na literatura infantil brasileira da época nada melhor do que os livros da coleção que começavam a ganhar forma. Tudo isso na opinião do “Tio Juca”, que finaliza o texto afirmando ser Erico Veríssimo um “escriptor brasileiro para meninos brasileiros. E os seus livros são um verdadeiro encanto” (GURY, 1936, p. 12).

Veríssimo era reconhecido como o autor de histórias que representava o contexto brasileiro da época, nas quais o leitor conseguia visualizar acontecimentos próximos a sua realidade. Esse reconhecimento era tanto para seus romances, contos e novelas quanto para seus livros infantis, conforme a avaliação crítica registrada no suplemento do *Diário de Pernambuco*, *Gury*. Outra vertente dessa publicação demonstra haver a necessidade de livros pensados para as crianças brasileiras, em que elas pudessem se reconhecer, e não somente daquelas histórias adaptadas ao contexto nacional, muitas vezes com personagens que se tornavam mesmo caricatos.

O periódico *Excelsior*<sup>166</sup> também divulgou os livros da *Biblioteca de Nanquinote* em suas páginas, na seção “Livros”, página 59 da edição do dia 15 de março de 1939, no grupo de livros “Recreativos”. Não sem incluir uma crítica às obras:

<sup>165</sup> O periódico *Diário de Pernambuco* publicava um suplemento infantil intitulado “Gury”. A primeira página do suplemento trazia informações quanto a ser um suplemento do *Diário de Pernambuco* e o nome do diretor, o “Tio Juca”. O texto noticioso a que se faz referência nesta tese foi publicado no dia 15 de julho de 1936, quando se comemorava o “primeiro aniversário” do suplemento e ano de publicação dos primeiros livros da *Biblioteca de Nanquinote*. Entre poemas, ilustrações e histórias comemorativas ao aniversário do periódico, foram publicados também textos sobre figuras históricas, livros considerados clássicos, noções de ciências, ensinamentos sobre desenhos com quadrículas, desenhos para colorir e pintura e bordado, além de frases como: “Um jornal infantil vale tanto, sob o ponto de vista pedagógico, quanto os melhores livros escolares” (*Gury*, 1936, p. 5), esclarecedora sobre as intenções dos editores do impresso infantil; “Tudo o que uma criança escreve por si mesma tem valor” (*Gury*, 1936, p. 10); ou ainda, “Meninos devem escrever com clareza e simplicidade” (*Gury*, 1936, p. 11). Outra frase localizada nas páginas do *Gury* é “Escrevam sempre com espontaneidade e sem recorrer a fontes alheias” (*Gury*, 1936, p. 15). Tudo isso e mais a nota sobre os livros escritos por Erico Veríssimo.

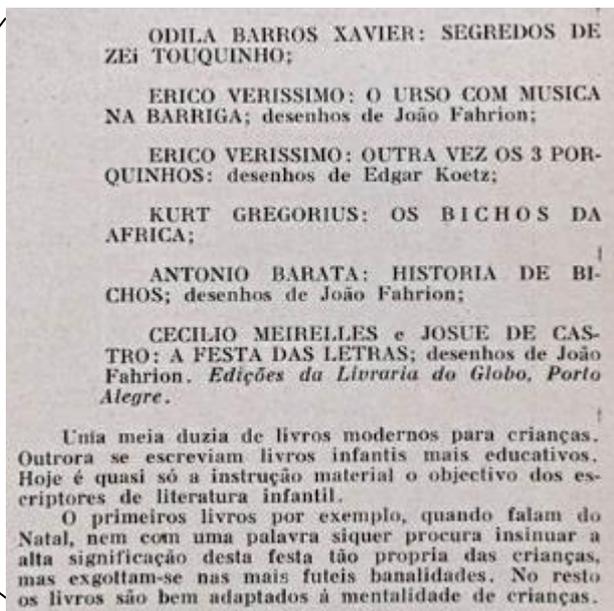
<sup>166</sup> Revista ilustrada do Rio de Janeiro, de periodicidade mensal e editada por Azevedo, Hoppe & Co. Circulou de 1928 a 1935 e, em seu primeiro número, à página 1, adverte: O que os leitores da “Excelsior” devem saber. O primeiro destaque é que se trata de uma revista de luxo, que publicará questões pertinentes à

Uma meia dúzia de livros modernos para crianças. Outrora se escreviam livros infantis mais educativos. Hoje é quase só a instrução material o objetivo dos escriptores de literatura infantil.

O[s] primeiros livros por exemplo, quando falam do Natal, nem com uma palavra sequer procura insinuar a alta significação desta festa tão própria das crianças exgottam-se nas mais fúteis banalidades. No resto os livros são bem adaptados à mentalidade de crianças. (ITAMAR/EXCELSIOR, 1939, p.59)

Como é possível perceber pela crítica, a ideia que se fazia, e em certa medida ainda se faz, acerca dos livros para crianças é que eles precisam apresentar uma função instrutiva, que ofereçam informações e conhecimentos considerados importantes para o crescimento e o desenvolvimento dos pequenos leitores. Todo o restante, que não se enquadrava nessa função, era considerado “futilidade”, desnecessário.

Figura 50 - Seção "Livros" do periódico *Excelsior*, nº 219, de 15 de março de 1939, p. 59. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.



Tais obras poderiam ser consideradas fúteis, pelo autor da seção “Livros”, e outros adultos, mas não, obrigatoriamente, pelos possíveis leitores infantis. Esses poderiam ter outra opinião acerca dos livros escritos por Veríssimo. Contudo não existe uma seção para a

economia, à literatura e à vida social do país. Sua tiragem é caracterizada como “enorme”, ainda que não se mencione números, e se afirma que tal robustez permitirá maior intercâmbio de ideias em território nacional. Ao tratar da assinatura do periódico, é informado ao leitor que a mesma deve ser paga, antecipadamente, e sem exceção, o valor é de 30\$000 a assinatura simples e 36\$000 a registrada. Preocupações quanto à moralidade e à estabilidade da família estão presentes nesta apresentação e, por isso, a direção da revista previne que se reserva ao direito de não aceitar anúncios que possam atentar contra elas. Outro destaque é feito para garantir que o impresso não se posiciona em disputas políticas e não tolera polêmicas de caráter pessoal ou campanhas contrárias aos sentimentos do povo em matéria de raça e religião, assim como tradições e tendências nacionais. [Fonte: *Excelsior* – Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, 1928, Ano 1, nº 1, pág. 1]

publicação da opinião dos pequenos leitores acerca de tais impressos, somente recebe destaque o que pensam os adultos acerca de tais narrativas.

Nesse caso, a matéria escrita por Rosario Fusco<sup>167</sup> para o jornal carioca *Diário de Notícias*, de 25 de dezembro de 1938, apresenta um movimento também proposto por Cecília Meirelles: o de oferecer o livro para que a criança diga o que percebeu dele (MEIRELLES, 1979).

O primeiro parágrafo já traduz essa noção: “O crítico dos livros infantis deveria ser uma criança e não um adulto, do mesmo modo que é sempre o adulto e nunca uma criança que deveria escrever historietas para os pequeninos leitores” (FUSCO, *Diário de Notícias*, 1938, P. 2). Ao longo do texto afirma ainda que

escreve melhor para as crianças quem, mesmo depois de adulto, pôde conservar essa extraordinária felicidade de ‘comunicação’ que os poetas possuem. Pois não há duvida que o lyrismo e a poesia são os climas naturaes da alma infantil e, portanto, da sua literatura. (FUSCO, *Diário de Notícias*, 1938, p. 2)

Também remetendo à figura de Monteiro Lobato como um escritor que agrada adultos e crianças, Fusco afirmava ser essa uma habilidade rara entre os autores que se arriscavam no “campo de difficillimo acesso chamado letras infantis”. Em contrapartida, criticava a possível escrita de crianças para crianças, dando o exemplo de uma menina, que, ao tentar “compor como gente grande [...] a linguagem com que vehiculava os seus pensamentos infantis, naturalmente confusos e imprecisos, se desajustava completamente com aquilo que queria falar”. O resultado, em sua concepção, foi o que chamou de “livro horrível”.

Entre afirmações de que a “fantasia infantil como que se dá melhor no mundo primário dos bichos, onde as relações lógicas não se impõem tanto como no mundo evoluído das criaturas” e de que a “criança não se preocupa com a beleza, mas com o ‘jogo’”, o crítico literário afirma que o livro da *Biblioteca de Nanquinote* escrito por Antonio Barata, *Histórias*

---

<sup>167</sup> **Rosário Fusco de Souza Guerra (1910 - 1977)** foi romancista, poeta, dramaturgo, jornalista, crítico literário e advogado. Em 1925, iniciou intensa correspondência com o grupo modernista de São Paulo e bastante cedo começa a publicar seus poemas no jornal *Mercúrio* da Associação Comercial de Cataguases. Ainda aluno do ginásio de Cataguases, frequenta as sessões do Grêmio Literário Machado de Assis e participa da fundação do grupo Verde, responsável pelo lançamento da *Verde*, importante publicação modernista editada entre 1927 e 1929, contava com a colaboração de poetas, escritores e ilustradores modernistas do Brasil e de outros países. Em 1932, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde realizou intensa atividade na imprensa como crítico e jornalista. Nessa época, trabalhou também como publicitário, cronista de rádio, redator-chefe da revista *A Cigarra*, crítico literário do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, secretário da Universidade do Distrito Federal e procurador do Estado da Guanabara. De 1941 a 1943, dirigiu, ao lado de Almir de Andrade, a publicação *Cultura Política: Revista de Estudos Brasileiros*, financiada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão de censura e propaganda instituído pelo presidente Getúlio Vargas (1883 - 1954) no Estado Novo. [Fonte: ITAÚ CULTURAL. *Rosario Fusco*. 2017. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa211044/rosario-fusco>]

de *Bichos*, permite “uma melhor transcrição ou um melhor reconto, o que agrada sempre as crianças”.

As ilustrações de Fahrion nos livros *Histórias de Bichos* e *O Urso-com-Música-Barriga* também são destacadas. O crítico Fusco afirma que em sua casa causaram “furor” entre as crianças. Já na conclusão do artigo, Fusco reitera que os livros analisados, entre eles os dois da *Biblioteca de Nanquinote*, são “dignos do seu filho, e [que] vêm, de algum jeito, engrossar a nossa indigente literatura para crianças”. Os livros são classificados por ele como “recomendáveis”.

O periódico *A Noite*, do Rio de Janeiro, também publicou artigos sobre a produção infantojuvenil de Veríssimo. A edição do dia 21 de janeiro de 1940, página 2, apresenta a análise de Heitor Moniz acerca da obra *Viagem à aurora do mundo*, que também serve como título do artigo. Nele, Moniz afirma que o livro de Erico Veríssimo é muito atraente e de uma grande singularidade. Ainda, avisa ao público que *Viagem à aurora do mundo* não é um “romance de amor”, mas sim o “romance da pré-história”, de “erudição profunda”, escrito por um “intelectual de cultura ampla e profunda”, com personagens que seriam um “veículo de ensinamentos”, tornando agradável um “assunto tão árido”.

Figura 51 - *Viagem à aurora do mundo*, jornal *A Noite*, 21 de janeiro de 1940, p. 2. Acervo Hemeroteca Digital Brasileira.



[...]

Foi deste jeito que li o livro de Erico Veríssimo, “Viagem a aurora do mundo”, livro atraentíssimo e de uma grande originalidade.

[...]

Não pense o público, entretanto, que “Viagem à aurora do mundo” seja um romance de amor. Como se lê no próprio sub-título da obra, trata-se do “romance da pré-história” e é um trabalho de erudição profunda, aquele que, até hoje, deu mais cuidados ao autor, aquele, enfim, em que o Sr. Erico Veríssimo pode mostrar ao paiz que não é apenas um dos nossos melhores “ficcionistas” (como diria o nosso distinto colega Arício de Abreu) mas um intelectual de cultura ampla e profunda.

Outro intelectual católico que não via com bons olhos o “romance da pré-história” escrito por Erico Veríssimo era Alceu Amoroso Lima<sup>168</sup> - Tristão de Athayde, que escreveu

<sup>168</sup> Em 1927, Alceu Amoroso Lima, sob o pseudônimo Tristão de Athayde, teve o texto “Literatura Infantil” publicado como um dos capítulos do livro *Estudos – 1ª série*. De sua autoria, tal obra foi publicada pela

“Romances Modernos” para a coluna “Vida Literária”, no periódico carioca *O Jornal*. Publicado no dia 11 de fevereiro de 1940, na página 6, o texto apresenta uma introdução que explica para o leitor o que são os romances. Nesse sentido, para Tristão de Athayde, o livro de Veríssimo é caracterizado como um texto no qual o “elemento romance é secundário e serve apenas, de certo modo, para captar a *sympathia* do público”, seria, pois, “um pretexto para tornar a leitura mais suave e facilitar a demonstração de uma these ou a exposição de um thema científico ou sociológico”.

Algumas obras são analisadas pelo intelectual, entre elas, *Viagem à aurora do mundo*, primeira a merecer a análise de Tristão de Athayde, e apresentado como o trabalho de um “consagrado romancista do extremo-sul”, que se dedicou a escrever um “gênero inferior, se bem que muito em voga, o do romance-didático”. Com comentários sobre o grande volume do livro e o “colorido espetacular da capa”, o intelectual traça uma pequena introdução à história e inicia sua análise apregoando o perigo de livros que propagavam a mentalidade cientificista e naturalista.

O autor da crítica ainda apresenta uma ponderação quanto aos verdadeiros sábios, que não afirmariam com toda certeza a teoria da evolução das espécies como a visão correta. Destaca, no entanto, que Veríssimo se inspirou nos “pseudo-sábios”, que colaborariam para a propagação de um materialismo latente. Críticas à bibliografia, que seria unilateral e levaria à ideia de que o evolucionismo-naturalista seria a única explicação, também estão presentes no texto, além de duras críticas à personagem teóloga, nomeada de figura ridícula.

Ainda de acordo com a crítica de Tristão de Athayde, o livro de Veríssimo deixaria uma má impressão a quem o manuseasse, desde que não possuísse o “espírito preconcebido em favor do naturalismo evolucionista”. Quanto aos jovens, temia que perdessem “alguma coisa com a sua leitura desprevenida”.

Outra publicação que favorece a compreensão sobre a recepção dos livros da *Biblioteca de Nanquinote* é o texto para indicação de livros destinados às crianças, publicado no periódico *A Ordem*, página 2 da edição do dia 15 de janeiro de 1939. Intitulado “Literatura Infantil”, e com o curioso subtítulo “Livros que as crianças podem ler”, a coluna se destaca na página, em

---

editora A Ordem, do Rio de Janeiro. No texto “Literatura Infantil”, demonstra como, em sua concepção, a literatura infantil brasileira era “maculada” entre dois “defeitos antagônicos”, pois, por um lado, era feita por professores, com “pedagogismos”, preocupada em instruir e moralizar. Por outro lado, era feita por amadores, que a faziam em tom grosseiro, de mau gosto. O autor defende que a melhor literatura infantil é aquela produzida pelos pequenos leitores. [Fonte: Oliveira, Fernando Rodrigues de. *História do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo, Brasil (1947-2003)*. 343f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2014]

que divide espaço com o “Evangelho do Dia”, propagandas de médicos e a segunda parte de notícia veiculada em página anterior.

Figura 52 – Coluna Literatura Infantil, página 2 do periódico A Ordem (RN), 15 de janeiro de 1939. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.



## Literatura Infantil

Livros que as crianças podem ler

...

**PARA II ANO**

“Historias maravilhosas”: (Biblioteca infantil). (Sem nenhum inconveniente). – d’O Tico-Tico).

“As aventuras do avião vermelho”: (Erico Veríssimo) Otimo livrinho.

“Rosa Maria no castelo encantado” (Mesmo autor). Com a mesma apreciação.

“Os 3 porquinhos pobres”: (Mesmo autor). Idem.

...

Dentre os quatro livros indicados para o “II ANO”, três são de Erico Veríssimo e compõe a *Biblioteca de Nanquinote*, além da apreciação “Otimo livrinho”. A coluna indica ainda leituras para o “I ANO”, “III ANO” e “IV ANO”, incluindo livros de Monteiro Lobato, Ilka Labarte e Frei Ildefonso. Contudo, nem só de indicações de boas leituras se faz essa coluna; ao final são listados os “LIVROS QUE AS CRIANÇAS NÃO DEVEM LER”. Essa lista inclui os livros da *Biblioteca Encanto e Verdade: A fonte maravilhosa*, que no entendimento do redator “não é dos piores, mas incentiva o gosto de namoros entre crianças”, *Caminho do Céu*, cujo autor afirmaria não haver “pecado original, nem céu e nem inferno. Da morte passa-se ao paraíso. Não houve redenção para o mal do mundo”.

Os outros títulos são *O cavalo encantado*, caracterizado como inconveniente; *O cavalo voador*, que teria uma “moral péssima. Inconvenientíssimo”; *Ali Babá e os quarenta ladrões*,

que, para o redator, seria “melhor não po-lo em biblioteca infantil”, pois teria “cena de bigamia”; outro título criticado é *Carlos Magno e seus companheiros*, que seria “inconveniente”; e o último título, *No reino das Maravilhas*, é taxado como “Não é muito bom”.

Acerca dessa divisão dos livros proposta pelo autor da seção, refere-se a anos escolares, forma pela qual estava organizado o Ensino Primário à época<sup>169</sup>. A graduação da densidade dos textos de Erico Veríssimo, sendo os pertencentes à *Biblioteca de Nanquinote* menores em volume de leitura se comparados a outros livros da Livraria e Editora do Globo elencados no texto crítico<sup>170</sup>, também sugere uma divisão que considera a estrutura organizacional da instituição escolar.

Destaca-se que a lista de indicações publicada nesta seção sobre Literatura Infantil do periódico *A Ordem* não está assinada e não existem outros apontamentos que permitam uma pesquisa sobre o autor. Contudo o periódico em destaque reservava bastante espaço para notícias relacionadas à igreja católica e à literatura infantil. Por vezes, sacerdotes da igreja eram os responsáveis pela crítica à literatura destinada à infância e por apelos, para que os pais não oferecessem revistas infantis a seus filhos, impressos considerados perigosos e imorais.

A coluna “Literatura Infantil”, responsável por apresentar análises acerca de livros e demais impressos destinados às crianças, remete ao conceito de leituras recomendadas e proibidas problematizadas por Robert Darnton (1992; 1998; 2016), ainda que os estudos realizados por este estudioso se remetam à França do Antigo Regime e à circulação de ideias revolucionárias. A história dos livros, segundo o autor, é também das tentativas de mantê-los sob controle, seja por meio dos censores do Estado, seja pela opinião de pessoas consideradas especialistas.

Os motivos que levaram os livros da *Biblioteca Encanto e Verdade* e os demais a serem listados no campo “LIVROS QUE AS CRIANÇAS NÃO DEVEM LER” envolvem questões relacionadas a namoros na infância e a dogmas religiosos nas duas primeiras obras e não aceitos pelo autor; os outros são inconvenientes ou atentam contra a moral buscada pela sociedade, ao mencionar relacionamentos bígamos. O último indicado é classificado como não muito bom, sem maiores explicações sobre o conteúdo ou sobre a avaliação.

Percebe-se a intenção do autor da coluna em prescrever leituras construtivas e interditar a leitura considerada perigosa, por meio de contraindicação publicada em um periódico.

<sup>169</sup> MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. (et.al.) A expansão da escola primária no Rio Grande do Norte e no Maranhão (1930-1961). In: SOUZA, Rosa Fátima de; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira Pinheiro; LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. História da escola primária no Brasil: investigações em perspectiva comparada em âmbito nacional. Edise. Aracajú, 2015.

<sup>170</sup> *A chácara da Rua Um*, de Carlos Lébeis, para o IV Ano.

Todavia, se por um lado tal avaliação fosse suficiente para limitar a circulação de tais livros, por outro, poderia provocar uma leitura “clandestina” deles.

Por meio das notícias, das notas e dos textos críticos em jornais da época é possível, pois, analisar uma vertente da recepção dos livros da coleção pensada para crianças pequenas da Livraria e Editora do Globo e da entrada de Veríssimo no mundo da literatura para crianças e jovens. Contudo outra possibilidade se mostra a partir do exame da *Revista do Globo*, quinzenário publicado pela mesma casa editora responsável pela coleção ora estudada e que servia de vitrine para suas demais produções.

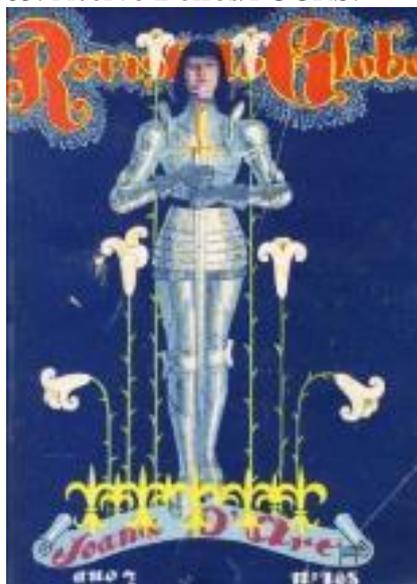
### 3.2 A produção infantojuvenil de Veríssimo nas páginas da *Revista do Globo*

A *Revista do Globo* foi um dos vários periódicos editados pela Livraria e Editora do Globo, além de se constituir importante “vitrine” para as demais produções da casa editora de Porto Alegre, além de ser espaço privilegiado para a publicação de textos crítico-literários de Veríssimo, no qual o escritor exerceu mais uma de suas facetas, a de ilustrador.

Como já dito, Veríssimo escreveu livros para crianças e, também, para jovens, como: *A vida de Joana D’Arc* (1935), *As aventuras de Tibicuera* (1936), *Aventuras no mundo da higiene* (1939) e *Viagem à aurora do mundo* (1939). O primeiro livro para crianças e jovens escrito por Erico Veríssimo, *A vida de Joana D’Arc*, veicula, após uma análise mais detida da narrativa, o caráter religioso-cristão, moralista e disciplinador da história. Outra característica diz respeito, ainda que a heroína seja uma jovem guerreira, ao início da história que mostra a pequena Joana, uma criança modelo, feliz em sua aldeia na companhia das amigas. Este recurso parece indicar a intenção do escritor de desmistificar a vida da Santa Joana D’Arc beatificada após a condenação ser revista em princípios do século XX. A simpatia despertada no leitor por essa sensação de proximidade possibilita que ele interaja com as virtudes da heroína, uma jovem movida pela fé.

Para o lançamento do livro, a Livraria e Editora do Globo utilizou as páginas da *Revista do Globo*; na edição número 165 (1935) do periódico, além da capa, seções foram dedicadas à história da jovem heroína francesa, a filmes sobre a vida de Joana D’Arc e ao livro escrito por Veríssimo e recém-publicado.

Figura 53 – Capa da Revista do Globo, 20 de julho de 1935, nº 165. Acervo Delfos/PUCRS.



Em texto sobre o lançamento da biografia de Joana D’Arc, a editora apresentou uma defesa do estilo escolhido pelo autor Erico Veríssimo para narrar a vida da personagem:

[...] Erico Veríssimo, autor dos romances *Caminhos cruzados* e *Música ao longe* (a este último foi recentemente conferido o Grande Prêmio Machado de Assis), acaba de escrever para a Livraria do Globo uma VIDA DE JOANA D’ARC. O livro, que já se acha no prelo, a aparecer dentro de uma quinzena, é, em suma, o romance de Joana D’Arc. É a biografia sob forma de ficção. Sem fugir à verdade histórica, sem sugerir, nem sequer de leve, histórias de possíveis amores de Joana D’Arc, sem usar dos recursos tradicionalmente usados para dar caráter novelesco às biografias, Erico Veríssimo consegue contar-nos, lisamente, com colorido e leveza, a história da camponezinha predestinada. O que principalmente há de notar no livro é a ausência de condescendência na narrativa. Tudo é fluente e simples. Nada de classificações psicológicas. Nada de excursões psicanalíticas ao passado. Poucas, pouquíssimas datas. Nenhuma descrição cansativa. As cenas do livro se sucedem rápidas, leves, dando ao leitor, no fim, a impressão de movimento, de ação contínua e trepidante. [...] A VIDA DE JOANA D’ARC nos revela realmente uma nova maneira de tratar a biografia romanceada. É livro que se lê com o interesse que costumam despertar as boas novelas de aventuras. A obra será dentro de uma quinzena apresentada ao público do Brasil num belo volume de 16 cm de largura por 24 de altura. Cerca de 350 páginas de impressão nítida. A capa – um desenho em muitas cores – é de Nelson Boeira Faedrich, que também fez em negro e branco as letras capitulares, o ex-libris e o pórtico em estilo gótico. [...] Joana D’Arc. In: *Revista do Globo*. Porto alegre, edição da Livraria do Globo, 20 jul. 1935. Ano 7, nº 165, p. 6-10.

Ao defender o estilo de Veríssimo, a editora aproveitou para incluir elementos que favoreciam a publicidade do livro, com a utilização de adjetivos como “belo volume”, “impressão nítida”, “fluente e simples”, além de destacar o formato da obra, a quantidade de páginas, visualmente “coloridas e leves”, e a capa com a ilustração colorida, realizada por

Nelson Boeira Faedrich<sup>171</sup>, também responsável pelas ilustrações internas e as letras capitulares. Toda essa estratégia de destacar aspectos do livro que produzissem a certeza de que sua leitura seria instrutiva e prazerosa demonstra a intenção da editora de convencer os adultos que sua aquisição seria de grande importância.

Já no texto, intitulado “*Pórtico para A Vida de Joana D’Arc*”, o próprio Veríssimo explicou para a heroína de sua história porque escreveu seu livro de forma simples e descomplicada, de modo a permitir a leitura por jovens. O autor já tinha sofrido críticas, e era acusado de escrever de forma muito simples, se autointitulando um contador de histórias<sup>172</sup> (VERÍSSIMO, 2005).

Em outro texto publicado na mesma edição da *Revista do Globo*, uma poesia, o autor Sérgio de Gouvêa escreveu sobre o *Romance da menina Joana*, dedicando-o “a Erico”. Acompanhada de uma imagem ilustrativa de Santa Joana D’Arc, afirmava que a menina sonhava com anjos e soldados que salvariam a França, que a aguardava despertar. Prossegue, resumindo a história e narrando que, ao lado de seus soldados, a menina salvou o país e seu rei, mas foi condenada à fogueira pelos ingratos que salvara da escravidão. Abraçada por Nossa Senhora, a Joana D’Arc pôde voltar a sonhar na eterna glória. E as indicações a Joana D’Arc continuam com fotos de filmes sobre a vida da jovem, imagem *fac-simile* da capa do livro escrito por Veríssimo, além de uma fotografia do autor das ilustrações da capa e das páginas internas do livro, Nelson Boeira Faedrich.

O início da história da humanidade foi adaptado em *Viagem à aurora do mundo*, publicado em 1939 na *Coleção Tapete Mágico*, com ilustrações de Ernst Zeuner e dividida em 56 capítulos distribuídos em 298 páginas. Tematizando o período pré-histórico, uma viagem é proposta, utilizando-se um aparelho criado pelo Dr. Fabricius, um físico. A exemplo de *A vida de Joana D’Arc*, *Viagem à aurora do mundo* também tem o público escolar como leitores-alvo e chegou a circular em instituições escolares como é sugerido por ter uma cópia no AHECC - Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos. Com estrutura linear e cronológica, duas histórias são contadas: o caso de amor entre Dagoberto e Magnólia, e a preparação para a viagem no tempo do Dr. Fabricius.

<sup>171</sup> Ilustrador, cenógrafo, cartazista, pintor e designer brasileiro, recebeu pouca atenção da crítica. Foi responsável por cartazes para a Loteria do Estado do Rio Grande do Sul, para uma cervejaria do estado, para a Loteria Federal e demandas do Departamento de Imprensa e Propaganda; além de 25 capas para a *Revista do Globo*. [Fonte: RAMOS, Paula. Deuses do panteão africano: os Orixás na vivência e na interpretação de Nelson Boeira Faedrich. Anais XXXVII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, 2017]

<sup>172</sup> Importa ressaltar que a escrita de Veríssimo é de falsa simplicidade, uma vez que o escritor analisa, em seus textos, assuntos polêmicos para a época. [Fonte: CARVALHO, M. R. de. *Memórias de Erico Veríssimo*: primeiras leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922). 2016. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.]

Figura 54 - Capa e contracapa do livro *Viagem à Aurora do Mundo. O romance da pré-história* (1939). Fonte: Acervo da autora.



Veríssimo explica aos seus leitores, em um pequeno prólogo, as condições de produção do livro:

Este livro – consequência dum feriado que concedi à imaginação – não tem nenhum compromisso com a psicologia nem com a verossimilhança e muito menos com os problemas sociais do momento.

Trata-se duma fantasia quase-didática na forma de romance e seu objetivo principal é dar ao leitor uma idéia do mundo pré-histórico, tal como os cientistas o reconstituíram.

Como um exemplo de paratexto<sup>173</sup>, o livro *Viagem à aurora do mundo* apresenta o “Calendário da Terra”, em página desdobrável, apresentando, didaticamente, os períodos e seres que habitaram o planeta.

Figura 55 – “Calendário da Terra”, livro *Viagem à Aurora do Mundo. O romance da pré-história*, 1939. Fonte: Acervo da autora.



Se a destinação aproxima *Viagem à aurora do mundo* e *A vida de Joana D’Arc*, a ausência, naquele, de uma figura infantil poderia significar um distanciamento e talvez

<sup>173</sup> Tudo aquilo que transforma o texto em livro, fazendo parte do livro sem ser o texto propriamente dito. Gérard Genette (2009, p. 9) define a paratextualidade como “aquilo por meio de que um texto se torna livro e propõe como tal aos seus leitores, e de maneira mais geral ao público”. Os elementos constituintes dos paratextos são títulos, subtítulos, intertítulos, prefácios, preâmbulos, apresentações, epígrafes, notas marginais, de rodapé, de fim, ilustrações, dedicatórias, coberturas e vários outros tipos de sinais acessórios. [Fonte: GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.]

prejudicar a identificação dos leitores. Contudo os tipos excêntricos e engraçados presentes na história parecem suprir esta falta e poderiam conquistar o leitor.

A crítica social está presente, mas também preconceitos e chavões que circulavam à época, tais como: o empregado da casa é o negro descrito como enorme, selvagem e trazido da África; o chinês é o cozinheiro; e o fantasma é a personagem José, um ser real que só se interessa por viagens e prazeres, vivendo uma vida sem compromissos até que enlouquece e morre no incêndio que ele mesmo provocou.

Ao longo de várias edições da *Revista do Globo*, notas e propagandas sugerem instigar o leitor:

O próximo livro de Erico Veríssimo será *Viagem à Aurora do Mundo*, um romance à melhor maneira de H. G. Wells. Trata-se de uma belíssima fantasia em torno da pré-história. O volume, que, segundo o próprio autor, não deve ir para a mão de crianças, aparecerá com mais de 100 gravuras em madeira por Ernst Zeuner, 60 ilustrações fora do texto e um grande mapa colorido. (Feira Livre. In: *Revista do Globo*, Porto Alegre, Livraria e Editora do Globo, 8 de julho de 1939, nº 255, p. 13)

Três números depois, na edição número 258, um novo lembrete é publicado:

De Erico Veríssimo teremos dentro de breves dias: *Viagem à Aurora do Mundo*, que é um romance de aventuras e ao mesmo tempo um passeio pelos campos da biologia, da paleontologia, da cosmogonia e da história natural. E também um livro didático: *Aventuras no mundo da higiene*, que são, em suma, as noções de higiene transformadas em romance. O primeiro desses livros “não contém leitura para crianças”. (Feira Livre. In: *Revista do Globo*, Porto Alegre, Livraria e Editora do Globo, 26 de agosto de 1939, nº 258, p. 13)

O aviso de que a obra *Viagem à aurora do mundo* não continha “leitura recomendável à infância” podia ser facilmente localizado, também, nas propagandas divulgadas na *Revista do Globo* e nos periódicos da época. Por meio dele, a casa editora indicava quem era seu público leitor destinatário idealizado. Além do leitor idealizado pelo escritor, outros atores impõem uma determinada forma de se ler, seja pela materialidade do impresso, seja sugerido, claramente, nas páginas da obra. A isto Roger Chartier (2001) denominou *protocolos de leitura*, que podem ser entendidos como marcas, pistas e elementos já presentes no texto que objetivam definir o uso adequado pelo leitor e quais devem ser as interpretações corretas daquilo que é lido.

Ainda que autores, editores e o próprio texto escrito indiquem um leitor específico, isso não quer dizer que só esse destinatário tenha contato com a obra, o que significa dizer que talvez crianças tenham lido, de forma mediada ou não, o livro *Viagem à Aurora do Mundo*.

Figura 56 – Propaganda localizada em diferentes periódicos e em várias edições da Revista do Globo ao longo do ano de 1939. Fonte: Acervo Delfos/PUCRS.



*Viagem à aurora do mundo* contava com 300 páginas, farto material informativo e iconográfico, voltando-se para um público adolescente e jovem, acompanhando as histórias do principal autor da *Coleção Tapete Mágico*, o holandês Hendryk Van Loon, historiador e professor, que conquistou leitores em diferentes países com publicações sobre história, geografia e ciências, ilustradas, na maioria das vezes, por ele próprio.

*Aventuras no mundo da higiene*<sup>174</sup> poderia se converter em veículo de autoridade e instrumento de transmissão de normas de comportamento. Nessa obra, o tema é a saúde e as boas práticas de higiene, e, desse modo, a criança saudável e inteligente é aquela que vive bem social e economicamente; os menos favorecidos, socialmente, são tratados como doentes. A solução para o problema seria o conhecimento e a vivência em um meio social esclarecido quanto às questões relativas à saúde, o que fica claro quando o menino com menos conhecimento é acolhido na casa da família abastada, toma um bom banho, corta os cabelos e as unhas, aprende a escovar os dentes e troca as roupas já gastas por peças mais novas e limpas e passa a frequentar as aulas do Dr. Saulus, o professor de higiene, assim, seu aspecto e disposição mudam. Ao final da história, a solidariedade da família privilegiada proporciona uma vida mais saudável ao menino que antes era conhecido como “Patinho feio”.

<sup>174</sup> Livro publicado fora da coleção *Biblioteca de Nanquinote*.

Este é um livro de Veríssimo com maior evidência de intenções de utilização em instituições escolares<sup>175</sup>, uma vez que conta com protocolos de leitura (CHARTIER, 2001) que indicam a vontade do escritor de que professores o utilizassem para ensinar práticas de higiene às crianças, como o “Bilhete”, no início da obra, e o discurso de que não basta ordenar que as crianças tomem tal atitude, é preciso explicar a importância de tal atitude, de modo que faça sentido para ela:

Meus amigos, é inútil franzir a testa, engrossar a voz e falar difícil quando queremos ensinar. O aluno só se entrega de corpo e alma àquele que lhe contar a melhor história de fadas e aventuras. A estrada mais curta e certa para a inteligência tem passagem obrigatória pelo coração. Não será humano tentar outros caminhos... Neste livro procurei fazer que as noções de higiene viajassem para o entendimento das crianças confortavelmente instaladas no trem colorido da ficção. Fiz o possível para que a viagem fosse divertida, rápida, sem enjôos nem solavancos. Não basta que se diga tiranicamente aos alunos: “Matem as moscas e bebam o leite”. É preciso explicar por que as moscas são nocivas e por que o leite é benéfico à saúde. Por outro lado, como falar na higiene da respiração sem explicar o fenômeno respiratório?

Num momento em que toda a gente procura aprender a comer, não seria lógico também que eu passasse em voo de avião por cima do importante capítulo da alimentação.

O texto vai cheio de ilustrações, pois não deixa de ter muita razão quem afirmou que o único livro do mundo que dispensa as gravuras é o Guia telefônico... Boa viagem! E.V. (VERÍSSIMO, 1939)

Há, ainda, a preocupação em ensinar ao leitor como proceder à leitura do livro:

Como fazer quando queremos descobrir em que página deste livro se fala, por exemplo, em doentes, alimentação ou água? Muito simples: procurar essas palavras – ou as outras que quisermos – no índice que se encontra no fim deste volume. (VERÍSSIMO, 1939)

O índice da obra é um “índice onomástico”, no qual o autor informa ao leitor que “procure aqui os assuntos que você quer estudar agora, e este índice lhe dirá em que página eles são tratados” (VERÍSSIMO, 1939). Essa observação permite uma leitura não linear, flexibilizando o caráter informativo e técnico do conteúdo abordado na obra.

O livro *As aventuras de Tibicuera* foi publicado pela primeira vez em 1937, na *Coleção Catavento*, com ilustrações de Ernest Zeuner. Outro livro com intenções didáticas premiado no concurso de literatura infantil promovido pelo Ministério da Educação e Saúde, conforme já analisado no capítulo 1.

Organizada em 67 capítulos com poucas páginas cada um, a obra aborda temas como coragem, fé, religiosidade, amor familiar, patriotismo, fidelidade, aventuras e conhecimento. O

<sup>175</sup> Alguns livros infantis e juvenis de Erico Veríssimo, como é o caso de *Meu ABC*, foram localizados no acervo histórico da Escola Caetano de Campos, em São Paulo, ou em relatos de crianças acerca de leituras realizadas na escola e mediadas pela professora publicados em jornais na seção de “Cartas do leitor”, como ocorreu com o livro *Rosa Maria no castelo encantado*, contudo não se pode afirmar que *Aventuras no munda da higiene* seja um deles, uma vez que não foi localizado em nenhum acervo escolar ao longo desta pesquisa.

autor Erico Veríssimo dialogava com uma “já assentada produção de ‘narrativas históricas e patrióticas’, tivessem elas caráter escolar/didático evidente ou não” (GOMES, 2003, p. 124). Como o leitor que era, certamente, conhecia boa parte dessa literatura que tratava da história do Brasil, destinadas a enaltecer a República enquanto regime e o país, seu território e seu povo.

O início da narrativa não tem uma data cronológica ou lugar geográfico definido, o herói indígena nasce em uma taba tupinambá antes de 1500. Nesse primeiro momento da história, ele é fora dos padrões que se esperava de uma figura heroica à época, mas conforme a narrativa avança, é ele o responsável por oferecer ao leitor informações sobre os acontecimentos históricos do país até o ano de 1942<sup>176</sup>, quando a história termina em um prédio, tipo arranha-céu, de Copacabana, bairro carioca. O leitor, ao terminar a leitura, faz-se conhecedor do segredo de Tibicuera para atravessar mais de 400 anos de história do Brasil, uma certa “fórmula mágica” compartilhada pelo pajé da tribo na qual nasceu.

As propagandas dos livros da *Biblioteca de Nanquinote* e outras obras de Erico Veríssimo também apareciam em seções específicas da *Revista do Globo*, como a intitulada “Feira Livre”, da seção do número 237 do periódico, na qual casa editora divulga suas novas produções. Nela, lemos que os lançamentos enriquecerão a *Biblioteca de Nanquinote* com “mais cinco interessantes livros infantis”. Mesmo nessa pequena nota divulgada pela editora, não falta um atrativo para os pais dos leitores da *Biblioteca de Nanquinote*. Note-se que a afirmação: a coleção será “enriquecida” com a publicação dos livros, o que sublinha a qualidade das obras já publicadas e das novas obras, que deixarão a coleção ainda mais interessante.

Figura 57 - Seção Feira Livre. Revista do Globo, 30 de setembro de 1938, nº237. Acervo Delfos/PUCRS.

• A Coleção Nanquinote, da Livraria do Globo, será enriquecida em breve com mais cinco interessantes livros infantis — “Outra vez os 3 porquinhos”, “A Vida do Elefante Basílio” e “Urso-com-Música-na-Barriga”, de Erico Verissimo; “Histórias de Bichos”, de Antônio Barata; e “Bichos da África”, de Kurt Gregorius.

\*\*\*

<sup>176</sup> Destaca-se que o final da história se remetia ao futuro, visto que a personagem principal narrava acontecimentos do ano de 1942 e a primeira edição de *Aventuras de Tibicuera* chegou às mãos dos leitores em 1937.

Na mesma seção publicada no número 235 da *Revista do Globo* (Figura 58), lê-se uma notícia sobre a próxima publicação da editora. Trata-se do livro intitulado *Viagem à Aurora do Mundo*<sup>177</sup>. Dessa vez, a editora e sua direção se valem da estratégia de antecipar a notícia sobre o livro, criando expectativa sobre a obra. Além disso, deixa clara sua intenção de fazê-la circular pelas instituições escolares, ao destacar seu caráter “evidentemente didático”. Fato curioso: acerca dessa obra afirmava-se que não se tratava de uma produção para crianças.

Figura 58 - Seção Feira Livre. *Revista do Globo*, 27 de agosto de 1938, nº235. Acervo Delfos/PUCRS.

• Erico Verissimo tem quasi pronto o seu livro juvenil “Viagem à Aurora do Mundo”, no qual, com muito “sense of humour”, conduz o leitor aos primeiros tempos da Criação. Romance eminentemente didático, “Viagem à Aurora do Mundo” está fadado a obter grande êxito nos círculos escolares de todo o Brasil.

Na próxima propaganda do livro localizada na *Revista do Globo*, mais uma vez a casa editora cria expectativa nos leitores, ao divulgar que o livro estará “à venda dentro de dois meses”. Dessa vez, o livro recebe a caracterização de “original aventura científica”, mas não explicita a intenção de que seja utilizado pelas escolas.

Figura 59 – Seção Feira Livre. *Revista do Globo*, 10 de junho de 1939, nº253. Acervo Delfos/PUCRS.

VIANA MOOG E ERICO VERISSIMO

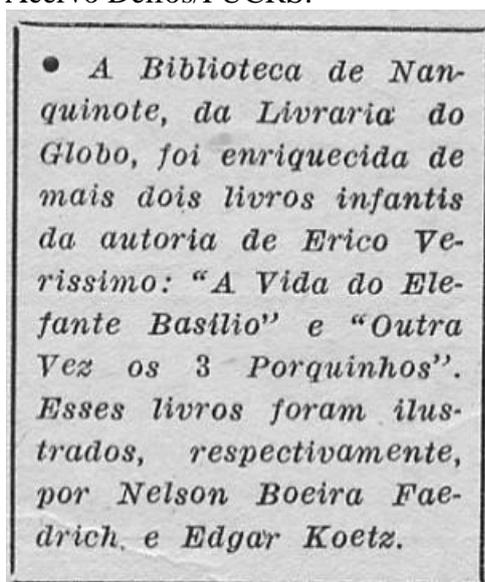
• Possivelmente, dentro de dois meses estarão à venda os dois mais recentes livros de Viana Moog e Erico Verissimo, respectivamente, UM RIO IMITA O RENO e VIAGEM A AURORA DO MUNDO. O romance de Moog está sendo aguardado com grande expectativa por se tratar de sua primeira incursão no terreno da ficção. Quanto ao livro de Erico, constitui uma original aventura científica, contada em forma de romance e onde o festejado autor de “Olhai os Lírios do Campo” nos revela coisas interessantes sobre os animais pré-históricos.

<sup>177</sup> O título do livro foi reproduzido conforme publicação original. *Viagem à Aurora do Mundo* conta a história do escritor Dagoberto Prata, que está de férias no lugarejo São Silvestre, quando se vê em meio a uma história de mistérios e descobertas, onde os segredos das origens do planeta, da vida e do homem lhe são revelados.

Na propaganda presente no número 253 (Figura 59) da *Revista do Globo*, o livro juvenil *Viagem à Aurora do Mundo* é divulgado, frisando-se que a história conta com muito “senso de humor”, conduzindo o leitor por meio de um “romance didático” ao tempo da criação do mundo, e, ainda, afirmando-se que o livro “está fadado a obter grande êxito nos círculos escolares” de todo o país, com clara destinação às instituições escolares dos diversos estados e regiões do Brasil. Já na propaganda veiculada no número 251 da revista, o livro de Veríssimo não é divulgado de forma isolada, mas é acompanhado pelo livro de Vianna Moog, intitulado *Um rio imita o Reno*<sup>178</sup>, e ainda é informado que o “festejado autor de ‘Olhai os Lírios do Campo’” é quem revela fatos sobre os animais pré-históricos. Tal distinção parece, por um lado, reafirmar a qualidade do livro juvenil, e, por outro, “lembrar” aos leitores da revista sobre os demais livros escritos por Veríssimo.

Em nova edição da *Revista do Globo* (Figura 60), entre propagandas de outros livros publicados pela Livraria e Editora do Globo, seus editores afirmam que a *Biblioteca de Nanquinote* foi “enriquecida” com mais dois livros de Erico Veríssimo, ilustrados por dois dos mais famosos ilustradores da Livraria e Editora do Globo, Nelson Boeira Faedrich e Edgar Koetz.

Figura 60 - Propaganda de livros da Biblioteca de Nanquinote. Revista do Globo, 14 de janeiro de 1939, nº243. Acervo Delfos/PUCRS.



<sup>178</sup> De acordo com Rachel de Queiroz, o romance foi um marco na literatura brasileira, por apresentar uma cultura e uma região até então pouco conhecidas, traçando um panorama da expansão do nazismo, e descrevendo a integração dos alemães do Sul na sociedade brasileira. [Fonte: MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2012.]

Tais títulos seriam publicados na *Biblioteca de Nanquinote*, “enriquecendo” a coleção ainda mais, segundo os editores, sugerindo-se a importância de se completar a série de livros. Esse movimento de organizar os livros em coleções seria uma forma de “conquistar e atender um público maior de leitores”, de fidelizá-los, de acordo com o estudo<sup>179</sup> sobre a história do livro na França, realizado por Isabelle Olivero (1999). A *Revista do Globo*, dessa forma, agia como veículo formador da opinião pública, na medida em que buscava convencer seus leitores de que, ao adquirir os livros publicados para seus filhos, esses teriam um bom conhecimento sobre diferentes assuntos e, assim, destacariam-se na sociedade. Em certa medida, os livros possuem uma carga simbólica associada, por um lado, à emancipação do homem por meio do conhecimento; por outro, ao *status* de uma classe superior. Por essa lógica, aquele que lê bons livros possui uma experiência cultural de grande valor, capaz de torná-lo distinto para a sociedade em que vive.

O princípio da distinção é construído a partir da familiaridade e da naturalidade dos indivíduos e dos grupos sociais com a cultura dita legítima, como assinala Bourdieu (2015). Logo, os motivos para uma pessoa ser distinta não estão ligados à genialidade, mas às condições de instrução recebidas por esse sujeito, e a manifestação cultural estaria condicionada pelo poder socioeconômico. Essa ideia de “distinção social” nas propagandas da Livraria e Editora do Globo buscava convencer seus leitores da importância de se possuir algo que os destacasse dos demais, que os colocasse em uma posição de notoriedade na sociedade da qual faziam parte.

A análise das propagandas aqui indicadas revela aspectos sobre a recepção da *Biblioteca de Nanquinote*, se não pelo público a quem era destinada, pelo menos pelos intelectuais considerados responsáveis pela educação moral das famílias. Os próprios livros escritos por Veríssimo para crianças em idade escolar e iniciando o processo de alfabetização se mostram ricos objetos de análise, assim como os demais livros que compuseram a *Biblioteca de Nanquinote*<sup>180</sup>.

### 3.3 Entre lembranças e esquecimentos, os livros de Erico Veríssimo

Ainda sobre as diferentes obras infantis e juvenis escritas por Veríssimo, uma breve análise de sua recepção por parte dos leitores é possível graças às reminiscências de pessoas

---

<sup>179</sup> Apesar das análises de Olivero se dirigirem à França, elas são importantes para o estudo das coleções de livros publicadas no Brasil, desde que adaptadas às condições econômicas e culturais específicas do mercado editorial brasileiro.

<sup>180</sup> Não é tarefa das mais simples recuperar e analisar tais títulos, posto que a maioria não foi reeditada e os poucos exemplares que resistiram ao tempo e ao manuseio são hoje considerados itens de colecionador.

famosas ou não, reunidas em documentos pertencentes ao Acervo Literário Erico Veríssimo – ALEV, atualmente sob guarda do Instituto Moreira Salles no Rio de Janeiro<sup>181</sup>.

Entre os leitores de Veríssimo, encontra-se Lya Luft, que, em publicação em homenagem ao escritor (BORDINI, 1990, p. 20-21), confessou que, de todos os livros de Veríssimo, seu preferido era *A vida de Joana D’Arc*. Em seu relato, a autora rememora lembranças da leitura daquele tempo:

O meu amado, o especial, era cheio de claridade, de uma beleza sossegada e recatada. Era *Joana D’Arc*, ilustrado por Fahrion, que habitara minha cabeceira de menina, várias vezes.

[...]

Hoje, quarenta anos depois dessas leituras, quando penso nele, me vem a sensação de exemplar pureza, de tranquilidade, candura e da força singular que acompanha tudo isso. E lembro, sem maior explicação ou contexto, a frase: “Joana olha o Mosa”. (Lya Luft *apud* BORDINI, 1990, P. 20-21)

A aparência externa do livro, ou seja, a capa e a contracapa, foi ponto decisivo pela escolha da obra pela leitora:

O livro bonito, colorido, inocente, fluido como aquele riozinho da aldeia da menina Joana cujo nome eu achava engraçado, porque Mosa tinha sido o nome de uma empregada de minha casa, era o nome da vaquinha no sítio de uns amigos, e de certa forma na minha fantasia de uma menina tudo aquilo se fundia numa sensação de realidade boa, sólida e natural. (Lya Luft *apud* BORDINI, 1990, P. 20-21)

O relato de Lya Luft deixa transparecer a importância cultural das capas, parte integrante da história de qualquer livro, seja infantil, juvenil ou destinado aos adultos. Capa e contracapa permitem inferir o impacto que o editor desejava causar nos leitores, e, para além disso, podem permitir que crianças criem um vínculo emocional com o livro. Tal envolvimento com a obra permite que ela seja lembrada por muitos anos.

Outra leitora dos livros de Erico Veríssimo, identificada como Marcy de Castro, em documento do acervo Erico Veríssimo, atualmente, sob a guarda do Instituto Moreira Salles, afirmou: “Seus personagens vivem em minha vida. Tenho o hábito de assemelhar as pessoas que conheço com as personagens de seus livros” (ALEV IIIc354-76). Esse relato é bastante curioso, assim como revelador do envolvimento criado pelos livros de Veríssimo, a ponto de a

---

<sup>181</sup> O Acervo Literário de Erico Verissimo (ALEV) chegou ao Instituto Moreira Salles em 2009, proveniente da Associação Cultural Acervo Literário Erico Verissimo (ACALEV). É formado de biblioteca de cerca de 1.900 itens, entre livros e periódicos, não catalogada, e de arquivo com produção intelectual contendo 490 documentos, entre os quais manuscritos e datiloscritos de obras como *Clarissa*, *O arquipélago* e *Incidente em Antares*. Há, ainda, o romance inacabado *A hora do sétimo anjo*, além de rascunhos e notas, correspondência com 2.815 itens, 2.135 recortes de jornais e de revistas e 1.860 fotografias. [Fonte: IMS. Acervo Erico Veríssimo. In: <https://ims.com.br/2017/06/01/sobre-erico-verissimo/>]

leitora, mesmo depois de anos do manuseio de tais obras, ainda comparar pessoas de seu convívio com as personagens criadas pelo escritor gaúcho.

Essa sensação de proximidade com os leitores parece ter sido reforçada pelo próprio escritor, que buscava esse maior contato com as crianças leitoras de suas obras, inclusive, por meio do programa de rádio que apresentava, “A hora dos três porquinhos”, no qual encarnava o personagem “Amigo Velho”, responsável por contar as histórias que mais tarde foram aproveitadas como base para os primeiros livros da *Biblioteca de Nanquino*. Tal relação foi utilizada como estratégia de *marketing* pela editora e como um meio de estimular a leitura por intermédio dos pais e dos professores. Nesse sentido, outro depoimento reforça essa imagem de homem simples, real e próximo dos problemas cotidianos. Dessa vez, Cecília Álvares Cklöss, lembrando sua infância nos anos 1940, descreveu seu encontro com Veríssimo:

Erico era um moço muito bonito. Tinha lindos cabelos negros, muito brilhantes. Uma vez eu passei a mãozinha na sua cabeça e ele, rindo, deu-me um beijo! Ele sentava num banquinho para ficar mais próximo das crianças. Cantava e fazia as crianças cantarem.

[...]

Quando terminava o programa, Erico ainda permanecia com as crianças, autografando os livros que ganhavam.

Eu e minha tia Luísa íamos sempre à Livraria do Globo; nós fomos aceitas para vender seus livros em Novo Hamburgo, Hamburgo Velho, São Leopoldo e Canoas. (depoimento, in: BORDINI, 1990, p. 28)

Nesse depoimento, Cecília Álvares Cklöss narra como foi seu encontro com o “Amigo Velho”, que não se importava de ser tocado pelas crianças que iam assistir sua performance frente aos microfones da Rádio Farroupilha, e procurava estar ao alcance da visão dos pequenos ouvintes e possíveis leitores, ao sentar-se em um “banquinho”. Nota-se que o escritor e apresentador também cantava para e com as crianças. Outra curiosidade é que os prêmios distribuídos ao longo do programa eram livros, que seriam autografados pelo autor após o término da apresentação. Estaria aí mais uma estratégia de vendas, pois, ao ganhar um livro das coleções da Livraria e Editora do Globo, as crianças, provavelmente, gostariam de ler outras produções da casa editora, logo, as vendas aumentariam.

Interessa notar, no depoimento acima, a estratégia da Livraria e Editora do Globo, que firmava “parcerias” para vender seus livros em outras cidades do estado do Rio Grande do Sul. A jovem Cecília Álvares Cklöss, além de leitora das obras infantojuvenis de Veríssimo e de expectadora do programa “A hora dos três porquinhos”, frequentava, junto à tia, a livraria na famosa Rua da Praia, e tempos depois estava vendendo as produções da casa-editora em cidades próximas.

Essa estratégia de vendas faz lembrar a estratégia adotada por Monteiro Lobato para dinamizar as vendas de seus livros e produções, ao convidar donos dos mais variados tipos de comércio a vender suas produções e afirmar que não teriam prejuízo, caso não conseguissem vender todos, pois propunha a venda por consignação (BIGNOTTO, 2007). Para Lobato, o livro era mercadoria, e, por isso, deveria ser vendido por quem estivesse disposto a vendê-lo, fosse em locais prováveis como livrarias, fosse em outros menos prováveis como mercados, farmácias ou, ainda, em açougues (HALLEWELL, 1985; LAJOLO, 2000). Essa estratégia de Lobato para escoar sua produção fez surgir mais de mil novos locais de venda de livros no Brasil, de acordo com diversos pesquisadores, entre eles Lajolo (2000).

As estratégias de Lobato e da Livraria e Editora do Globo se aproximam no sentido em que, procurando ampliar os pontos de venda e, conseqüentemente, as vendas de livros, firmavam parceria com pessoas que, tradicionalmente, não participavam desse universo editorial, como a pequena Cecília Álvares Cklöss, no caso da editora gaúcha. Outras características aproximam as condutas da Livraria e Editora do Globo às práticas de Monteiro Lobato para dessacralizar o livro, tais como a divulgação do lançamento em jornais e revistas, assim como nos próprios livros publicados, páginas pós-textuais ou contracapas.

De todo modo, as lembranças do “Amigo Velho” povoaram a memória daquelas crianças que o assistiam:

Muitas crianças participavam do programa. Acho que Erico escolheu muito bem o nome Amigo Velho, pois ele demonstrava carinho por nós; era de fato um amigão! Nessa época eu tinha oito anos e era participante assídua do seu programa. Nele as crianças cantavam, declamavam e ouviam as histórias do Erico; os seus livros infantis já eram famosos na época. Depois de contar as histórias, ele fazia perguntas sobre elas. Quem acertava, ganhava um livro de brinde. (depoimento de Cecília Álvares Cklöss, in: BORDINI, 1990, p. 28)

Em matéria publicada no dia 22 de fevereiro de 1993 no *Jornal do Comércio* do Recife<sup>182</sup>, Rostand Paraíso, um médico cardiologista pernambucano, comentou sua leitura do livro *As aventuras de Tibicuera*:

Erico tinha então 32 anos, nascido que fora em dezembro de 1905, e o livro foi classificado pela Editora como um “romance didático”, tantas eram as lições de nossa história que ele transmitia ao longo de suas páginas. Eu devia ter meus 10 anos quando o recebi de meus pais e ele foi, juntamente com alguns de Júlio Verne, um dos mais primeiros livros de cabeceira. A linguagem de Erico era simples e agradável, capítulos curtos, palavras fáceis, tudo adequado à nossa idade, fazendo com que, de uma maneira amena, fossem desfilando perante nossa mente aqueles episódios da história do Brasil, episódios nos quais, estranhamente, estava sempre presente a figura de Tibicuera.

---

<sup>182</sup> Impresso pertencente ao Sistema Jornal do Commercio de comunicação. Fundado em 1919 por Pessoa de Queiroz, circula até hoje.

[...]

A saga de Tibicuera, agradável e inteligente história, como, aliás, todas as que vieram da pena daquele grande escritor, foi, juntamente com alguns livros de Júlio Verne, um dos que ajudaram a abrir nossos horizontes e a nos despertar o interesse para outras literaturas mais complexas. (ALEV, III1370-sol e 0 3C137 0-93)

A partir da leitura do livro, Rostand Paraíso comparou a personagem Tibicuera a outra personagem bastante conhecida dos jovens leitores, o herói de uma revista em quadrinhos publicada no país a partir de 1936, o Fantasma, que também conseguia “enganar” o tempo e a todos que desconheciam seu segredo. Essa personagem, Fantasma, vivia nas selvas africanas, morava em uma caverna e usava sempre a mesma roupa, enquanto lutava pela ordem e pela justiça na floresta. Em aproximação com Tibicuera, o Fantasma se perpetuava através de seus filhos e netos e conservava, assim, os ideais pelos quais combatia.

Outro indicativo interessante sobre a recepção desses livros é encontrado na edição do dia 9 de fevereiro de 1941, terceira página do jornal carioca *A Noite*, reproduzida abaixo.

Figura 61 - Jornal carioca *A Noite*, 9 de fevereiro de 1941, p. 3. Acervo da Hemeroteca Digital Brasileira.



O artigo sobre os livros passíveis de empréstimo na Biblioteca Municipal, após visita da equipe do periódico a diversas bibliotecas da cidade, informa no subtítulo que as crianças preferiam os livros de Veríssimo aos livros escritos por Monteiro Lobato. Contudo, ao ler o artigo parece que a pesquisa realizada na Biblioteca Central dos Estudantes, filiada à Divisão de Biblioteca e Cinema Educativo da Prefeitura do Distrito Federal, embasou tal análise. Ocorre que, segundo o artigo publicado, a frequência era, predominantemente, feminina e preferia as histórias narradas por Veríssimo, ainda que aquelas escritas por Lobato fossem bastante procuradas.

Erico Veríssimo, quando jovem na cidade de Cruz Alta, sua terra natal, vivenciando problemas familiares e financeiros, procurava na leitura uma forma de lidar com esses

percalços. Um dos vários autores que figuraram no primeiro volume do livro *Solo de Clarineta* como leituras do jovem foi, justamente, Monteiro Lobato. Não com suas reconhecidas histórias do *Sítio do Picapau Amarelo*, mas com *Urupês*, livro de contos publicado em 1918 e que reúne uma série de 14 textos, na qual dá ênfase à vida cotidiana do caboclo por meio de seus costumes, crenças e tradições.

Quem muito me ajudou, sem o saber, naqueles tempos psicologicamente difíceis para mim, foi Monteiro Lobato. Li com deleite o seu *Urupês*, em que o autor paulista, a despeito de suas inegáveis influências camilianas, me pareceu uma saborosa cruz de Maupassant com Mark Twain. (VERÍSSIMO, 2005a, p. 159)

Esse escritor, formado, também, por suas leituras da infância e juventude, chegou a ter suas histórias da *Biblioteca de Nanquinote* e outras mais procuradas do que os livros de Lobato, de acordo com a pesquisa realizada pelo periódico *A Noite*<sup>183</sup>. Contudo, se os livros de Erico Veríssimo faziam tanto sucesso entre os leitores, e, por conseguinte, os demais livros que faziam parte da *Biblioteca de Nanquinote*, por qual motivo tais narrativas, com exceção das seis histórias que compuseram a coleção ora estudada, foram “esquecidas”?

De acordo com o exame nas propagandas sobre os novos lançamentos da *Biblioteca de Nanquinote*, o nome de Veríssimo sugeria ser utilizado como chancela de boas narrativas, ricamente ilustradas. Seus livros, mesmo tendo sido publicados na década de 1930, apresentaram novas reedições e figuravam entre os novos títulos divulgados nas décadas posteriores ao seu lançamento. Muitos tendo sido reeditados até, pelo menos, o ano de 2011, sete décadas após a primeira edição chegar às mãos de crianças de todas as regiões do país.

Quadro 5 - Ano das reedições de livros infantojuvenis de Erico Veríssimo.

Algumas reedições dos livros de Erico Veríssimo		
Livros	Ano	Editora
<i>A vida de Joana d’Arc</i>	1935	Livraria e Editora do Globo
	1958	Livraria e Editora do Globo
	1967	Livraria e Editora do Globo
	1978	Globo
	1990	Círculo do Livro
	1996	Globo
	2011	Companhia das Letras
<i>Aventuras do avião vermelho</i>	1936	Livraria e Editora do Globo
	1956 ( <i>Gente e Bichos</i> )	Livraria e Editora do Globo
	1975	Livraria e Editora do Globo
	1977	Globo
	1992	Globo
	2013	Companhia das Letrinhas

<sup>183</sup> Jornal vespertino e diário da cidade do Rio de Janeiro, fundado por Irineu Marinho, Castelar de Carvalho, Marques da Silva. Circulou de 1911 a 1957. Alcançou rápida popularidade, em grande medida por manchetes de última hora. Encerrou suas atividades em 1957, após passar pelas mãos de grupos franceses e do Governo Federal. [Fonte: BRASIL, Bruno. *A Noite (Rio de Janeiro, 1911)*. Biblioteca Nacional, 2014. In: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/>]

Quadro 5 - Ano das reedições de livros infantojuvenis de Erico Veríssimo.

Algumas reedições dos livros de Erico Veríssimo		
Livros	Ano	Editora
<i>Os 3 porquinhos pobres</i>	1936	Livraria e Editora do Globo
	1956 ( <i>Gente e Bichos</i> )	Livraria e Editora do Globo
	1978	Globo
	1980	Globo
	1994	Globo
	2003	Companhia das Letrinhas
<i>Rosa Maria no castelo encantado</i>	1936	Livraria e Editora do Globo
	1956 ( <i>Gente e Bichos</i> )	Livraria e Editora do Globo
	1985	Globo
	1995	Globo
	2012	Companhia das Letrinhas
<i>Meu ABC</i>	1936	Livraria e Editora do Globo
<i>As aventuras de Tibicuera</i>	1937	Livraria e Editora do Globo
	1963	Livraria e Editora do Globo
	1968	Livraria e Editora do Globo
	1976	Livraria e Editora do Globo
		Globo
	1997	Globo
	2005	Seguinte
<i>O urso com música na barriga</i>	1938	Livraria e Editora do Globo
	1956 ( <i>Gente e Bichos</i> )	Livraria e Editora do Globo
	1981	Globo
	1983	Ática
		Globo
	1994	Globo
	2002	Companhia das Letrinhas
<i>A vida do elefante Basílio</i>	1939	Livraria e Editora do Globo
	1956 ( <i>Gente e Bichos</i> )	Livraria e Editora do Globo
	1977	Globo
	1996	Globo
	2002	Companhia das Letrinhas
<i>Outra vez os 3 porquinhos</i>	1939	Livraria e Editora do Globo
	1956 ( <i>Gente e Bichos</i> )	Livraria e Editora do Globo
	1976	Livraria e Editora do Globo
	1996	Globo
	2003	Companhia das Letrinhas
<i>Viagem à aurora do mundo</i>	1939	Livraria e Editora do Globo
	1962	Livraria e Editora do Globo
<i>Viagem à aurora do mundo</i>	1980	Globo
	1987	Globo
	1997	Globo
<i>Aventuras no mundo da higiene</i>	1939	Livraria e Editora do Globo

Fonte: Organizado pela autora após pesquisas em sites de editoras que detiveram os direitos autorais da produção de Erico Veríssimo.

Os livros de Erico Veríssimo, que compõem a *Biblioteca de Nanquinote – Aventuras do avião vermelho, Rosa Maria no castelo encantado, Os três porquinhos pobres, O urso-com-música-na-barriga, A vida do elefante Basílio e Outra vez os três porquinhos* – continuam sendo reeditados até, pelo menos, a primeira década do século XXI. Contudo, com exceção desses seis títulos escritos por Veríssimo e o alfabético de Mário Quintana – *O Batalhão das*

*Letras* - nenhum outro livro da *Biblioteca de Nanquinote* foi reeditado, segundo a pesquisa realizada.

Chama a atenção o fato de que, dos onze livros infantojuvenis de Erico Veríssimo, somente *Meu ABC* e *Aventuras no mundo da higiene*, duas obras com finalidades pedagógicas, não tiveram reedições. O que este “apagamento” dos livros da *Biblioteca de Nanquinote* poderia significar? Sabe-se que *Meu ABC*, além de não ser assinado pelo escritor, que usa um pseudônimo, contou com uma só edição e, até bem pouco tempo, era, materialmente, desconhecido dos pesquisadores da obra deixada por Veríssimo.

Por este motivo, no próximo capítulo, examinam-se os sete livros da *Biblioteca de Nanquinote* escritos por Veríssimo, recorrendo-se em alguns momentos a outros livros da coleção, que contou com Erico Veríssimo como editor, além de idealizador e autor editado.

#### 4 “LINDOS ENTRE OS MAIS LINDOS”. OS LIVROS DE VERÍSSIMO PARA A BIBLIOTECA DE NANQUINOTE

Eu bem digo que é muito perigoso ler certos livros. Os únicos que não fazem mal à gente são os que tem diálogos e figuras engraçadas.

*Monteiro Lobato, 1929, p. 8*

Monteiro Lobato já afirmava que os únicos livros que não nos fazem mal são aqueles com diálogos e figuras engraçadas, conforme a epígrafe acima. Não por acaso, é reconhecido ainda hoje por suas histórias do Sítio do Picapau Amarelo, que acompanharam gerações de brasileiros. As crianças se divertiam com as aventuras de Pedrinho e Narizinho, em companhia da boneca de pano Emília, do sábio Visconde de Sabugosa, entre outras personagens.

Outro autor publicado na *Biblioteca de Nanquinote*, Antonio Barata afirmava que:

As crianças são os leitores mais sinceros que existem no mundo das letras. Quando dizem que gostaram de um livro, é porque gostaram mesmo. E quando o livro é cacete, não fazem nenhuma cerimônia. Dizem logo para a gente:

— Papai, lê outro livro. Esse gato é bobo.

Esse gato bobo simboliza o personagem sem interesse, que faz a criança bocejar, dormir, ou então solicitar ao adulto a leitura de outro livro.

A literatura infantil brasileira está cheia de gatos bobos. Ao lado deles, porém, encontramos uma infinidade de personagens popularíssimos entre a criançada, a começar pelos heróis de Monteiro Lobato. Não há criança brasileira que não conheça intimamente o Narizinho, a Emília, a Dona Benta ou o Marquês.

[...] Escrever para crianças é uma arte difícil. Muito difícil mesmo. É preciso dar ao livro interesse, movimento e ternura, tudo isso numa linguagem clara e perfeita. A meu ver, num livro infantil não deve haver tragédia em hipótese alguma. Humor e ternura, eis a receita. (BARATA, 1943)<sup>184</sup>

Pelo discurso de Antonio Barata, entende-se que a intenção da Livraria e Editora do Globo era oferecer às crianças histórias bem escritas e interessantes, divertidas. Livros que despertassem a curiosidade e o desejo de adquirir outros títulos.

Neste capítulo, analisam-se os livros da *Biblioteca de Nanquinote*, e outros que tenham feito parte da coleção, assim como os demais escritos por Veríssimo, destacando-se as narrativas, mas também a forma do texto, a materialidade dos impressos e as possíveis destinações planejadas por Veríssimo e pela Livraria e Editora do Globo.

Em uma primeira visada sobre os livros da coleção *Biblioteca de Nanquinote*, as dimensões chamam a atenção. Não se trata de um formato pequeno, comparado aos livros infantis publicados atualmente. Contudo, se comparados aos demais livros publicados pela

<sup>184</sup> BARATA, Antonio. O maravilhoso mundo infantil. In: *Revista do Globo*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 18 dez. 1943. Ano 15, nº 353, p. 36-37; 83.

Livraria e Editora do Globo, apresentam uma dimensão que delimitam a criança como leitor em potencial, o que é curioso, visto que os romances da casa editora são ligeiramente menores. Essa característica dos livros destinados a crianças e jovens produzidos pela Livraria e Editora do Globo permite criar, a um só tempo, uma identidade visual, diferenciando-os das demais produções da casa editora, e uma marca reconhecida por seus possíveis leitores. Além disso, o tamanho e a localização das imagens e do texto estão articulados com as dimensões do livro. O formato, que pode ser decisão do editor, e leva o ilustrador a compor em função das dimensões escolhidas, se torna determinante para a expressão das ideias deste e do autor (LINDEM, 2011).

O formato escolhido para a maioria dos livros infantis e juvenis da Livraria e Editora do Globo é o vertical (“à francesa”), mais alto do que largo, e revela-se a escolha editorial mais comum. Neles, as imagens tendem a aparecer de forma isolada. Entretanto, se as configurações escolhidas favorecem a noção de espaço, com uma visão panorâmica, ou de altura, é curioso como quanto maior é o livro maior também é sensação de aventura para a criança que o lê (LINDEM, 2011).

Figura 62 - Páginas internas do livro *Duca e João na África e na Índia*, de Kurt Gregorius. 193?. Acervo particular.

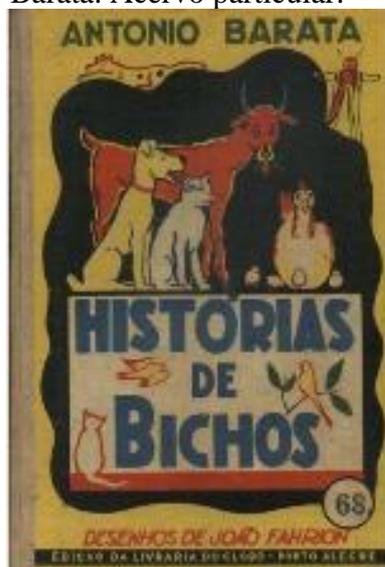


Outro destaque da *Biblioteca de Nanquinote* são as capas dos livros que a compõem. Elas traduzem os primeiros olhares, os primeiros contatos com o livro. Por isso, talvez, a preocupação de Erico Veríssimo com as capas de seus livros e de outras publicações da casa editora<sup>185</sup>. Decerto, é a capa um dos espaços determinantes em que se estabelece o pacto da

<sup>185</sup> Acerca da influência de Veríssimo nas capas de seus livros, Ubiratan Machado narra a situação envolvendo o livro *Clarissa* (1933). Com capa de autoria de João Fahrion, a autor teria pedido que o capista desenhasse a personagem que dá nome à obra como a atriz Sylvia Sidney, que fazia sucesso à época em filmes de Hollywood, demonstrando também como o cinema começava a influenciar o público brasileiro. [Fonte:

leitura, apresentando informações que permitem apreender o tipo de discurso, o estilo de ilustração, o gênero, provocando no leitor uma certa expectativa.

Figura 63 - Capa de Histórias de Bichos (1943), de Antonio Barata. Acervo particular.



Sendo assim, é muito comum nos livros ilustrados publicados, atualmente, que a capa, constituída pela primeira e pela quarta capas, apresente uma única imagem, separada pela lombada em dois espaços distintos. Formam, assim, um conjunto homogêneo. Porém, nos livros da *Biblioteca de Nanquinote*, a quarta capa não apresenta ilustrações. Desse modo, é reservada como mais um espaço de propaganda para as produções e os lançamentos da editora. Diz-se mais um espaço, pois as últimas folhas dos livros também são reservadas para a divulgação de outras obras.

Uma vez em contato com os livros escolhidos, no exame das capas, tem-se em mente o que afirma Maria Teresa Santos Cunha (1999), para quem as imagens das capas dos livros não são desprovidas de significação, visto que: “nos livros, há uma linguagem das imagens que se apresentam nas capas que tanto se pode decifrar como um conjunto de signos, como um suporte para representações ideológicas” (1999, p. 51).

Como aspecto importante que envolve a análise de um livro para crianças, a capa é parte expressiva para a narrativa verbal de uma obra. Ela cumpre papel considerável no processo de envolvimento entre criança e livro, posto que define como o objeto será tocado, conservado e guardado (POWERS, 2008). A capa costuma ser o primeiro contato entre o livro e o leitor,

---

MACHADO, Ubiratan. *A capa do livro brasileiro: 1820-1950*. São Paulo: Ateliê Editorial e Sesi SP Editora, 2017.]

indicando, além de seu valor estético, um valor comercial, publicitário. O investimento nas capas é, hoje, muito grande. Não à toa, existem prêmios para a melhor capa, como o caso do prêmio Jabuti<sup>186</sup>, premiação brasileira na área. Na década de 1930, o esforço em se criar capas chamativas devia-se também ao interesse em atrair o maior número de leitores para a obra publicada.

As capas dos livros da *Biblioteca de Nanquinote* são ilustradas com imagens que fazem parte da narrativa verbal, apresentando as personagens centrais das histórias em situações que se desenrolam no interior do livro. Dessa forma, “poucos artistas criam uma ilustração apenas para a capa, não repetida dentro do livro. A escolha dela evidentemente reflete a importância atribuída ao episódio em pauta” (NIKOLAJEVA & SCOTT, 2011, p. 70). Ao examinar as capas dos livros, notam-se detalhes presentes, como a cidade sede da Editora do Globo, Porto Alegre, o nome do autor, indicação do ilustrador e informações relativas ao preço.

Figura 64 - Capa do livro *As proesas do macaco Guisadinho* (1942). Acervo particular.



<sup>186</sup> Tradicional prêmio literário brasileiro, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, foi criado em 1959, idealizado por Edgard Cavalheiro. Objetiva premiar autores, editores, ilustradores, gráficos e livreiros que mais se destacam a cada ano. No regimento interno do prêmio, também criado em 1959, constavam sete categorias: Literatura, Capa, Ilustração, Editora do Ano, Gráfica do Ano, Livreiro(a) do Ano e Personalidade Literária. Mais recente, começaram a ser contempladas outras esferas envolvidas na criação e produção de um livro, com a adição de Adaptação, Projeto Gráfico e Tradução, além das categorias tradicionais como Romance, Contos, Crônicas, Poesia, Literatura Infantil, Literatura Juvenil, Reportagem e Biografia. Em 2015, o Prêmio inovou com a inclusão da categoria Infantil Digital, que abrangia conteúdo para o público infantil combinado a elementos multimídia. A partir de 2017, o Prêmio Jabuti passou a contemplar duas novas categorias: Histórias em Quadrinhos e Livro Brasileiro Publicado no Exterior. [Fonte: *Prêmio Jabuti*, in: <https://www.premiojabuti.com.br/historia/>]

A capa do livro *As proesas do macaco Guisadinho* (1942) oferece uma boa visualização desses aspectos que compõem a estrutura visual das capas dos livros da coleção ora estudada. O nome do autor, De Sousa Junior, surge em destaque no topo da página, em letras pretas sob fundo amarelo. O título da obra surge logo abaixo da única imagem presente na capa, a do macaco Guisadinho. O título é composto por dois tipos de letras diferentes, tanto na forma quanto na cor; a primeira parte – *As proezas do macaco* – está escrita em letras mais desenhadas, aproximando-se da forma cursiva, e na cor preta. O nome da personagem principal da história e segunda parte do título - Guisadinho – é escrita na cor laranja, em fonte, convencionalmente, denominada letra de imprensa, todo em caixa alta, ou seja, com letras maiúsculas.

A indicação do nome do ilustrador, Armando V. Kuwer, está posicionado logo abaixo do título, na cor verde com letras que também se aproximam da forma cursiva, ou seja, letras escritas de forma conectada sem levantar o implemento de escrita do papel. Acima do selo editorial e da cidade sede da casa editora, estes dois itens não recebem muito destaque. O valor de venda, 6 réis, está localizado ao lado direito da capa, em um círculo.

A estrutura visual das capas, “a imagem, no frontispício ou na página do título, na orla do texto ou na sua última página, classifica o texto, sugere uma leitura, constrói um significado. Ela é protocolo de leitura, indício identificador” (CHARTIER, 1990, p. 133). Neste esforço de investigação, considera-se necessário, também, além de se identificar as marcas deixadas pelo autor, assinalar o papel desempenhado pelo editor, que supõe uma leitura para seu público. Nesse caso, o autor de sete livros da coleção era, também, o idealizador e editor dela. Veríssimo, mais uma vez, exercia várias funções na Livraria e Editora do Globo.

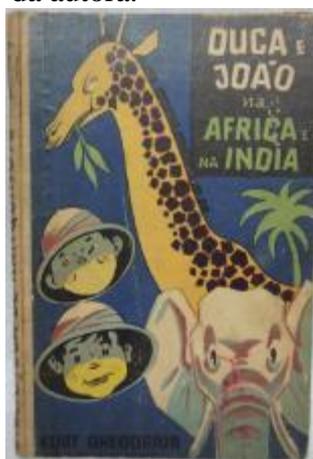
O cuidado com a ilustração da capa mostra a preocupação com a identificação dos leitores, revelando, também, a importância da imagem para o processo de leitura visual e sensorial e como critério de seleção do que será lido pela criança. Os livros da *Biblioteca de Nanquinote*, em geral, apresentam capas ilustradas, descrevendo a história narrada. A “folha de rosto” os caracterizava, em acréscimo, como pertencentes a uma coleção que apresentava a mesma configuração em todos os livros.

Figura 65 – Capas dos livros Rosa Maria no Castelo Encantado (1936) e Aventuras de Duca e João (1941). Acervo da autora.



*Rosa Maria no Castelo Encantado*, com autoria de Erico Veríssimo e publicado em 1936, e *Aventuras de Duca e João*, publicado em 1941 e escrito por Kurt Gregorius, são bons exemplos de capas relacionadas às histórias narradas, guardando também características que as aproximam, como a indicação do nome do autor e da editora. Todavia o livro publicado, em 1941, indica o nome do ilustrador, ainda que em letras pequenas, no canto inferior direito, diferente daquele publicado em 1936. Outra diferença é com relação ao valor do livro, indicado na capa de *Rosa Maria no Castelo Encantado*, que não aparece na capa de *Aventuras de Duca e João*.

Figura 66 – Capa do livro Duca e João na África e na Índia (1943). Acervo da autora.



A outra história dos meninos Duca e João, publicada em 1943, mantém a característica de indicar o título e o nome do autor, incluindo também o nome do ilustrador, que, nesse caso, era o próprio autor. A capa apresenta, ainda, a imagem de dois animais encontrados no

continente africano, exemplificando a estratégia de mostrar na capa elementos descritivos da narrativa. Destaca-se, igualmente, a importância das lombadas para o pertencimento dos livros à coleção representada pelo calunga de tinta nanquim, Nanquinote, que, feitas em tecido, estampavam o título da coleção e a imagem do boneco identificador.

Figura 67 - Lombada dos livros da coleção Biblioteca de Nanquinote. Acervo da autora.



O livro infantil com ilustrações<sup>187</sup>, projetado, a fim de valorizar as relações entre texto e imagem para a articulação da narrativa, constitui uma forma “específica de expressão” (LINDEN, 2011, p. 29), na qual o *design*<sup>188</sup> adquire grande importância para a materialidade do livro, envolvendo desde o projeto da capa até as condições de manuseio, possibilitando o contato da criança com a narrativa. Tais imagens podem ser interpretadas por um adulto como meramente decorativas, mas, na perspectiva de apreensão pelas crianças, é mais uma oportunidade de aprofundar o entendimento sobre a história lida.

<sup>187</sup> É possível diferenciar os tipos de literatura que contêm imagens, segundo Linden (2011, p. 24-25): a) “Livros com ilustração”: o texto suporta a narrativa e lhe dá sentido. b) “Primeira leitura”: possui certa semelhança com o livro ilustrado, mas está organizado em capítulos, vinhetas e imagens pequenas; assemelha-se aos romances. c) “Livro ilustrado”: predomínio da imagem sobre o texto, ou, até mesmo, a ausência deste. No Brasil, também, é designado como livro de imagem ou narrativa por imagem. d) “Histórias em quadrinhos”: corresponde à disposição da página em compartimentos, não, necessariamente, em balões ou molduras. e) “Livro *pop-up*”: as páginas desdobram-se em três dimensões, ou permitem a brincadeira com os personagens ou cenário. f) “Livro-brinquedo”: como o nome já diz, sua forma e objetivo estão no princípio da brincadeira, depois a leitura. g) “Livro interativo”: proporciona ao leitor a realização de atividades durante a leitura. h) “Imaginativo”: tem por objeto a aquisição da linguagem; para tal dispõe de uma sequência de imagens, com ou sem o texto verbal. Tal versatilidade de nomenclaturas também se deve à diversificação de obras destinadas às crianças. [Fonte: LINDEN, S. Van Der. 2011. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify.]

<sup>188</sup> *Design* pode ser entendido com a concepção de um produto, especialmente, quanto a sua forma física e funcionalidade. Utiliza-se, neste estudo, a palavra *design* como sinônimo de concepção da materialidade dos livros analisados.

O título de um livro é outro elemento gráfico a ser destacado: permite ao leitor forte expectativa em relação ao conteúdo, além de se relacionar com a representação figurada da capa. Tais capas da coleção objeto desta pesquisa, em geral, apresentam o nome do “herói” no título e a representação desse na ilustração, com exceção dos alfabetários (*Meu ABC* e *O Batalhão das Letras*) e álbuns (*Os Bichos da África* e *Os Bichos do Brasil*), nos quais os assuntos tratados são os objetos de destaque na capa, visto não existir uma história narrada.

Figura 68 - Capas dos álbuns criados por Kurt Gregorius para a Biblioteca de Nanquinote. Acervo Delfos/PUCRS.

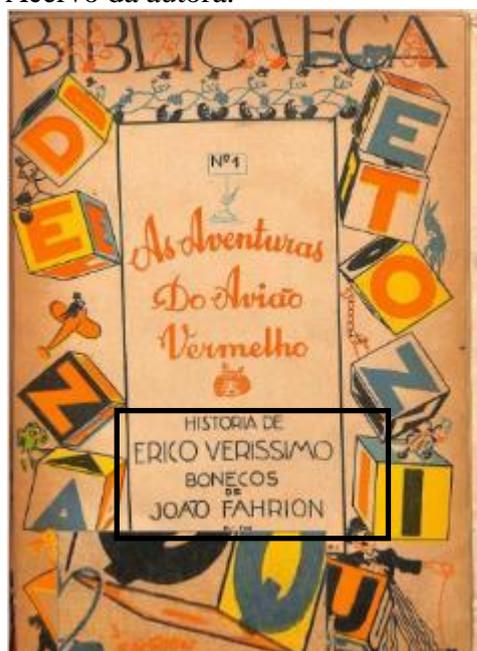


O livro-álbum<sup>189</sup> *Os Bichos da África* (Kurt Gregorius) exhibe na capa um leão e uma leoa; o segundo livro-álbum, intitulado *Os Bichos do Brasil* (Kurt Gregorius), exhibe na capa uma ilustração de uma onça, ambos destacando a fauna do continente ou o país a que se referem.

Os livros da coleção idealizada por Veríssimo não têm uma folha sequer sem desenhos, todos são coloridos e vistosos: uma característica da biblioteca aqui analisada, e que se tornaria sua marca. A página de rosto registra o que poderíamos chamar de identidade visual da coleção, com letras dentro de caixas, que nos parecem dados, como é possível visualizar na Figura 68.

<sup>189</sup> Etimologicamente, a palavra vem do latim, *albus* e significava alvo, branco, livro em branco. Com o objetivo de estampar avisos oficiais ou de suporte para coleções de selos, cartões entre outros objetos, com o tempo, os álbuns foram ganhando novos usos, guardando fotografias, letras de música, e o que mais pudesse ser colecionado. O conceito de álbum define-se, em linhas gerais, como um livro onde as imagens são predominantes, podendo ou não trazer textos para compor a narrativa. [Fonte: ABREU, Tâmara Costa e Silva. *O livro para crianças em tempos de Escola Nova*: Monteiro Lobato & Paul Faucher. 273f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2010.]

Figura 69 - Folha de rosto do livro *As Aventuras do Avião Vermelho*. Acervo da autora.



Na folha de rosto em exame, excetuando-se os cubos em que estão contidas as letras que formam o título da coleção, estão presentes outros elementos que remetem às histórias contadas pelos livros publicados, além de personagens bem conhecidas do público, como a personagem Carlitos, de Charles Chaplin, ícone do cinema mudo. Notam-se também vários “Nanquinotes”, além de um avião vermelho, um burrinho azul, entre outras personagens do universo das histórias para crianças construído pela Editora do Globo. Ela foi criada por John Fahrion, que a assina, de forma muito discreta, na parte inferior esquerda da página, entre cubos e personagens infantis.

A folha de rosto padronizada cria uma marca para a coleção, conformando-a com características específicas, além de ser uma opção econômica, visto que, assim, o processo de edição se desenvolve mais rapidamente, pois o projeto gráfico identificador já está planejado, mesmo considerando que a série aqui analisada diz respeito a uma coleção de livros para crianças, que envolve ilustrações e capas específicas.

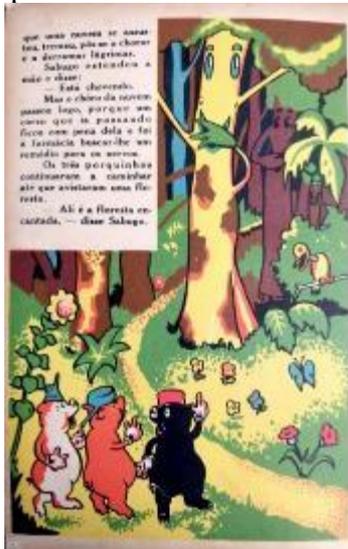
Observando as ilustrações dos livros da coleção, notam-se páginas em que a imagem ocupa toda a superfície, “sangrando-as”<sup>190</sup>. Esta solução contribuiria para aquilo que Linden (2011) chamou de “espetacularização da imagem”, o que conferiria um sentido de grandiosidade e importância à obra. Tais imagens podem ser interpretadas por um adulto como

<sup>190</sup> Termo utilizado para informar que uma imagem ocupa a totalidade da página.

meramente decorativas, mas, na visão da criança, é a possibilidade de, junto à linguagem verbal, penetrar mais fundo no significado do livro, a cada nova (re)leitura.

A diagramação da página representada na Figura 70, a seguir, seria aquilo que Linden chamou de diagramação associativa, aquela que apresenta a junção entre textos e imagens na mesma página, e que permitiria maior fluidez de leitura e entrosamento entre linguagens gráfico-verbais e imagéticas. Contudo, esta diagramação leva a uma separação espacial entre textos e imagens, normalmente, por meio de caixas delimitadoras (LINDEN, 2011), como é possível notar no quadrante superior esquerdo da Figura.

Figura 70 - Ilustração do livro Os 3 porquinhos pobres. Acervo da autora.



Nas páginas em que prevalece o texto (Figura 71), há ilustrações menores, ancorando a narrativa verbal no sentido em que o ilustrador elege um aspecto específico do texto escrito para destacar na página. Essas diferentes formas de inserir as imagens contribuem para as diferentes percepções que o leitor terá da obra. De tal modo, as imagens não devem apenas reproduzir o texto escrito *ipsis litteris*; elas podem ampliar o texto verbal, oferecendo ao leitor mais uma oportunidade de ampliar o entendimento do que é expresso.

Figura 71 - Ilustração do livro *Os 3 porquinhos pobres*. Acervo da autora.



Com a função de expressar de forma diferente o que já está dito pelo texto verbal, a ilustração também acrescenta novos aspectos, o que contribui, significativamente, para uma competente leitura da história, na medida em que contribui para a construção de sentidos que ultrapassam os sugeridos apenas pelo texto verbal. As imagens nos livros infantis são aspectos relevantes para a adesão das crianças às histórias narradas (RAMOS, 2011), visto que fragmentam o texto, criando espaços visuais, a fim de evitar o cansaço para o leitor infantil. Além disso, elas fomentam a construção de imagens mentais, promovendo a capacidade imaginativa do leitor.

Os ilustradores da *Biblioteca de Nanquinote* exploravam, por vezes, a ilustração em página dupla, em que uma única imagem ocupa a superfície das duas páginas, dividindo espaço com o texto verbal. O pesquisador Rafael Cardoso (2009) situa a ilustração em página dupla como uma inovação gráfica para a literatura infantil, utilizada por Monteiro Lobato, em 1924, no livro *A caçada da onça*.

Figura 72 – Ilustração em página dupla. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen.



A página dupla (formato *códex*) influencia a organização espacial da leitura, a sequência da narrativa, permitindo arranjos poéticos e estéticos (LINDEN, 2011). Outro aspecto que influencia o arranjo estético dos livros ilustrados para crianças é o formato, que pode ser vertical ou horizontal<sup>191</sup>; atua como elemento complementar à história, colaborando com os significados da narrativa. O formato vertical parece facilitar o manuseio por crianças, que podem encontrar certa dificuldade em manter um livro horizontal aberto<sup>192</sup>.

Questão interessante acerca da *Biblioteca de Nanquinote* é o fato de esse nome ser considerado um selo, que acabou por criar um “autor” diferente do escritor e do ilustrador das histórias. Os livros eram de “Nanquinote”, o boneco de tinta nanquim aventureiro. Tal estratégia encerrava uma matriz ideológica representada pela figura do boneco, uma vez que se tratava das escolhas literárias dele, e, como Nanquinote era aventureiro, os livros da coleção narravam aventuras e descobertas, mostrando novos lugares e animais.

A coleção de livros em exame foi composta por livros de literatura, alfabetários e álbuns. Uma visada sobre esses livros-álbuns e alfabetários permite organizá-los em 3 grupos com vistas a uma análise mais acurada, são eles: 1- histórias com crianças em papéis principais; 2- histórias com animais em papéis principais; 3- alfabetário.

#### 4.1 Fernando e Rosa Maria

A primeira publicação de Erico Veríssimo para as “crianças pequenas” consiste no livro *Aventuras do Avião Vermelho* (1936), com tiragem inicial de 5.000 exemplares. A segunda tiragem, dois anos depois, contou com 10.000 exemplares, e a terceira, com 8.000. Passados 75 anos da primeira edição, a história ganhou as telas do cinema.

Analisando a capa e a quarta capa do livro *Aventuras do Avião Vermelho* (Figura 73), ilustrada por John Fahrion, percebe-se que a ilustração proposta para a primeira edição apresenta um menino com roupas de explorador em um avião vermelho, em manobra radical, acompanhado de um urso e um boneco. Outras pessoas também são vistas na ilustração, toda nas cores, predominantes, preto e vermelho. Estas parecem representar povos de outras culturas descobertas pelo jovem viajante.

<sup>191</sup> Existe ainda outro exemplo de formato utilizado no livro intitulado *O livro inclinado*, de Peter Newell, em que o livro foi editado em formato de losango para contar a história de um carrinho de bebê que desce uma ladeira. Considerado um dos primeiros livros-objetos, foi publicado em 1910 e republicado em 2008 no Brasil pela editora Cosac Naify.

<sup>192</sup> Acerca desse estudo, os pesquisadores Klohn e Fensterseifer (2012) publicaram o artigo *Contribuições do Design Editorial para a Alfabetização Infantil*, na *Revista Brasileira de Design da Informação – InfoDesign*, v. 9, n. 1 [2012], p. 45-51.

A quarta capa ou contracapa, que, neste caso, não se apresenta como uma continuação da ilustração da capa, funciona como espaço de divulgação de outros livros da coleção *Biblioteca de Nanquinote*.

Figura 73 - Capa do livro *Aventuras do avião vermelho* (1936). Acervo da autora.



A quarta capa de *Aventuras do Avião Vermelho* exhibe outras 3 capas de livros escritos por Erico Veríssimo – *Os três porquinhos pobres*, *Rosa Maria no Castelo Encantado* e *Meu ABC*, além da capa do próprio livro *Aventuras do Avião Vermelho* – e do livro *Os bichos da África*, de Kurt Gregorius/Ernest Zeuner, o que pode significar tratar-se de uma reimpressão da obra, visto que os demais livros não foram publicados na época.

Em sua composição material, o impresso apresenta capa dura e uma folha de guarda, em cor rosada, no qual se encontram desenhos simples, só com os contornos. São contornos de palhaços e outros artistas de circo; magos; animais; barcos pequenos e navios; soldados; aviões; carros; cientistas.

Figura 74 – Folha de guarda - *Aventuras do Avião Vermelho*. Acervo da autora.



A folha de guarda e a folha de rosto dos livros da coleção criam uma padronização das obras que as identificam como pertencentes à *Biblioteca de Nanquinote*. Esta padronização é uma das características que conformam uma coleção, e pode se estender às dimensões do livro, *layout* da capa e contracapa ou ainda pela inclusão de números sequenciais após o título da coleção, como no caso de séries atuais de literatura infantojuvenil.

Em uma das primeiras páginas dos livros da *Biblioteca de Nanquinote*, uma mensagem é endereçada aos leitores: “Este livro, criança, te mostrará um mundo encantado de que te hás de lembrar quando fores grande”. Após, um complemento:

A Livraria do Globo não se esqueceu de vocês, meninas e meninos de oito a treze anos, e está publicando em livros bonitos, com muitas figuras, as melhores histórias que se escreveram no mundo destinadas à infância. Cada volume deste, amiguinhos, é como um cesto cheio de brinquedos encantados. Lembrem-se de que estas mesmas aventuras já fizeram a alegria das crianças de muitas nações. Peçam aos seus papás todos os livros da Coleção Infantil da Livraria do Globo. (As aventuras do Avião Vermelho, 1936)

O texto é destinado às crianças leitoras da coleção, evidenciando que os editores apelavam ao interesse infantil para vender os livros da *Biblioteca de Nanquinote*. Essa poderia ser considerada uma importante estratégia para convencer os pais e os responsáveis a comprar os livros da Livraria e Editora do Globo, uma vez que, com as crianças pedindo um livro, que poderia garantir uma “boa formação”, os pais estariam não só agradando às crianças, como também garantindo-lhes conhecimento. E, destaca-se, o apelo para a ideia de que estariam comprando para seus filhos livros de boa qualidade, que já teriam “feito a alegria das crianças de muitas nações”.

O título da história assume papel de destaque junto à ilustração da capa. O uso das palavras aventuras e avião denota sentido de movimento, o que é bastante propício, visto se tratar de uma obra destinada, potencialmente, a crianças pequenas no início do processo de alfabetização. Note-se, também, que o título se refere ao avião vermelho e não ao menino personagem principal da narrativa, Fernando: o livro recebido do pai e o avião vermelho de brinquedo em associação permitem à imaginação do menino criar as aventuras sugeridas.

Essa primeira obra de Veríssimo, destinada às crianças pequenas que estão iniciando o processo de alfabetização, como registra a casa editora, conta como o menino Fernando ganha de seu pai, à guisa de prêmio por seu bom comportamento, um livro intitulado “Aventuras do Capitão Tormenta”. Ao se interessar pela história, a criança pede ao pai um avião de brinquedo, semelhante ao da história, e, com ele, passa a conhecer o mundo em companhia do Urso Ruivo e do Negro Chocolate, personagens que ganham vida em suas viagens fantásticas pelo mundo.

Dessa forma, o menino foge de uma realidade solitária, pois é filho único, não parece ter amigos e vive restrito ao seu círculo familiar.

A primeira página do livro traz a descrição da personalidade de Fernando:

Ele se chamava Fernando. Era um guri muito gordo. Gordo e travesso. Travesso e brigão. Ninguém em casa podia com a vida dele. Fernando pisava no rabo do gato. Jogava água quente no cachorro. Atirava pedra nas galinhas. Fazia o diabo. Era respondão. Gostava de arranhar a cara da cozinheira e de botar a língua para as visitas. (VERÍSSIMO, 1936, p. 01)

Inteligente, Fernando busca compreender a lógica do povo que visita, para conseguir escapar de algumas situações desfavoráveis. Um bom exemplo é o momento em que viaja para a Lua e, lá, vai a uma sorveteria, sempre em companhia de seus amigos aventureiros.

Os três começaram a olhar para os lados e viram uma tabuleta numa casa. Dizia assim: SETEVROS. O capitão leu mas não entendeu. Depois se lembrou de que na lua tudo devia ser de trás para diante e viu que o que estava escrito na tabuleta era sorvetes. (VERÍSSIMO, 1936, p. 10)

Em outro momento da narrativa, Fernando pergunta ao pai onde ficam países distantes e com uma cultura bastante diferente daquela que vivenciava, além de contar ao pai seu desejo de “viajar de avião”:

Papai, - pediu Fernando, - me mostra onde fica a China.  
 Papai mostrou com o dedo no globo.  
 - Fica aqui.  
 - E a Índia?  
 Papai também mostrou um lugar encarnado.  
 - E o Brasil?  
 O dedo do pai parou em cima duma mancha amarela.  
 -Si aqui é o Brasil, papai, onde é que nós estamos?  
 Papai apontou para um pontinho preto, pequenininho, onde estava escrito o nome duma cidade.  
 -Nós estamos aqui.  
 Fernandinho espichou os olhos e disse:  
 -Não vejo nada. Não vejo o senhor. Não vejo a nossa casa, o nosso gato...  
 -Tu és muito bobinho!  
 -Papai, - disse Fernandinho com voz tremida – eu tenho tanta vontade de viajar de avião... (VERÍSSIMO, 1936, s.p.)

O desejo de “viajar de avião” sugere a vontade de conhecer outras terras, outros povos, outros modos de vida, e o avião parece encerrar esse conceito de viagens longas, para lugares distantes. Contudo esse aprendizado sobre outros lugares e povos, até mesmo quando o menino imagina a lua, acaba por provocar mudanças internas na criança, antes tão distante do ideal de comportamento infantil.

Fernando vai se tornando um viajante imaginativo, conhecedor de diferentes povos, à medida que vivencia diferentes aventuras. Seu comportamento se modifica no decorrer da

história e das aventuras que lê e imagina. Ao final, o menino está mudado, apresentando ações e comportamentos que refletem uma criança bem-educada.

Não há na narrativa criada por Veríssimo um oponente ou um adversário a ser enfrentado. Trata-se da superação de um obstáculo interno, vencido pela mediação dos livros. A agressividade e o desassossego são transformados em gentileza e tranquilidade.

Em *Aventuras do avião vermelho*, é Fernando quem conduz as aventuras fantásticas, uma vez que o centro da narrativa é o personagem menino. A imaginação da criança permite e comanda as aventuras, cria os perigos e soluciona os problemas. Contudo sua condição de criança advinda de uma família de classe média brasileira não é alterada.

Por meio da história *Aventuras do Avião Vermelho*, Veríssimo indica uma diferenciação entre o “mundo das crianças” e o “mundo dos adultos” quando escreve: “Menino mau! Dei-te este avião ontem e já espatifaste todo o coitadinho! Olha só! Está atirado na lareira como um brinquedo velho...”. “Fernandinho compreendeu tudo, Papai não sabia da aventura” (VERÍSSIMO, 1936, p.42). Outro momento em que essa diferenciação fica clara é no seguinte trecho: “- Papai – disse Fernandinho com voz tremida – eu tenho tanta vontade de viajar de avião... Papai passou a mão pelos cabelos do filho. – Pois sim, meu querido, quando ficares grande poderás entrar num avião” (VERÍSSIMO, 1936, p.9), porém o menino acabara de perceber que era grande demais para pilotar o avião vermelho como fazia o Capitão Tormenta: “Não, papai, eu acho que só posso entrar no avião quando ficar pequeno. Papai não compreendeu...” (VERÍSSIMO, 1936, p.10). Dessa forma, ficam bem caracterizados os diferentes entendimentos de Fernando e de seu pai sobre o “problema do tamanho” referido a cada personagem: a criança e o adulto.

Esse impasse só é resolvido quando a imaginação entra em cena e o menino usa a lente de aumento do pai para conseguir o efeito contrário e diminuir objetos e a si próprio. E, assim, o menino travesso consegue caber no seu avião vermelho e viajar em sua imaginação até ser interrompido por seu pai, que não entende as aventuras do filho. Nessa perspectiva, o acesso ao livro de histórias promove uma possibilidade de fuga para a criança, caracterizada, de início, como solitária.

A leitura da história revela, igualmente, uma estratégia do autor que objetiva criar um sentimento de proximidade com seus leitores, recorrendo a trechos em que fala diretamente ao leitor, como se fosse um amigo: “Não estava ninguém na varanda. Só o nosso amigo gordo e brigão. Então a môsca começou a falar com vozinha muito fina” (VERÍSSIMO, 1936, s.p.). E dessa conversa inusitada surge uma lição:

\_ Eu sou muito grande, não cabo no avião.

A mosca se retorceu de riso - quá, quá, quá! – porque Fernandinho falou errado. Era uma mosca muito instruída, que sabia gramática.

\_ Não diga *cabo*, capitão. Diga, *caibo*.

\_ Pois é isso mesmo, - retrucou Fernandinho. – Eu não caibo no avião.

A mosca soltou outra risada e disse:

\_ Sim, o senhor é mesmo inteligente, por que não descobre uma cousa que faça a gente ficar pequeno? (VERÍSSIMO, 1936, s.p.)

Alguns livros da coleção *Biblioteca de Nanquinote* integraram o programa de livros para a infância na escola, em coedição da Editora do Globo e do Instituto Nacional do Livro<sup>193</sup>, criado em 1937, conforme pesquisa realizada por Rosa (2013). É o caso do livro *Rosa Maria no Castelo Encantado*. O livro escrito por Veríssimo e com selo da Livraria e Editora do Globo foi lido na Hora Infantil da estação de rádio da Diretoria de Educação de Adultos e Difusão Cultural (PRD-5 e PRA-2), do Ministério da Educação, como pode ser observado na edição do *Jornal do Brasil*<sup>194</sup>. Nesse mesmo periódico, é publicada uma carta<sup>195</sup>, na qual uma criança indica a leitura realizada por sua professora, *Branca de Neve e os 7 anões* e outra realizada sozinha - *Rosa Maria no Castelo Encantado*, ambas muito apreciadas e elogiadas pela pequena leitora.

Outro periódico a publicar um texto crítico sobre a história da menina Rosa Maria foi o *Beira-Mar: Copacabana, Ipanema, Leme*, de 19 de dezembro de 1936. Em comentário de Albertus de Carvalho, o escritor Veríssimo é caracterizado como um respeitado autor de histórias infantis, procuradas pela “gurizada estudiosa, amante das histórias sãs e instructivas”. A partir dessa crítica, fica clara a intenção moralizante e instrutiva como uma das qualidades almeçadas para as histórias destinadas aos leitores infantis.

*Rosa Maria no Castelo Encantado* consiste no terceiro livro da coleção e teve tiragem inicial de 5.500 exemplares. Com dimensões físicas, que, entre outras características, o enquadram como livro da *Biblioteca de Nanquinote*, a obra conta a história de uma menininha curiosa e muito inteligente.

Em uma primeira visada sobre a capa de *Rosa Maria no Castelo Encantado*, percebem-se protocolos de leitura que, comumente, se inscrevem nesse espaço, como o nome do autor, o título da narrativa e uma ilustração. A capa foi ilustrada por Nelson Boeira Faedrich e mostra a

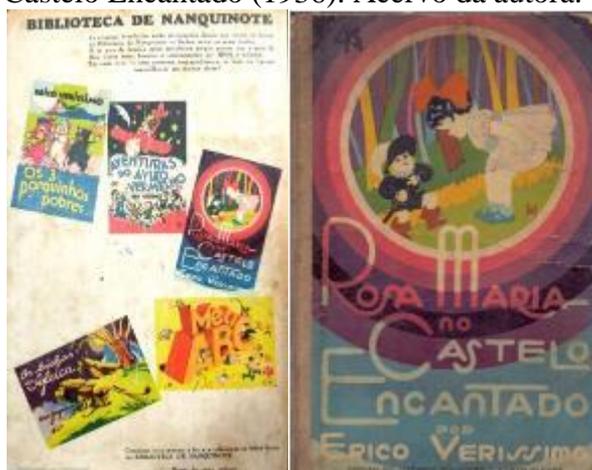
<sup>193</sup> O Instituto Nacional do Livro foi criado em 1937, tendo como uma das atribuições a edição de obras literárias julgadas de interesse para a formação cultural da população, além da elaboração de uma enciclopédia e um dicionário nacionais, e a expansão, em todo o território nacional, do número de bibliotecas públicas. No período que coincide com Vargas exercendo a presidência do país, aconteceram grandes avanços em relação à produção e à circulação do livro literário. [Fonte: CPDOC. A Era Vargas: dos anos 20 a 1945. Diretrizes do Estado Novo (1937-1945) – Instituto Nacional do Livro. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/INL>]

<sup>194</sup> Datado de 18 de março de 1937, página 21.

<sup>195</sup> Edição de 1 de janeiro de 1939, página 2 – Seção Livro Aberto às Crianças.

menina Rosa Maria, de vestido rosa e laçarote na cabeça, conversando com um gnomo no que parece ser uma floresta. Esses elementos localizam-se no centro da página, dentro de círculos em tons *degradê* que vão do roxo mais escuro até o rosa mais claro, como se o leitor observasse a cena através de um “olho mágico”. A quarta capa ou contracapa desse livro é idêntica à da obra *Aventuras do Avião Vermelho*.

Figura 75 - Capa do livro Rosa Maria no Castelo Encantado (1936). Acervo da autora.



A folha de rosto, comum a todos os livros da coleção, apresenta uma ilustração característica. No centro, em um retângulo delimitado por personagens de histórias infantis, encontram-se protocolos de leitura também presentes na capa - título, autor – e outros como ilustrador e selo editorial. Ao redor desse retângulo, observa-se o nome da coleção em cubos coloridos entre figuras de outras histórias infantis. Quanto ao enredo, focalizam-se as descobertas da criança enquanto visita um castelo mágico, não existe um vilão a ser vencido no final, e o narrador oferece ao leitor uma distinção entre o mundo dos adultos e o mundo das crianças, usando o elemento mágico para indicar como somente as crianças conseguem visualizar seu mundo fantástico, ao contrário dos adultos, que veem tudo de maneira normal.

Ao iniciar a leitura da terceira história da *Biblioteca de Nanquinote*, o leitor depara-se com uma página dividida em três partes. Ao centro, está o texto verbal, do lado esquerdo, é possível visualizar um homem em trajes elegantes observando um prédio de três andares azul, com sacadas. Do lado direito, vê-se a imagem da pequena menina Rosa Maria em uma estrada, ao pé de um monte encimado por um castelo colorido, em uma clara referência à divisão entre o fantástico e o real. A entrada da menina Rosa Maria no castelo do mágico e na floresta encantada é uma possibilidade, estendida também às crianças leitoras, de acesso a um mundo

mágico, liberando a fantasia, em um tempo de contos de fadas. Mais uma vez, o leitor acompanha as descobertas de uma criança mediadas por um livro e pela fantasia.

Ao se comparar os livros *Aventuras do avião vermelho* e *Rosa Maria no castelo encantado*, notam-se as diferenças de comportamento entre suas personagens principais. No primeiro livro, o menino Fernando é uma criança descrita como “brigona”, até mesmo mal-educada, enquanto na história de Rosa Maria, a pequena menina é doce e muito carinhosa, e, apesar de emitir sua opinião, o faz de forma educada e gentil.

Figura 76 – Primeira página da história de Rosa Maria no Castelo Encantado. Acervo da autora.



A menina representada é de classe média, branca, de biotipo gordo, bonita, e, apesar de só ter um ano de idade, fato que poderia dificultar a aceitação do texto por seus leitores, consegue manipular a realidade ao redor, como expresso no trecho:

-Nós queremos entrar nessa floresta encantada!  
Fiquei de boca aberta. Respondi:  
-Mas senhorita, a floresta fica muito longe... Precisamos muitos dias para chegar lá.  
Rosa Maria e as bonequinhas desataram a rir.  
-Que homem bobo! – disseram. - A floresta encantada está tão pertinho... E apontaram para o livro. Fiquei muito encabulado. Eu era mágico e não tinha reparado naquilo! A floresta estava mesmo ali pertinho dos nossos narizes, no livro... (VERÍSSIMO, 1936b, s.p.)

Nesta história, como forma de se aproximar ainda mais dos leitores, Erico Veríssimo utiliza o mágico como narrador e fala diretamente aos leitores.

Quando Rosa Maria viu estava lá em cima.  
Eu abri a porta e disse: pode entrar, senhorita Rosa Maria. Eu sou o mágico e o meu castelo é todo da senhora.

- Ungú! Ungú! - respondeu ela. Eu também compreendo a língua dos nenês. Queria dizer isto: “Homem, eu gosto de ti. Quero ficar na tua casa”. (VERÍSSIMO, 1936b, s.p.)

A conversa com os leitores e a alusão a outros livros parecem ser ações estruturantes dos livros infantis de Veríssimo.

As duas histórias de Veríssimo que apresentam como personagens principais crianças, de certa forma, depositam no objeto livro um *status* de liberdade, quando o mostram como o responsável por apresentar novas aventuras para crianças que poderiam estar solitárias, e como possibilidade de adquirir novos conhecimentos acerca de diferentes países e culturas, servindo também como difusoras de conhecimentos acerca de outras sociedades. Esse contato com o mundo literário permitiria o distanciamento do real e a utilização da imaginação criadora.

Acerca da possibilidade de conhecer outros lugares e culturas, da sensação de liberdade que os livros podem proporcionar, não é raro encontrar nas narrativas de Veríssimo, sejam elas destinadas às crianças ou a adultos, trechos em que o livro é um meio de fugir da própria realidade e experimentar novas sensações<sup>196</sup>. Michel de Certeau e Michèle Petit discutem tal sentimento de fuga, e ao mesmo tempo, de liberdade: “Os leitores são viajantes; circulam em terras alheias; são nômades que caçam furtivamente em campos que não escreveram” (CERTEAU, 2000, p. 190). Ao lerem, os sujeitos podem elaborar “um espaço onde não dependa dos outros. Um espaço que lhe permita delimitar-se, [...] desenhar seus contornos, perceber-se separado, distinto do que o cerca, capaz de um pensamento independente” (PETIT, 2013, p. 42).

## 4.2 As fábulas de Veríssimo

Veríssimo escreveu quatro livros em que os personagens principais são animais - *Os 3 porquinhos pobres* (1936), *O Urso com música na barriga* (1937), *A Vida do Elefante Basílio*

---

<sup>196</sup> Um bom exemplo a respeito dessa caracterização da literatura como prática de afastamento de uma realidade incômoda são os livros que apresentam a personagem Clarissa e sua história. As obras *Clarissa* (1933), *Música ao Longe* (1935), *Um lugar ao Sol* (1936) e *Saga* (1940) narram momentos da vida de Clarissa desde sua adolescência, quando estudava para ser professora, até sua vida adulta, já exercendo a profissão. Dessa forma, o escritor, indica as leituras da jovem menina, escondidas da tia, em uma tentativa de se desligar da realidade que vivenciava, até as leituras realizadas pela jovem professora, que, além de ler romances, escrevia em seu diário sobre as práticas empregadas no ambiente escolar, com as quais não concordava. Acerca das práticas de leitura da jovem Clarissa, foram apresentados dois artigos em congressos da área, o primeiro no Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, e o outro no Congresso Iberoamericano de História da Educação [Fonte: CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Clarissa, a professora-leitora de Erico Veríssimo: representações da docência (1933-1940)*. Anais do Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2020. e CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Representações de uma jovem normalista em Clarissa, de Erico Veríssimo (1933)*. Anais do Congresso Iberoamericano de História da Educação, 2020]

(1939) e *Outra vez os Três Porquinhos* (1939). Tais obras poderiam ser classificadas como fábulas, que correspondem a uma narração alegórica, curta, encerrando uma lição de moral, cujos personagens são animais.

No plano clássico, a fábula possui uma finalidade educacional. Nesse sentido, Câmara Cascudo defende que os “Contos de Animais” “são as FÁBULAS clássicas nas quais os animais vivem o exemplo dos homens. [...] Nenhuma estória de animal independe do critério ético, repressor e moral” (CÂMARA CASCUDO, 2006, p. 310). Um destacado representante, no Brasil, desse gênero foi Monteiro Lobato, criando tanto fábulas originais como outras a partir daquelas escritas por Esopo<sup>197</sup>. Lobato contribuiu ainda com o campo, por utilizar linguagem característica e animais da fauna brasileira, o que aproximava seus leitores da cultura que lhes era própria. Veríssimo pode ter se inspirado no estilo de escrita de Lobato, a fim de criar suas histórias da *Biblioteca de Nanquinate*, incluindo características brasileiras às personagens. Contudo os elementos que faziam sucesso nas histórias e nos filmes de Walt Disney começavam a chegar à população brasileira e, também, estão presentes nas criações do escritor gaúcho.

Nesse viés, *Os 3 porquinhos pobres* é o primeiro livro de Veríssimo, na *Biblioteca de Nanquinate*, a utilizar animais com atitudes e características humanas, além de apresentar ensinamentos morais e comportamentais. A narrativa, que integrou a lista de livros aprovados e recomendados pela Comissão Nacional de Literatura Infantil, conta a história de três porquinhos que vivem em um chiqueiro, junto a outros animais do lugar. Eles começam a questionar a vida, uma vez que não conhecem outro espaço a não ser aquele chiqueiro e o quintal além dele. De repente, o irmão mais velho tem a ideia de fugir do chiqueiro, e os três porquinhos saem pelo mundo, vivendo aventuras.

---

<sup>197</sup> Esopo (620-560 a.C.) viveu na Grécia Antiga e escreveu histórias que envolviam animais personificados. Entre suas fábulas estão: A raposa e as uvas, A cigarra e a formiga, A tartaruga e a lebre. Todavia suas fábulas não se destinavam às crianças, mas à reflexão e ao deleite dos adultos. [Fonte: FARENCENA, Gessélda Somavilla. Fábulas de Esopo e Millôr Fernandes: uma análise contextual. *Linguagens & Cidadania*, 13(1). 2017. doi: <https://doi.org/10.5902/1516849228038>]

Figura 77 - Capa do livro  
Os três porquinhos pobres,  
1936. Acervo da autora.



Com capa cartonada, lombada em tecido e o miolo com 30 páginas, o livro *Os 3 porquinhos pobres*, a exemplo dos demais livros da coleção, tem sua filiação à *Biblioteca de Nanquinote* indicada nas páginas pré-textuais. Somando 29.500 exemplares em quatro impressões (CHAVES, 1972), indica um diálogo mais intenso do autor com seu público infantil.

O próprio Erico Veríssimo afirmou na apresentação da compilação de suas histórias infantis, *Gente e Bichos* (1956), que procurava incluir elementos do cinema em suas histórias. Há, portanto, uma referência clara na história sobre o filme da Disney “Os três porquinhos”. Na narrativa ficcional de Veríssimo, os três irmãos fugitivos encontram um cinema, que exibia o filme “O LOBO MAU. As aventuras dos 3 ‘LEITÕEZINHOS’ de Walt Disney” (VERÍSSIMO, 1936, p. 17), que contava também com a presença da Chapeuzinho Vermelho, que, na versão de Erico Veríssimo, é salva pelo porquinho mais trabalhador e corajoso. Outra menção a personagens da literatura mundial surge na figura de um tatu preso por questões políticas, seu nome era “Conde de Monte-Cristo”<sup>198</sup>, em alusão à história de Edmond Dantès, preso, injustamente, na França.

O final da história repete o espaço inicial, com os porquinhos vivendo em um chiqueiro, recebendo as visitas e ouvindo as histórias contadas pela menina de chapéu verde, a quem confundiram com Chapeuzinho Vermelho.

<sup>198</sup> Edmond Dantès, um audacioso, mas ingênuo marinheiro, é vítima de um complô e acaba preso sob falsa acusação de ser espião de Napoleão Bonaparte, em 1815. Após 14 anos na prisão do Castelo de If, Edmond consegue fugir, angariando uma grande fortuna, devido à ajuda do vizinho de cela, o preso político abade Faria, que lhe indicou o local do tesouro do Cardeal Spada, além de tê-lo educado por vários anos sobre diversas artes e ciências. Mesmo com dúvidas, Edmond investe na aventura e torna-se milionário, criando uma grande teia para se vingar dos seus inimigos. [Fonte: DUMAS, Alexandre. *O Conde de Monte-Cristo*. São Paulo: Martin Claret Editora, 2017.]

Se a mesma história fosse contada com crianças em papéis principais poderia ser considerada inadequada. Deste modo, a escolha do autor por porquinhos que fogem do lugar onde vivem para conhecer outros espaços em busca de aventuras, parece ser uma postura conservadora. Utilizando animais, o escritor minimiza o risco de o livro ser conceituado como impróprio e ainda garante a empatia dos leitores, além do apelo que a semelhança com personagens conhecidos da história de Walt Disney, lançada em 1933, ofereceria.

*O Urso com música na barriga* foi publicado no ano de 1937 pela Livraria e Editora do Globo e integra a *Biblioteca de Nanquinote* como o sétimo livro da coleção. Ilustrado por John Fahrion, também possui capa cartonada, lombada em tecido e 27 páginas. A primeira impressão foi robusta, se comparada aos outros livros da coleção, 11.500 exemplares.

Figura 78 - Capa do livro *O urso com música na barriga*, 1938. Acervo da Biblioteca Pública de Porto Alegre.



Na narrativa, Veríssimo cria uma personagem que representa a criança em sua menoridade, ela, porém, conseguiria solucionar as próprias dificuldades. Habitante do Bosque Perdido, espaço povoado por diferentes animais que vivem, harmoniosamente, junto a seu núcleo familiar: seu pai - o Urso Pardo, sua mãe e o irmão - o Urso-Maluco. Este, ao descobrir que seus pais planejam pedir outro bebê à cegonha, antecipa-se e escreve uma carta pedindo que seja um irmãozinho com música na barriga. Pedido atendido, a nova criança chega à casa da família, e, além de não ser uma menina, como a mãe desejava, tinha mais uma surpresa para os pais, o bebê não chorava, mas tocava uma suave música. Conforme foi crescendo, a família percebeu que o filho mais novo não falava, só tocava muitas músicas, de acordo com o seu humor.

Um dia, querendo brincar com o irmão mais velho, o Urso-Maluco, o pequeno Urso-com-Música-na-Barriga, viu-se levado para longe da família, em apuros e perdido. Nesse momento, o leitor pode ser colocado diante de uma possível situação de rejeição, pois o irmão mais velho “abandona” o Urso-com-Música-na-Barriga. Tratava-se de uma tentativa de o escritor representar o ciúme que o irmão mais velho sente pelo mais novo. Contudo esse sentimento é superado no decorrer da história, por meio do amor-próprio e da força de vontade do pequeno urso, que, depois de fugir e ser reconhecido pela lua, é levado de volta para casa de sua família, onde o irmão mais velho promete nunca mais criar brincadeiras tão perigosas.

Outra possibilidade de interpretação dessa história é a convivência com alguém com alguma diferença, e a aprendizagem necessária para se conviver e se respeitar a diferença. Como o pequeno urso não falava e se comunicava apenas por meio das músicas, a história criada por Veríssimo sugere a reflexão sobre o convívio com pessoas com deficiência. Por muito tempo, prevaleceu a ideia de que pessoas com deficiência precisavam ser isoladas da sociedade e se tornar dependentes de outros próximos a elas, cuja ênfase estava em suas limitações. Imaginar uma criança que não pode falar, na história representada pelo pequeno urso, conseguindo resolver problemas e voltar para casa, não era, pois, muito comum.

Erico Veríssimo, ao optar por narrar a história de superação do ursinho que não podia falar, e que, mesmo assim, conseguiu fugir de uma situação perigosa, sugere que uma diferença em relação aos outros não o impediu de reencontrar sua família. Além disso, seu irmão mais velho aprendeu que não deveria criar brincadeiras tão arriscadas ou colocar seu irmão menor em situações perigosas, indicando uma redenção com relação aos ciúmes e à inveja que sentia do pequeno Urso-com-Música-na-Barriga.

A postura do escritor, na escrita de *Os três porquinhos pobres*, não difere tanto daquela assumida ao criar a história do Urso-com-música-na-barriga, uma vez que a mesma história com dois irmãos humanos poderia não ser considerada pertinente à leitura por crianças pequenas.

Outro livro que apresenta características das fábulas é *A Vida do Elefante Basílio*, publicado em 1939.

Figura 79 - Capa do livro *A vida do Elefante Basílio*, 1938. Acervo da Biblioteca Pública de Porto Alegre.



A história de Basílio começa em Bengala, na Índia, onde nasce um elefante descendente do casal de elefantes da Arca de Noé. Quando adulto, o elefante é capturado e exposto em um zoológico. Vendido para um circo português, recebe o nome Basílio e viaja ao Brasil. Sua apresentação no picadeiro é um sucesso, mas acontece um incêndio no circo e o elefante se torna herói ao salvar um menino. O pai do menino Gilberto, muito grato por Basílio ter salvado seu filho, compra o elefante e o leva para casa no subúrbio do Rio de Janeiro. Basílio aprende a falar português, mas fica muito triste, pois seu grande sonho é virar borboleta. Esse desejo da personagem de se tornar outro animal sugere a grande insatisfação de Basílio consigo mesmo e com sua vida.

Nessa história, os principais temas são a importância das relações afetivas e o desejo de liberdade, representado pela ideia das asas que o elefante tanto deseja, e que poderiam levá-lo para qualquer lugar. Veríssimo também acaba por debater, mesmo que de forma sutil, questões pertinentes à depressão, quando a personagem elefante Basílio fica muito triste por não ser livre.

Ao conseguir as asas que tanto desejava, Basílio se transforma em um ser híbrido, um elefante com asas de borboleta, o que não satisfaz o desejo do elefante. Ao retornar para seu círculo familiar, esta acaba sendo consagrada como um ambiente seguro para as crianças, e o texto assume um tom normativo, indicando comportamentos tidos como corretos e esperados pela família.

O livro apresenta como novidade a inserção de um sumário composto por 13 títulos. O primeiro título é: *Que é biografia?* Na página correspondente, o leitor verifica que

Biografia é a história da vida duma pessoa, dum animal ou duma coisa. Esta história que vocês estão lendo conta a vida do Elefante Basílio; logo, é uma biografia” Em

geral a gente só conta a vida dos homens importantes, dos santos, dos exploradores, dos generais, dos reis, dos inventores, dos artistas, etc... Por que é, então, que eu estou aqui contando a história da vida dele? A razão é simples: o elefante Basílio tem uma vida cheia de aventuras. O elefante Basílio é um amigo sincero. O elefante Basílio é, enfim, o tipo do herói esquecido. Estou certo de que vocês vão acabar apaixonados pelo elefante Basílio. (VERÍSSIMO, 2003, p.5)

Em trechos da história, a ilustração de uma página sangra na página seguinte, ignorando o limite da dobra das folhas. Desse modo, a página dupla se mostra como um campo privilegiado de registro e expressão para os ilustradores.

Figura 80 – Páginas internas do livro *A vida do Elefante Basílio*, 1938. Acervo da Biblioteca Pública de Porto Alegre.



O outro livro publicado em 1939 foi *Outra vez os Três Porquinhos*, três anos após a primeira aventura com os protagonistas que viviam em um chiqueiro. A nova tentativa de Sabugo, Salsicha e Linguicinha de escaparem da ceia de Natal como o prato principal os faz sair pelo mundo, quando encontram um romance, *Os três Mosqueteiros*<sup>199</sup>, de Alexandre Dumas, lido pelo mais velho dos três irmãos, Sabugo, para os demais. Fascinados pela coragem dos personagens de Dumas, os porquinhos decidem se tornar mosqueteiros também.

<sup>199</sup> Romance histórico escrito pelo francês Alexandre Dumas, também chamado de romance de capa-e-espada. Inicialmente, foi publicado como folhetim no jornal *Le Siècle* de março a julho de 1844. Foi publicado, como livro, ainda em 1844 pelas Edições Baudry e reeditado em 1846. O livro narra a história de um jovem de 20 anos que vai a Paris buscando se tornar membro do corpo de elite dos guardas do rei, os Mosqueteiros do Rei. Junto a três outros mosqueteiros, procuram proteger o rei da França e sua esposa, a rainha

Figura 81 - Capa do livro *Outra vez os Três Porquinhos*, 1939. Acervo da autora.



Os três saem pelo mundo e encontram o Gato-Pingado, que se junta aos irmãos para formarem o quarteto de mosqueteiros, como na clássica história de Dumas. Os quatro ainda salvam a Gata-Fulva de um sequestro e, como forma de recompensa, seu pai, o Rei Félix I, a oferece em casamento ao gato mosqueteiro, em clara alusão às histórias de heróis que se casam com a donzela que acabaram de salvar.

Esse livro tem uma diferença de estrutura com relação aos primeiros livros da *Biblioteca de Nanquinote*. Enquanto os primeiros são compostos por um texto sem interrupções, apenas com as imagens para torná-lo mais fluido ao leitor infantil, *Outra vez os 3 porquinhos* é dividido em nove capítulos intitolados: *Isto é que é vida boa!*, *Véspera de Natal*, *Os três Mosqueteiros*, *A Vaca-Fria perdeu o sono*, *A primeira aventura*, *De capa e espada*, *A hospedaria misteriosa*, *A Cidade Errada* e *Na hora da Onça beber água*.

A criança leitora poderia se identificar com os três porquinhos por esses apresentarem características consideradas infantis: brincam, gostam das histórias de Walt Disney, são corajosos. Os porquinhos saem do seu primeiro chiqueiro, porque tinham medo de acabar assados e, ao encontrar um novo lar, se sentem felizes. Contudo o final dos dois livros sobre os três irmãos – *Os três porquinhos pobres* e *Outra vez os três porquinhos* - permite inferir que, quando a situação não agrada mais, os porquinhos podem sair novamente à procura de um novo espaço em busca da perspectiva de felicidade. O mesmo acontece nas outras obras escritas por Veríssimo, uma vez que o menino Fernando vive aventuras bem empolgantes e é bem-sucedido em todas elas; a menina Rosa Maria ganha autonomia ao participar das aventuras no livro do mágico; o Urso-com-Música-na-Barriga supera uma situação adversa graças à sua própria ação; o elefante Basílio procura aquilo que o fará feliz. Curioso notar como as

personagens consideradas, em um primeiro momento, mais frágeis conseguem encontrar uma forma de superação de desafios e obstáculos, o que nos remete ao conceito de tática<sup>200</sup> formulada por Michel de Certeau (2005).

Na maioria das histórias, excetuando-se *O urso-com-música-na-barriga* e *Os três porquinhos pobres*, a ruptura ocorre, principalmente, por meio de um livro ou de sua leitura. Esta tópica é mobilizada pelo autor como motivadora das personagens à ação e a mudanças de comportamento, por apontar para atitudes exemplares, em que a aventura é o caminho de novas descobertas. O livro pode ser recurso utilizado por um adulto, um objeto de leitura e prazer, um objeto de conhecimento, é por meio da figura do livro e do manuseio, porém, que suas histórias ganham ação.

Nesses seis primeiros livros, o diálogo do narrador com o leitor é constante, isto é, o leitor sendo chamado a participar e emitir sua opinião sobre o desenrolar das narrativas. Outro aspecto a ser considerado diz respeito à representação do adulto como alguém que tenta impor sua visão de mundo às crianças, com exceção do mágico da história de Rosa Maria, ao permitir e incentivar que a menina e seus novos amigos vivessem uma nova experiência e buscassem novas aventuras. Os elementos fantásticos aparecem, portanto, em todas as narrativas.

#### 4.3 O livro mais raro de Erico Veríssimo, *Meu ABC*

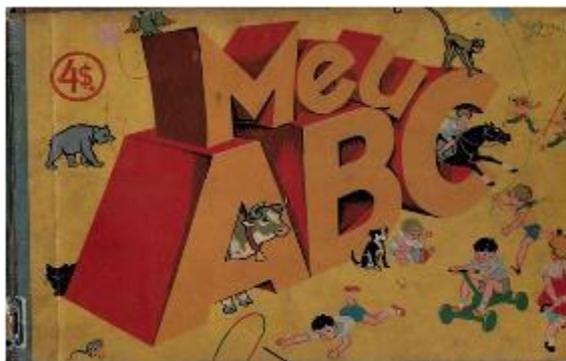
Em *Um certo Henrique Bertaso* (2011, p. 44), Veríssimo afirma: “Escrevi para essa série **seis** estórias que apareceram entre 1936 e 1937” [grifos da autora]. O escritor alude a seis livros que foram escritos e compuseram a *Biblioteca de Nanquinote*. Entretanto foram escritas e publicadas sete obras suas na coleção. Neste sentido, é importante lembrar que *Meu ABC* tem como autor identificado o boneco Nanquinote; Veríssimo seria somente o escriba das histórias.

Nas produções destinadas à alfabetização das crianças, *Meu ABC* (1936), escrito por Veríssimo, mas assinado pelo boneco Nanquinote, e *O Batalhão das Letras* (1947), de autoria de Mario Quintana, tem-se capas cujas ilustrações indicam o conteúdo da obra. No caso do livro *Meu ABC*, personagens das pequenas histórias que introduzem as letras do alfabeto surgem entre as letras que formam o título do livro. O nome do autor não é registrado, porém o valor de venda surge no canto superior esquerdo.

---

<sup>200</sup> De acordo com a perspectiva certeuniana, as táticas são apresentadas como ações de desvio, que geram efeitos imprevisíveis. Elas resultam das astúcias e das capacidades inventivas de cada indivíduo, enquanto que as estratégias estão próximas do sujeito detentor de algum tipo de poder. [Fonte: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2005].

Figura 82 – Capa do alfabetário Meu ABC (1936). Acervo da Biblioteca Lucília Minssen.



No livro, a folha de rosto presente também nas outras obras da coleção assume uma nova diagramação, respeitando a edição do alfabetário, que foi impresso no formato horizontal ou “à italiana”, assim como o livro escrito por Mario Quintana, *O Batalhão das Letras*, também impresso no formato “à italiana”. É essa folha de rosto uma das responsáveis por identificar os 20 livros como integrantes da *Biblioteca de Nanquinote*, trazendo aspectos relacionados às histórias e a outras informações que não constavam das capas. Outra informação localizada é relativa às cidades nas quais a Livraria e Editora do Globo possuía representações, nesse caso, Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo.

Figura 83 - Apresentação da Biblioteca de Nanquinote no alfabetário Meu ABC, de Erico Veríssimo, 1939. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen.



Na *apresentação* dos livros, destaca-se que esse projeto editorial não era direcionado para todas as crianças, ainda que o “calunga” fosse amigo de “todas as crianças do mundo”, mas para as “crianças brasileiras”, conforme é indicado pelo autor do texto de apresentação. Verifica-se, pois, a intenção de disseminar os livros por todas as regiões do Brasil.

O livro *Meu ABC* é ausente dos acervos particulares e das bibliotecas e desconsiderado pelos estudos acadêmicos. Contudo, teve uma interessante acolhida entre o público, totalizando uma tiragem de 27.500 exemplares em nove anos. Se considerarmos os demais títulos infantojuvenis de Erico Veríssimo publicados nesta década, alcançamos a soma de 194.500 exemplares publicados em 10 anos, e isso nos anos 30 do século XX em uma editora localizada no sul do Brasil. Sua primeira impressão foi no ano de 1936, com uma tiragem de 5.500 exemplares. Em 1940, teve a segunda impressão, com uma tiragem de 12.000 livros. A terceira e última impressão aconteceu no ano de 1945, com um total de 10.000 cópias.

Atualmente, as únicas cópias conhecidas estão sob a guarda da Biblioteca Lucília Minssen, no Setor de Raros da biblioteca pública na cidade de Porto Alegre (RS) e no Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos/ Centro de Memória e Acervo Histórico CEMAH/CRE Mario Covas/EFAP (SP)<sup>201</sup>, este último indicando que a obra foi utilizada em escolas de São Paulo.

*Meu ABC* possuía capa cartonada, lombada em tecido e formato paisagem, com dimensões 18,5 x 28 cm, amplas para a época, e 32 páginas, nas quais eram apresentados 25 vocábulos iniciados pelos grafemas da Língua Portuguesa em ordem alfabética e com pequenos textos narrativos. No miolo, identificam-se páginas impressas em frente e verso contendo uma ilustração e um texto relativo a uma letra do alfabeto, apresentadas nas diferentes grafias, maiúsculas e minúsculas.

---

<sup>201</sup> O Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos – AHECC - reúne documentos de caráter pedagógico e administrativo, sendo constituído por livros de registros de matrículas, frequência, notas de alunos, relatórios diversos, correspondências, ofícios, comunicados, folhas de pagamento, diplomas, trabalhos de alunos, dossiês de alunos e de professores, quadros didáticos, publicações comemorativas, brinquedos, periódicos nacionais e internacionais especializados, coleções de selos e moedas, fotografias, filmes, slides, plantas e projetos da construção do prédio. Também compõem o acervo peças de mobiliário escolar, como armários, mesas, escrivaninhas e cadeiras; utensílios e aparelhagem dos antigos laboratórios de Física e de Química, como animais taxidermizados, insetos conservados e modelos de órgãos do corpo humano, além de objetos do Museu Pedagógico, como peças de artesanato indígena, coleções de história natural, medalhas e troféus, vitrolas, projetores de filmes, instrumentos musicais. Os acervos da Biblioteca Infantil, de parte da Biblioteca Paulo Bourroul e da Biblioteca Pedagógica, formam o conjunto da Biblioteca do AHECC. A maior parte do Acervo é referente ao período de 1930 até 1969, contando, também, com documentos do final do século XIX e do início do século XX, num total aproximado de 44.000 itens.

Figura 84 - Página interna do alfabetário escrito por Erico Veríssimo. Apresentação da letra “A”. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen.



O texto para apresentação da letra “a” é curto:

O avião voa. O avião é vermelho. O céu é azul. O menino de calças azues aponta para o avião e diz: “Eu queria ter um brinquedo como aquele.” A menina de vestidinho amarelo diz que prefere ganhar uma boneca. Mas a sua irmãzinha de vestido vermelho com bolas brancas larga a boneca e estende os braços para o avião. É bem agradável viajar de avião. De lá de cima a gente vê panoramas muito bonitos. Pôrto Alegre, Rio, S. Paulo são cidades lindas vistas de um avião. (NANQUINOTE/VERÍSSIMO,1936, s.p.)

Nele, Veríssimo mostra crianças brincando na rua, em movimento. Meninas e meninos de diferentes idades brincam juntos e conversam sobre o que preferem ganhar. Podemos perceber, também, que o autor inclui sua opinião sobre viajar de avião no pequeno texto, sua visão sobre cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, além de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

As demais letras do alfabeto foram representadas por Bola, Cavalo, Dragão, Elefante, Flauta, Gato, Hipopótamo, Índio, Jornaleiro, Kágado, Lua, Macaco, Navio, Ovelha, Papagaio, Quadro, Rato, Sapo, Tambor, Urso, Vaca, Xadrez, Yacht, Zebra.

Figura 85 - Página interna do alfabetário escrito por Erico Veríssimo. Apresentação da letra “L”. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen.



A imagem assume uma relação indissociável do texto, uma vez que Veríssimo a descreve com detalhes e, por vezes, faz questão de mencioná-la, citando, inclusive, o ilustrador. O autor também procura apontar explicações de cunho científico, a fim de desmistificar crenças populares, como acontece no texto sobre a letra “l”, quando afirma que o povo acredita que vê, na Lua, São Jorge dominando um dragão, mas, na verdade, o que se vê são os vales profundos presentes em sua superfície. No entanto, mesmo tão preocupado em oferecer informações baseadas na ciência, o escritor se permitiu apresentar um ser mitológico com a finalidade de representar a letra “d”, um dragão.

Figura 86 - Página interna do alfabetário escrito por Erico Veríssimo. Apresentação da letra “D”. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen.

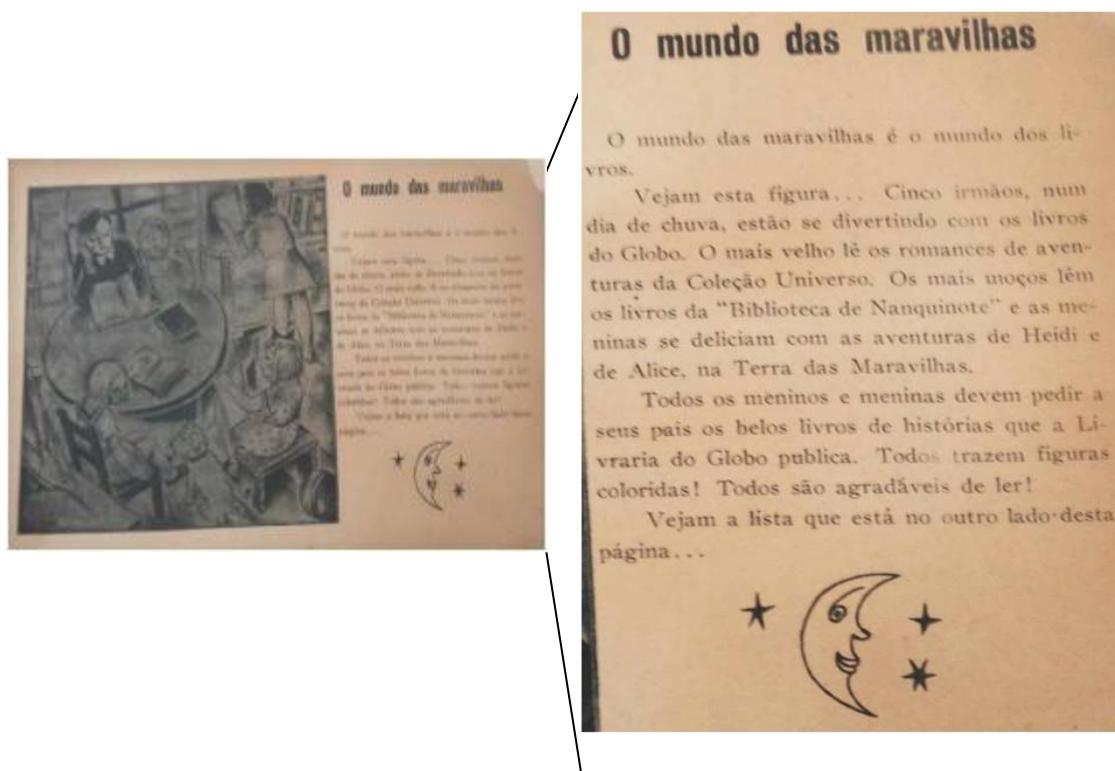


Veríssimo, primeiro, descreve o dragão como ele aparece na imagem. Em seguida, conta que esse personagem só aparece nos contos de fadas e, por isso, ninguém precisa sentir medo dele. Embora haja a presença de um personagem mítico, Veríssimo traz aspectos de realidade para explicar a sua existência.

As imagens estão localizadas ao lado do texto em todas as páginas do alfabetário. Se for legítimo que o seu significado e papel dependem do local onde estão impressas, conforme Chartier (1998), se tais imagens estivessem distantes do texto verbal, o leitor precisaria estabelecer uma operação complexa para compreender a relação entre texto e imagem. Dessa forma, a função da imagem associada ao texto verbal é sublinhada pela possibilidade de imagem e texto estarem tão próximos.

Ao final, o leitor encontra comentários do editor que registra propagandas dos livros publicados pela Livraria do Globo, estrategicamente, posicionadas, a fim de despertar o desejo de novas aquisições.

Figura 87 – Propaganda da Biblioteca de Nanquinote no alfabetário escrito por Erico Veríssimo. Acervo da Biblioteca Lucília Minssen.



A imagem impressa ao final do alfabetário mostra cinco crianças em um momento de leitura silenciosa, na intimidade do que parece ser um quarto, ao mesmo tempo podendo ser compartilhada, o que sugere sociabilidades relativas às práticas de leitura. O mobiliário permite apoiar os livros, mas também os corpos. Os personagens estão concentrados na leitura, enquanto uma menina mostra-se entretida com um cachorro, que parece ter interrompido seu momento de leitura. O texto que acompanha a imagem indica a existência de um tipo de coleção para cada faixa etária, e, além disso, há também uma distinção de gênero, posto que existem os livros que as meninas leem. Mais uma vez, há um apelo voltado às imagens coloridas associadas a histórias interessantes. Ainda, a nota editorial sugere que as crianças precisam pedir aos pais os livros da Livraria e Editora do Globo e, na página seguinte, visualiza-se uma lista com outros títulos que servem como indicação.

Merece nota a intenção do editor e da editora de convencer as famílias de que, ao adquirir os livros da coleção *Biblioteca de Nanquinote*, estariam garantindo uma boa formação para as crianças. A coleção e seu editor cumpririam, portanto, a função de “educar” os leitores, poupando-os do trabalho de selecionar as histórias que mereceriam ser lidas.

No caso de Veríssimo, em que o autor é também o editor das obras, os protocolos de leitura e de edição se confundem, visto que o criador do texto e de seus protocolos é também aquele que inclui no livro os direcionamentos a outras obras da mesma editora. Esse movimento

poderia ser entendido como uma autorreferenciação da obra infantil de Erico Veríssimo, o que também é chamado por autores como Marisa Lajolo de *metalinguagem editorial*<sup>202</sup>, uma linguagem de natureza marqueteira.

De modo geral, os livros infantis da Editora do Globo revelam um grande esforço de articulação entre texto e imagem, utilizando-se, inclusive, elementos de modernização como a paleta de cores, conforme sublinha Paula Ramos (2007), ao detalhar o esmero das ilustrações e indicar que tais recursos deviam-se à precariedade do papel<sup>203</sup> utilizado no interior do livro.

As histórias da *Biblioteca de Nanquinote* escritas por Veríssimo se associam em certa medida. Um exemplo de associação, que também pode ser entendida como forma de direcionar a leitura, ocorre quando o escritor sugere em um livro que novas aventuras serão contadas em um novo título, por exemplo.

Figura 88 - Última página do livro *Aventuras do Avião Vermelho*. Acervo da autora.



No final da história do menino Fernando, que ganha um livro de presente de seu pai, Veríssimo fala, diretamente, com o leitor: “E si vocês gostaram da história, eu conto outra que se chama ‘Os três porquinhos pobres’”. Dessa forma, o escritor já prepara o pequeno leitor para a próxima história, e, assim, busca garantir as vendas do próximo livro da coleção.

<sup>202</sup> Tal diálogo pode ocorrer em quartas capas, subtítulos, notas finais, rodapés ou mesmo no interior dos textos. Essa possível unificação ganha maior expressão com a inclusão das histórias em coleções organizadas pelas casas editoras.

<sup>203</sup> A importação de papel durante o período da guerra foi interrompida e a Editora do Globo se viu obrigada a utilizar o papel nacional, escasso e de qualidade inferior. [Fonte: RAMOS, Paula Viviane. *A Modernidade Impressa: artistas ilustradores da Livraria do Globo* – Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS EDITORA, 2016.]

Essa estratégia se repete ao final da história dos três porquinhos que saem em busca de aventuras. As duas últimas frases são dirigidas à criança leitora: “Gostaram da história? Pois eu conto outra que se chama ‘Rosa Maria no Castelo Encantado’”. Ao indicar o próximo título da coleção, o escritor procurava fidelizar seus leitores. Como Veríssimo era também o editor da *Biblioteca de Nanquinote*, desempenhava a dupla função com o objetivo de fidelização do público.

Figura 89 - Última página da história d'Os três porquinhos pobres. Acervo da autora.



Outros direcionamentos sobre a leitura de títulos da Livraria e Editora do Globo são encontrados ao final dos livros aqui examinados. Curioso é que tais direcionamentos envolvem a leitura de títulos pertencentes a outras coleções da editora, como a *Coleção Universo*, que reunia “histórias para a juventude”.

Figura 90 - Propaganda localizada nos livros da Biblioteca de Nanquinote. Acervo da autora.



Ao se analisar a página, nota-se o apelo direcionado aos jovens. O uso da fotografia de uma jovem com semblante sonhador, enquanto lê um grande volume, revela aquilo que o editor acreditava significar a prática de ler bons livros: uma viagem por terras distantes, mas sem sair de seu lugar.

Como o subtítulo indica, a *Coleção Universo* reunia livros de romances de viagens, aventuras, caçadas e explorações para a juventude. Por conseguinte, havia títulos como *Através do Deserto*, *De Bagdad a Stambul* e *Percorrendo as Cordilheiras* de Karl May<sup>204</sup>, *A Luta das Caravanas* e *O Caçador de Búfalos* de Zane Grey<sup>205</sup>, de Hans Dominik<sup>206</sup>, o livro *Piratas Modernos* e, de Nordhop & Hall<sup>207</sup>, o livro *Rebelião em Alto Mar* faziam parte da coleção dedicada a fortes emoções.

Em propaganda veiculada ao final do livro *A ilha do tesouro*, de Stevenson, pertencente a outra coleção da Livraria e Editora do Globo – Coleção Burrinho Azul, a Coleção Universo é descrita da seguinte forma:

**Índios! Caçadas! Viagens! Aventuras!**

Meninos, vocês nem imaginam que coisa gostosa são os livros de Karl May que a Livraria do Globo traduziu do alemão expressamente para a juventude brasileira. Esses romances levam a gente à China, à Índia, aos Estados Unidos, à Europa, à África, a todo o mundo. Explorações e caçadas. Lutas contra feras e bandoleiros. Correrias com peles-vermelhas. Histórias de espiões. Peripécias de *far-west*. Aventuras no mar, nas montanhas e nas planícies. Lendo os livros de Karl May nós aprendemos geografia, história natural e universal e lições de coisas! Peçam aos seus papás os seguintes romances já publicados [...]. (Publicidade – STEVENSON, R. L. *A ilha do tesouro*. Tradução de Pepita de Leão. Coleção Burrinho Azul. 1 ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1934. 272 p.)

Outra propaganda de livros da Livraria e Editora do Globo diz respeito a livros para “Meninos e Meninas”. Em uma lista que inclui *A Chacara da Rua Um*, *Heidi nos Alpes* e *A Idade de Ouro*, a propaganda destacava que os volumes eram “ilustrados com cerca de 100 gravuras em preto e oito quadros em muitas cores”, garantia de que as crianças, o público pensado para a coleção, aprovariam as ilustrações.

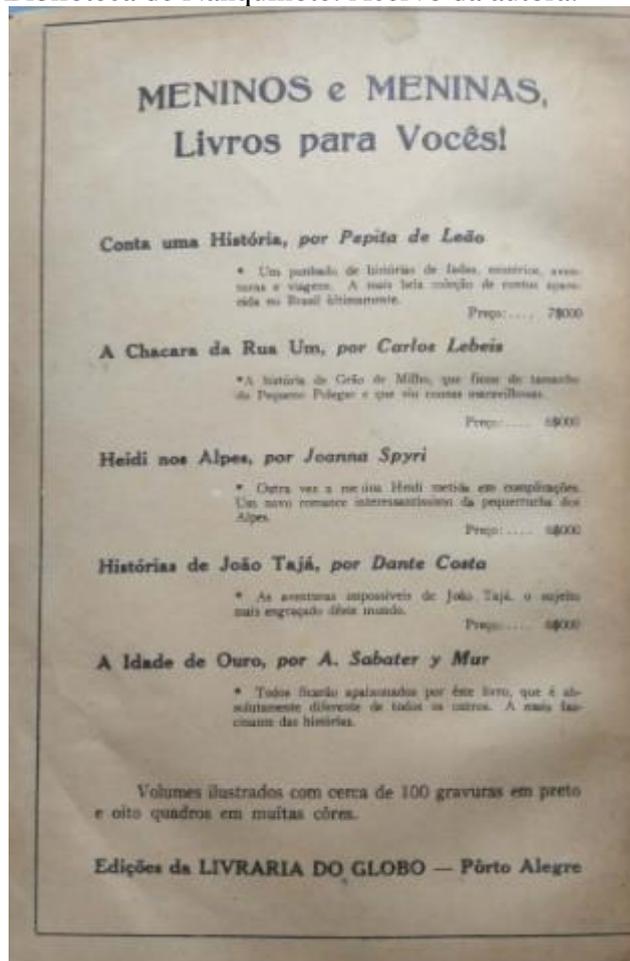
<sup>204</sup> Escritor alemão que ficou conhecido por seus romances de aventura ambientados no Velho Oeste americano. É um dos escritores de língua alemã mais traduzidos, somando traduções para 46 idiomas. [Fonte: KORFMANN, Michael; MENEGUZZO, Raquel. Encenações autorais e textuais em Karl May. In: *Revista Pandaemonium*. São Paulo, v 20, n 31, 2017, pp. 101-116.]

<sup>205</sup> Escritor norte-americano, reconhecido por seus romances de aventura em estilo “faroeste”. Suas histórias ganharam adaptações para o cinema e a televisão. [Fonte: COOMBS, Marian Kester. *Biograph os Zane Grey*. In: *Zane Grey’s West Society*. Disponível em: [www.zgws.org/zgbio.php](http://www.zgws.org/zgbio.php)]

<sup>206</sup> Escritor alemão de ficção científica. Não foi possível localizar estudos ou pesquisas sobre este escritor.

<sup>207</sup> Não foi possível localizar informações acerca do livro ou de sua autoria.

Figura 91 - Propaganda presente nos livros da Biblioteca de Nanquinote. Acervo da autora.



A publicidade para os novos livros e, também, para aqueles já publicados há algum tempo, foi bastante explorada pela casa-editora. E não só nos próprios impressos da Livraria e Editora do Globo. As propagandas das coleções, incluindo a *Biblioteca de Nanquinote*, estavam presentes também em periódicos da época, além da *Revista do Globo*.

Na relação entre propaganda e sociedade, admite-se que as revistas ilustradas atuaram como importante meio de divulgação, de propaganda<sup>208</sup>, ao lado do rádio e, posteriormente, da televisão. A propaganda atuava e atua como uma espécie de “vitrine” para exibição dos produtos, e, nesse contexto, as imagens eram e são empregadas com a finalidade de cativar a atenção do consumidor. Tais anúncios funcionam até hoje como fonte de recursos para jornais e revistas que os veiculam, segundo claras intenções econômicas.

<sup>208</sup> No Brasil, a história da propaganda caminha lado a lado com a história da imprensa, cuja origem remonta ao século XIX. O anúncio mais antigo de que se tem conhecimento foi encontrado na *Gazeta do Rio de Janeiro*, fundado em 1808 e considerado o primeiro jornal brasileiro. [Fonte: MARCONDES e RAMOS. 1995].

O valor dos livros da *Biblioteca de Nanquinote*, 4\$ réis, em comparação com outros itens comercializados à época, pode indicar que nem todas as crianças tinham acesso às obras. O tipo de propaganda, que poderia ser veiculada, traduz-se em um determinado estilo, nem sempre direcionado ao público leitor focalizado pelo projeto da *Biblioteca de Nanquinote*. Tais publicidades eram direcionadas aos pais ou a outras pessoas mais velhas, do convívio daquelas crianças leitoras e que possuíam poder de compra, pois, como afirmam Brites e Nunes (2012), na maioria das vezes, não é a criança o destinatário da mensagem publicitária, mas o adulto, que possui os meios necessários para efetivar a compra, e, no caso da *Biblioteca de Nanquinote*, a compra de um produto educativo.

Assim, a variedade de obras nas propagandas presentes nos livros da coleção destinada às crianças pequenas pode ser justificada pelo desejo de atingir a um público diverso, que inclui crianças e adultos.

Entendendo que os protocolos de leitura e de edição acerca da *Biblioteca de Nanquinote* estavam presentes, também, nas propagandas veiculadas pela Livraria e Editora do Globo em jornais e revistas de circulação na época, buscamos tais propagandas, por compreender que os periódicos assumem, por vezes, papéis formativos quanto à leitura de literatura, como era o caso da *Revista do Globo*, que, ao divulgar colunas sobre literatura, ajudava a formar leitores e consumidores das publicações da Livraria e Editora do Globo, principalmente, e demais editoras.

A maioria das propagandas sobre a *Biblioteca de Nanquinote* destacava as ilustrações e os ilustradores responsáveis de cada obra que a compunha. Desse modo, se faz necessária análise minuciosa sobre esse campo nas produções da Livraria e Editora do Globo. Pesquisadores da área do design já analisaram a Seção de Desenho da casa editora de Porto Alegre, assim como a vida e a obra dos homens que se destacaram nessa área, com trabalhos de ilustração que variavam de livros infantis a cartazes da Loteria Federal e de cervejarias.

Ressalta-se que não se propõe uma análise das imagens presentes nos livros da coleção *Biblioteca de Nanquinote* de forma rígida, pois, como afirma Rui de Oliveira (2008, p. 29), “logicamente que para ler uma imagem é impossível adotar um método rígido, um sistema, por exemplo, que avalie as questões estruturais – ritmo, linha, cor, textura, etc”.

As imagens presentes em livros infantis são, sob certos aspectos, uma galeria de arte visitada por crianças. Desse modo, são elas produções com a finalidade de atrair a atenção dos leitores. Sendo assim, mesmo que a intenção de Veríssimo e da Livraria e Editora do Globo fosse publicar livros para a infância, após a publicação da obra não se pode mais controlar seus usos, e, tais livros, após inúmeras reedições, tornaram-se objetos de colecionador.

De forma geral, as imagens presentes nos livros examinados repetiam as informações dadas pelo texto escrito, em um efeito redundante. Serviam como forma de “tradução” do texto escrito. No entanto chamavam a atenção dos pequenos leitores, atraídos pelas coloridas figuras que povoavam as páginas das obras do travesso boneco Nanquinote. Porém, nem todos defendiam a inclusão de muitas figuras nos livros destinados à criança, como é o caso de Cecília Meireles, que, no livro *Problemas da literatura infantil*<sup>209</sup> (1979, p. 28), critica as “capas coloridas” e as “abundantes gravuras, preferindo o “livro sem figuras”.

#### 4.4 A Biblioteca de Nanquinote completa

Convém assinalar que a organização dos livros em uma coleção configura, conforme elucidado por Silva (2013), uma estratégia de sedução e de fidelização do leitor. Visando a um público leitor específico e, em função deste, “são pensados protocolos inscritos nos livros” (SILVA, 2013, p. 86). Esse artifício editorial, além de outras estratégias do mercado, é utilizado ainda hoje como forma de cativar os jovens leitores. Nesse sentido, a série *Harry Potter*<sup>210</sup> pode ser bom exemplo, unindo a temática e os personagens que se repetem de um livro a outro, somado a histórias que parecem únicas nos primeiros livros, mas que são alinhadas em uma trama maior, de forma a conduzir o leitor até a última das sete obras. Tal prática editorial, fruto da necessidade de cativar novos leitores, contribuiu para a revitalização da produção e do comércio de livros, objeto que passou a ser publicado em maior escala e com preços menores, focalizando públicos especiais, segmentando o mercado da leitura. Dessa forma, livros diferentes passaram a ser editados para categorias de leitores diferente, sem, contudo, se ater a um único critério de reunião, materializando-se em compilações sobre um mesmo tema, um mesmo gênero ou destinação, compartilhando traços materiais.

A Livraria e Editora do Globo conhecia bem essa estratégia editorial: precisaria divulgar os livros da coleção infantil criada. Com esta finalidade, utilizou a fórmula de publicar propagandas em jornais e revistas, incluindo-se a *Revista do Globo*. Além de publicá-las, também, na contracapa dos livros da própria coleção. Este seria um protocolo de edição em que

<sup>209</sup> Resultado de três conferências que pronunciou em Belo Horizonte em 1949.

<sup>210</sup> Série de sete romances de fantasia escrita pela autora britânica J. K. Rowling. Conta as aventuras do jovem Harry James Potter, que depois de descobrir ser um bruxo, viaja à Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts para estudar. O primeiro livro foi publicado em 1998, e o último livro em 2007. As sete histórias foram adaptadas para o cinema em oito longas-metragens. Outras séries de histórias podem ser encontradas, tais como as sagas *Crepúsculo*, *Instrumentos Mortais* e *Percy Jackson*, todas envolvendo um mundo de fantasias. Alguns romances policiais também são organizados, como os livros escritos pela autora Tess Gerritsen, que, apesar de não trazerem em seus títulos indicação dessa organização, possuem personagens que se repetem nas diferentes histórias.

a editora expunha outros títulos da coleção e, no centro da página, dirigia-se às crianças, com o intuito de alcançar a família: “Peça a seu pai que lhe compre todos estes livros, para você ficar com a ‘BIBLIOTECA DE NANQUINOTE’ completa! Preço de cada volume: 4\$000. Edições da Liv. Do Globo, Porto Alegre”.

Bilhetes aos professores, pais e crianças, convites, elogios ao formato, à encadernação, ao colorido das ilustrações, indicações de idade ideal para a leitura, prefácios em que se menciona o caráter dos livros, da leitura e do ensino são utilizados pela Editora e pelo próprio editor, Erico Veríssimo. Através dessas “chaves para a leitura”, Veríssimo editor cria um público, oferece-lhe poder de escolha, confidencialidade, intimidade com o narrador. Desse modo, apresenta, antecipada e, posteriormente, à escrita, propriamente dita, seu projeto literário e pedagógico.

Figura 92 - Contracapa localizada em livros da Biblioteca de Nanquinote. Acervo da autora.



A imagem da contracapa dos livros da coleção estudada apresenta as capas de outros livros que integram a *Biblioteca de Nanquinote – Meu ABC, Os bichos da África, Outra vez os 3 porquinhos, Aventuras do avião vermelho, Rosa Maria no castelo encantado, O urso-com-música-na-barriga, A vida do elefante Basílio, Histórias de bichos* e *Os 3 porquinhos pobres*. Tal propaganda foi criada em tricromia e não reproduz o colorido original das capas. Ao centro da ilustração, há um recado dirigido às crianças: “PEÇA A SEU PAI QUE LHE COMPRE TODOS ESTES LIVROS, PARA VOCÊ FICAR COM A ‘BIBLIOTECA DE

NANQUINOTE' COMPLETA!”, em seguida, destaca-se o preço de cada volume, 4\$000 e o selo editorial. Curioso notar que mesmo em reedições das obras, na década de 1940, a contracapa continua a mesma, divulgando os mesmos títulos.

Estratégia diversa utilizada era tentar convencer os pais sobre a importância da leitura para a formação das crianças pequenas. Um bom exemplo disso pode ser encontrado no alfabetário *Meu ABC*:

O mundo das maravilhas é o mundo dos livros. (...) Todos os meninos e meninas devem pedir a seus pais os belos livros de histórias que a Livraria do Globo Publica. Todos trazem figuras coloridas! Todos são agradáveis de ler! Vejam a lista que está no outro lado desta página... (VERÍSSIMO, 1936, s/nº).

Formar leitores valendo-se da fantasia como meio de sedução também está presente em textos impressos no interior dos livros, como se lê em:

Biblioteca de Nanquinote. As crianças brasileiras estão alvoroçadas depois que viram os livros da Biblioteca Nanquinote – lindos entre os mais lindos. E os pais de família estão satisfeitos porque podem dar a seus filhos livros bons, bonitos e interessantes por 4\$000 o volume. Em cada livro, uma aventura engraçadíssima, ao lado de figuras maravilhosas em muitas côres! Comecem hoje mesmo a ler e a colecionar os belos livros da BIBLIOTECA DE NANQUINOTE. (VERÍSSIMO, s/nº)

Nesse comentário, há um apelo editorial com o objetivo de convencer os pais a adquirirem outros livros da coleção *Biblioteca de Nanquinote*, enquanto sugere o encantamento com a leitura que crianças e pais realizaram. Menciona, inclusive, a relação custo-benefício com a aquisição dos livros, imprimindo as fotos de suas capas, como estratégia de incentivo aos leitores a reconhecerem e adquirirem as demais obras.

O escritor da história também emprega a técnica de se dirigir diretamente às crianças ao longo da história, a fim de fazer circular e vender os demais livros da *Biblioteca de Nanquinote*. Um exemplo seria o final da segunda história dos três porquinhos, quando o escritor sugere que os três irmãos estão planejando novas aventuras. Estrategicamente, posicionadas ao final das histórias, a fim de suscitar o desejo de novas e outras aquisições.

Outro exemplo interessante está presente no primeiro livro da *Biblioteca de Nanquinote* - *Aventuras do avião vermelho* -, no qual é possível encontrar uma indicação de livros que compõem outra coleção da editora. A *Coleção Aventura*, que reuniria “Os melhores livros juvenis do Brasil”, entre eles *As aventuras de Tibicuera*, de Erico Veríssimo (8\$000), *Carlos Magno e seus cavaleiros*, adaptação de Pepita de Leão (6\$000), e *Os heróis*, tradução de Pepita de Leão (6\$000).

Figura 93 - Página de propaganda no livro Aventuras do avião vermelho. Acervo da autora.



A propaganda da coleção pode ser encontrada nos próprios livros, com diferentes características. Contudo, ela é desenvolvida por meio de muitos adjetivos do tipo: “livros lindos”, “bonitos”, “interessantes”, “coloridos”, “engraçadíssimos”. Imagens coloridas são, com frequência, associadas a histórias interessantes, como na afirmação: “Todos os meninos e meninas devem pedir a seus pais os belos livros de histórias que a Livraria do Globo publica. Todos trazem figuras coloridas! Todos são agradáveis de ler!”. De tal modo, promover a imagem dos livros consistiria em ampliar sua difusão.

A cor, o colorido e a forma como são utilizados em livros infantis proporcionam aprendizagem às crianças, pois “livre de qualquer responsabilidade, a fantasia pura se entrega a esses jogos cromáticos”, na visão de Walter Benjamin, para quem, é “essencialmente na cor que a contemplação sensível, desprovida de qualquer nostalgia, está em seu elemento” (BENJAMIN, 1996, p. 239-240).

Entretanto o Padre Helder Câmara criticou as ilustrações dos livros da *Biblioteca de Nanquinote*. Segundo ele, elas surgiriam deslocadas na história. Estaria o padre sentindo falta daquilo que, atualmente, denomina-se “complementaridade de sentido proposto pela ilustração”? Fato é que a preocupação maior com a ilustração dos livros para crianças ganhou

força somente na década de 1980<sup>211</sup>, quando “desenhistas, artistas plásticos, pintores e cartunistas se inseriram no mundo da ilustração, conferindo uma nova materialidade ao livro infantil brasileiro” (SOARES, 2020, p. 89). Nessa mesma época, o design do livro também se sofisticou, passando a contar com mão de obra especializada<sup>212</sup>.

Dos 20 livros da *Biblioteca de Nanquinote*, quatro foram assinados pelo também ilustrador Kurt Gregorius, que trabalhava na gráfica da Livraria e Editora do Globo. Desses quatro livros de Kurt Gregorius, dois eram álbuns, *Bichos da África* e *Bichos do Brasil*. Importante notar como os álbuns se destacavam na produção de livros para crianças francesas na década de 1930, e como existia uma expectativa de parcela da população de que o Brasil se aproximasse dos países europeus idealizados como civilizados, cultos e modernos, com ênfase na França. Contudo, enquanto na França existiam ao menos 11 casas editoras que produziam livros infantis<sup>213</sup>, no Brasil as editoras Melhoramentos, Companhia Editora Nacional e Livraria e Editora do Globo respondiam pela maior parte da produção infantil na década de 1930.

Os dois álbuns da *Biblioteca de Nanquinote* tinham a ilustração em destaque, invertendo a hierarquia que privilegiava o texto do livro em detrimento das suas imagens. O álbum proporciona novas práticas de leitura, deixando de ser uma criação artística abstrata, para se tornar um objeto concreto a ser usado, podendo servir para a leitura, mas também para atividades de recorte, colagem, pintura, entre outros. Os álbuns, como os publicados na coleção ora analisada, são objetos culturais complexos, suporte de expressão gráfica e plástica e, por vezes, literária.

Na década de 1930, os álbuns eram vistos como modernos e, até mesmo, ideais para a educação das crianças, pois permitiam ver, colorir, recortar, dobrar, colar, ou seja, marcas da

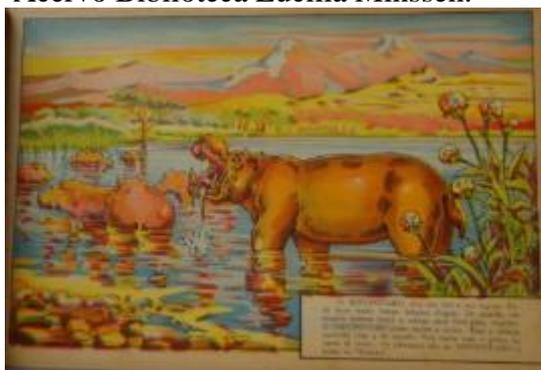
<sup>211</sup> Um estudo de relevância sobre literatura infantil e, por conseguinte, sobre ilustrações de livros para crianças foi a pesquisa realizada por Josiane de Souza Soares para o seu doutoramento em Educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação – ProPEd/UERJ. [Fonte: SOARES, Josiane de Souza. *O Melhor para a Criança? Uma Leitura do Prêmio FNLIJ - Ofélia Fontes - (2001-2018)*. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.]

<sup>212</sup> Essa mão de obra especializada, responsável pela renovação do design do livro infantil, pode ter sido influenciada pela consolidação da formação em desenho industrial, que, no Brasil, teve início na década de 1960, na Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI, de acordo com Neck (2007).

<sup>213</sup> As principais casas editoras francesas que produziam livros para crianças eram: Librairie Hachette (com os grandes álbuns ilustrados por Félix Lorient na série homônima e as coleções Bibliothèque Rose, Bleue, Verte e Blanche); Librairie Garnier Frères (álbuns ilustrados por Benjamin Rabier e coleção Bibliothèque Enfantine); Editions Gautier-Languereau (jornal La semaine de Suzette, álbuns de Bécassine, e coleções diversas); Librairie Fischbacher (o clássico Pierre l'ébourriffé, versão francesa do João Felpudo, coleções para crianças de 6-8 e também de 8-12 anos); Editions Nelson (várias coleções para crianças e jovens); Librairie Plon (álbuns diversos); Maison Alfred Mame et Fils (clássicos, contos, romances, temas e gêneros diversos); Larousse (coleções de álbuns e histórias ilustradas); Librairie Ernst Flammarion (álbuns diversos); Librairie Tolmer (álbuns de luxo); Fernand Nathan (álbuns de colorir e álbuns-panorama dobráveis); entre outras, de acordo com pesquisa realizada por Tâmara Maria Costa e Silva Nogueira de Abreu. [Fonte: ABREU, Tâmara Costa e Silva. *O livro para crianças em tempos de Escola Nova: Monteiro Lobato & Paul Faucher*. 273f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2010.]

apropriação e expressão infantil (ABREU, 2010). Ele convida a criança a uma intervenção ativa, gestos que os adultos podem julgar profanadores do livro. Talvez, por este motivo, não seja tarefa fácil localizar exemplares desses dois álbuns da *Biblioteca de Nanquinote*.

Figura 94- Página interna do livro *Bichos da África*, de Kurt Gregorius, 193?. Acervo Biblioteca Lucília Minssen.



No Brasil, os álbuns também gozaram de grande prestígio entre os leitores e nos catálogos das casas editoras nas décadas de 1920 e 1930 (ABREU, 2010). Diversas obras receberam essa classificação, entre livros de imagens para o ensino das crianças pequenas, livros de figuras e literatura infantil com ilustrações e poucas páginas, o que parece ser o caso dos dois álbuns ora analisados, ricamente ilustrados pelo próprio autor, Kurt Gregorius/Zeuner, e a quantidade de páginas, em média 30, em cada álbum.

Figura 95 - Página interna do livro *Os Bichos do Brasil*, de Kurt Gregorius, 193?. Acervo Biblioteca Lucília Minssen.



É justo dizer que os álbuns invertem o foco do texto para a ilustração, cedendo o espaço da página para a imagem. Na condição de livro infantil, o álbum modifica sua finalidade, criando nova relação entre leitor e livro, criando novas práticas de leitura. A década de 1930 foi um período muito rico para esses objetos editoriais, tanto no Brasil quanto na França (ABREU, 2010), e o editor da *Biblioteca de Nanquinote* garantiu que a coleção contasse com dois álbuns

com a temática de animais. Não à toa a escolha de leões e onças para as capas, visto que esses animais exercem um certo fascínio em crianças e, também, em adultos.

A natureza pedagógica dos álbuns não pode ser esquecida e, no caso da coleção da Livraria e Editora do Globo, reforça ainda mais a intenção pedagógica de seu idealizador e editor, Erico Veríssimo. Entretanto esses livros não eram anunciados como “álbuns” pela casa editora, mas como livros “ricamente ilustrados”. Outro destaque pode ser a dificuldade de se localizar informações sobre o autor dos dois álbuns, o alemão Kurt Gregorius/Ernest Zeuner.

Junção de texto e imagem é mais do que um recurso gráfico, é um recurso de caráter educativo, uma estratégia de comunicação e forma de ludicidade, com formas, traços e movimentos. É também um protocolo de leitura (CHARTIER, 1990), que “guia” o leitor para a compreensão do texto. As ilustrações servem, ainda, ao propósito de fracionar o escrito, dando leveza ao texto e sugerindo um leitor preparado para lidar com obras menos densas.

As ilustrações da *Biblioteca de Nanquinate*, em grande parte, correspondem ao texto, sendo determinadas pela própria cena, como na segunda página de *Os 3 porquinhos pobres*:

Figura 96 - Segunda página da história *Os 3 porquinhos pobres*, 1940. Acervo da autora.



O galo gordo ouviu a conversa, trepou em cima da cerca, esticou o pescoço, abriu o bico e cantou:

- Cocoricó! Cocoricóóó! Quem nasceu porco fica porco a vida inteira!  
(VERÍSSIMO, 1940) (Grifos da autora)

Outro exemplo está no livro *Outra vez os 3 porquinhos*, quando os irmãos porquinhos, junto ao Gato-Pingado, entram na “Cidade Errada” e são “atacados a beijos” por um rinoceronte e uma hiena. Quando os porquinhos resolvem brandir suas espadas, o rinoceronte e a hiena saem em disparada, pois, na “Cidade Errada”, tudo é ao contrário.

Figura 97 - Página do livro *Outra vez os 3 porquinhos*, 1938. Acervo da autora.

Dizendo isso, segurou a Hiena pela mão e os dois saíram a correr numa disparada a até hoje não apareceram mais.



A coleção *Biblioteca de Nanquinote* apresenta uma diversidade de títulos: ao todo são vinte histórias com temáticas diferentes. No entanto mantêm características unificadoras, como a abordagem das viagens, sejam elas retratadas como físicas, sejam por meio da leitura, como possibilidade de aprendizado para o pequeno leitor. Esse seria atraído pelo aspecto gráfico-editorial da coleção – livros leves, com capas coloridas e personagens com quem as crianças poderiam facilmente se identificar.

O formato escolhido ganha destaque, pois oferece essa característica leve tão almejada. Referindo-se à permanência de determinadas convenções nas estruturas dos livros impressos, Chartier (1999) afirma que:

A hierarquia dos formatos, por exemplo, existe desde os últimos séculos do manuscrito: o grande *in-fólio* que se põe sobre a mesa é o livro de estudo, da escolástica, do saber; os formatos médios são aqueles dos novos lançamentos, dos humanistas, dos clássicos antigos copiados durante a primeira vaga do humanismo, antes de Gutenberg; e o *libellus*, isto é, o livro que se pode levar no bolso, é o livro de preces e de devoção, e às vezes de diversão. (CHARTIER, 1999, p. 8).

Os livros da *Biblioteca de Nanquinote* não eram “livros de bolsos”, mas estavam ligados à fruição, destinados à diversão dos pequenos leitores. Enquanto outras editoras apostavam em um formato menor para suas produções destinadas às crianças, como a Editora Melhoramentos e sua coleção *Biblioteca Infantil Melhoramentos*, a Editora do Globo e o idealizador da coleção, Erico Veríssimo, escolhiam um formato um pouco maior, talvez como estratégia de difusão das obras, que se destacariam nas prateleiras dos pontos de venda.

Ainda que a *Biblioteca de Nanquinote* tenha sido planejada com destinação a crianças que iniciavam o processo de aquisição da leitura, os livros contavam com histórias robustas, o

que, em um primeiro momento, poderia significar a leitura mediada por um adulto. Contudo, tais livros foram lidos por crianças maiores, conforme é evidenciado pela foto utilizada na capa deste estudo, pressupondo práticas de leitura silenciosa, solitária e independente, além da mediada por adultos leitores.

A autoria dos livros que compõem a *Biblioteca de Nanquinote* é outro ponto bastante interessante. Sabe-se que o boneco de nanquim, que também é o autor dos prefácios que explicam a origem do nome da coleção, foi criação do escritor e editor Erico Veríssimo. O alfabetário *Meu ABC* é assinado não por Veríssimo, mas pelo calunga por ele criado. Outros escritores e ilustradores do sul do país também contribuíram com histórias para a *Biblioteca de Nanquinote*, mas somente os livros de Veríssimo e o alfabetário de Quintana continuaram sendo editados. Teria o calunga Nanquinote se sobreposto aos autores da coleção? Parece que sim, pois se podemos sustentar a hipótese de que a *Biblioteca de Nanquinote* encerrava uma intenção pedagógica, a figura de Nanquinote parece ser a representação da matriz ideológica de seu criador.

Neste capítulo, buscou-se empreender uma leitura das obras que compõem a *Biblioteca de Nanquinote*. Os elementos referentes à materialidade, com ênfase nos protocolos de leitura, foram observados, assim como as relações entre a narrativa verbal e visual, as representações da infância que eles manifestam e as temáticas privilegiadas pelos autores editados na coleção.

## SERIA ESSE O FINAL?

Se iniciar um texto pode se tornar uma tarefa desafiadora, concluí-lo não é muito mais fácil. Entretanto a angústia provocada pela folha em branco é substituída pelo prazer de ler o que foi escrito, após todo o trabalho de pesquisa e análise do material, localizado em diferentes acervos.

A escolha do objeto de pesquisa, a *Biblioteca de Nanquinote*, coleção de livros infantis, destinada às crianças “bem pequenas”, planejada e editada por Erico Veríssimo e publicada pela Livraria e Editora do Globo, mostrou-se um grande desafio e ganhou destaque neste estudo, ao considerar a dificuldade de localizar os títulos da coleção e os documentos acerca de sua edição e comercialização. Em uma visada retrospectiva, buscou-se entender a conformação da coleção de livros infantis *Biblioteca de Nanquinote* e sua atuação como espaço de educação não-formal para as crianças leitoras do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros, o que se configurou, também, como hipótese da tese apresentada.

Todo o movimento realizado, tanto pela Livraria e Editora do Globo quanto por Erico Veríssimo, configurou uma estratégia de mercado bem colocada para fazer chegar às crianças os vários títulos da *Biblioteca de Nanquinote*. Com o programa de rádio *A hora dos três porquinhos* e o “amigo da petizada”, Erico Veríssimo, assumindo a personagem “Amigo velho”, para contar histórias aos pequenos ouvintes, os primeiros livros tiveram destino certo, as mãos das crianças que acorriam com seus pais a Livraria e Editora do Globo para adquirir os exemplares. Outros suportes de divulgação foram os impressos que circulavam pelos estados brasileiros e funcionavam como vitrine para os livros da *Biblioteca de Nanquinote*. Dentre eles, a *Revista do Globo*, magazine da mesma casa-editora que, por muitos anos, auxiliou a disseminar práticas sociais entre seus leitores.

Como as histórias de Erico Veríssimo mostravam a aventura e a leitura como recursos de aprendizagem e de melhorar comportamentos, os livros da *Biblioteca de Nanquinote*, de forma geral, seguiam essa fórmula. Até mesmo os alfabetários e os álbuns presentes na coleção buscavam apresentar outros estados brasileiros e países, destacando as viagens como meios de adquirir novos conhecimentos de mundo. Desse modo, a localização de títulos da coleção em escolas e instituições de formação de professores em estados como São Paulo, demonstrou a abrangência das histórias de Nanquinote para além do Rio Grande do Sul.

Além de localizada uma publicação da programação da rádio Diretoria de Educação de Adultos e Difusão Cultural (PRD-5 e PRA-2), do Ministério da Educação, no *Jornal do Brasil* de 18 de março de 1937, informando que a história *Rosa Maria no Castelo Encantado* seria

lida no programa “Hora Infantil”, foram localizados exemplares de livros da coleção *Biblioteca de Nanquinote* no AHECC - Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos, que reúne documentos pedagógicos e administrativos da instituição entre os anos de 1930 e 1969, o que pode indicar sua utilização na escola anexa ao prédio de formação de professores, assim como pela própria instituição de formação. Ademais, não só os três exemplares do alfabetário *Meu ABC*, de Erico Veríssimo, como outros livros juvenis escritos pelo autor gaúcho também fazem parte do acervo da escola Caetano de Campos, em São Paulo, por exemplo, as obras *Aventuras no mundo da higiene* e *Viagem à aurora do mundo*.

O trabalho de pesquisa envolveu consultas a acervos diferenciados, tais como a coleção de *Revistas do Globo* da PUC do Rio Grande do Sul, os documentos do espólio de Erico Veríssimo sob a guarda do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, no *site* da Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional e as visitas a *sites* de leilões, em busca das primeiras edições das histórias da *Biblioteca de Nanquinote*. Depois de reunir diversas fontes para pesquisa, o presente estudo foi mapeado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, para buscar compreender de que modo a *Biblioteca de Nanquinote* se conformou como um projeto cultural e educativo, ressaltou-se o intelectual-mediador Erico Veríssimo e sua atuação na Livraria e Editora do Globo, entendida como espaço de sociabilidade para o profissional do livro que foi Veríssimo, assim como espaço de disputas e circulação de saberes. Sua história é permeada pelo contexto de transformações sociais, políticas e econômicas vivenciadas pelo país ao longo das primeiras décadas do século XX.

Ainda na década de 1920, o número 268 da Rua da Praia, atual Rua dos Andradas, já se tornara o principal ponto de encontro dos intelectuais gaúchos, que se reuniam à porta do estabelecimento. Um dos seus frequentadores assíduos, o idealizador de uma publicação que abordasse questões de interesse para a sociedade porto-alegrense e gaúcha, resultando na *Revista do Globo*, era Getúlio Vargas, anos mais tarde eleito à presidência do país. Mesmo quando a Editora se mudou para sua nova sede na Rua dos Andradas, 1416, continuou a ser o local de preferência desses intelectuais, muitos deles editados pela própria casa.

Um dos principais impressos da casa-editora, a *Revista do Globo*, atuou como propagadora dos “feitos” de Getúlio Vargas, quando este assumiu a presidência do país. Como uma vitrine, a revista divulgava a imagem de Vargas como um forte governante, “salvador” da nação. Ainda que Veríssimo contestasse a repressão do Estado Novo, declarava-se admirador da figura pessoal de Getúlio Vargas. Desse modo, atuando como vitrine para os “grandes feitos” de Getúlio Vargas, a *Revista do Globo* assim o fez, também, para as produções da casa-editora, que inseria propagandas de seus livros e demais periódicos nas páginas da revista carro-chefe

da empresa. Por isso, propagandas dos livros da *Biblioteca de Nanquinote* podem ser localizadas no periódico.

Aqui, Erico Veríssimo é apresentado como um grande colaborador da Livraria e Editora do Globo, local onde desempenhou várias funções, como a de autor publicado e editor das *Revista do Globo* e *A Novela*, além de idealizador e diretor de coleções para públicos variados, entre elas, a *Biblioteca de Nanquinote*.

Em sequência, no Capítulo 2, importou analisar o programa de rádio “A hora dos Três Porquinhos” como mais um espaço de sociabilidades para o intelectual mediador Erico Veríssimo em meio privilegiado de testagem das histórias infantis, uma vez que as narrativas apresentadas foram mais tarde aproveitadas na *Biblioteca de Nanquinote*.

A Rádio Farroupilha foi entendida como mais um espaço de sociabilidades e contato com as crianças, que poderiam assistir ao programa do “Amigo Velho”, presencialmente, e, em seguida, poderiam se aproximar do autor/apresentador para fazer perguntas e conversar. O programa infantil era apresentado por Veríssimo duas vezes por semana, ao final do dia, mas foi interrompido em 1937, por decisão do próprio autor. Como se pode acompanhar, Erico Veríssimo desistiu de continuar apresentando os programas, pois a censura da época insistia em ter acesso aos roteiros com antecedência e ele não preparava as histórias antecipadamente, pelo contrário, as improvisava ao microfone.

Em diálogo com a discussão empreendida no capítulo anterior, verificou-se que a Livraria e Editora do Globo atuou como instância mediadora entre a literatura nacional e internacional e a população da época, que teve contato com escritores estrangeiros de renome por meio das traduções da casa. Atuou, ainda, como mediadora entre as crianças que ouviam as histórias da rádio e poderiam lê-las em livros editados pela casa.

Como as histórias testadas no programa de rádio “A hora dos Três Porquinhos” receberam a aprovação das crianças ouvintes, foram aproveitadas em livros que compuseram a coleção ora estudada. Essa iniciativa de organizar uma coleção de livros destinados às crianças teve como objetivo reunir os primeiros livros publicados de forma diversa, porém com afinidade de conteúdo, como meio de fidelizar os leitores e como meio de baratear sua produção. Nesse sentido, a Livraria e Editora do Globo se destacou no mercado editorial da época, ao investir na produção de várias coleções, que visavam grupos específicos de leitores, desde os fãs dos romances policiais e de mistério até às traduções de clássicos da literatura mundial, passando pelas obras infantojuvenis.

Outra questão abordada, a operação historiográfica de localização dos 20 títulos que compuseram a *Biblioteca de Nanquinote* envolveu a pesquisa em antiquários, em sites de

leilões, na *Revista do Globo* e em jornais que circulavam à época do lançamento dos livros, seja por meio de propagandas presentes, seja de textos críticos publicados. Tal pesquisa levou à compilação dessas propagandas, matérias e notas críticas acerca, principalmente, dos livros escritos por Veríssimo, fato que rendeu o Capítulo 3.

Neste terceiro capítulo, ganharam espaço os discursos acerca da coleção *Biblioteca de Nanquinote* publicados em jornais e revistas de circulação da época, assim como na *Revista do Globo*, entendida como espaço privilegiado de propagandas das produções da Livraria e Editora do Globo. Desse modo, foram cotejados os discursos de pessoas proeminentes da época, sobre a Literatura Infantil e os livros da coleção pesquisada, como Maria Eugênia Celso, Padre Hélder Câmara e Tristão de Athaíde.

Compreender o que se esperava da Literatura Infantil à época, por meio dessas três figuras proeminentes, mostrou-se um importante exercício para compreender algumas características dos livros da *Biblioteca de Nanquinote*, com ênfase nos sete livros escritos por Erico Veríssimo. Portanto, ainda que algumas críticas do Padre Hélder Câmara fossem negativas, as histórias buscavam mostrar crianças educadas, embora curiosas e ativas, como no caso da menina Rosa Maria, ou que tivessem melhorado seu comportamento, assumindo tais características, como o menino Fernando. Quando as ações das personagens não retratavam, em um primeiro momento, ações esperadas de crianças bem-comportadas pela sociedade, animais com características humanas assumiam esses papéis, tornando as histórias de mais fácil acolhimento.

Nesta linha analítica, o investimento publicitário realizado pela Livraria e Editora do Globo ilustra o modo pelo qual a casa-editora procurava convencer seus leitores de que as crianças mereciam receber livros bem escritos e bem ilustrados, porque esses livros seriam a garantia de novos conhecimentos e aprendizados, aprofundando boa formação para a “petizada”. Por meio dessas propagandas, era divulgada a visão de que a leitura de materiais de qualidade poderia distinguir os cidadãos dentro de sua comunidade, criando grupos proeminentes por sua cultura e conhecimento acumulado.

A análise dos sete livros escritos por Erico Veríssimo foi o eixo temático do quarto e último capítulo: “‘Lindos entre os mais lindos’. Os livros de Veríssimo para a *Biblioteca de Nanquinote*”. Aqui, os livros foram repensados como peças do jogo de estratégias e táticas do projeto cultural e pedagógico da Livraria e Editora do Globo e do escritor gaúcho.

Identificou-se a especificidade das representações dos livros veiculada nas histórias escritas por Erico Veríssimo, expressando a ideia de que é por meio deles que as crianças fantasiam, adquirem novos conhecimentos e compreendem a realidade circundante,

modificando suas atitudes e assumindo posturas de distinção como crianças “bem-educadas e inteligentes”.

Não obstante, importou destacar as formas das ilustrações e o papel que essas desempenharam para a conformação da coleção *Biblioteca de Nanquinote*, até mesmo, incluídas em diferentes protocolos de leitura, que procuravam despertar o interesse dos responsáveis pelos pequenos leitores em adquirir tais obras. Desse modo, as ilustrações eram compreendidas como um diferencial daqueles livros, além de propiciarem a construção de valores estéticos e culturais.

Entende-se, outrossim, que não é possível esgotar, nos limites desta tese, todas as possibilidades de análise da *Biblioteca de Nanquinote* e demais produções de Veríssimo. Diante disso, podem-se vislumbrar algumas propostas e sugestões para pesquisas futuras. Trata-se de lançar luz a alguns aspectos que, em razão das opções feitas, deixaram de ser observados ou merecem olhares mais refinados, em paralelo à discussão acerca do que foi possível realizar.

A análise da recepção dos livros mostra-se um caminho investigativo de extrema riqueza e de difícil execução. Por isso, a análise aqui proposta não esgota a reflexão, que demandaria um tempo maior de dedicação e aprofundamento. Em semelhante perspectiva, sugere-se o exame dos demais livros infantojuvenis de Erico Veríssimo: *A vida de Joana d’Arc* (1935), *Aventuras de Tibicuera* (1937), *Viagem à aurora do mundo* (1939) e *Aventuras no mundo da higiene* (1939), que compuseram outras coleções da Livraria e Editora do Globo.

Configura, ainda, um potente foco de estudo os demais livros que compõem a *Biblioteca de Nanquinote*, listados no segundo capítulo desta tese, que podem indicar o viés cultural e pedagógico que embasava a escolha de autores que produziram títulos para a coleção. Outras produções de Erico Veríssimo, e da própria Livraria e Editora do Globo, também, despertam interesse e fazem parte de um horizonte futuro de pesquisa, entendendo que se configuraram como espaços de formação e educação não institucionalizada, partícipes do projeto literário de Erico Veríssimo e da casa-editora.

Por último, neste estudo, os interesses e escolhas da pesquisadora definiram o percurso trilhado, sem a pretensão de neutralidade ou de ser mais “verdadeira”. De tal modo, esta pesquisa não busca julgar ou explicar o passado em sua totalidade, mas antes entender a conformação de uma coleção de livros para crianças brasileiras, e a atuação de uma editora e de um profissional do livro como atores nesse projeto. Espera-se, assim, que os resultados alcançados contribuam com estudos no âmbito da História da Educação, da Leitura e dos Impressos.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Os caminhos do livro. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

ABREU, Martha. Meninas perdidas. In: DEL PRIORE, Mary. *História das crianças no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

ABREU, Tâmara Costa e Silva. *O livro para crianças em tempos de Escola Nova*: Monteiro Lobato & Paul Faucher. 273f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2010.

AGUIAR, Vera Teixeira de. O caráter pedagógico e a perenidade da literatura infanto-juvenil de Érico Veríssimo. In: *Letras de Hoje*, nº 65, p. 157-164. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1986.

ALMEIDA, Patrícia Vianna Lacerda de. *Crônicas de Cecília Meireles: Leitura e Literatura em Prol da Renovação Educacional (1930-1933)*. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ANDRELLO, Roseane; KERBAUY, Maria Teresa. Gênero educativo no rádio: parâmetros para a produção radiofônica com finalidade educativa. *Intercom Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, v. 32, n. 2, p. 147-164, jul/dez 2009.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1981.

ARROYO, Leonardo. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

AZEVEDO, Carla Bispo. *Maria Eugenia Celso: entre o impresso feminino, a casa e o espaço público (1920-1941)*. 152f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BASTOS, Maria Helena Câmara e STEPHANOU, Maria. *Literatura e disciplinamento do eu. Infância, Higiene & Educação*. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28, 2005, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação*. 3. ed. Trad. Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BESSE, Susan Kent. *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil – 1914-1940*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BETELHEIN, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BICCAS, Maurilane de Souza. Roger Chartier: contribuições para a história da educação. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Orgs.). *Pensadores sociais e História da Educação II*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 269-296.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 422f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

BORDINI, Maria da Glória; FAURI, Ana Letícia (Orgs.). *Erico Veríssimo na União Pan-americana: Discursos 1953-1956*. Rio de Janeiro: Makunaima, 2020.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 183-191.

\_\_\_\_\_. *Coisas Ditas*. Trad. Cássia R. da Silveira e Denise M. Pegorin. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Trad. Mariza Correa. 9ª edição. Campinas: Papyrus, 2008.

\_\_\_\_\_. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (orgs.). *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. P. 235-252.

BRITES, Olga; NUNES, Eduardo Silveira Netto. *Infâncias e propagandas em revistas: anos 1920 – 1950*. Tempos Históricos, Volume 16, p. 87 – 118, 2012.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. São Paulo: EDUSC, 2004.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 2 volumes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

\_\_\_\_\_. (org.). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica, 1870-1960*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CARVALHO, Michele Ribeiro de. *Memórias de Erico Veríssimo: primeiras leituras ao Solo de Clarineta (1912-1922)*. 187f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CARVALHO, Michele Ribeiro de. Resenha do livro *Regras de Bem Viver para Todos: A Biblioteca Popular de Hygiene do Dr. Sebastião Barroso*. In: *Revista de História da Educação*, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/84503>.

CASTRO, Maria Helena Steffens de. *O literário como sedução: a publicidade na Revista do Globo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CATÁLOGOS DAS EDIÇÕES EM STOCK DA LIVRARIA JOSÉ OLYMPIO EDITORA. Rio de Janeiro: MÁRCIA CABRAL DA SILVA 104 Livraria José Olympio Editora, 1949.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura (1880-1980)*. São Paulo: Ática, 1995.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; São Paulo: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *A ordem dos livros. Leitores, autores, bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

\_\_\_\_\_. *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. In: \_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. *Leituras e leitores da França do Antigo Regime*. São Paulo: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. A cultura do objeto impresso. In: CHARTIER, Roger. *As utilizações do objecto impresso: séculos XV-XIX*. Portugal: Difel, 1998. P.9-21.

CHAVES, Flávio Loureiro. *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1972.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infanto-juvenil brasileira*. São Paulo: Ática, 1998.

\_\_\_\_\_. *Literatura infantil*. São Paulo: Ática, 1997.

CONDINI, Martinho. *Dom Hélder Câmara: modelo de esperança na caminhada para a paz e justiça social*. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

COSTA, Aline Santos. *A Comissão Nacional de Literatura Infantil e a formação do público leitor infanto-juvenil no Governo Vargas (1936 – 1938)*. 164f. Dissertação (Mestrado em

História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

COSTA, Aline Santos. *A conformação da literatura infantil como disciplina no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932 – 1938)*. 226f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

COSTA, Patrícia Coelho da. *Educadores do rádio: concepção, realização e recepção de programas educacionais radiofônicos (1935-1950)*. 280f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CUNHA, Maria Tereza Santos. *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DALMÁZ, Mateus. *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

DALVI, Maria Amélia. Literaturas e infâncias: pesquisa (d)e pós-graduação como espaço político. *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, p.153-173, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/elbc/n46/2316-4018-elbc-46-00153.pdf>>. Acesso em 25 abr. 2021.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Iluminismo como negócio: história da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

DÂNGELO, Newton. *Escola sem professores: o rádio educativo nas décadas de 1920/1940*. 225f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

DEL PRIORE, Mary. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação. Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: companhia das Letras, 2004.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro e ZILBERMAN, Regina. *Érico Veríssimo e a Literatura Infantil*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1982.

- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- FREUD, Sigmund. *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- GINZBURG. *A micro-história e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.
- GOMES, Ângela de Castro. As aventuras de Tibicuera: literatura infantil e História do Brasil da Era Vargas. In: *REVISTA USP*, São Paulo, n.59, p. 116-133, setembro/novembro 2003.
- GOMES, Ângela Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos. (Orgs.) *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GONDRA, José Gonçalves e ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. A escola e a produção de sujeitos higienizados. In: *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v.20, n.02, p.493-512, jul/dez. 2002.
- GONDRA, José Gonçalves (org.). *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- GOULEMONT, Jen Marie. As Práticas Literárias ou a publicidade do privado. In: ARIES, P. e DUBY, G. (Org) *História da Vida Privada III*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- GOUVEA, Sérgio de. Livros e autores. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 10 de novembro, 1933.
- GURGUEIRA, Fernando. *A integração nacional pelas ondas: o rádio no Estado Novo*. 182f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
- HOHLFELDT, Antonio; STRELOW, Aline. *Erico Verissimo viajante: entre o permanente e o passageiro*. In: XXVII Intercom. Porto Alegre, set. 2004.
- HOHLFELDT, Antonio. *Erico Verissimo, permanente jornalista militante*. In: XXVII Intercom. Porto Alegre, set. 2004.
- \_\_\_\_\_. *Erico Verissimo*. Porto Alegre: Tchê! 1984.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e vida social*. Porto Alegre. Universidade/UFRGS, 1996.
- HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- KANTORSKI, Evelin Leite. *A mulher e a cidade*. 222 f. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2011.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos*. São Paulo: Global, 1986.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.) *História Social da Infância no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 229-250.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: *Enciclopédia Einaldi v. 1: Memória-história*. Porto: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, p. 95-105.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LEITE, Carlos Roberto Saraiva da Costa. “*A Federação*”, um jornal que fez história. In: Observatório da Imprensa, ed. 909, jun. 2016.

LIMA, Alceu Amoroso. *O jornalismo como gênero literário*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LISPECTOR, Clarice. *Entrevistas*. Org. Claire Williams. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

LUCA, Tania Regina de. Mulher em Revista. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 447-468.

MACENA, Fabiana Francisca. *Madames, mademoiselles, melindrosas: "feminino" e modernidade na revista Fon-Fon!*. 2010. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MARONEZE, Luiz Antônio Gloger *Porto Alegre em dois cenários: a nostalgia da modernidade no olhar dos cronistas*. 259 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2007.

MEDEIROS NETA, Olívia Morais de. (et.al.) A expansão da escola primária no Rio Grande do Norte e no Maranhão (1930-1961). In: SOUZA, Rosa Fátima de; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira Pinheiro; LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. *História da escola primária no Brasil: investigações em perspectiva comparada em âmbito nacional*. Aracajú: Edise, 2015.

MEIRELES, Cecília. *Problemas da Literatura Infantil*. São Paulo: Summus, 1979.

MELLO, Marisa. *Como se faz um clássico da literatura brasileira? Análise da consagração literária de Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado e Rachel de Queiroz (1930-*

2012). 222 f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1940)*. São Paulo, DIFEL, 1979.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Org.) et al. *Cecília Meireles: a poética da educação*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Loyola, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. Cecília Meireles: Uma educadora pioneira. In: *Educação*, v. 1, 2010, p. 58-67.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio, Cecília Meireles (1901-1964): uma educadora pioneira e pouco conhecida. In: *Educadores brasileiros: ideias e ações de nomes que marcaram a educação nacional*. 1ed. Curitiba: CRV, 2018, v.1, p. 125-136.

NAHES, Semíramis. *Revista FON-FON: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Editora Arte Ciência, 2007.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Historiografia da educação e fontes. Cadernos Anped*, Porto Alegre, n. 5, p. 764, set. 1993.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria C. de. *Historiografia da educação e fontes*. In: GONDRA, José G. (Org.). *Pesquisa em História da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. P. 17-62.

OLIVEIRA, Ivana Esteves Passos de; DALVI, Maria Amélia. *Livros ficcionais produzidos no Espírito Santo para crianças: políticas de (in)visibilidade*. *Revista Brasileira de Alfabetização*, v.2, p.89-103, 2016.

PERROTTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo: Ícone, 1986

PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p.17.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. São Paulo: Editora 34, 2008.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. *Ler o mundo: Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje*. São Paulo: Editora 34, 2019.

POWERS, Alan. *Era uma vez uma capa: história ilustrada da literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RAMA, Angel. *A cidade das Letras*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMOS, Graça. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

RAMOS, Paula Viviane. *Artistas ilustradores. A Editora Globo e a constituição de uma visualidade moderna pela ilustração*. 2007. Tese (Doutorado em Artes Visuais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RAMOS, Paula Viviane. *A Modernidade Impressa: artistas ilustradores da Livraria do Globo – Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS EDITORA, 2016.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. São Paulo: FAPESP, 2003.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. *Regras de Bem Viver para Todos: A Biblioteca Popular de Hygiene do Dr. Sebastião Barroso*. Campinas: Mercado de Letras, 2017.

RODRIGUES, Sandra Tessler. *A Literatura Infantil na Revista do Globo: a que leitor se destina?* 171f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2007.

ROSA, Cristina Maria. *Onde está Meu ABC de Erico Veríssimo?* Notas sobre um livro desaparecido. Pelotas: Editora da UFPel, 2013.

ROSEMBLAT, Maurício. A visão editorial de Erico Veríssimo. In: *Revista Letras de Hoje*, v. 20, nº 3, set/86, p. 31-42, Porto Alegre, PUCRS.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2 ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

SGARBI, Antonio Donizetti. *Bibliotecas pedagógicas católicas: estratégias para construir uma civilização cristã e conformar o campo pedagógico através do impresso (1929-1938)*. 391f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUCSP, 2001.

SILVA, Márcia Cabral da. *Uma história da formação do leitor no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

\_\_\_\_\_. *Infância e Literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010

\_\_\_\_\_. Literatura infantil brasileira: conceitos e problemas à luz dos estudos de Leonardo Arroyo e Cecília Meireles. In: SILVA, Márcia Cabral da; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. *Literatura, Leitura e Educação*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2018. pp. 51-72.

SILVA, Márcia Cabral da e PAIVA, Tamires Faria de. Noções de História da Educação: “Modesta Flor” em coleção para professores. In: *Revista Teias*, v. 14, n. 28, pp. 135-151, maio/ago. 2012.

SILVA, Márcia Cabral da e PINTO, Mariane Sousa. Discursos em disputa sobre a Biblioteca Infantil em O Paiz (1894-1899). In: Revista Educação em Questão. v. 56, n. 47. Jan/mar. 2018. pp. 221-243.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

STEPHANOU, Maria. *Tratar e Educar. Discursos médicos nas primeiras décadas do século XX*. 495f. Tese (Doutorado em Educação). PPGedu - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 1999.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981)*. 326f. Tese (Doutorado em Educação) – EHPS, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. *Modelos de leitura em disputa: a concorrência entre as coleções Atualidades Pedagógicas e Cultura, Sociedade e Educação, nos bastidores da Companhia Editora Nacional (década de 1960)*. In: Anais do 16º COLE. Campinas: 2007.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. O projeto político cultural da coleção *Atualidades Pedagógicas*. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. *Política, Nação e Edição*. O lugar dos impressos na construção da vida política.

TORRES, Waldemar. *Erico Verissimo: editor e tradutor – viagens através da literatura*. Porto Alegre: AGE, 2012.

TORRESINI, Elisabeth Wenhausen Rochadel. *Editora Globo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com-Arte; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

TORRESINI, Elisabeth Wenhausen Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP, 1999.

TORRESINI, Elisabeth Wenhausen Rochadel. As coleções da Livraria do Globo de Porto Alegre (1930 a 1950). In: I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2004.

TOSTES, Theodomiro. *Bazar e outras crônicas*. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva: IEL, 1994.

\_\_\_\_\_. *Nosso Bairro: memórias*. Porto Alegre: Fundação Paulo do Couto e Silva, 1989.

VERÍSSIMO, Erico. *Clarissa*. Porto Alegre: Editora Globo, 1933.

\_\_\_\_\_. *Caminhos Cruzados*. Porto Alegre: Editora Globo, 1935.

\_\_\_\_\_. *Música ao longe*. Porto Alegre: Editora Globo, 1936.

\_\_\_\_\_. *Um lugar ao sol*. Porto Alegre: Editora Globo, 1936.

\_\_\_\_\_. *Aventuras do avião vermelho*. Porto Alegre: Editora Globo, 1936.

- VERÍSSIMO, Erico. *Meu ABC*. Porto Alegre: Editora Globo, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Os 3 porquinhos pobres*. Porto Alegre: Editora Globo, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Rosa Maria no castelo encantado*. Porto Alegre: Editora Globo, 1936.
- \_\_\_\_\_. *O urso com música na barriga*. Porto Alegre: Editora Globo, 1938.
- \_\_\_\_\_. *Olhai os lírios do campo*. Porto Alegre: Editora Globo, 1938.
- \_\_\_\_\_. *A vida do Elefante Basílio*. Porto Alegre: Editora Globo, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Outra vez os três porquinhos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Saga*. Porto Alegre: Editora Globo, 1940.
- \_\_\_\_\_. *Gato preto em campo de neve*. Porto Alegre: Editora Globo, 1941.
- \_\_\_\_\_. *O resto é silêncio*. Porto Alegre: Editora Globo, 1943.
- \_\_\_\_\_. *A volta do gato preto*. Porto Alegre: Editora Globo, 1946.
- \_\_\_\_\_. *O tempo e o vento*. 1º vol. Porto Alegre: Editora Globo, 1949.
- \_\_\_\_\_. *O tempo e o vento*. 2º vol. Porto Alegre: Editora Globo, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Noite*. Porto Alegre: Editora Globo, 1954.
- \_\_\_\_\_. *México*. Porto Alegre: Editora Globo, 1957.
- \_\_\_\_\_. *O tempo e o vento*. 3º vol. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.
- \_\_\_\_\_. *O senhor embaixador*. Porto Alegre: Editora Globo, 1965.
- \_\_\_\_\_. *O escritor diante do espelho*. In: *Ficção Completa*. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.
- \_\_\_\_\_. *O prisioneiro*. Porto Alegre: Editora Globo, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Israel em abril*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Incidente em Antares*. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Solo de clarineta: memórias*, V. I. 20 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2005a
- \_\_\_\_\_. *Solo de clarineta: memórias*, V. II. 20 ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2005b
- \_\_\_\_\_. *Um certo Henrique Bertaso*. Pequeno retrato em que o pintor também aparece. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola nova e processo educativo. In: VEIGA, Cynthia Greive, LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA FILHO, Luciano Mendes de (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 3ª. Ed., 2003. pp. 497-517.

VIDAL, Diana; RABELO, Rafaela; ECAR, Ariadne; FRANCHINI, Fernanda. Democracia, Escola e Infância: Legado e Utopia Escolanovista. In: BOTO Carlota; AQUINO, Julio Groppa (orgs). *Democracia, escola e infância*. São Paulo: FEUSP, 2019. pp. 107-122.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda (Org.). *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e Intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. In: *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 16, p. 63-85, jan./abr. 2008.

VIGOTSKI, Leontiev. *Imaginação e criatividade na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

XAVIER, Libânia Nacif. *Para além do campo educacional: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932)*. Bragança Paulista, EDUSF. 2002.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

ZILBERMAN, Regina. *Erico Veríssimo: artista, intelectual e pensador brasileiro*. Revista Antares, n. 3, jan/jun 2010, p. 145.

### **Periódicos consultados**

*A Federação*, 1935; 1936; 1937.

*A Manhã*, 1944.

*A Noite*, 1940, 1941.

*A Ordem*, 1939.

*A Razão*, 1936.

*Beira-Mar*, 1936.

*Boletim de Ariel*, 1936.

*Correio da Manhã*, 1958.

*Diário Carioca*, 1945.

*Diário de Notícias*, 1975.

*Excelsior*, 1939.

*Fon-Fon*, 1939.

*Jornal do Brasil*, 1975.

*O Dia*, 1940.

*Revista do Globo*, 1935; 1937; 1938; 1939.

*Vamos Lêr!*, 1938; 1939.

*Zero Hora*, 1975.

**APÊNDICE A - Teses e dissertações sobre Erico Veríssimo**

<b>Pesquisas realizadas sobre a Literatura Infantojuvenil de Erico Veríssimo em Bancos de Teses e Dissertações</b>				
<b>Palavras-chave da busca: Erico Veríssimo; Literatura Infantil; <i>Biblioteca de Nanquinote</i></b>				
<b>Dissertação</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano</b>	<b>Total</b>
<i>A Literatura Infantil de Érico Veríssimo</i>	Maria Dinorah Luz Prado	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1978	4
<i>O histórico e o ficcional da literatura juvenil de Erico Veríssimo</i>	Fernanda Daudt Kókot	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	1997	
<i>Usos Da Literatura Infantil No Estado Novo: O Caso De As Aventuras De Tibicuera</i>	Ana Lucia Ioppi Zugno	Universidade do Extremo Sul Catarinense	2007	
<i>As coleções da Editora Globo de Porto Alegre: inovação e ineditismo (1930-1960)</i>	Junia Cristina Vaz Vieira	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	2017	
<b>Teses</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano</b>	<b>Total</b>
-	-	-	-	0

**APÊNDICE B - Artigos sobre a obra para a infância de Erico Veríssimo**

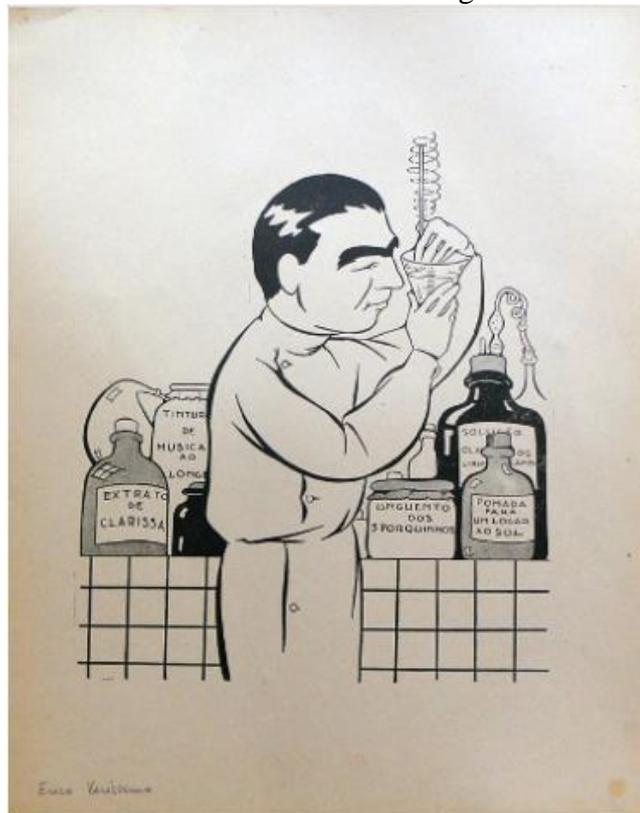
<b>Pesquisas realizadas sobre a Literatura Infanto-Juvenil de Erico Veríssimo em Periódicos Científicos</b>						
<b>Palavras-chave da busca: Erico Veríssimo; Literatura Infantil; Biblioteca de Nanquimote</b>						
<b>Título</b>	<b>Autor(es)</b>	<b>Periódico</b>	<b>Ano</b>	<b>Instituição</b>	<b>ISSN</b>	<b>Total</b>
<i>Verissimo e a Literatura Infantil</i>	Paula Bellé Piovesan Sílvia Niederauer	<i>Disciplinarum Scientia</i>	2003	Universidade Franciscana	1982-2111	7
<i>O contador de histórias para crianças e jovens</i>	Vera Teixeira de Aguiar	<i>O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira</i>	2005	Universidade Federal de Minas Gerais	0102-4809	
<i>Problemas da invenção literária para crianças: um inédito de Erico Veríssimo</i>	Maria da Glória Bordini	<i>Letras de Hoje</i>	1983	PUCRS	1984-7726	
<i>O caráter pedagógico e a perenidade da literatura infanto-juvenil de Erico Veríssimo</i>	Vera Teixeira de Aguiar	<i>Letras de Hoje</i>	1986	PUCRS	1984-7726	
<i>As aventuras de Tibicuera: literatura infantil, história do Brasil e política cultural na Era Vargas</i>	Angela de Castro Gomes	<i>Revista USP</i>	2003	Universidade de São Paulo	0103-9989	
<i>“Aventuras no mundo da higiene” – Ecos do discurso médico no texto de Erico Veríssimo</i>	Marília Mezzomo Rodrigues	<i>Cadernos de História da Educação</i>	2010	Universidade Federal de Uberlândia	1982-7806	

**APÊNDICE C - Livros em sites de editoras universitárias**

<b>Pesquisas realizadas sobre a Literatura Infantojuvenil de Erico Veríssimo em sites de Editoras Universitárias</b>				
<b>Palavras-chave da busca: Erico Veríssimo; Literatura Infantil; Biblioteca de Nanquinate</b>				
<b>Livros</b>	<b>Autor</b>	<b>Editora</b>	<b>Ano</b>	<b>Total</b>
<i>Érico Veríssimo e a Literatura Infantil</i>	Ana Mariza R. Filipouski e Regina Zilberman	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	1982	2
<i>Onde está Meu ABC, de Erico Veríssimo? Notas sobre um livro desaparecido</i>	Cristina Maria Rosa	Universidade Federal de Pelotas	2013	

## APÊNDICE D - Cronologia de apoio

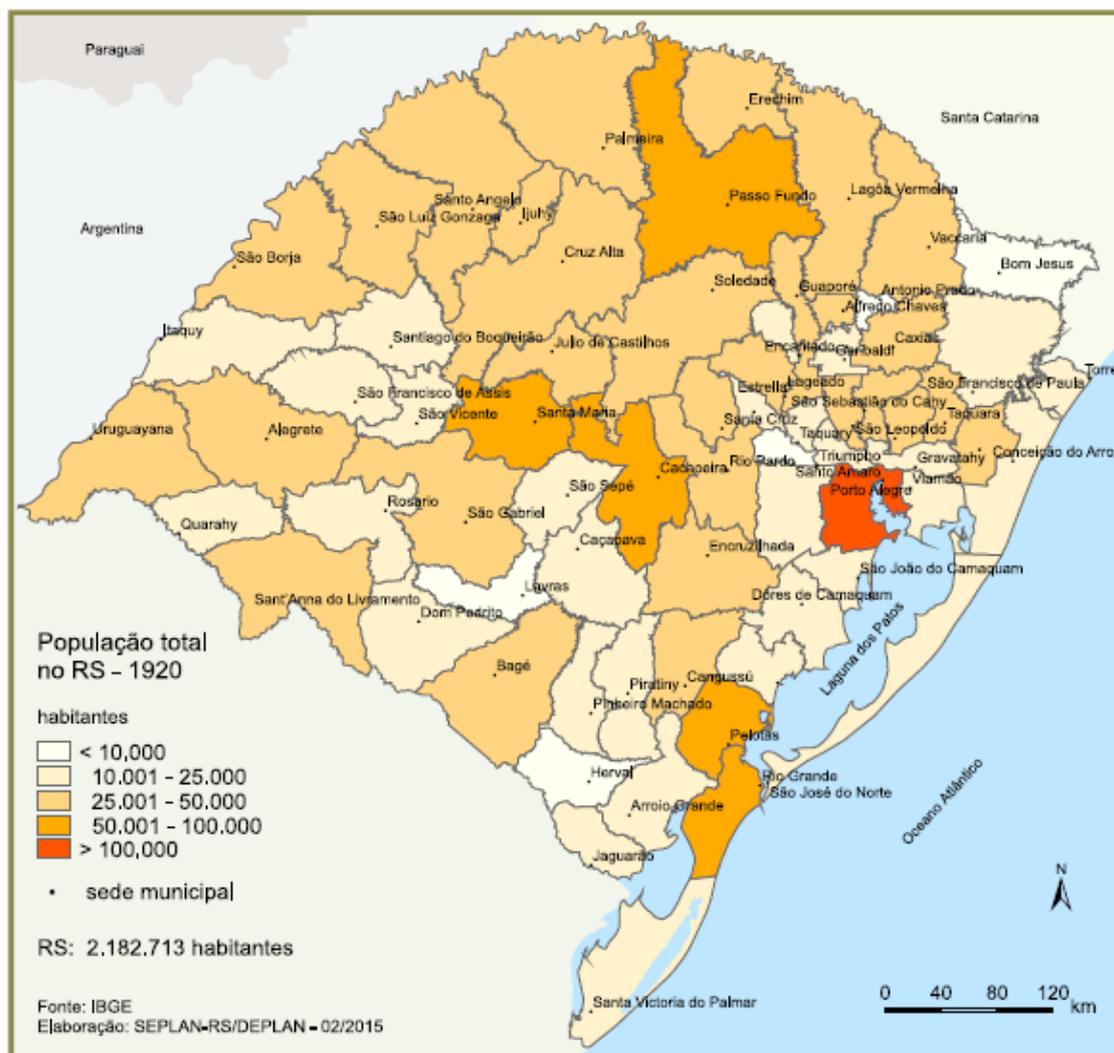
Figura 98 - Ilustração de Erico Veríssimo na *Revista Vamos Lêr!*. Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira.



- 1929** O conto *Ladrão de gado* é publicado na *Revista do Globo*
- 1930** É contratado para o cargo de secretário de redação da *Revista do Globo*.
- 1931** A Seção Editora da Livraria do Globo lança sua primeira tradução, *O sineiro*, de Edgar Wallace.
- 1932** É promovido a Diretor da Revista do Globo.  
Publica *Fantoches*.
- 1933** Publica *Clarissa*.  
Traduz *Contraponto*, de Aldous Huxley.  
A tradução de *Contraponto* é publicada.  
É eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa.
- 1935** Publica *Música ao longe*.  
Publica *Caminhos Cruzados*, pelo qual recebe o Prêmio Fundação Graça Aranha.  
Publica *A vida de Joana D'Arc*.  
Publica *Um lugar ao sol*.  
Cria o programa infantil "A hora dos três porquinhos".  
Publica *Aventuras do avião vermelho*.
- 1936** Publica *Os três porquinhos pobres*.  
Publica *Rosa Maria no Castelo Encantado*.  
Publica *Meu ABC*.  
Tem a ideia da coleção *Biblioteca de Nanquinote*.  
Publica *As aventuras de Tibicuera*.

- 1938** Publica *Olhai os Lírios do Campo*.  
Publica o livro *O urso-com-música-na-barriga*.  
Publica *A vida do elefante Basílio*.  
Publica *Outra vez os 3 porquinhos*.
- 1939** Participa da concepção de coleções como *Nobel* e *Biblioteca dos Séculos*.  
Publica *Viagem à aurora do mundo*.  
Publica *Aventuras no mundo da higiene*.
- 1940** Publica *Saga*.
- 1941** Viaja aos Estados Unidos a convite do cônsul do país em Porto Alegre.  
Publica *Gato preto em campo de neve*.
- 1942** Lança a coletânea de contos *As mãos de meu filho*.  
Viaja aos Estados Unidos para lecionar Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia.
- 1943** É editado *O Resto é Silêncio*.
- 1944** Recebe o título de doutor Honoris Causa.
- 1946** Escreve *A volta do gato preto*.
- 1947** Inicia a escrita de *O tempo e o vento*.
- 1948** Dedicar-se a escrita de *O continente*.
- 1949** Publica *O Continente*.
- 1951** Publica *O Retrato*.
- 1953** Aceita o convite para a direção do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana.
- 1954** Publica *Noite*.
- 1956** É lançada a coletânea *Gente e Bichos*.
- 1957** Publica *México*.
- 1959** É publicado um capítulo inédito de *O arquipélago*.
- 1961** Publica o primeiro tomo de *O arquipélago*.
- 1962** O último tomo de *O arquipélago* é publicado.
- 1965** Escreve *O senhor embaixador*, que ganha o Prêmio Jabuti, categoria Romance.
- 1966** Publica uma pequena autobiografia, intitulada *O escritor diante do espelho*.
- 1967** O livro *O prisioneiro* é publicado.
- 1969** Publica *Israel em abril*.
- 1971** Publica *Incidente em Antares*.
- 1972** Escreve a biografia *Um certo Henrique Bertaso*.
- 1973** Amplia sua autobiografia sob o título de *Solo de clarineta*.
- 1975** O primeiro volume de *Solo de clarineta* é publicado.
- 1976** Publicado postumamente o segundo volume de sua autobiografia *Solo de clarineta*.

## ANEXO A - Mapa do estado do Rio Grande do Sul/população local



Fonte: IBGE/SEPLAN-RS/DEPLAN - 02/2015.